

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Letras e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Letras



Dissertação de Mestrado

Memórias sobre Tempos de Repressão em

Performances Narrativas de Docentes

Maurício Signorini Dias

Pelotas, 2019

Maurício Signorini Dias

**Memórias sobre Tempos de Repressão em
Performances Narrativas de Docentes**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

D541m Dias, Maurício Signorini

Memórias sobre tempos de repressão em
performances narrativas de docentes / Maurício Signorini
Dias ; Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, orientadora.
— Pelotas, 2019.

247 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade
Federal de Pelotas, 2019.

1. Profissão docente. 2. Ditadura militar. 3. Narrativas.
4. Linguagem. 5. Memória. I. Freitas, Letícia Fonseca
Richthofen de, orient. II. Título.

CDD : 469.5

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figs Machado CRB: 10/1612

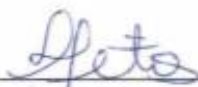
Maurício Signorini Dias

TÍTULO: Memórias sobre tempos de repressão em performances narrativas de docentes

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

20 de fevereiro de 2019.

Banca examinadora:



Profª. Drª Leticia Fonseca Richthofen de Freitas

Orientadora/Presidente da banca

UFPel



Profª. Drª Tatiana Bolívar Ledebef

Membro da Banca

UFPel



Profª. Drª Luiza Machado da Silva

Membro da Banca

FURG



Profª. Drª Maria Cecilia de Araújo Rodrigues Torres

Membro da Banca

IPA

Agradecimentos

Muitos agradecimentos são necessários, pois ao longo de minha jornada na pesquisa científica encontrei muitas pessoas importantes, que, de alguma forma, estiveram ao meu lado e contribuíram com o meu crescimento intelectual e pessoal. Assim sendo, agradeço:

À minha mãe, que esteve ao meu lado todo o tempo;

Ao meu pai, *in memoriam*, pelo apoio e pelos desejos de que tudo ocorresse bem na sua ausência;

À minha orientadora, *magna magistra*, Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, pelas incontáveis orientações, pela paciência, pela dedicação, pelo exemplo incondicional, pelos inúmeros ensinamentos, por ter guiado minha trajetória durante os anos de graduação e de mestrado, por me escutar, por acreditar em mim e por me incentivar, enfim, por não me deixar desistir;

À professora Caroline Silveira Bauer, cujo trabalho inspirou essa pesquisa, pelos primeiros ensinamentos sobre a história do Brasil e pelos conselhos tão importantes;

Ao professor Renato Della Vechia pela atenção e pela grandiosa contribuição com uma lista de nomes de professores que contribuíram com meu projeto;

À Olga, Chico e Horácio, cujas histórias de vida possibilitaram essa pesquisa, por terem compartilhado comigo suas inesquecíveis memórias;

Às professoras Maria Cecília Torres, Luiza Silva e Tatiana Lebedeff, componentes da banca, pelas leituras críticas e pelas importantes sugestões;

Às amigas Juliana, Gabriela e Raíssa por fazerem parte da minha vida e por terem me mostrado o verdadeiro sentido de amizade;

Às colegas de pesquisa Miriam Saraiva e Bianca Lehmann pelos diálogos e parcerias fundamentais;

Às colegas e amigas Franciele e Mariana, pela amizade, pela cumplicidade e pelo companheirismo durante o mestrado;

À professora Paula Brauner por oportunizar o trabalho no curso de extensão em Latim durante os anos de mestrado, atividade importante para minha formação docente;

Ao Centro de Letras e Comunicação (CLC-UFPeI) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPeI) pela colaboração e pelo profissionalismo;

À CAPES pela concessão de uma bolsa, permitindo a dedicação exclusiva.

Midnight

Not a sound from the pavement

Has the moon lost her memory?

She is smiling alone

In the lamplight, the withered leaves collect at my feet

And the wind begins to moan

Memory

All alone in the moonlight

I can dream of the old days

Life was beautiful then

I remember the time I knew what happiness was

Let the memory live again

[...] Burnt out ends of smokey days

The stale cold smell of morning

The streetlamp dies, another night is over

Another day is dawning

(WEBBER & NUNN, 1981)

RESUMO

SIGNORINI D., Maurício. **Memórias sobre Tempos de Repressão em Performances Narrativas de Docentes**. 2019. 248f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 2019.

A presente dissertação de mestrado tem por objetivo principal analisar as performances narrativas de três professores aposentados, Olga, Chico e Horácio, sobre suas vidas durante o período da ditadura militar, no Brasil, e, a partir disso, averiguar quais significados emergem na reconstrução de suas memórias profissionais e pessoais. Para alcançar esses objetivos, esta pesquisa, de caráter qualitativo, situada no campo indisciplinar da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006), foi realizada à luz de teorizações da narrativa como performance e da memória social. Ademais, fez-se uso dos aportes teóricos de indexicalidade, de ordens de indexicalidade e de entextualização (BLOMMAERT, 2005; BAUMAN e BRIGGS, 2006; COLLINS, 2011). As entrevistas narrativas, que são consideradas interações sociais, constituem a metodologia adotada. Fez-se uso, para as análises das entrevistas, das cinco ferramentas analíticas propostas por Wortham (2001) e das considerações a respeito da construção de posicionamento do narrador (BAMBERG, 2002; DAVIES e HARRÉ, 1990). As análises mostram que ainda que cada um dos professores constitua suas performances de maneira singular, algumas semelhanças foram observadas, como, por exemplo, a mobilização da ordem de indexicalidade de discriminação e intolerância a uma posição política. Outras semelhanças constatadas foram a perseguição sofrida dentro das instituições de ensino, a interferência dos militares nas universidades e a construção social dos subversivos por meio de práticas de linguagem de exclusão. Os resultados ainda ressaltam o uso de expressões metanarrativas, que estendem o evento narrado à situação narrativa, direcionando o pesquisador-entrevistador a compreender determinado significado constituído pelo narrador. Em relação a isso, ocorreram também atualizações da memória, no processo de rememoração, devido a presença do interlocutor.

Palavras-chave: profissão docente; ditadura militar; narrativas; linguagem; memória

ABSTRACT

SIGNORINI D., Maurício. **Memories about Times of Repression in Teachers Narrative Performances.** 2019. 248p. Master's thesis (Master's Degree in Linguistics) - Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 2019.

This master's thesis has as main aim to analyze the narrative performances of three retired teachers named Olga, Chico and Horácio. Those teachers taught during the military dictatorship period in Brazil. From this period, to inquire the meanings of the narratives emerging in the reconstruction of their professionals and personal memories. To achieve these aims this qualitative research, located in the interdisciplinary area of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006), was proceeded in the light of theorizations of narrative as performance and social memory. We also used the theoretical contributions of indexicality, indexicality orders and entextualization (BLOOMAERT, 2005, BAUMAN & BRIGGS, 2006, COLLINS, 2011). The narrative interview, which are addressed as a social interaction, constitute the methodology adopted. For analysis, it had used the five analytical tools proposed by Wortham (2001) and the consideration about construction of the narrator positioning (BAMBERG, 2002, DAVIES & HARRÉ, 1990). The analysis pointed out that, although each one of the teacher represent their performances in a singular way, some similarities were observed, such as the mobilization of certain indexicality orders, for example, of discrimination and of intolerance of a political position. Other similarities were the persecution suffered within educational institutions, the interference of the military in the universities and the social construction of the subversives through language practices of exclusion. The results still emphasize the use of metanarrative expressions that extend the event narrated to a narrative situation and direct the researcher-interviewer to understand the meaning constituted by the narrator. In relation to this, there were also updates of memory, in the process of remembering, due to the presence of the interlocutor.

Key-words: teaching profession; military dictatorship; narratives; language; memory.

SUMÁRIO

1. Introdução	10
1.2 Apresentação dos Capítulos	13
1.3 Contextualização Histórica e Social da Pesquisa	14
2. Fundamentos Teóricos	25
2.1 Linguística Aplicada Indisciplinar	25
2.2 A Profissão Docente na Contemporaneidade	33
2.3 Linguagem, Performatividade, Iterabilidade e Citacionalidade	47
2.4 Performances Narrativas	48
2.5 Memória, Rememoração e Esquecimento como Performances	58
2.6 Indexicalidade, Contextualização e Entextualização	62
3. Procedimentos Metodológicos	66
3.1 Entrevistas Narrativas	66
3.2 O Contexto Social e o Ambiente das Entrevistas	70
3.3 Os Participantes das Entrevistas Narrativas	74
3.4 Ferramentas Analíticas e Pistas Indexicais	75
4. Análises das Narrativas	80
4.1 Olga	80
4.2 Chico	104
4.3 Horácio	125
4.4 Problematizações sobre as análises	156
5. As Memórias da Pesquisa	160
5.1 Eu, ela, eles, nós	160
5.2 O narrador pesquisador	163
6. Considerações Finais	167
Referências	172
Anexos	185

1. Introdução

Os buracos do esquecimento não existem. Nada humano é tão perfeito, e simplesmente existem no mundo pessoas para que seja possível o esquecimento. Sempre sobra um homem para contar a história.

(ARENDT, 2013)

Será que os professores se produzem como sujeitos subalternos, sem história?

(BOHN, 2013)

As epígrafes citadas acima referem-se à relação entre história, sociedade e profissão docente, como pesquisado nesta dissertação. Arendt (2013) argumenta que o esquecimento social, no que diz respeito à memória de episódios históricos como nazismo e, pode-se dizer, ditaduras, é impossível. Segundo a autora, sempre resta alguém para narrar histórias sobre qualquer evento. Assim, compreendendo que acontecimentos históricos afetam diretamente a educação, Bohn (2013) questiona a constituição identitária de docentes. A pergunta retórica do autor possibilita a reflexão sobre o papel da história e da memória para as identidades de professores. Como fundamento da Linguística Aplicada Indisciplinar, doravante LA, não há sujeitos sem história, bem como, conforme Candau (2014), não há identidade sem memória ou memória sem identidade, pois ambas estão relacionadas. O significado que permeia essas epígrafes contextualiza o tema desta pesquisa de mestrado, que estuda a relação histórico-social da profissão docente com a ditadura militar brasileira (1964-1985), a partir de histórias de vida de professores aposentados, que tiveram suas formações e carreiras naquela época.

Em outras palavras, esta pesquisa, situada no campo indisciplinar da LA, relacionando-se com eventos de memória social, analisa três narrativas de três professores, Olga, Chico e Horácio, as quais foram coletadas nos anos de 2015 e 2016. Então, tomando cuidado para não fazer generalizações, conforme indica Fabrício (2006), esta pesquisa parte dessas narrativas para problematizar a relação

que se estabelece entre a docência e a ditadura militar na contemporaneidade, visto que, nos últimos anos, tanto o tema ditadura quanto profissão docente foram centro de inúmeras notícias na mídia, no Brasil. Tornou-se comum ver jornais trazendo imagens de manifestações que solicitavam uma nova intervenção militar, bem como mostrando pessoas tratando os professores como doutrinadores de ideologias marxistas e de gênero. Nesse plano de fundo, os professores que lecionaram naquela época contam, então, para o pesquisador, suas histórias de vida pessoal e profissional. A partir dessa constatação inicial, nota-se a importância deste estudo que dá voz aos atores dessa história, muitas vezes, apenas retratados pelos discursos de outrem.

Tendo apresentado a introdução desta dissertação, esta seção ainda expõe os objetivos geral e específicos da pesquisa, assim como argumenta-se sobre a justificativa teórica e social para este trabalho. Logo, o objetivo principal desta pesquisa é o de analisar três narrativas de três professores aposentados sobre suas performances como docentes durante o período da ditadura militar, no Brasil, e, a partir disso, ressaltar quais significados emergem na reconstrução de suas experiências profissionais e pessoais. Além disso, há os objetivos específicos relacionados, que são: mapear os posicionamentos interacionais nas narrativas dos professores entrevistados, que são performados no momento das entrevistas; Investigar o processo de rememoração, focando as construções das memórias desses professores, e, assim, analisar a forma como eles contam suas histórias, o modo como interagem com o pesquisador e como se constituem e se posicionam em relação aos personagens das suas narrativas; Constatar que discursos são entextualizados e de que modos são inseridos nas performances narrativas dos docentes; Averiguar quais ordens de indexicalidade são mobilizadas nas performances narrativas dos professores entrevistados e, por fim, produzir inteligibilidades sobre a profissão docente no momento presente e as relações histórico-sociais que se estabelecem com a ditadura militar.

Os objetivos apresentados estão fundamentados em justificativas teóricas e em algumas constatações atuais sobre a docência, no Brasil. A partir dessas considerações, esta dissertação, então, se justifica, primeiramente, compreendendo que as práticas de linguagem são práticas sociais não neutras e que constituem a vida social e o mundo. Nesse sentido, as mídias tornaram-se um mecanismo de

poder, que atua rapidamente sobre as pessoas (FABRÍCIO, 2017). Assim, em uma sociedade semiotizada e democrática, a tomada de discursos contra a profissão docente, conseqüentemente, constitui identidades depreciativas para essa profissão, como, por exemplo, de que professores seriam “doutrinadores marxistas” e “de esquerda”. Ademais, Fabrício (2004) argumenta que as os discursos que circulam na sociedade acabam por fazer parte das biografias das pessoas. Ainda que esta pesquisa não analise discursos da mídia, utilizam-se algumas reportagens para exemplificar as constatações realizadas.

Ainda que tenha se passado cerca de trinta anos do fim da ditadura militar, este é, atualmente, um tema muito recorrente na mídia e nos discursos de brasileiros que, muitas vezes, pedem por uma nova intervenção militar. Isso dá-se pelo fato de que, para muitas pessoas sem esclarecimento, na ditadura só eram perseguidos e torturados bandidos, comunistas, terroristas, vadios e etc. Ora, como nota-se, ainda que essas pessoas estejam equivocadas, tal consideração, também, remete a um posicionamento. Além disso, para muitos, a educação escolar da época era muito melhor do que a contemporânea. Nesse sentido, a mídia, como uma grande produtora de regimes de verdade, conforme expõe Moita Lopes (2009a), confirma, levanta questionamentos e até impulsiona determinados discursos, de acordo com seus objetivos. Assim, de acordo com Lawn (2001), esses discursos são uma forma de gestão pela linguagem, no sentido de que um governo ou um grupo que detém ou deseja alcançar o poder, ao reproduzirem certos discursos em relação à docência teriam um meio de alcançar mudanças educacionais, de acordo com suas ideologias e ideia de nação (DERRIDA, 1991).

Nesse sentido, em segundo ponto, justifica-se por identificar que, de forma muito semelhante, esse modo de controle ocorreu durante a ditadura militar, conforme desenvolve-se na contextualização histórica e social desta pesquisa, e parece estar ocorrendo novamente. Pessoas, como os professores entrevistados, ao se oporem ao posicionamento hegemônico da ditadura militar, foram consideradas, socialmente, como subversivas e, conseqüentemente, bandidos e esquerdistas, mesmo sem, de fato, serem. Então, essa construção narrativa, que gera identidades para os professores, parece ser, de modo complexo, a ligação que se estabelece entre a profissão docente em relação à ditadura militar na atualidade brasileira. Por isso, busca-se nas memórias dos tempos de repressão performadas nas narrativas

desses professores, modos de compreender e de constituir narrativas que possam contribuir para uma reinvenção ou reescrita da vida social e da profissão docente.

1.2 Apresentação dos Capítulos

Tendo exposto a introdução, os objetivos e a justificativa desta pesquisa, esta seção apresenta um breve esboço de cada um dos capítulos que compõem a dissertação. Na próxima seção, ainda neste primeiro capítulo, faz-se uma contextualização acerca da história da LA, bem como sobre a ditadura militar em relação à profissão docente.

O capítulo seguinte, o de número 2, que possui seis seções, apresenta todos os fundamentos teóricos sobre os quais esta pesquisa foi construída. Inicialmente, disserta-se sobre a LA indisciplinar e sobre suas bases epistemológicas. Já na segunda seção, faz-se um levantamento de notícias e pesquisas que sustentam uma reflexão teórica sobre a profissão docente na contemporaneidade. Nesse sentido, comparam-se, de maneira não generalizante, alguns aspectos relacionados à profissão docente durante a ditadura e nos tempos atuais.

Ainda no capítulo 2, a seção seguinte traz as considerações teóricas, precisamente, relacionadas aos estudos da linguagem, da performatividade e da iterabilidade. Esses conceitos são muito importantes para a compreensão da abordagem das narrativas utilizadas. Então, as seções seguintes, são dedicadas aos estudos sobre as performances narrativas e abordagens teóricas importantes, como sobre a memória, a rememoração e o esquecimento como construções das performances narrativas e os processos de entextualização, de contextualização e de indexicalidade. Em todas essas seções, há uma articulação com dados analisados, exemplificando cada um dos fundamentos teóricos explicados.

O capítulo número 3, dividido em quatro seções, compreende os procedimentos metodológicos utilizados para a geração das entrevistas narrativas, assim como aborda considerações teóricas relacionadas à metodologia adotada nesta dissertação. Ademais, esse capítulo traz informações sobre os participantes das

entrevistas, assim como apresenta as ferramentas analíticas utilizadas. O capítulo seguinte expõe as análises das três narrativas, assim como traz uma seção com problematizações de alguns resultados. Sendo esse capítulo dividido em quatro seções, uma para cada análise, na última seção faz-se um diálogo a partir de aspectos dessas narrativas com outros semelhantes de algumas pesquisas de mestrado que tenham entrevistado professores sobre a prática docente durante a ditadura militar.

O capítulo número 5 é um capítulo etnográfico. Nessa parte, dividida em duas seções e chamada de As Memórias da Pesquisa, apresentam-se informações do trabalho do narrador desta pesquisa relacionadas tanto ao surgimento deste estudo quanto ao trabalho de coleta e análise das três narrativas. Antes das referências bibliográficas utilizadas e dos anexos, como o termo de consentimento e a transcrição das narrativas, o capítulo 6 constitui-se pelas considerações finais sobre o trabalho de dissertação.

1.3 Contextualização Histórica e Social da Pesquisa

Nesta seção, contextualiza-se essa pesquisa a partir da história da LA e da profissão docente, ambas relacionadas ao período ditatorial no Brasil. Tal retomada teórica é fundamental para compreensão das narrativas analisadas. Então, a seguir, propõe-se uma leitura desse passado do país, o qual está, aqui, vinculado com o surgimento da LA e suas bases epistemológicas tradicionais, bem como com a profissão docente e as mudanças impostas sobre essa pela ditadura. Nesse sentido, compreende-se esse período da história como sendo de desenvolvimento de um projeto de modernização do país, cuja orientação epistemológica era modernista, colonial e eurocêntrica, que visava normatizar e homogeneizar a vida social. Assim, apresenta-se a forma como o regime militar utilizou da educação e da docência como ferramentas para o desenvolvimento de seus objetivos.

Em meados da década de 1940, a LA emergia dentro dos estudos linguísticos com o objetivo de criar materiais didáticos para o ensino de línguas durante a segunda grande guerra. Com base nessa premissa inicial, a LA recebeu *status* de aplicadora da disciplina mãe, a Linguística. Pode-se dizer que, nesse princípio, o linguista aplicado tinha a função de aplicar e testar os resultados de trabalhos de pesquisadores da linguagem e, assim, prescrever o que era ou não adequado a ser utilizado na prática de ensino nas escolas (MOITA LOPES, 2011). Dessa forma, isso significava que o fazer pesquisas científicas estava, também, restrito ao linguista propriamente dito, e por isso, o linguista aplicado, além de não ser considerado um cientista, limitava-se a usar a LA apenas para aplicação de conteúdo teórico. Essas afirmações permaneceram como uma definição da LA por muito tempo, e até hoje há pesquisadores que ainda a abordam de tal maneira (AMORIM, 2017).

Durante as primeiras décadas da LA, conforme expõe Cavalcanti (1986), muitos linguistas conduziram-na com o caráter de aplicadora de conteúdo a partir de duas grandes teorias linguísticas. Primeiramente, eles desvencilharam-se da gramática tradicional e aderiram ao estruturalismo, passando a produzir materiais com base nessa corrente de pensamento. Depois, com o advento do gerativismo, os linguistas aplicados perceberam novas possibilidades para a produção e aplicação de materiais didáticos e aderiram à nova teoria. Ainda assim, nem todos os pesquisadores seguiram essas tendências. Na década de oitenta, alguns linguistas aplicados já compreendiam a LA de forma mais ampla do que apenas aplicação de teorias linguísticas. Conforme exposto pela autora, para alguns teóricos, a LA possuía uma natureza multidisciplinar, que devia procurar visões e exemplos de outras áreas do conhecimento para a pesquisa e para o trabalho de ensino no contexto educacional.

Ainda na década de oitenta, alguns teóricos começaram a tratar a LA como uma disciplina autônoma, separada da sua disciplina mãe, a Linguística. A emancipação da LA gerou inúmeras discussões e publicações durante aquela década e a subsequente. Sobre isso, Celani (1998) argumenta acerca da inferiorização que a LA recebe em relação à Linguística tradicional por parte de muitos pesquisadores das universidades brasileiras. Segunda a autora, cabe ao linguista aplicado fazer LA reconhecendo a sua independência e autonomia, posicionando-se sem inferiorização e sem justificar-se demasiadamente, pois o

caráter servil da LA, em relação à Linguística, já estaria ultrapassado. Então, as discussões teóricas sobre LA distanciaram-se um pouco das reafirmações como disciplina autônoma, no entanto, seguiram as críticas sobre o fazer LA de forma não tradicional. Além disso, as discussões começaram a ultrapassar o contexto escolar e a considerar a cultura e a sociedade também.

Conforme Cavalcanti (1986), na década de oitenta, já era crescente o número de pesquisadores que buscavam, nas esferas periféricas da sociedade, por sujeitos e por dados para pesquisa. Nesse sentido, Pennycook (1998), sugerindo uma reformulação da LA, aponta que a sua vertente tradicional não possuía subsídios para investigar o caráter político da educação e do ensino de línguas. Ele expõe a necessidade de uma LA que seja crítica e sensível, isto é, que se ocupe de problemas sociais e culturais contemporâneos e emergentes. Ainda segundo ele, deve-se compreender que as pessoas estão entrelaçadas por relações de poder, pois as sociedades são estruturadas de forma desigual e as culturas e ideologias hegemônicas são dominantes. O autor sublinha que o ensino e a aprendizagem de línguas estão diretamente relacionados a questões sociais da esfera macrossocial, isso porque a linguagem e a educação são pontos políticos e fundamentais da vida social.

Nesse seguimento, a LA tradicional, além de partir de pesquisas quantitativas para a criação de métodos e de modelos de ensino e aprendizagem, tinha como base de pensamento o iluminismo europeu (FABRÍCIO, 2006). As implicações dessa fundamentação ideológica estavam nas práticas da LA, como na divisão que os pesquisadores faziam entre os sujeitos das pesquisas e os próprios objetos de estudos, em uma forma de dicotomia, conforme explicam autores (MOITA LOPES et al 2006, AMORIN, 2017), no intuito de alcançar uma objetividade científica. Além disso, do sujeito eram desconsiderados a sua sócio-história, seu corpo, sua classe social, sua etnia, sua origem e etc. Assim, nota-se uma característica da LA tradicional, a de tratar seus dados e sujeitos de pesquisa de maneira essencialmente homogênea. Segundo Rampton (2006), desse modo, os linguistas almejavam alcançar uma certa imparcialidade através do afastamento de seus interesses e sentimentos, para então fazer contribuições para um progresso social e científico. Com isso, observa-se o plano de fundo, ou seja, a orientação ideológica da LA tradicional, o da Modernidade. Dessa forma, dentro desse contexto moderno, com

base, também, no positivismo, os linguistas aplicados compreendiam a linguagem como descritiva, servindo para descrever as línguas e os fenômenos linguísticos sincrônicos (PENNYCOOK, 1998).

Nesse sentido, conforme explica Pennycook (2006), um conceito de linguagem é ligado, de alguma forma, à concepção de sujeito no mundo social. Essa concepção de linguagem ahistórica e apolítica contribuía para a prática de divisão entre pesquisa e o mundo social (AMORIM, 2017). Possuir as bases de pesquisa fundamentadas no pensamento sólido do iluminismo e do positivismo acarretava, também, na adoção da compreensão de sujeito como sendo uno e cartesiano. A concepção de sujeito do iluminismo ou da modernidade e, conseqüentemente, da LA tradicional, estava baseado na ideia de um indivíduo unificado e dotado de razão. Pode-se afirmar, de acordo Kumaravadivelu (2006), que a LA modernista, tal como a linguística formal, tratava a linguagem como um sistema de regras e a sua pesquisa, além de positivista, era de caráter prescritivo. Pennycook ainda comenta que o estruturalismo influenciou a LA com o seu pensamento dualista, devido as dicotomias saussurianas. Em suma, conforme explica Hall (1997), a identidade do sujeito moderno não mudaria com o tempo, possuiria uma constituição bastante individual, bem como era tratado, comumente, como masculino e heterossexual. Essas características mencionadas compõem uma parte da base de ideias sobre as quais a LA tradicional estava situada.

Nessas circunstâncias, no Brasil, principalmente nos anos concomitantes ao surgimento da LA, ocorreram muitas mudanças através de um processo de modernização, o qual é tratado e evidenciado, aqui, como “um projeto da modernidade feito a partir de uma ideologia desenvolvimentista, do progresso e da racionalidade” (CASTILHO, 2010 p. 129). Nesse sentido, Silva (2013) comenta que, no período em que a modernidade dava sinais de crise em países mais desenvolvidos, muitos brasileiros fascinados com essa ideia, viam a modernização como resolução dos problemas da época e anteriores. Segundo o autor, o Brasil passou por um processo de urbanização e industrialização, o que foi considerado um progresso social com positivities. Aliado a isso, a ciência passou a ser tratada como produtora de verdades irrefutáveis e, que por esse meio, se alcançaria um progresso no conhecimento também.

De acordo com Motta (2014), o processo de modernização também alcançou as universidades. A partir da década de 50, as universidades federais já funcionavam com um formato moderno e se direcionavam para pesquisa. Na década seguinte, ainda no governo de Goulart, algumas reformas foram realizadas no intuito de modernização no ensino superior, como o caso da Universidade de Brasília (UnB). Ainda nesses anos, o número de universitários aumentou. Estima-se que de 30 mil estudantes, o número cresceu para 142 mil naqueles anos, segundo Ferreira (2017). De acordo com esses autores, essas mudanças, aliadas à exaltação do trabalho e às mudanças econômicas que ocorriam, possibilitaram que as pessoas vislumbrassem um país que se desenvolvia e seria melhor.

Os anos iniciais da década de 60 foram caracterizados por conflitos políticos e embates ideológicos no país. Assim, em 1964, no ano em que surge em Nancy, na França, a AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada), no Brasil, se instituiu o golpe militar. O regime ditatorial (1964-1985) causou mudanças expressivas na história nacional, muitas dessas, por meio da repressão e da violência. Segundo Ferreira (2017), logo após o golpe, universidades e organizações estudantis foram atacadas quase de imediato, como os casos da União Nacional dos Estudantes (UNE) e da UnB, que era considerada a mais moderna universidade daquele período. Ainda em 1964, segundo a autora, instaurou-se a chamada “Operação Limpeza” que levou a prisões de inúmeras pessoas, incluindo muitos professores, funcionários públicos e estudantes considerados contrários ao regime em vigor. Como expõe ainda a autora, em consequência dessas operações de repressão, milhares de pessoas foram expurgadas e até fugiram do país. Conforme explica Motta (2014), havia um desejo intenso por uma limpeza ideológica, o que ocasionou, além dessa operação, a proibição da circulação livre de textos, divulgação de ideias e a implementação das AESI¹ que, dentro dos campi universitários, controlaram contratações, nomeações, autorizações diversas e até concessões de bolsas.

Nesse sentido, um ponto importante a ser destacado sobre a ditadura é a de vigilância constante sobre a vida acadêmica, bem como sobre as aulas dos professores. De acordo com Ferreira (2017), as principais funções das AESI eram monitorar as atividades que ocorriam nas universidades, bem como espionar aulas e

¹ Assessoria Especial de Segurança e Informações.

denunciar pessoas “subversivas”. Conforme narra a professora Olga, em entrevista concedida para esta dissertação: “[...] *eles ficavam sempre de olho/ inclusive na universidade eu e o professor [nome ocultado] tínhamos as aulas inspecionadas/ o comandante do quartel vinha na biblioteca.*” Constantemente, professores eram chamados para dar explicações sobre coisas ditas ou por atividades suspeitas dentro e fora das instituições. Além disso, para trabalhar nas universidades, os professores precisavam de um documento específico, uma espécie de certidão cedida pela AESI ou mesmo pelo DOPS². Para o professor Chico, um dos entrevistados, que era considerado subversivo naquela época, a dificuldade em conseguir o documento era maior. Segundo ele, teve sorte em conhecer a pessoa que estava responsável pela emissão da certidão naquele momento: “[...] *a pessoa responsável pela elaboração do documento/ e eu não vou dizer o nome dele/ quando eu chego para pedir o documento ele me vê/ não deixa eu fazer a solicitação por escrito/ e me libera o documento/ Disse se tu fizer por escrito/ aí eu não posso fazer nada/ e ele me liberou o documento/ no mesmo dia eu consegui então a nomeação e passei então a ser professor da universidade durante 22 anos.*”

Ainda nesse contexto, a espionagem era algo comum em sala de aula. Há relatos de alunos que mudavam de curso a todo semestre, em universidades. Dessa forma, muitas denúncias eram realizadas pelos infiltrados ou até mesmo por outros professores. Professor Chico narra que muitos colegas de trabalho, naquela época, voltaram-se a favor da ditadura por questão de sobrevivência. Caso semelhante a esse também é exposto por Lourenço (2010), ao entrevistar professores de escolas públicas de São Paulo, um dos docentes entrevistados pela autora conta sobre o sentimento de estar sendo vigiado e do fato de que era muito fácil ser taxado por “antipolítico”. De acordo com o trabalho de Lourenço, esse professor ainda conta que, de repente, ao chegar para dar aulas, havia uma pessoa muito mais velha que os demais alunos em uma turma de quinta série. Ao questionar sobre a presença inusitada, o “olheiro” dizia ser da delegacia de ensino. Em suma, a vigilância foi um ponto levantado pelos três sujeitos entrevistados.

² Departamento de Ordem Política e Social. Embora tenha sido criado antes da ditadura militar, o DOPS foi muito utilizado naquele período. Com função disciplinadora, esse órgão do governo deveria manter a ordem no país.

Ainda nesse contexto, ponderando as considerações de Pennycook (2007), uma ideologia de modernização envolve, além da urbanização mencionada, outros fatores como a internacionalização, a homogeneização cultural, a americanização e o monolinguismo. Sobre o último, no Brasil, a proibição de determinados dialetos e a obrigatoriedade de falar Português nas escolas ocorrera anos antes do golpe de 64, enquanto Getúlio Vargas estava no poder. Todas essas colocações contribuíram para um projeto de modernização do país, que teve, pode-se dizer, a ditadura militar como grande desenvolvedora e percursora. Bauman e Briggs (2003), no livro *Voices of Modernity*, comentam sobre esses processos tratando-os como forma de dominação do ocidente por parte de ideais de países de primeiro mundo. Para isso, além da força militar, ocorreria a propagação de argumentos sob uma orientação epistemológica eurocêntrica e imperialista, a imposição de ideais político ideológicos cruciais para essa finalidade de dominação e também o estabelecimento de uma forma peculiar de capitalismo. Conforme, excepcionalmente, explica Motta (2014), esse projeto é amplo e envolve não apenas ideologias dominantes, como o imperialismo norte-americano, mas, também, fatores que mascararam a ditadura como via de democratizar e proteger o país. O autor expõe que:

Para certos teóricos americanos de linha democrata, a modernização nos países pobres deveria ir além do progresso econômico e do desenvolvimento, implicando também mudanças políticas e culturais que trouxessem em seu bojo a democracia característica da verdadeira modernidade. Porém, tais versões “progressistas” também tinham como motivação produzir apelo mais sensível que a fria promessa de melhorar o desempenho econômico. Tratava-se de forjar uma mística, uma ideologia que competisse com os projetos revolucionários, principalmente o marxismo. Daí o papel central conferido pelas agências do governo americano – com destaque na Usaid³, mas também em instituições privadas, como as fundações Ford e Rockefeller – à modernização das instituições educacionais brasileiras. Nesse setor foram investidos vultosos recursos, parcela significativa do dinheiro doado ou emprestado pela Usaid ao Brasil entre 1961 e 1974. Escolas e universidades eram o lócus de treinamento de mão de obra qualificada e de líderes, mas também espaço fundamental para o debate de ideias e a formação de opinião. Daí decorria o interesse em firmar os acordos MECUsaid⁴ que tanta celeuma iriam causar no Brasil (MOTTA, 2014, p. 11).

³ United States Agency for International Development ou Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional. A USAID coopera com a política externa dos Estados Unidos, atuando em países que a aceitam como ajuda. Todavia, há explícitas denúncias das intervenções e envolvimento dessa organização nos governos dos países em que atua.

⁴ De acordo com Motta (2014), a sigla MECUsaid refere-se aos acordos realizados entre o Ministério da Educação (MEC) e a Usaid, em 1965, cujos objetivos eram de modernizar o ensino, de modo geral, no Brasil.

Essas mudanças afetaram, conforme já sinalizado, mudanças drásticas na vida social brasileira. Um exemplo de suma importância a ser colocado e que teve implicações profundas na formação da população é do ensino de Português. Na década de 70, segundo Soares (1996), a educação e, portanto, o ensino da língua portuguesa foi readequado ao que o sistema vigente chamava de desenvolvimento do país, a partir de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 5692/71). Essas mudanças foram impostas de imediato, sem ocorrer de modo progressivo. O próprio nome da disciplina foi alterado para “Comunicação e Expressão” para os anos iniciais, “Comunicação em Língua Portuguesa” para ensino fundamental e “Língua e Portuguesa e Literatura” para o ensino médio. Assim, a base teórica dessas disciplinas partia da teoria da comunicação e, conforme expõe a autora, essa forma de ensino cooperava com a ideologia do regime militar.

Ainda segundo Soares, a partir da década de 60, os livros didáticos passaram a conter exercícios, tais como de gramática, de vocabulário e de interpretação de texto, o que desconsiderava o trabalho do próprio professor de produzir atividades educacionais. Outro aspecto importante da história, de acordo com a autora, ocorre com o aumento do número de alunos em sala de aula naquele período, o que conduziu a diminuição da qualidade do trabalho. Portanto, ao procurar formas de facilitar o trabalho de preparo das aulas, os docentes passaram a esperar pelos exercícios prontos e a utilizarem o livro didático cada vez mais. Sobre o ensino de Português no regime ditatorial, a autora ainda explica que os objetivos das aulas, a partir dessa mudança, se tornaram utilitários e pragmáticos, visando o desenvolvimento e aperfeiçoamento do comportamento de estudantes, que eram considerados emissores e receptores de mensagens. Então, conforme ela cita, não se ensinava *sobre* a língua, mas focava-se no uso desta.

Nesse sentido, conforme narra a professora entrevistada Olga sobre como não utilizava o material fornecido pela escola durante a ditadura: “[...] o livro didático é uma coisa que te prende/ que te bitola/ ele é escrito de acordo com o momento histórico/ o governo que financia e de acordo com o que quer que tu vais passar”. Cabe, nesse ponto, destacar a colocação de Nóvoa (1992), que diz que em períodos de racionalização e uniformização, infere-se normatização, como na ditadura militar brasileira, alguns professores continuaram “a produzir no mais íntimo da sua maneira de ser professor” (NÓVOA, 1992, p. 15). Nessa perspectiva, Furlanetto

(2010) destaca a influência da normatização da modernidade sobre a profissão docente. Segundo ela, a modernidade normatizou a vida social, assim como a profissão docente e a formação para essa profissão. A autora expõe que o professor, no viés moderno, tornara-se um técnico que aplica metodologias e que deve organizar e controlar os processos de ensino e aprendizagem. Em relação à formação, a autora comenta que essa partia da ideia de que o conhecimento era possível de ser passado de modo linear. A formação se fundamentava na teoria e a prática delimitava-se à aplicação dos conteúdos teóricos, conforme explicitado no início deste capítulo, em relação à LA.

Ainda nesse contexto de escola uniformizada, Bohn (2013) exemplifica que um dos papéis do docente era apontar as imperfeições comportamentais, problemas disciplinares de estudantes, erros de escrita, de gramática ou de conteúdo, ou seja, a relação entre professor e aluno se dava pela imposição de poder, conforme “legitimado pela sociedade, pelas autoridades educacionais [...] criando assim uma realidade baseada na exclusão” (p. 81). Obviamente, após a ditadura militar, muitas mudanças ocorreram no âmbito educacional, todavia, gerações foram formadas sob tal estrutura. Nesse sentido, professor Chico comenta que “o tempo de ditadura foi muito grande/ a geração seguinte inteira/ uma geração dura 25 anos em média né/ então foi uma geração inteira perdida.”

Considerando o modo de formação dos professores evidenciado acima, o aumento do número de alunos e a consequente necessidade de maior uso dos livros didáticos, que afetou a autonomia de trabalho dos professores; o fato de passarem a cumprir leis e regras para um ensino servil à ditadura militar; tais fatos caracterizam um projeto fundamentado na modernidade. Com base em todos os fatos apresentados e nas considerações realizadas acerca da modernidade e suas consequências realizações na educação, principalmente, no ensino do Português, bem como o contexto epistemológico em que a LA esteve inserida, pode-se dizer que essas características ideológicas da ditadura militar indicam o que chamaram Bauman e Briggs (2003) de “purificação” da língua e da sociedade. Conforme evidencia-se a seguir, o trabalho na e pela linguagem por parte da ditadura militar sobre a sociedade foi fundamental para a realização de um projeto minucioso de controle.

De acordo com as ideias levantadas pelos autores e discutidas por Nascimento (2014), pode-se dizer que a reconfiguração no ensino da língua portuguesa em técnica e homogênea, constitui uma forma estratégica de purificação, pois descontextualizam a língua e a desassocia do mundo social e da história. Bauman e Briggs retomam o trabalho de Locke para explicar que a separação entre ciência e sociedade – que, por exemplo, permitiria colocar em prática uma purificação das conexões que ocorrem entre elas. E dessa forma, então, se estabeleceria “na/para as línguas regimes pautados em classificações dicotômicas e hierárquicas que legitimassem o racionalismo e a necessidade da missão civilizadora moderna” (NASCIMENTO, 2014, p. 274). Assim, durante a ditadura (e, em parte, até hoje) esse pensamento dicotômico podia ser observado pelas práticas de linguagem estabelecidas pela exclusão, como em desconsiderar a classe social, a etnia, o gênero e, também, em formas mais estigmatizadas como o certo e o errado, o bem e o mal, o cidadão de bem e o comunista/terrorista, aquele segue a ordem e o subversivo.

As implicações dessas práticas de linguagem não se restringiam apenas no contexto da sala de aula, mas transpassavam a sociedade. De acordo com os sujeitos entrevistados, o fato de não seguirem a forma de ensino tecnicista da ditadura ou por se distanciarem do precário livro didático, ainda que eles não expusessem seus posicionamentos políticos aos alunos ou colegas, eram considerados subversivos. Conforme conta Horácio, o apelido de *comuna*, no contexto ditatorial, possuía um significado muito profundo. Ser apelidado como *comuna* era sinônimo de rejeição, fosse por medo da proximidade com alguém tido como subversivo ou pelo próprio posicionamento político. Segundo suas próprias palavras: “[...] *todo mundo te olhava/ todo mundo não/ mas a grande maioria (.) olha lá um comuna/ isso até hoje/ E tu ser rejeitado/ na verdade/ uma sociedade que te rejeitava*”. Assim, com base em uma episteme moderna e a partir dessas práticas dicotômicas de linguagem, a ditadura também criou significados de grande impacto na vida social.

Conforme explica Bauer (2011), ao falar sobre a “criação do inimigo”, a ditadura militar utilizou a linguagem médica relacionada à ideia de contaminação para definir os considerados opositores como um câncer que precisava ser extraído para alcançar uma cura coletiva. A autora, retomando as considerações de Pierre

Ansart, expõe que isso desencadeou ainda a ideia de que os que não estavam “doentes” estavam sujeitos à doença. Segundo ela, a ditadura atribuiu características aos opositores, o que ia além de subversivos, conferindo as definições de comunistas, delinquentes, criminosos e terroristas. Esse conjunto de conceitos eram utilizados, de acordo com a autora, por todos os órgãos de informação e repressão do regime militar, mas também pela sociedade, conforme evidenciado pela citação da narrativa do professor Horácio. Dessa forma, havia uma grande oposição provocada pelo regime dentro da sociedade, o que levaria ao sentimento de insegurança e medo por essas pessoas (BAUER, 2011).

Desse modo, dentro da universidade em que o professor entrevistado trabalhava, ao ser considerado subversivo, o termo “comuna” lhe foi atribuído e, por isso, ele se viu rejeitado pelos demais. Além disso, a autora citada ainda comenta sobre o fato de a oposição ser tratada como maléfica e possuidora de algo demoníaco, a partir de uma ideia de “ortodoxia terrorista”. Nesse sentido, cabe colocar a fala de Olga. Devido ao pai ser considerado comunista, ela conta que “nunca me deixaram entrar na escola das freiras/ eu nunca/ eu nunca pude fazer magistério”. Outro exemplo que também corresponde aos fatos apresentados, foi relatado por Chico, quando ele diz que, ao fazer um trabalho educacional e interdisciplinar, foi tratado como subversivo e que atitudes tidas como subversivas eram consideradas “principalmente de esquerda que matava pessoas/ comia criancinhas/ todos aqueles cartórios criados no tempo da ditadura”. Esses exemplos representam, na prática, as ideias relatadas pelos autores mencionados, bem como acrescentam informações relacionadas a ideia de subversivo no meio educacional.

Esta seção destinou-se a contextualizar histórico e socialmente o período que, paralelamente, marcou o desenvolvimento da LA e da imposição do golpe militar no Brasil. Pode-se dizer que a LA surge e cresce dentro do país durante o regime ditatorial, já que foi inserida no final da década de 60 (MOITA LOPES, 2009b). Acredita-se na importância da apresentação da conjuntura do passado, porque essas características possibilitam compreender um pouco da estrutura social que envolvia a profissão docente no país durante a ditadura e, conseqüentemente, as histórias de vida dos professores entrevistados. É a partir da relação desses eventos de memória social que se parte para compreensão da profissão docente na contemporaneidade brasileira.

2. Fundamentos Teóricos

Tendo apresentado uma contextualização teórica da LA tradicional e feito uma exposição das circunstâncias em que se encontrava a profissão docente no Brasil, durante a ditadura militar, a partir de uma leitura do passado com base na epistemologia da modernidade, bem como os objetivos desta pesquisa e as justificativas, em que esses se ancoram, o presente capítulo apresenta as bases teóricas que fundamentam esta dissertação de mestrado, de forma articulada com a temática da pesquisa e com os dados das narrativas analisados.

2.1 Linguística Aplicada Indisciplinar

No Brasil, a LA foi inserida como disciplina acadêmica no final da década de 60, pela professora Maria Alba Celani, em plena ditadura militar. Ainda que não se busque fazer generalizações, pois o regime ditatorial afetou de formas bastante distintas as instituições de ensino pelo país, cabe dizer que a epistemologia que caminhou junto com a ditadura não permitia determinadas abordagens, como as que eram defendidas por linguistas aplicados e por outros teóricos, como da área de educação (MOITA LOPES, 2006). Conforme exposto no capítulo anterior, o trabalho de dois dos professores entrevistados, envolvendo interdisciplinaridade, que é algo defendido pela LA Indisciplinar, era dificultado ou interrompido pelo sistema vigente na época. Assim, segundo Kumaravadivelu (2006), nenhuma disciplina acadêmica deixa de ser atingida pela globalização, de forma que, também, não deixa de ser acometida pela modernidade.

Pode-se afirmar que, desde então, muitas discussões e transformações ocorreram na LA, até que essa fosse reformulada. Conforme Moita Lopes *et al* (2006), a LA passou por transformações disciplinares com alterações radicais nas suas bases epistemológicas. As principais mudanças ocorridas na LA foram levantadas por Kumaravadivelu (2006) como sendo as transformações de disciplina derivante para autônoma, de moderna para pós-moderna e de colonial para pós-colonial. Segundo os autores citados, somente dessa forma a LA pode dar conta de

problematizar questões emergentes da sociedade contemporânea e de um mundo globalizado. Nesse contexto de mudanças, alguns pressupostos teóricos advindos das ciências sociais e da filosofia da linguagem são importantes e indispensáveis para a LA como um campo transgressivo e indisciplinar, que são as viradas linguística, somática e performativa, conforme expõe-se cada um a seguir.

Essas concepções possibilitam novos olhares para a linguagem, permitindo que a pesquisa em LA faça uso dessas considerações e então desconsidere, definitivamente, as concepções tradicionais da Linguística (MOITA LOPES, 2006). Um dos pressupostos teóricos mais importantes para a LA indisciplinar é, sem dúvidas, o da virada linguística. De acordo com esse entendimento, a linguagem passa a ser compreendida como constituidora e constituinte de significados, no que se refere à ligação inseparável entre sociedade, língua e cultura. Assim, pode-se afirmar que é na e pela linguagem que os sentidos, identidades, memórias, subjetividades e significados sociais são construídos; bem como pode-se dizer que as práticas de linguagem, além de não serem neutras, são práticas sociais também (PENNYCOOK, 2006).

De acordo com as ideias de autores advindos da filosofia pós-estruturalista, como Foucault e Wittgenstein, a própria realidade é construída pela linguagem. Assim sendo, entende-se que não há conhecimento algum fora da linguagem (MOITA LOPES, 2006). De tal forma, esses teóricos explicam, também, que não há sujeitos fora da linguagem, pois esses se constituem e são constituídos por meio dela e, assim, fazem parte deste mundo, estão em constantes transformações e são mutáveis. Moita Lopes (2006) ainda sublinha que o pressuposto da virada linguística, além de ser uma das circunstâncias para a LA poder falar da vida contemporânea, viabilizou que outros estudiosos da linguagem, de fora dos estudos linguísticos, pudessem contribuir com novas visões teóricas úteis.

A LA, sendo uma área que se preocupa com a linguagem em sociedade, conforme aborda Fabrício (2017), ainda encontra vestígios de conceitos modernistas, como o de linguagem, proveniente das ideias saussurianas. A autora comenta que a ideia básica de comunicação, expressa pelo circuito da fala em Saussure, corresponde à episteme que produzia “certezas”, as quais são difundidas pelas ideias do estruturalismo, como a da linearidade do significante, e, também, como a divisão entre o signo, a linguagem, o sujeito e o mundo social, como se

esses estivessem desassociados. Esses resquícios da modernidade, como o pensamento dualista, são ainda muito presentes na sociedade atual, em um modo geral não apenas no ensino. No que se refere à profissão docente, como constatou-se no capítulo I, essa esteve inserida em um contexto ditatorial, em que as palavras ditas em sala e as possíveis interpretações que os outros fizessem poderia acarretar graves consequências. Já no que envolve a docência na contemporaneidade, como abordado na seção seguinte, nota-se muitas semelhanças nesse sentido.

Nesse segmento, Fabrício (2006) expõe três pontos fundamentais para a LA Indisciplinar, os quais colocam-se a seguir. Primeiramente, a autora sublinha que a linguagem é uma ação social indissociável da cultura e da sociedade, da qual é constituidora e constituinte. Assim, compreende-se que os sujeitos entrevistados reconstroem suas histórias de vida pela linguagem, as quais são históricas, locais e contextualmente situadas. Então, eles contam suas memórias sobre a ditadura militar, em um período político e social muito semelhante ao daquela época. Durante o regime ditatorial, professores que “subverteram” a ordem através da descontinuidade da forma de ensino relacionada ao sistema vigente, acabaram sendo denunciados, presos, levados a interrogatório e até torturados. Isso ocorria, conforme explicado no capítulo anterior, porque, linguisticamente, professores que fossem considerados subversivos, como no caso dos professores entrevistados, eram classificados como terroristas, bandidos e comunistas, ou seja, legitimadas socialmente como inimigos do Estado. Tal fato evidencia o caráter social e construtivo da linguagem até mesmo em um período em que essa não era abordada de tal maneira.

Em um segundo ponto, ela explica que as ações discursivas não são neutras, porque as pessoas escolhem o que falam, seja de forma intencional ou não; essas escolhas partem de um ponto de vista político e ideológico, o que envolve relações de poder e, por isso, geram consequências diferentes no mundo. Logo, entende-se que os professores entrevistados se engajam discursivamente ao narrar e, assim, posicionam-se no ato de contar suas histórias. Por isso, compreende-se que os docentes escolhem até mesmo a forma como narram suas trajetórias de vida, pois estão entrelaçadas às relações de poder que emergem durante a interação, a partir do processo de rememorar. Por fim, Fabrício (2006) cita que, na atualidade, existe uma pluralidade de sistemas semióticos em atuação na construção de sentidos.

Neste caso, pode-se pensar em vários aspectos que compõem tal pluralidade em relação ao tema tratado, como o próprio termo ditadura utilizado na mídia, as reportagens que abordam a docência, a educação brasileira ou o regime militar. Em suma, a autora sugere, o que AMORIM (2017) posteriormente denominou de guia para os linguistas aplicados no Brasil, tomar a

LA como prática problematizadora, que, assumindo abertamente suas escolhas ideológicas, políticas, e éticas, submete a reexame e a estranhamento contínuos não só suas construções como também os “vestígios” de práticas modernas, iluministas ou coloniais nelas presentes (FABRÍCIO, 2006, p. 50-51).

O segundo pressuposto, o da virada somática, refere-se ao corpo, que já foi muito ignorado em pesquisas na área das humanidades. Pennycook (2006) expõe que o corpo voltou a ser interesse de muitos estudos, principalmente, devido à influência de críticas dos estudos feministas, que questionavam sobre o conhecimento ser socialmente corporificado e masculino. Moita Lopes (2006), por sua vez, expõe que o ensino tradicional, que ainda ignora a sócio-história dos indivíduos e os trata de forma homogênea, desconsidera o fato de que

professores e alunos têm corpos, nas quais suas classes sociais, sexualidades, gênero, etnia, são inscritos em posicionamentos discursivos, contemplando somente o sujeito como racional [...] ou seja, sua racionalidade descorporificada (MOITA LOPES, 2006, p. 102).

Nesse sentido, Pennycook, referindo-se ao estudo de Threadgold (1997), explica que alguns costumes sociais e culturais regulam a vida e a apresentação dos corpos dos indivíduos no mundo. Esses costumes estariam, então, ligados à linguagem e são corporais, institucionais, temporais, conflitantes, diferenciados por sexo, etnia, entre outros aspectos.

Ainda que a pesquisa não objetive analisar a relação somática dos professores, faz-se imprescindível contextualizar a ação do regime militar sobre os corpos, como dos professores presos. De acordo com Bauer (2011), um dos objetivos da tortura física, como a sofrida pelo professor Horácio, era o de pôr frente a frente, em um tipo de confronto, o torturador, representando a ditadura e o Estado, e o torturado, representando “o inimigo”. Assim, os torturados eram presos para receber o castigo físico ou colocados para assistir outras torturas, o que lhes

causavam “sentimento de desproteção – pois sendo confrontadas com a instância que lhes deveria proteger de tais práticas – esperando a adoção de atitudes de adaptação passiva” (BAUER, 2011, p. 127). O domínio sobre o corpo era de forma radical, segundo averigua-se pela narrativa do professor, quando ele diz que “a época da prisão foi uma época muito dura/ foi a época de pauleira/ de choque/ pra tu abrir companheiros/ fundamentalmente pra isso/ eu assisti companheiros sendo torturados/ a toda hora/ tu não conseguia dormir quase”.

Ainda que os corpos fossem ignorados pela ciência, pelo ensino e, de certo modo, pela sociedade, a ditadura militar utilizava a tortura sobre o corpo como instrumento de repressão extrema. Isso trazia consequências profundas para o torturado, já que, como explica Bauer, “a tortura altera a estrutura interna da vítima [...] e a forma de se relacionar com o mundo exterior” (BAUER, 2011, p. 127). Pode-se acrescentar, seguindo pela narrativa do professor mencionado, que o fato da prisão, da tortura e da classificação social como “comuna” ou das outras formas citadas, afetava as relações sociais. Pessoas evitavam relacionar-se com ele por esses motivos, o que, portanto, interfere na sua construção identitária. Ainda em relação às categorias atribuídas aos “subversivos”, cabe sublinhar o argumento de Moita Lopes (2003) que coloca que as instituições, como universidades, e os grupos, como os de professores, por exemplo, “operam na legitimação institucional, cultural e histórica de certas identidades sociais” (MOITA LOPES, 2003, p. 121).

Nesse sentido, Fabrício (2004) discute a relação de identidades com a suposta “liberdade” de escolha de posicionamentos, pois há, segundo a autora, discursos que envolvem a construção de identidades e de posicionamentos. Tais discursos não seriam próprios das pessoas, mas estariam disponíveis a elas, muitas vezes, pela mídia. Assim sendo, constata-se que, durante o período ditatorial, tal liberdade era ainda menor para muitos docentes devido à interferência do regime nas instituições (FERREIRA, 2017, MOTTA, 2014). A pesquisadora ainda argumenta que “crenças e discursos operam constrangimentos em nossas possibilidades de ser, pois, ao serem incorporados de maneira naturalizada, tornam-se parte aparentemente “estável da prática social dos sujeitos contemporâneos” (FABRÍCIO, 2004, p. 239). Essas considerações são fundamentais para a abordagem da profissão docente na atualidade, como problematiza-se na seção seguinte.

Dessa forma, alcança-se o terceiro pressuposto teórico mencionado – de suma importância para esta dissertação – o da virada performativa, que se direciona ao estudo da identidade como performance. A ideia principal dessa concepção afirma que as identidades sociais não são pré-formadas ou pré-estabelecidas, como ocorre na episteme moderna, mas são performadas. Nesse sentido, Butler (1990), pioneira nesses estudos, desenvolve a ideia de performance para explicar o gênero, categoria a qual, segundo ela, se difere do sexo biológico, que é tratado paralelamente ao gênero como algo natural. Segundo a autora, o gênero seria a forma de apresentação e exteriorização do corpo por meio de uma série de ações, constantemente repetidas, em conjunto com fatores sociais e condutas comportamentais. Pennycook (2006) ressalta ainda que as identidades são construídas discursivamente por meio de performances identitárias, no momento de uma interação comunicativa.

O conceito de performance é mais amplo do que a compreensão tradicional da identidade dos indivíduos como sendo anterior a uma interação e imutável. A própria análise da narrativa da professora Olga, no capítulo 4, seção 4.1, evidencia diversas performances identitárias que se alternam durante a entrevista, para que, ao final, depois de diversas repetições, ela narre que sempre foi de determinada forma e que não iria mudar. Isso significa que a própria ideia de uma identidade una, sob esta concepção, é uma construção. Silva (2000) complementa essa explicação, elucidando que as identidades, bem como as diferenças, são construções sociais e culturais realizadas pelos sujeitos em suas relações interacionais – por meio da linguagem. Assim, esse conceito dialoga intimamente com a LA Indisciplinar, pois, conforme Pennycook (2006), propicia a compreensão da relação entre linguagem e identidade, assim como “ênfatisa a força produtiva da linguagem na constituição da identidade (PENNYCOOK, 2006, p. 81)” e, portanto, da vida social.

Esses estudos então ampliaram o modo de pensar a linguagem e suas relações com a identidade, evidenciando os aspectos construtivos e produtivos inerentes à linguagem. Embora o construto teórico da performatividade seja aprofundado na seção 2.3, pode-se inteirar a importância que tal noção complementa nos estudos em LA, principalmente, no que se refere ao sujeito ser construído na e pela linguagem. Ainda segundo Pennycook (2006), dentre outros autores, a linguagem é uma prática social, em que tanto o próprio discurso quanto o

sujeito são produzidos na performance, o que vai além da ideia inerte que vinha sendo difundida nos estudos em LA anteriormente. Em termos de uma LA contemporânea, a partir das reformulações teóricas explicitadas e da influência dos pressupostos apontados, tem-se um campo de estudos reconfigurado em novos pilares teóricos e tendo a ética como norteadora do trabalho.

No entanto, deve-se, como já mencionado, reexaminar os vestígios modernistas e iluministas presentes nos dados analisados e problematizados, assim como investigar o contexto que envolve a produção dos dados e o próprio desenvolvimento da pesquisa. Esse entendimento faz-se imprescindível, uma vez que se nota uma grande presença de discursos relacionados à ditadura militar sendo proferidos atualmente, como também se percebe uma verdadeira tentativa de resgate de ideias do passado imersas nessa episteme tradicional, cujo objetivo é explicitamente conservador e contrário às mudanças recorrentes de uma sociedade em movimento (FABRÍCIO, 2006).

Devido a esse histórico de transformações nas bases teóricas e epistemológicas da LA, alguns termos, como indisciplinar e transgressiva, foram associados à nomenclatura da área. Assina-se transgressiva por tratar-se de uma área que ultrapassa as ideias tradicionais e modernistas, cujos estudos criticam categorias historicamente conhecidas como sendo naturais, como por exemplo, raça, gênero e etc. (PENNYCOOK, 2006). E assina-se indisciplinar porque, em seu significado próprio, podem ser observados alguns aspectos da LA contemporânea, como o de ser independente, mestiça, nômade e por não se estabelecer como uma disciplina (MOITA LOPES, 2006; 2011). Desse modo, Pennycook (2007) qualifica a LA, além de tudo o que foi colocado anteriormente, como uma área anti-disciplinar e crítica, cujas práticas são móveis e estão em mudanças constantes. Nesse sentido, essa pesquisa, a partir das análises das narrativas dos professores entrevistados, busca produzir compreensões sobre a profissão docente e sua relação com a ditadura militar na contemporaneidade, pois investiga-se como a linguagem “opera” nesse meio social (FABRÍCIO, 2006).

Sendo a LA interrogadora e autorreflexiva, deve-se assumir uma posição ideológica. De acordo com as narrativas analisadas, os professores entrevistados foram categorizados como subversivos, por exemplo, pelo trabalho educacional que procuravam fazer. Esses professores, na verdade, transgrediam as práticas

tradicionais ou adestrados de ensino durante a ditadura militar, como conta Chico. Consequentemente, como já explicitado, os professores foram chamados de comunistas e como sendo de esquerda. Atualmente, no país, há discursos que retomam a ditadura militar como algo positivo e discursos que tratam professores como “doutrinadores”, “comunistas” e “esquerdistas”. Assim, nota-se que há uma forma de pensamento, como o da modernidade, indexado nesses discursos, que, novamente, estão constituindo identitariamente os professores.

Na ditadura, professores subversivos eram considerados “inimigos” da nação, a partir de uma “imprecisão”, como expõe Bauer (2011), de quem esses inimigos, de fato, eram. Seguindo essa ideia, ressalta-se o posicionamento do professor Chico, que ao contar sobre quando era chamado de subversivo, que “nem isso eu era, mas eles entendiam assim”. Portanto, nesta pesquisa, assume-se uma postura contrária aos discursos pró-ditadura e contrária, também, aos discursos que tratam professores como doutrinadores marxistas; o que rompe com ideias que partem de um princípio binário, em que apenas haveria duas possibilidades de posicionamento, sendo uma apropriada e outra desprezível, como na narrativa mencionada. Tais considerações são desenvolvidas na seção seguinte, em que se discute a profissão docente na contemporaneidade.

Em suma, a partir das ideias desenvolvidas nesta seção, acredita-se que esta dissertação pode contribuir para reflexões importantes acerca das relações entre a profissão docente, a educação e a sociedade. Então, acredita-se que, por meio da linguagem, são possíveis novas formas de reescrever a vida social e, assim, permitir, também, novas condutas políticas e novos posicionamentos (MOITA LOPES, 2006).

2.2 A Profissão Docente na Contemporaneidade

As manchetes expostas a seguir caracterizam, em parte, as tensões vividas pela profissão docente no país, em 2018. Essas notícias representam ainda os discursos que estão sendo postos sobre os professores, que promovem identidades sobre docentes e que são referidos ao longo de toda a dissertação. A tomada desses discursos, ainda que esses não sejam analisados, é importante para a compreensão das relações identitárias docentes, conforme desenvolve-se nesta seção. Apesar de não ser o objetivo desta pesquisa fazer um levantamento de problemas enfrentados por professores, esta seção considera alguns fatos que envolvem essa profissão e, dessa forma, dialoga-se com alguns teóricos que possibilitam uma reflexão sobre a posição social em que a docência tem se situado. Cabe colocar que, embora essas práticas sejam situadas e locais, a ocorrência delas tem tomado, há anos, proporções mais amplas. Além disso, destacam-se duas pesquisas que envolvem performances identitárias de professores, no intuito de vislumbrar o que outros pesquisadores analisaram sobre o tema.

Mensagem nas redes incentiva alunos a denunciarem professores

Docentes se sentiram ameaçados com o conteúdo divulgado nos últimos dias, principalmente pelo WhatsApp

Por Marcos Araújo
31/10/2018 às 07h00 - Atualizada 31/10/2018 às 20h31



Portal Vermelho Dia: 07/11/2018 às 15:55:16

Geral

Docentes da UFPE são ameaçados em carta: "doutrinadores serão banidos"

Professores e pesquisadores do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) estão sendo ameaçados através de uma carta anônima disseminada pela Cidade Universitária, no Recife, nesta terça-feira (6). A reitoria da universidade abriu sindicância interna e acionou a Polícia Federal e o Ministério Público para investigar o caso.

Para educadoras, 'Escola Sem Partido' e vigilância de professores criam ambiente de medo no ensino

Publicado em: novembro 1, 2018

Like 227

f 227 Tweet

Figura⁵ 1: Manchetes dos Jornais Tribuna de Minas, Vermelho e Sul 21.

Fonte: ARAÚJO, 2018, BRANDÃO, 2018, FLECK, 2018.

Sendo a docência uma profissão formadora de pessoas, essa é fundamental para qualquer sociedade. A profissão docente nem sempre foi de uma forma igual, tendo passado por alterações ao longo de sua existência. Assim como a sociedade se modifica, a docência também se transforma. Ainda que esta dissertação não investigue o desenvolvimento dessa profissão, cabe colocar que, assim como as disciplinas acadêmicas, a docência é, também, afetada pelos processos de globalização (KUMARAVADIVELU, 2006). No capítulo inicial, a partir de uma leitura do passado do Brasil, evidenciou-se o quanto os governos ditatoriais interferiram na

⁵ As imagens utilizadas nesta dissertação foram editadas pelo autor.

docência e, assim, apresentou-se algumas consequências dessas interferências na educação e na vida dos docentes entrevistados. Nesse sentido, com base nas considerações da LA Indisciplinar, entende-se que a profissão docente é constituída social e historicamente, individual e coletivamente, bem como está atravessada por inúmeras relações de poder, como institucional e estatal.

Ainda que não se busque discorrer sobre a história da docência, há autores que evidenciam, por exemplo, um processo histórico de feminização ocorrido no magistério brasileiro, o que se articula com questões de classe social e ainda passa pela influência histórica do patriarcado no país⁶. Nesse contexto, Sandrini (2016) comenta que, ainda que a docência seja heterogênea, há uma tendência em homogeneizar a classe docente. Segundo ela, existem discursos que visam construir uma identidade única, oficial e suficiente para todo sistema educacional. A autora chama atenção para a linguagem que, partindo de discursos presentes na sociedade e das memórias sociais, constitui identidades sobre e pelos docentes. Assim, ressalta-se que uma vez que as práticas de linguagem não são neutras, as construções identitárias ou quaisquer outras construções realizadas pela linguagem não são neutras também.

Para pensar sobre a docência na contemporaneidade, busca-se olhar para a sociedade e para o contexto que a envolve. Fabrício (2004, 2006) argumenta acerca da multiplicidade e da pluralidade da vida social, que é atravessada por rupturas, metamorfoses, destradicionalizações, inovações tecnológicas ou sociais e desestabilidades. Nesse plano de fundo temporal, os indivíduos constroem suas trajetórias de formas instáveis, múltiplas, contraditórias e descentralizadas (HALL, 1997). Ainda de acordo com a autora, algumas características da modernidade recente são a grande quantidade de informações, a onipresença das mídias e uma grande velocidade na circulação textual, que está relacionada então a compreensão do espaço tempo. Assim sendo, retomando Sandrini (2016), as construções identitárias sobre a docência são, muitas vezes, feitas através de discursos que não pertencem ao sujeito, pois estão presentes no contexto macrosocial em que esse se situa.

⁶ Cf. Garcia, Hypolito e Vieira (2005).

Como a ditadura voltou a ser tema de muitas discussões na mídia e de manifestações políticas pró-golpe de 64 e a favor de uma nova intervenção militar, a profissão docente então passou a ser relacionada a essa temática. Assim, novas identidades foram criadas sobre professores, a partir desses discursos. Como investiga-se, tais acontecimentos não são muito recentes, mas parecem estar associados à docência há muito tempo. De acordo com a narrativa da professora Olga, quando conta sobre suas experiências como docente de uma escola, após a redemocratização: “[...] as pessoas dizem que lá no [colégio] a gente é um reduto de lavagem de cérebros/ não é/ tu não PREGA nada/ tu dá as opções/ tu faz o aluno pensar”. Nota-se uma semelhança entre o significado do discurso mencionado por ela, em sua história, com discursos mais atuais, embora sob outra roupagem, isto é, ideias semelhantes que são ditas com outras palavras.

Nesse contexto, a profissão docente foi, novamente, alvo de repressões e violência em manifestações que visavam chamar atenção para a necessidade de melhorias na qualidade das escolas públicas e de seus exíguos salários. Além disso, fazem parte da profissão docente, no país, inúmeros problemas, tais como parcelamento de salários, desvios de verbas públicas e sucateamento de escolas. Vinculado a isso, os discursos que surgem nas mídias dizem a respeito de docentes serem doutrinadores marxistas e de ideologias de gênero, o que estaria destruindo as crianças e os jovens. A partir disso, até um projeto de lei foi criado, o Escola Sem Partido, no intuito de coibir os docentes. Por consequência disso, em alguns locais, alunos foram, em 2018, estimulados até a filmar e a denunciar professores.

Tendo em vista essas considerações iniciais sobre a docência na atualidade, Lawn (2001) defende a ideia de que as identidades constituídas a partir dos discursos lançados na sociedade por determinados grupos e até mesmo pelo Estado, como colocado em seu texto, são estratégias de controle. Tal exercício pode ser compreendido, aqui, por uma construção de narrativas que, de certa forma, são refutadas por muitas pessoas e, ao serem repetidas cotidianamente, tornam-se uma verdade para elas, que passam a acreditar, fielmente, nessas narrativas. Conforme explica o autor, isso ocorre pela linguagem, em uma forma sofisticada de controle, culminando em uma via de gestão de mudanças, conforme objetivos desses grupos. Hoje em dia, essas narrativas circulam pelas redes, rapidamente, atingindo mais facilmente as pessoas, que no período da ditadura, por exemplo. Nesse sentido, o

autor ainda argumenta em relação à governabilidade que ocorre através do discurso, da construção de identidades – como sobre a docência – e a ligação dessas identidades em defesa de uma identidade nacional homogênea, muitas vezes, relacionada ao trabalho. Ele ainda coloca que atualmente há, nos estados-nação, uma influência da privatização da educação.

Ainda que as importantes reflexões de Martin Lawn (2001) sejam em relação ao contexto de Portugal, essas servem, como ele propriamente diz, para pensar a docência em outros países, como no Brasil. Esse pesquisador levanta três grandes razões possíveis sobre a gestão de discursos realizada por parte de políticos, de pessoas com grande poder e do Estado. Nesse sentido, sugere-se uma associação das ideias desses pontos em relação à docência tanto nos anos atuais quanto no período da ditadura militar, através da contextualização realizada, na seção 1.3. A primeira razão dessa gestão sugere que as identidades docentes sejam enquadradas ao projeto de educação e de nação. Por isso, os professores deveriam refletir tal projeto. Em segundo, o autor afirma que a criação discursiva de identidades para a docência é uma das poucas formas de gerir, de modo eficaz, essa profissão em meios democráticos. Na última e terceira razão, o autor explica que a identidade docente é passível de manipulação, em relação ao sistema de ensino, o que permite ao Estado melhor arquitetar as mudanças desejadas.

Seguindo a reflexão da docência no Brasil, atenta-se para fatos ocorridos, também, nos anos recentes, que envolvem a docência e a repressão que essa vem sofrendo. Para ilustrar essa ideia, apresentam-se abaixo algumas reportagens extraídas de edições online de jornais. Como as problematizações sobre a docência a partir das análises das narrativas em relação à atualidade são realizadas na seção 4.4, esta seção possibilita reflexões sobre eventos ocorridos em relação à profissão. As notícias escolhidas para contextualizar tais fatos não são, exatamente, as que trazem os discursos mencionados, mas, ainda assim, direcionam-se à relação da profissão docente com o Estado. Desse modo, observando o tratamento da docência e os discursos que a envolvem, pode-se fazer inteligibilidades em relação aos resultados das análises das narrativas.

A primeira reportagem é do Jornal El País, que divulga informações sobre um protesto ocorrido na cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná, em que inúmeros professores foram atacados e feridos pela polícia militar, em uma repressão ao manifesto que faziam contra as medidas tomadas pelo governo.



Figura 2-A: Manchete do jornal El País.

Fonte: ASSAD, 2015.

Mais de 200 pessoas ficaram feridas, sendo que oito em estado grave, durante mais um episódio de repressão da polícia do [Paraná](#) a professores da rede estadual de ensino, que estão em greve e acampados no Centro Cívico desde segunda-feira 27. Treze pessoas foram presas, segundo a Secretaria de Segurança Pública.

A ofensiva ocorre em frente à Assembleia Legislativa, onde, segundo o sindicatos dos professores, 20.000 pessoas protestavam contra as mudanças na previdência para os servidores do Estado. A Polícia Militar foi escalada pelo governador Carlos Alberto Richa (PSDB) para impedir a entrada dos manifestantes na Assembleia, onde ocorre a votação. Há informações de fontes extraoficiais de que mais de 50 policiais militares que participaram da ação teriam se recusado a disparar contra manifestantes. Esse grupo estaria passando por processo de exoneração. Durante a semana, vários policiais, anonimamente, expressaram indignação com o pedido do governador [Beto Richa](#) (PSDB) com relação ao contingente de 1.500 policiais deslocados para proteger a Assembleia, número maior do que o disponível na própria cidade habitualmente.

Figura 2-B: Excerto da notícia do jornal El País.

Fonte: ASSAD, 2015.

Conforme pode-se ler no fragmento acima, alguns policiais se recusaram a cumprir a ordem do governador do Estado e combater a manifestação e, por isso, esses estariam sendo exonerados. A manifestação objetivava expor que os professores não estavam de acordo com as mudanças na previdência, que estavam sendo realizadas pelo governador. Alguns outros jornais trouxeram essa notícia, expondo que havia ocorrido um confronto entre manifestantes e polícia, mas não apontaram quem começara o ataque. De qualquer forma, ainda que não se analise, aqui, essas notícias, pode-se perceber que os professores paranaenses foram tratados como inimigos, pois colocariam em “risco” a assembleia, que precisava ser protegida. Assim, constata-se que o Estado que deveria protegê-los, tenta silenciar suas vozes, toma decisões sobre suas carreiras e ainda ordena uma repressão punitiva.

Naquele ano, uma outra notícia, talvez com menor destaque, evidencia outra agressão, dessa vez à um único professor. Segundo a reportagem, no interior da Bahia, um professor foi preso dentro da sala de aula, em frente aos alunos, e machucado pelos policiais militares.



Figura 3-A: Manchete da notícia do jornal Último Segundo.

Fonte: SHALOM, 2015.

"Denunciar irregularidades aqui no interior da Bahia é muito complicado. Tenho sofrido ameaças de dentro, até aqui no portal de notícias da região me ameaçaram, assim, publicamente. O que está acontecendo aqui é um verdadeiro absurdo", diz ao iG Oliveira, que há mais de duas décadas leciona na instituição de ensino da cidade de pouco menos de 120 mil habitantes.

"Eu disse a eles [PMs], no momento da prisão, que estavam ferindo o Código Civil Brasileiro e a Constituição do País. Mas me ignoraram. Fiquei uns 25 minutos na parte traseira do camburão, um trajeto cruel, em que passaram com tudo sobre quebra-molas enquanto davam risada da minha dor, pois eu tinha acabado de passar por uma cirurgia bariátrica. A única intenção era de me intimidar, de me fazer parecer fraco diante dos meus alunos."

Figura 3-B: Fragmento da reportagem do jornal Último Segundo.

Fonte: SHALOM, 2015.

Como pode-se ler no excerto acima, o professor denunciou irregularidades na escola em que trabalha há anos e, por isso, foi preso e maltratado por aqueles que deveriam protegê-lo. No consenso comum, uma pessoa, que não cometeu um crime, jamais deveria ser presa, muito menos por denunciar problemas em uma instituição e ser ainda colocada na região traseira de um carro, que é forma comumente usada para carregar bandidos após uma detenção. Segundo conta o professor, em entrevista ao jornal, ele avisou aos policiais que havia passado por uma cirurgia recentemente. O docente afirma ter sido ignorado, mas a sua expressão de dor serviu de diversão para os condutores da ação. Esses fatos, que não são únicos, refletem algumas ações contra os professores em um período democrático. Embora exista uma diferença quantitativa evidente entre os dois casos, compreende-se que as relações microssociais refletem as macrossociais.

Outro aspecto importante da sociedade contemporânea a ser destacado trata da própria mídia. De acordo com Fabrício e Moita Lopes (2002), a mídia, no sentido amplo e generalizado, adquiriu uma força imensa na atualidade, tendo se tornado produtora de regimes de verdade. Os autores argumentam acerca do papel da mídia na construção social dos indivíduos. Nesse sentido, compreende-se que os discursos produzidos pela mídia, segundo as ideias de Fabrício (2004), tornam-se parte da biografia das pessoas, pois, de acordo com a abordagem foucaultiana, a mídia seria um instrumento de poder ao disponibilizar e oferecer "crenças e valores culturais, políticos e sociais [...] pois engendram sistemas de correlações de força e

efeitos de verdade, auxiliando-nos a tecer a trama de sentidos de nossos tempos” (FABRÍCIO, 2004, p. 241).

Assim, por meio da mídia, novas identidades sobre professores foram lançadas, o que direcionariam o pensamento de muitos indivíduos. Entendendo que as pessoas buscam por referências na memória para seus posicionamentos no mundo social (CANDAU, 2014), a mídia assume um lugar que contribui com referências para os repertórios discursivos que passam a constituir e a orientar a vida social. Fabrício (2004) expõe ainda que as mídias, em geral, fazem uso estratégico da linguagem, como para produzir discursos sobre política, educação e economia. Nesse sentido, Moita Lopes (2009a) acrescenta que a mídia tem, através do modo mencionado, reproduzido discursos de senso comum e conservadores, para alcançar seus objetivos, os quais não são neutros, mas são envolvidos em questões político-ideológicas, “que operam com visões de mundo e valores específicos tendo em vista leitores e telespectadores específicos” (MOITA LOPES, 2009a, p. 133).

Conforme apresentado nas notícias, as relações de repressão do Estado contra a docência, permitem refletir relações de poder envolvendo a profissão docente no país. Ao que parece, os professores, quando subvertem a imagem dos desejos do Estado, o que inclui comportamento servil e passivo, bem como silenciamentos, são, de alguma forma, atacados (LAWN, 2001). Muitos protestos, greves e manifestações de professores já ocorreram após a redemocratização no Brasil. E como se sabe, tais paralisações chamam atenção da comunidade de modos tanto negativos quanto positivos. Professora Olga narra que, nos anos finais da ditadura militar, em um protesto de professores, a polícia reagiu de forma violenta, agredindo os participantes. Ainda que se tenha exposto somente duas notícias sobre a relação entre Estado e docência, essas representam vários outros eventos semelhantes.

Nesse sentido, Lawn (2001) argumenta que existe socialmente uma imagem de professor ideal, com base nas ideias modernistas. Assim, os significados associados a essa imagem são de um profissional responsável e de confiança. Então, a partir da desconstrução desses ideais, essas identidades negativas contra os profissionais caem sobre os docentes de forma mais prática. Tomando o sentido dos argumentos do autor, entende-se que, como a linguagem é construtiva, essa,

também, é manipulável e até silenciada. Portanto, a “linguagem do profissionalismo e responsabilidade, por exemplo, poderia ser utilizada, quer para justificar greves, quer para as atacar” (LAWN, 2001, p. 123). Rollemberg (2003) complementa essa ideia, ressaltando que as identidades profissionais de professores são envolvidas por discursos, ideias e mitos que surgem na sociedade. Ainda segundo ela, essas ideias são “principalmente no estabelecimento de aspectos negativos e positivos dessa caracterização” (ROLLEMBERG, 2003, p. 251).

Um aspecto muito importante a ser levantado, que é muito semelhante ao que ocorreu durante a ditadura militar e que ocorre atualmente, é o radicalismo de ideias expresso de forma violenta, seja física ou verbal. E, nesse sentido, a partir da contextualização do período ditatorial e do período atual, percebe-se que isso envolve a docência também. Professor Horácio, em sua construção narrativa, que parte de suas memórias individuais, diz que, durante o regime totalitário, havia “um certo ódio com quem era professor/ com quem tinha curso superior”. Ainda que não se busque fazer generalizações que afirmem que a violência contra professores seja propiciada pelas identidades que envolvem a docência, esse aspecto não pode deixar de ser considerado.

Nesse contexto, há notícias que evidenciam violências na relação entre sociedade e professores. Em um jornal local da capital do Rio Grande do Sul, a notícia abaixo expõe que vários professores de uma escola pública municipal foram agredidos física e verbalmente por parentes de alunos. Os motivos das agressões seriam banais.



Figura 4-A: Manchete do jornal Correio do Povo.

Fonte: CORREIO DO POVO, 2018.

Os relatos de agressões contra professores estão cada vez mais comuns em Porto Alegre. Em 14 dias, nove docentes foram vítimas de ataques por familiares dos alunos. Os servidores foram agredidos fisicamente - com socos, empurrões e por móveis - e também verbalmente, com ataques, inclusive, racistas e homofóbicos.

Figura 4-B: Fragmento do jornal Correio do Povo.

Fonte: CORREIO DO POVO, 2018.

De acordo com a edição, os professores foram gravemente agredidos por motivos absurdos, como chamar alunos para dentro da sala e o descumprimento de regras estabelecidas para as atividades da escola. A banalidade dos motivos dessas agressões é um dos dois pontos que se destaca na notícia. Infelizmente as agressões, em geral, contra professores, são muitas e ocorrem há muito tempo. Outro ponto que se ressalta é o do preconceito por etnia e por orientação sexual, que são constatações comuns à sociedade brasileira e, logo, não deixaria de passar pela docência. Percebe-se que a profissão docente tem perdido sua autoridade, seu respeito e sua voz.

De acordo com uma pesquisa global, o Brasil é o país que mais agride professores no mundo. Essa pesquisa, que utiliza dados até o ano de 2013, foi trazida pelo G1, conforme vê-se a seguir:

Brasil é #1 no ranking da violência contra professores: entenda os dados e o que se sabe sobre o tema

Caso de professora em Santa Catarina reabriu debate sobre agressões em sala de aula. Dados mais recentes da OCDE colocam Brasil com pior índice no mundo.

Figura 5-A: Manchete do jornal G1.

Fonte: TENENTE e FAJARDO, 2017.

Brasil #1 no ranking da violência

Uma pesquisa global da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com mais de 100 mil professores e diretores de escola do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio (alunos de 11 a 16 anos) põe Brasil no topo de um ranking de violência em escolas. O levantamento é o mais importante do tipo e considera dados de 2013. Uma nova rodada está em elaboração e os resultados devem ser divulgados apenas em 2019.

Figura 5-B: Fragmento de notícia do G1.

Fonte: TENENTE e FAJARDO, 2017.

Como pode-se ler na notícia exposta acima, o Brasil é o país onde mais se agride professores, no mundo. Essas agressões se referem àquelas sofridas dentro escolas, por isso, como já evidenciado, ao considerar as violências extramuros, professores sofrem ainda mais. Ainda segundo a pesquisa, muitos professores contaram já terem sido, ao menos, intimidados ou agredidos verbalmente por alunos, que ignoram suas autoridades. Ademais, os resultados dessa pesquisa foram obtidos a partir de enquetes. De fato, a utilização de entrevistas e até roteiros de perguntas ganharam espaço na pesquisa linguística. Estudos mais recentes em LA Indisciplinar aderiram a metodologia de entrevista narrativa para geração e

análise de narrativas. Essa forma de coleta de dados é, também, um modo de dar voz aos sujeitos e, assim, permitir que esses contem suas histórias.

A pesquisa de Sandrini (2016), por exemplo, a partir de entrevistas narrativas, investigou a formação identitária de professores em formação que, ainda no curso de Letras, faziam parte de um programa institucional para se iniciarem nas práticas docentes. Os resultados das análises das narrativas evidenciaram que os sujeitos entrevistados não utilizavam as recordações de suas práticas para suas performances identitárias – diferente do que acontece nas narrativas dos professores aposentados entrevistados para este trabalho, que contam mais detalhadamente suas experiências profissionais. Os sujeitos entrevistados pela autora utilizam discursos presentes na universidade em que estudam para suas práticas de linguagem, bem como constroem suas identidades, algumas vezes, a partir da descrição de outros personagens das suas histórias.

Nas narrativas analisadas por Sandrini (2016), ainda que existam os posicionamentos individuais de cada um dos participantes, a autora identificou que aqueles estudantes se referenciavam coletivamente ao programa institucional como uma forma de comunidade imaginada, a qual pertenciam. Tal resultado vai ao encontro do que se constatou, também, nas performances narrativas de Olga e de Chico, que contam parte de suas histórias no sentido de pertencerem a algum grupo de professores. Por fim, a autora chega à conclusão de que há uma tentativa de regulação dos posicionamentos identitários das três alunas entrevistadas, em relação aos posicionamentos distintos como alunas, professoras e pertencentes ao programa mencionado.

Pesquisas em LA Indisciplinar, também, têm se direcionado ao trabalho etnográfico, como uma tendência metodológica, devido as transformações ocorridas na área. No sentido de uma sociedade múltipla, Silva (2011) analisou narrativas de um professor e de alunos em relação às performances de masculinidades não hegemônicas. Sua escolha de pesquisa, assim como a de Sandrini (2016), deu-se pelas suas próprias experiências como aluno e como professor. De acordo com o autor, performances de gênero, que ultrapassem a hegemonia heterossexual dominante, costumam ser apagadas no contexto escolar. Dentre os resultados alcançados por Silva, pode-se destacar alguns pontos, como o papel das instituições em que o professor entrevistado trabalhou, no sentido de possibilidades ou

impossibilidades das performances identitárias dele. Os impedimentos de vivência para o professor ocorriam, geralmente, por meio de discursos religiosos e pelo fato de as instituições serem privadas.

Seguindo uma linha de pensamento foucaultiano, Silva (2011) constatou que havia, nessas intuições particulares, certa resistência ao poder hegemônico e de orientação religiosa. No entanto, as subversões narradas não se davam através de contradiscursos radicais, mas, como coloca o autor, foram construídas como micro-resistências, por poderem romper certas fronteiras e permitir reflexões sobre a relação entre escola, professor, alunos e suas respectivas performances. A instituição em que trabalhava o professor e estudavam os alunos entrevistados, no momento da geração das narrativas, foi constituída como um lugar com mais liberdade do que outras escolas. Todavia, como investigou o autor, tal liberdade não era acessível a todos os alunos daquela instituição, já que algumas performances masculinas ainda eram referenciadas como infelizes. Silva explica, a partir das ideias de Butler, que os termos que permitem que alguns indivíduos transpassem as margens em que se encontram, são os mesmos que impedem outros de fazerem tal movimento.

Além dos estudos mencionados, são muitos os autores e pesquisadoras, como Bohn, Fabrício, Lawn, Moita Lopes, Pennycook, Rollemberg, que evidenciam e problematizam questões envolvendo a profissão docente através da linguagem e suas relações sociais. Então, para finalizar esta seção, retoma-se Bohn (2013), que defende a relevância de professores recuperarem sua autoria e importância na sociedade, cuja ideia é, também, difundida nesta dissertação. Em suma, a profissão docente tem sido colocada como tendo menor importância social, em posição de criminosa e vem sendo atacada de várias formas. Assim, pode-se concluir a reflexão realizada, expondo que a docência parece estar se direcionando a um apagamento, em parte, da sua própria racionalidade, assim como sua voz, seu direito de expressão e sua sócio-história, de modo a ser deixada às margens da sociedade. Tais compreensões são completamente divergentes das adotadas pela LA indisciplinar. Portanto, ressalta-se a urgência de práticas de linguagem que reescrevam as identidades docentes, contrariando-se fortemente a essas verdades, evidenciando que essas são construções deste mundo, a partir de relações de poder e coerção (MOITA LOPES, 2006).

2.3 Linguagem, Performatividade, Iterabilidade e Citacionalidade

Esta seção dedica-se a aprofundar alguns aspectos da visão performativa da linguagem, bem como sobre a iterabilidade, um conceito mais recente, que surgiu a partir de estudos sobre a obra do filósofo John Langshaw Austin. Para compreensão dessa visão performativa da linguagem, é preciso olhar para o trabalho de Austin, que, como defende Ottoni (2002), rompeu as barreiras entre a filosofia e a linguística. Ainda que outros filósofos tenham pesquisado o uso da linguagem, como Wittgenstein, Austin teve papel fundamental para a fundamentação dessa perspectiva. O autor ainda acrescenta que, embora o filósofo não tenha desenvolvido exatamente tal abordagem, os desenvolvimentos teóricos póstumos a Austin, partiram de suas propostas. Ademais, ainda que argumentar sobre os trabalhos que envolvem esse entendimento seja um trabalho longo, essa seção resume os principais tópicos, a fim de melhor fundamentar esse conceito de linguagem, em que esta dissertação está imersa.

Austin (1990) desenvolve uma teoria dos atos de fala e, inicialmente, sugere que existem atos performativos e constatativos, que seriam, respectivamente, enunciados felizes ou infelizes, mas não verdadeiros ou falsos; e verdadeiros ou falsos, mas não felizes ou infelizes. Nessa teorização, há ainda a ideia de um ato de fala completo, o ilucocionário, aquele que ocorre na fala por meio de uma força ilucocionária e pela transmissão de um conteúdo. Conforme explica Pennycook (2007), para Austin, a felicidade dos atos se relacionava com o seguimento de uma série de comportamentos e condições sociais, para que fossem, de fato, “felizes”. O próprio autor compreende, posteriormente, que todos os enunciados são performativos, pois os enunciados performativos se identificavam como ação. De qualquer forma, a partir dessas considerações, Austin enunciava o ponto de partida para uma compreensão de linguagem, que era a noção de que ao dizer algo está se fazendo algo, isto é, a linguagem como prática social.

Nesse sentido, Ottoni (1998) expõe que, nessa teoria, há “inevitavelmente uma fusão entre sujeito e seu objeto, a fala” (OTTONI, 1998, p. 33). Então, tendo foco na constituição do eu e de uma visão performativa da linguagem, o autor argumenta que o sujeito não tem “sozinho o domínio da significação: ele se constitui no momento de sua enunciação, na interlocução” (OTTONI, 1998, p. 81). Conforme

abordado anteriormente, os indivíduos constroem/performam suas identidades na interação narrativa, não de forma anterior a essa interação comunicativa. Em outras palavras, Ottoni explica que o sujeito “passa a se fundir com a linguagem, fazendo parte dela” (OTTONI, 1998 p. 81), no sentido de que se constitui através dela e por meio dela é construído. No desenvolvimento dessa abordagem, Derrida (1988) retoma o conceito de atos de fala performativos desenvolvido por Austin, revisando tal concepção.

Os estudos de Derrida concluíram, conforme elucida Guimarães (2014), que a linguagem “não se deixa dominar, sistematizar ou idealizar por uma teoria geral do ato de fala” (GUIMARÃES, 2014 p. 46). Nesse sentido, a autora retoma Pennycook (2007) para explicar que, nessa revisão teórica, a performatividade não está associada a contextos que dariam força para os atos de fala. Isso porque para Derrida, não importa o que constitui o ato de fala feliz ou não. A performatividade então, através do uso da linguagem, estaria ligada à repetição e à citação. Assim, para o filósofo, a iterabilidade é capacidade de repetição da linguagem, em que os enunciados se atualizam e se reatualizam, como desenvolvido nesta dissertação, na interação narrativa. Nesse sentido, as repetições são o que causam uma ideia de substância e de estabilidade dos significados, como ressalta Butler (1990). Já a citacionalidade se refere à forma como esses significados podem ser extraídos de um contexto e transferido para outros (DERRIDA, 1991). Por isso, nas análises narrativas, expõe-se que a repetição de memórias ou de posicionamentos ocasiona um fortalecimento, pois se constitui de uma identidade estável, com aparência de natural, mas que é uma construção.

2.4 Performances Narrativas

Esta pesquisa está inserida no campo Indisciplinar da LA, focando os estudos de narrativas e suas relações com eventos de memória social, conforme sinalizado anteriormente. Esta seção, especificamente, desenvolve-se a partir dos estudos da narrativa, que já foram o foco de pesquisas de algumas áreas, mais precisamente a Literatura e a Antropologia. A partir de pressupostos teóricos como o da virada

linguística e o da virada performativa, nas últimas décadas, a procura pela narrativa como metodologia de pesquisa qualitativa cresceu muito dentro das ciências sociais (BASTOS e BIAR, 2015). Threadgold (2005) explica que, antes disso, as narrativas eram abordadas como sendo apenas ficção e, por isso, sendo de certa forma negada em vários aspectos e, até mesmo, sendo silenciada por discursos mais poderosos cientificamente. Nesse segmento, Kim (2016) expõe que, desenvolvida sob os alicerces de pesquisas qualitativas, a investigação narrativa com seus métodos de trabalho, abordagens próprias e estratégias de coleta e de análise, bem como por seu caráter interdisciplinar, tornou-se uma verdadeira área do conhecimento.

Nesse sentido, Thornborrow e Coates (2005) argumentam que houve uma virada narrativa, já que a abordagem desses estudos não pertencia à uma disciplina específica. Essa mudança, segundo as autoras, veio da compreensão da importância das narrativas para a vida humana social. Então, como muitas disciplinas têm trabalhado com as narrativas, cada uma tem conferido uma forma de abordagem própria, a partir de determinadas teorizações e variados modelos de análise. Ainda de acordo com as autoras, as narrativas são centrais para as identidades sociais e culturais. Nesse sentido de construção do eu e entendendo o narrar como uma ação, destaca-se o caráter performativo das narrativas. Kim (2016) explica que a investigação narrativa é, atualmente, estendida ao estudo dos fenômenos sociais e humanos e que se vive na era da performance.

O ato de narrar histórias é uma prática comum a todos os indivíduos, que narram o tempo todo, acerca de suas vidas, suas memórias, suas experiências vividas recentemente, sobre a vida dos outros, ao dar opiniões ou ao fazer fofoca. Conforme aponta Kim (2016), narrar é uma das poucas características do ser humano tida como uma característica essencial da vida e também como uma habilidade básica de expressão humana. Melo e Moita Lopes (2014) comentam que as pessoas estão habituadas a narrar desde cedo, seja contando, ouvindo ou lendo histórias. E é, através dessas histórias que, conforme dizem os autores, as pessoas relatam sobre os fatos corriqueiros tanto pessoalmente quanto por meio de ligações ou da internet. Ainda acerca disso, Fabrício e Moita Lopes (2002) explicam que contar histórias é um modo cultural privilegiado profundamente interligado ao processo de criação e de projeção dos sentidos e dos significados da vida social.

Essa habilidade de contar histórias é, então, ligada ao conhecimento de mundo que as pessoas possuem.

Nessas circunstâncias de virada narrativa, Threadgold (2005) e Freitas e Moita Lopes (2017) evidenciam as mudanças que ocorreram pelo entendimento de que as investigações narrativas passam então a ser concebidas pela perspectiva performática. Segundo eles, tais transformações vêm através da compreensão de que, a todo momento, os indivíduos estão em performances narrativas, para, dessa forma, atribuir sentido as suas experiências de vida, às suas memórias e constituírem suas identidades nas interações sociais. Nesse contexto, Bruner (2004) sugere uma visão construcionista da narrativa, pois, segundo ele, as histórias que são contadas não são exatamente uma realidade, mas uma construção realizada pelas pessoas. Ainda de acordo com o autor, a autobiografia, seja narrada formal ou informalmente, também deveria ser vista como um dos procedimentos do fazer a vida social no mundo, visto que as pessoas se constroem socialmente por meio de suas biografias, que usam para contar de si aos outros.

Como o ato de narrar é uma ação, pois se narra para construir e dar sentidos à vida social, compreende-se que é por meio das narrativas que, em todos os momentos, as pessoas se constituem em suas performances identitárias (KIM, 2016). Sobre isso, Bauman e Briggs (2006) expõem que a performance permite uma reflexão de ordem comunicativa, já que uma performance pode possuir ligação com inúmeros modos de comunicação, como por exemplo, a rememoração, as críticas, as negociações, ou seja, através de narrativas. Cabe então, ressaltar o caráter performativo das narrativas. Peterson e Langellier (2006) destacam que a virada performativa enfatiza a narrativa inserida nas práticas interacionais de comunicação e influenciada pelas esferas discursivas. Os autores ainda retomam o trabalho de Austin (1990), de quem parte a ideia de que, ao dizer algo, faz-se algo e que se destaca a partir do entendimento de virada performativa.

Peterson e Langellier (2006), ao referenciarem Butler (1990), expõem ainda a ideia de que a narrativa não é uma simples competência comunicativa, mas é performativa à medida que constrói e produz algo a que se refere; como no ato de contar histórias de vida, em que os indivíduos performam suas experiências e, assim, produzem suas identidades. As performances então são únicas e, segundo Bauman (1986), cada uma terá características emergentes, dependendo das

circunstâncias da ação narrativa. Nesse sentido, ainda se sublinha que as narrativas dos docentes entrevistados foram produzidas e performadas no aqui e no agora do momento em que colaboraram com a pesquisa, bem como seus discursos são relacionados ao contexto social daquele momento, podendo estar articulados a diversos discursos disponíveis a eles no mundo social.

Compreendendo que, para falar sobre si, uma pessoa conta uma história, Linde (1993) sugere que as pessoas se situam no mundo pelas suas histórias de vida, por isso, uma interação social requer uma história com coerência e que possa ser aceita pela audiência. Nesse sentido, ainda que o conceito do processo de narrar, definido por Kim (2016) e já mencionado, seja importante, Charlotte Linde conceitua as chamadas histórias de vida ou autobiografias. Segundo a autora, uma história de vida equivale a todas as histórias que a compõem, incluindo todas as unidades discursivas e suas conexões. Daí tem-se a ideia de uma história de vida ser modificável, pois isso dependeria, além dos discursos disponíveis a cada momento de narrar de cada indivíduo, do contexto em que estão situados e da interlocução (BOSI, 1994). Além disso, nas ideias da autora, as histórias de vida precisam atender a dois critérios específicos.

O primeiro critério levantado pela autora compreende que as histórias de vida devem dizer algo sobre o narrador especificamente, e não apenas trazer uma narração sobre o mundo em geral, o que, de qualquer forma, seria uma narrativa. Já o segundo ponto, trata do entendimento de que as narrativas precisam ser recontadas ao longo da vida. Esse critério, pode ser abordado pela ideia de que as performances ganham força pela repetição durante uma interação, como a entrevista narrativa por exemplo, conforme expõe Pennycook (2007). Essa posição sobre as ideias de Linde (1993), em relação à repetição, é sugerida por Silva (2011). As considerações sobre histórias de vida da autora correspondem às teorizações sobre performance narrativa e, também, de posicionamento, que são desenvolvidas nesta seção. Ademais, os termos histórias de vida, autobiografia, narrativas de vida e narrativas de experiência de vida são tratados como sinônimos nesta dissertação.

Nas pesquisas em LA, a investigação narrativa teve uma guinada há alguns anos, sendo essa, atualmente, uma forma de trabalho muito recorrente. Por outro lado, as pesquisas na área de Educação já utilizam as narrativas em primeira pessoa como fonte de trabalho há muito tempo (PASSEGGI, NASCIMENTO e

OLIVEIRA, 2016). No sentido social de construção narrativa, Passeggi (2010), além de denominar as autobiografias como um modo em que o sujeito se coloca no centro da narrativa, argumenta que o ato de narrar é algo humano e biografar uma ação civilizatória. Assim, ela explica que esse processo é marcado pela cultura e está permeado de relações de poder. A autora ainda coloca que um dos objetivos de fazer pesquisa autobiográfica é o de investigar as relações entre linguagem, práxis social e pensamento, em uma interação com o outro. Em suma, segundo ela, a análise dos dados visa compreender de que formas os indivíduos atribuem sentidos ao eu, às suas histórias e suas relações com os outros.

Outras características importantes das narrativas de vida são, segundo Linde (1993), projetar uma certa coerência sobre a história e sobre as identidades, bem como o reivindicar pertencimento a um grupo específico. Esse aspecto foi constatado algumas vezes nas narrativas dos professores entrevistados, em dois sentidos específicos. O primeiro desses, compreende-se por ser o ato de inserir um personagem no sentido testemunhal, que reivindica uma verdade que poderia ser comprovada por alguém próximo a eles. Esse aspecto é melhor desenvolvido adiante, quando se disserta na relação entre narradores e audiência. O segundo, como mencionado pela autora, nota-se quando os professores se constroem de forma coletiva, contando eventos em que as ações realizadas não eram somente deles.

Um excerto que exemplifica as ideias discorridas acima é narrado por professor Chico, quando ele expõe sobre as proibições que teve sobre o trabalho educacional que realizava com outros professores: “a gente teve então uma série de ações bloqueadas quer dizer o trabalho educacional feito naquela época por mim e por uma série de outras pessoas professores que ficaram sendo quase fundadores da Universidade”. Outro exemplo que evidencia, explicitamente, a reivindicação de pertencimento a um grupo se refere ao momento em que professora Olga conta sobre suas práticas docentes, que envolviam a interdisciplinaridade: “[...] tinha sido transferida assim a reveria e/ eu e a outra amiga minha que trabalhava comigo/ então desmantelavam os grupos/ que trabalhávamos já naquela época com interdisciplinaridade”.

Como as narrativas dos professores contemplam as suas histórias de vida profissional, acredita-se que a ideia de pertencimento a um grupo é comum aos docentes, principalmente, quando contam sobre a rotina de trabalho. No sentido de construção das identidades profissionais, Rollemberg (2003) explica que essas são variáveis de acordo com o status da profissão tanto a ideia social que se tem sobre, por exemplo, a docência, quanto ao status que se dá pela relação entre entrevistador e entrevistados. Assim, sobre as entrevistas narrativas realizadas, entendendo-se que, como o pesquisador era um professor em formação e, tendo aos indivíduos sido solicitado contar sobre suas trajetórias profissionais, eles narram muitas informações sobre sua vida profissional, que seria, de certo modo, “esperadas” pelo entrevistador. Ainda assim, as narrativas analisadas indicam as particularidades de cada performance identitária.

Rollemberg (2003) ainda retoma Linde (1993) para explicar que, quanto mais os sujeitos relatam suas práticas, isso acarreta uma satisfação para o narrador, já que sua história é enriquecida de lembranças. Nesse sentido, como já comentado, quanto mais um sujeito repete suas performances, essas ganham força (PENNYCOOK, 2007). Freitas e Moita Lopes (2017) complementam a ideia de repetição, ao tomarem as ideias de Derrida, expondo que a “sua repetição pode ser compreendida como construindo substância para processos ficcionais de identificação” (p. 308). Então, nesse processo de repetições, os significados podem ainda ser revistos e alterados. Por fim, Linde (1993) traz a ideia que, em uma narrativa que envolve a vida profissional, os sujeitos fazem repetições, como ocorre nas entrevistas analisadas, para justificar suas escolhas e o quanto isso representa para suas vidas. Embora as repetições ocorridas possam ser observadas no capítulo específico das análises, cabe ressaltar a predicação que Olga faz sobre sua escolha profissional, ao dizer que é “uma paixão dar aula/ não tem outra coisa outra profissão mais bonita/ não existe/ é formar pessoas/ é/ não é informar”.

Dentro das muitas características das narrativas, Mishler (2002) investiga os aspectos temporais, argumentando sobre duas abordagens relacionadas às funções do tempo, que são o tempo narrado e o tempo narrativo. O primeiro remete ao tempo dos eventos ocorridos e que estão sendo contados; o segundo se refere ao momento que a narrativa é construída, ou seja, o momento em que é proferida pelo seu narrador. O tempo narrativo transcende o tempo cronológico dos eventos

narrados e é construído, também, no processo de narrar. O autor, assim como Bruner (2004), trata a narrativa como uma forma de construção e constituição da realidade. Nesse sentido, Bastos e Biar (2015) complementam essas ideias, expondo que as narrativas não objetivam informar uma realidade concreta, mas dispõem de funções complexas e habituais relacionadas às experiências diárias, à construção da sociabilidade e à constituição dos sentidos da vida no mundo social. Cabe fazer uma colocação sobre o evento narrado e sobre o evento narrativo, que são, respectivamente, qualquer acontecimento ou história que um narrador conte, e a construção de tudo que é contado na interação (BAUMAN, 1986). Por isso, em relação aos tempos narrado e narrativo mencionados, utilizam-se os termos evento narrado ou eventos narrados e evento narrativo, respectivamente, para designar as recordações passadas que são reconstruídas e performadas em um determinado momento, como uma situação de entrevista.

Ainda nas considerações de Mishler (2002) sobre o tempo da narrativa, o autor explica que o narrador possui um certo conhecimento do final de sua história, pois ele já a vivenciou. Nesse sentido, um indivíduo reconstrói os eventos narrados, performando-os em uma ordem hierárquica significativa para ele. Como o próprio autor coloca, “o tempo narrativo é central para a maneira como uma história é estruturada e entendida, e o ordenamento temporal é simplesmente uma estratégia para organizar os eventos em um enredo” (MISHLER, 2002 p. 106). Conforme as análises, no início da narrativa de Chico, o professor conta que teve problemas no ano de 1964 e que tiveram consequências posteriormente. Todavia, ele segue sua narrativa em uma determinada ordem, que parte de um evento inicial, mas que só é contado no final da entrevista. Ainda sobre a ordem temporal, o entrevistado deixa claro que escolhe os fatos que decide narrar, quando expõe que “tive essas consequências todas né que eu tô colocando as maiores”.

Outro ponto muito importante a ser dissertado, trata do posicionamento dos indivíduos ao narrar. Nesse sentido, entende-se que ao narrar uma história de vida performam-se identidades sociais, atribuindo sentidos ao eu e suas relações com o mundo e outros personagens. Assim, compreendendo-se as performances surgem da interação, os sujeitos, ao referenciar e predicar os personagens de suas histórias, acabam por construí-los e, conseqüentemente, constroem a si também. Para Davies e Harré (1990) o posicionamento é um processo discursivo por meio do qual os

narradores se localizam em uma narrativa como participantes e, também, como observadores, em uma forma conjunta. Eles ainda indicam que, em uma interação narrativa, pode haver tanto o posicionamento reflexivo, o do próprio narrador, quando o narrador faz uma autorreferência e predica a si mesmo na narrativa – como também o posicionamento interativo, que é o ato de posicionar e constituir as outras pessoas da história.

Um exemplo de posicionamento reflexivo e autorreferencial ocorre quando professora Olga conta que “eu era bem jovem recém formada”. Ela, além de referir-se a si mesma no passado, faz uma predicação, performando-se como muito jovem na época em que tal evento ocorreu. Bamberg (2002), por sua vez, considera o narrador como um agente que se posiciona, relativamente, ciente do que está fazendo e de modo espontâneo. Dessa forma, de acordo com o autor, um narrador dá um sentido ao que é e ao que os outros são, bem como ao seu lugar de pertencimento. Em outras palavras, De Fina e Georgakopoulou (2012) explicam que o eu narrador é como uma entidade mais ou menos estável, que estaria além ou acima da situação de interação durante ato de contar uma história, pois esse conhece o final dela.

É possível observar que professor Chico, em sua construção narrativa, demonstra explicitamente o conhecimento sobre final de sua história, quando no início da entrevista ela conta que “não estive lá/ depois terminei indo/ mas essa coisa toda e proibido de uma série de ações lá no início em 64/ coisa que aconteceu lá e tive essas consequências todas né que eu tô colocando as maiores”. Percebe-se, também, que o docente ainda define os eventos escolhido para serem contados como os maiores de sua trajetória. Para as análises realizadas nesta pesquisa, todas as colocações explicadas e as características da narrativa apontadas e de posicionamento são consideradas, conforme vê-se no capítulo 4. Ainda no sentido de posicionamento, Bruner (2004) coloca que é inevitável o fato de assumir uma posição moral ao narrar, ainda que seja uma posição contrária a uma moralidade.

No processo de narrar, a audiência é determinante, já que um narrador performa sua história de vida direcionando-se para alguém. Nesse sentido, em uma interação de entrevista narrativa, o entrevistador também pode ser inserido nos eventos narrado e narrativo pelo entrevistado. Wortham (2001) sublinha essa ideia, expondo que, nesse processo de interação, ocorrem várias relações entre os

participantes no evento de se contar histórias. Nessa direção de pensamento, Bauman (1986) argumenta em relação a um aspecto estratégico da narrativa sobre o posicionamento, o de metanarrativa. O autor explica que, na interação entre entrevistados e audiência, o narrador pode construir uma ligação com o ouvinte, como uma ponte entre evento narrado e narrativo, para atingir faticamente sua audiência, o que faz com que esse tenha uma maior aproximação e identificação com sua história, podendo até participar dela. Ele ainda sugere que não há narrativa sem metanarrativas.

De acordo com as explicações de Bauman (1986), a metanarração é a tomada de elementos da história, como condutas, o próprio entrevistador ou de personagens da narrativa por parte do narrador. Assim, o indivíduo pode fazer um comentário avaliativo ou de julgamento, como em uma autorreferenciação, em que esse se dirige a si mesmo. Assim, quando um entrevistado, por exemplo, se dirige diretamente ao pesquisador, está explicitando a interação e colocando-o como parte de sua performance narrativa. Desse modo, o indivíduo ainda se constitui da maneira como quer que sua audiência o veja. A metanarração é um dos aspectos destacados por Bastos (2005), bem como o uso de fala citada e o apelo às emoções, que dão à narrativa uma imagem mais estratégica também.

Acredita-se ainda que a metanarração reivindica acesso de verdade aos eventos narrados, como evidenciado nas análises das narrativas utilizadas. Pode-se observar a ocorrência da metanarração, por exemplo, quando Olga faz um comentário avaliativo autorreferencial ao recordar os anos iniciais de sua prática docente: “tu vê eu era bem jovem recém formada eu e o professor (nome ocultado) que é outra pessoa que tu deves entrevistar/ nós trabalhamos juntos na universidade”. Como lê-se no excerto destacado, a professora se direciona ao pesquisador, conectando o evento narrado ao evento narrativo pelo seu comentário. Além disso, Olga ainda insere outro personagem na história, o qual, segundo ela, o pesquisador deveria entrevistar. Entende-se que a professora posiciona o colega de trabalho como uma testemunha dos atos que ela narra, pois ele poderia confirmá-los para o entrevistador.

Ainda que a metanarração ocorra várias vezes na narrativa de Olga, exemplificam-se esses argumentos, também, a partir da entrevista com professor Chico, em que ocorre uma passagem duplamente metanarracional. O docente, ao

comentar sobre os colegas de trabalho do período da ditadura militar, direciona sua história ao entrevistador, colocando-o como parte dela, o que evidência não só a interação da narrativa, como um movimento fático que diferencia o conhecimento do professor sobre os outros personagens do conhecimento que tem o pesquisador. Como vê-se em: “hoje tu não sabe né/ eu sei porque eu vivia na época/ porque eu vejo então as pessoas”. Conforme analisado e exposto na seção correspondente, o professor se dirige faticamente ao pesquisador e, além de fazer uma auto-referenciação afirmativa, posiciona o pesquisador de forma assimétrica, pois ele estaria em desvantagem por não ter tal conhecimento.

No caso do exemplo apontado acima, compreende-se que há uma reivindicação de acesso à verdade sobre a história narrada, pois a metanarração, nas formas evidenciadas, envolve o status epistêmico do narrador com sua história. Nesse sentido, ainda que as ferramentas de análise da narrativa sejam explicadas no capítulo 3 e seção 3.4, essas são a referência e predicação; os descritores metapragmáticos; a citação; os indexicais avaliativos e a modalização epistêmica (WORTHAM, 2001). Essas ferramentas envolvem a indexicalidade, construto teórico apresentado na seção 2.7, para explicar de que formas o narrador constitui e posiciona sua história de vida, seus personagens e a si propriamente.

Ainda no contexto de construção narrativa, Bastos (2005) explica que a cada performance que o narrador performa, esse pode transformar sua história para se adequar às diversas situações do mundo contemporâneo instável. Nesse sentido, Freitas e Moita Lopes (2017), ao analisarem as performances narrativas de um aluno migrante e averiguarem que, embora o jovem se constituísse como heterossexual, no sentido heteronormativo e branco, ele questiona seus próprios posicionamentos sobre gênero e sexualidade, ao longo da narrativa. Para essa constatação, os autores chamaram de desequilíbrios narrativos. Eles ainda complementam a ideia, expondo que ainda que o jovem tenha tido desequilíbrios em sua narrativa como migrante no Brasil, tal característica tem sido associada aos fluxos e mobilidades da atualidade em nível mundial.

Na narrativa do professor Chico, quando ele narra sobre os docentes que eram tanto a favor da ditadura militar quanto os que eram contra acabaram por misturar-se, não haveria como saber mais quem era quem naquele momento da entrevista. A partir disso, o professor entrevistado expõe que anistiou os seus

colegas que o fizeram mal, todavia, em seguida, diz não ter perdoado a todos, pois alguns ele não poderia. Logo após, retoma essa ideia e, novamente, afirma ter perdoado. Reconhece-se que, nessas alternâncias da performance, que indicam o não reconhecimento do narrador sobre essas pessoas devido às transformações e multiplicidades mundo, nos anos posteriores à ditadura, há desequilíbrios narrativos, conforme sugerido pelos autores mencionados.

Retomando o posicionamento assumido para esta pesquisa em LA indisciplinar, que se estabelece, na seção 2.2, com intuito de chamar a atenção para determinadas narrativas que têm se tornado recorrentes e até dominantes sobre a docência, no Brasil, reflete-se acerca da reescrita dessas narrativas. Threadgold (2005) argumenta em relação a uma política narrativa, no sentido de posicionar-se contra essas narrativas citadas, que constroem determinadas realidades sociais. Então, inspirando-se no que propõe o autor, a partir de uma reescrita dessas narrativas pode-se transformar as identidades que são produzidas sobre a docência. Embora, para ele, seja necessário ainda reescrever os corpos e práticas sociais cotidianas, o que não seriam, necessariamente, histórias, mas fazem parte delas. Dessa forma, o autor conclui que a política narrativa é, no sentido mais amplo, uma política textual, que permite caminhos para mudanças necessárias, como sobre a profissão docente.

2.5 Memória, Rememoração e Esquecimento como Performances

Para esta pesquisa configurada nas bases de estudos de narrativa como performance, que parte de entrevistas com professores que atuaram durante o período ditatorial e que constroem suas narrativas com base em suas experiências passadas, torna-se relevante e imprescindível abordar considerações teóricas de Memória Social. Então, na compreensão de que se narra para dar sentido ao ser no mundo social, como foi exposto, é notória a ideia de que a memória está interligada com o próprio processo de narrar e à construção das identidades. Sendo assim, faz-se importante ressaltar que, ainda que se compreenda a óbvia capacidade humana de recordar eventos, essa pesquisa foca apenas nas lembranças que são narradas,

ou seja, nas construções narrativas e autobiográficas ocorridas no aqui e no agora do momento da realização das entrevistas.

Candau (2014), nesse sentido, explica que existe um consenso entre teóricos que são contrários às ideias essencialistas e positivistas de que as identidades são construídas nas interações sociais com outro, seja um outro fisicamente presente ou personagem de uma narrativa. Além disso, o autor expõe que a memória, como explicitado anteriormente, é uma reconstrução do passado que se atualiza continuamente. Isso significa que a cada vez que um sujeito conta suas memórias, está recriando suas narrativas de vida. Ainda, conforme o autor, a ideia de que se pode memorizar fatos e experiências, conservá-los e, posteriormente, recuperá-los íntegros é inexistente e insustentável. Tal entendimento tradicional advém de princípios modernistas, que acreditam que o sujeito possuía uma razão centralizada, e que sua identidade era unificada e não sofreria alterações ao longo da vida.

Uma narrativa de vida é, obviamente, permeada por lembranças. Nesse sentido, compreende-se que faz parte da ação de narrar o processo de rememoração. Portanto, uma narrativa autobiográfica pode ser considerada, de certa forma, um sinônimo de rememorar. Assim, considera-se que os estudos de memória social complementam a compreensão das narrativas, ampliando as possibilidades de análise e de entendimento da vida social. Esses ainda podem propiciar novas reflexões e intravisiões teórico-metodológicas para outros estudos sobre memória fora do campo indisciplinar da LA. Nesse sentido, o processo de rememorar envolve escolhas lexicais, significados culturais e, por ser mutável, ocorre de forma única de acordo com o contexto temporal, com o ambiente, com a audiência e com os discursivos disponíveis ao sujeito naquele momento (BOSI, 1994).

Ecléa Bosi (1994) complementa essas ideias com informações muito relevantes sobre o processo de rememoração como sendo uma construção interacional. Segundo a autora,

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a

lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termo de ponto de vista (BOSI, 1994, p.55).

No sentido de que a rememoração ocorre a partir de elementos disponíveis no momento em que se narra, é possível notar, várias vezes, que os professores entrevistados estabelecem uma ligação entre as memórias e o momento presente das entrevistas, que ocorrem como movimentos fáticos, embora não sugestivos, como os demais explicitados nas análises e já mencionados neste capítulo. Essas ligações são atualizações de suas memórias, como quando dizem os nomes de instituições ao entrevistador. Para exemplificar, atenta-se para o excerto da narrativa de Chico, quando conta “eu dava biologia no então científico/ hoje ensino médio”; ou ainda quando Olga conta “os meus alunos foram para a porta da delegacia de ensino/ que hoje é a X^aCREA/ pedir para mim voltar e não adiantou”. Ademais, essas colocações ressaltam, também, o caráter interacional do processo de rememorar.

No processo de reconstrução das memórias e das experiências passadas, muitas vezes, há o esquecimento. Segundo Candau (2014), o esquecimento não significa uma fragilidade das lembranças ou que o processo de lembrar está fracassado, pois isso, no sentido social, pode ser uma censura importante e indispensável para a vida estável de alguém ou de um grupo. Dessa forma, percebe-se que o professor Chico faz referência a alguns personagens da sua narrativa que teriam feito mal a ele durante a ditadura militar, expondo que havia anistiado algumas dessas pessoas. Pelo verbo anistiar, além de fazer uma referência a lei de anistia, que reverteu punições de criminosos do regime ditatorial e que indexa esse posicionamento aos personagens mencionados, o professor performa esse perdão aos ex-colegas como um esquecimento. A ideia de que essa anistia é uma construção performativa dá-se pelo fato de que ele assume a postura de poder anistiar ou não, bem como pelo fato de que há desequilíbrios narrativos quando ele conta sobre quem são os colegas atualmente.

Nesse sentido, como as identidades e as lembranças são inseparáveis, ao reconstruir suas lembranças, os indivíduos estão performando suas memórias. Portanto compreende-se que a rememoração, assim como as memórias e as identidades, é constituída na performance narrativa, pelo entendimento do caráter performativo da linguagem (CANDAU, 2014). Dessa forma, toda vez que um sujeito reconstrói suas lembranças, está performando-as de acordo com o momento, o contexto e a audiência, conforme já explicitado (BOSI, 1994). Pode-se dizer que há, praticamente, um consenso entre pesquisadores que tratam a memória, a rememoração e o esquecimento como performances, tanto na área dos estudos da linguagem quanto na da educação. Enfim, acredita-se que somente pela performance, a rememoração é, efetivamente, uma atualização do passado.

Ademais, retomando a ideia de esquecimento social exposto, Signorini e Freitas (2015), em um trabalho de iniciação científica que analisou a narrativa de um professor preso na década de 70, propõem, com base nos autores citados, que um esquecimento é também performado na narrativa. Então, constata-se que essa forma de esquecimento é algo construído na narrativa pela linguagem e que tem o significado de anistiar, logo, pode ser vista como sendo uma lembrança para o professor. Tal entendimento compreende que, ao dizer que algo foi esquecido, não se trata necessariamente de uma verdade, mas trata-se de um posicionamento que mantém a continuidade da coerência narrativa.

Além disso, outra característica do processo de rememoração, como inicialmente comentado, é a busca na memória por referências para os posicionamentos e construções narrativas. Como já discutido, a relação da mídia com a sociedade, que se dá pela produção de verdades e até da propagação de narrativas que geram identidades sobre a docência, ressalta-se que as mídias se tornaram referências para a vida social. Pode-se pensar que essa ideia não é atual, mas, no sentido explicado por Arfuch (2002), a mídia tem essa forma de referência há muitos anos, quando passou a retratar a vida das celebridades, por exemplo. Em um sentido consumista, a ideia de observar a vida privada de outras pessoas e o desejo de segui-las, tendo o que os outros possuem, demonstra como as mídias alcançaram esse papel (MOITA LOPES, 2009a). Por isso, compreende-se que atualmente as pessoas, de forma mais ou menos conscientes, usam referências dispostas a elas por meio midiático para suas construções performativas.

No sentido abordado por Fabrício (2004), essas referências por discursos que estão disponíveis na sociedade, acabam fazendo parte das memórias e dos posicionamentos sociais das pessoas. Em outras palavras, Bamberg e Andrews (2004) trazem a ideia de que a própria autobiografia não poderia ser uma história somente de um narrador, mas não somente por compreenderem que os indivíduos se constroem em relação às histórias dos outros, mas pelas influências que acercam a sociedade e que, muitas vezes, as pessoas não possuem consciência.

2.6 Indexicalidade, Contextualização e Entextualização

Ainda no âmbito dos estudos da linguagem e das narrativas como performances, há três teorizações importantes a serem destacadas, que são a entextualização, a contextualização e a indexicalidade. Esta seção objetiva desenvolver essas teorizações que são utilizadas, também, como princípios analíticos para as narrativas. Além disso, articula-se a compreensão da indexicalidade, primeiro tópico desta seção, às ferramentas de análise, que são ressaltadas na seção 3.4.

Nas circunstâncias que envolvem o uso da linguagem como prática social nas narrativas, nos processos citados nas seções anteriores, ainda se faz importante dissertar sobre a indexicalidade ou valores indexicais, conforme abordagem de autores da área. Esse pressuposto teórico indica que a linguagem é atravessada por valores, o que remete a significados sociais mais amplos, que estariam “fora da narrativa”. Collins (2011) sublinha que esses significados são sociais, porque não são literais, bem como são pretendidos ou não pelo sujeito. A partir das explicações do autor, pode-se dizer que, ainda que a linguagem seja perpassada por normas e regularidades, como já mencionado, o significado indexical está relacionado com a performance.

Blommaert e Rampton (2011) referem-se à indexicalidade como sendo a significância conotativa dos signos e chama atenção, também, para que não se considere o significado literal do que é dito, pois até a mudança de estilo de fala é

um aspecto a ser considerado em uma situação de interação. Guimarães e Moita Lopes (2017) complementam que a indexicalidade é uma dimensão do signo linguístico que faz projeções semiótico-textuais. Assim, os significados, que são multimodais, são contextualmente analisados. Ademais, Blommaert (2006) coloca que os indexicais são locais e translocais, bem como momentâneos ou duradouros.

Blommaert (2010), com base nas ideias de Silverstein, explica que a indexicalidade deve ser abordada a partir de suas duas ordenações. A primeira é, conforme explicado anteriormente, a indexical, que possibilita analisar os significados e os discursos que são indexicados pelos sujeitos sociais e a forma como esses constituem suas performances a partir disso (MELO e MOITA LOPES, 2014). Em outras palavras, conforme complementam Freitas e Moita e Lopes (2018), a primeira ordenação da indexicalidade viabiliza a análise de modelos “de semelhança e de estabilidade levando em conta padrões compartilhados de significados e tradições anteriores de fazer sentido” (FREITAS e MOITA LOPES, 2018, p. 7). Já a segunda, Blommaert (2010), a partir das ideias foucaultianas de ordem do discurso, chama de ordens de indexicalidade. Essa refere-se à hierarquização dos indexicais, aos valores culturais e às normas sociais indexadas discursivamente.

Guimarães (2014) retoma Collins (2011) para expor acerca da importância do estudo da indexicalidade, que pode ser aprofundado a partir do uso de ferramentas analíticas, a exemplo trazido pela autora, de contextualização. Embora, esta dissertação não utilize as referidas pistas, especificamente, Wortham (2001) baseou-se nelas para propor cinco pistas indexicais. A partir das ferramentas desenvolvidas pelo autor, que são referência e predicação, descritores metapragmáticos, indexicais avaliativos, citação e modalização epistêmica, pode-se averiguar que escolhas são feitas pelos narradores, que significados são indexados, quais ordens de indexicalidade norteiam suas performances e como posicionam a si e aos demais participantes da interação.

Um exemplo bastante recorrente nas narrativas analisadas é a ideia de subversivo, já que ser considerado assim durante a ditadura militar, indexalizava uma série de outros significados construídos socialmente, como “esquerdista”, “comuna” e “terrorista”. Como nota-se pela análise da narrativa de Horácio, as imbricações disso eram muito sérias. Nesse sentido, Blommaert e Rampton (2011)

expõem que a própria imbricação interpretativa de um significado não é algo que ocorre “ao acaso”, mas é ligada a “exposições anteriores aos discursos circundantes” (BLOMMAERT e RAMPTON, 2011 p. 8).

Pode-se acrescentar ainda que, ao abordarem o comunismo, nas narrativas analisadas, os sujeitos mobilizam uma ordem de indexicalidade, pois a partir das performances de Olga e de Horácio, por exemplo, comunismo indexa valores que são hierarquizados por eles como inferiores à sociedade que pertenciam e ao local de trabalho. Todavia, Olga contrapõe-se a esses significados, constituindo seu pai e então a si mesma como comunista. Para isso, pelas pistas indexicais, pôde-se analisar que recursos linguísticos ela utiliza para ressignificar contextualmente o comunismo como algo positivo e parte de sua vida.

Além disso, pode-se exemplificar a indexicalidade pelo modo de tratamento do pesquisador com os entrevistados, por chamá-los por professores, por senhor ou por senhora. Ainda que tenha se identificado como estudante e professor em formação, ao tratá-los assim, indexa um posicionamento de respeito e de menor distanciamento, no sentido da relação entrevistador e entrevistado, que não se conheciam até o dia da entrevista (GUIMARÃES, 2014). Tais índices apontam para educação e respeito, mas que poderiam ser ainda tanto espontâneos quanto estratégicos, pois, como explica Guimarães (2014), essa forma de tratamento, que poderia ser utilizada para pessoas mais velhas, tem seu significado indexado pelo contexto de uso. Nesse sentido, como esses significados são contextualmente compreendidos e recuperáveis nas análises, cabe dissertar sobre a contextualização e sobre a entextualização.

Sobre o contexto das narrativas, inicialmente, expõe-se que esse se difere do entendimento de contexto físico que se encontram os participantes da interação. Bauman e Briggs (2006) explicam que há uma alteração de contexto para contextualização, porque, conforme eles, o contexto não é definido, diretamente, pelo ambiente físico ou pelas circunstâncias sociais, mas surge da interação e da negociação entre sujeitos. Assim, faz-se necessário verificar, em detalhes, a forma como os participantes de uma interação narrativa constroem juntos o mundo social. Os autores ainda sublinham que os textos trazem implicitamente normas sociais, culturais e ideológicas, por exemplo. Então, na repetição dessas entextualizações incessantes, novos significados podem surgir e, conseqüentemente, novas

possibilidades de contextualização. Assim sendo, compreende-se que a performance narrativa possui, também, uma dinâmica de recontextualização, conforme explicam os autores.

Bauman e Briggs (2006), que cunharam o termo entextualização, explicam que essa é a dinâmica de “tornar um discurso extraível, de fazer de um trecho de produção linguística uma unidade – um texto – que pode ser extraído de seu cenário interacional” (BAUMAN e BRIGGS, 2006, p. 206). Fabrício (2017) explica que os autores desenvolveram a entextualização em diálogo com a noção de intertextualidade, por reconhecerem que os textos deixam marcas em suas trajetórias. Por isso, a investigação dos autores é o que ocorre com os textos em seus novos contextos e quais novos sentidos são atribuídos nesse processo. Assim, entendendo essa dinâmica, em que uma unidade pode ser removida do seu contexto original, essa unidade além de trazer ainda algo de seu contexto anterior, passa pela descontextualização, então, pela entextualização e até pela reentextualização. Freitas e Moita Lopes (2017) ressaltam que essa capacidade de entextualização da narrativa significa que, sempre que se conta uma mesma história, essa é uma outra versão, já que está sendo “entextualizada em outro contexto criado ao narrar” (FREITAS e MOITA LOPES, 2017, p. 307).

Ainda nesse sentido, Guimarães e Moita Lopes (2017) expõem que as trajetórias textuais passam por vários eventos e produzem “localmente relações de significado que são históricas, sociais e identitárias” (p. 28). Nas narrativas analisadas, evidenciou-se algumas entextualizações, como a realizada por professor Chico, ao entextualizar, explicitamente, uma piada do período da ditadura militar: “o que que tu acha disso de um barbarismo desse e a pessoa dizia assim eu não acho nada porque um amigo meu achou e até hoje não acham mais ele hhh/ então o pessoal tinha muito medo.” Quando questionado pelo entrevistador sobre a relação dos alunos a respeito das prisões e dos desaparecimentos, o docente utiliza a piada, num contexto de entrevista narrativa, em que recorda suas memórias do regime militar. Ao fazer tal entextualização, o professor reitera a ideia de silenciamento e acaba desvencilhando-se de responder à pergunta, partindo para outro evento narrativo, sob nova contextualização.

3. Procedimentos Metodológicos

Neste capítulo, apresentam-se todas as etapas do desenvolvimento metodológico desta pesquisa, assim como expõe-se os construtos teóricos que fundamentam a forma de coleta das narrativas utilizadas e as análises realizadas. Nesse sentido, disserta-se sobre a entrevista narrativa, que é a metodologia adotada nesta dissertação. Esse tipo de entrevista, além de ser considerada uma interação social, não ocorre como uma entrevista tradicional, em que se parte de perguntas pré-definidas. Na seção seguinte, traz-se informações metodológicas sobre os sujeitos participantes das entrevistas realizadas, como, por exemplo, os nomes fictícios aplicados aos entrevistados. Por fim, neste capítulo, disserta-se acerca das cinco ferramentas analíticas propostas por Wortham (2001), que são a referência e a predicação; os descritores metapragmáticos; a citação; os indexicais avaliativos e a modalização epistêmica.

3.1 Entrevistas Narrativas

A prática de entrevistas é, desde o advento dos meios de comunicação e da mídia, muito comum em quase todas as culturas do mundo contemporâneo. Pelas entrevistas pode-se ler ou ouvir opiniões, adquirir determinadas informações e até conhecer a vida individual e as experiências das pessoas. A partir de entrevistas surgiram até verdadeiras indústrias, como as revistas impressas ou eletrônicas, canais da internet e também os programas de entrevistas da televisão (GUBRIUM e HOLSTEIN, 2003). A partir de constatações sobre mídia e entrevistas na contemporaneidade, Silverman (1993) argumenta que se vive, atualmente, no período sócio histórico da sociedade da entrevista. Conforme comenta Campos (2013), o argumento desse autor sugere que a vida social é, atualmente, constituída por opiniões, que são, muitas vezes, apresentadas sob o formato de entrevistas. O que significa, conforme exposto no capítulo 2, que as informações divulgadas por meio de mídias, por serem disponíveis às pessoas, se tornam parte de seus

repertórios linguísticos, de seus posicionamentos e passam até a ser parte de suas memórias e a influenciar a forma como rememoram (BOSI, 1994, FABRÍCIO, 2004).

No âmbito do tema dessa pesquisa, nota-se que, nos últimos anos, várias reportagens evidenciaram manifestações e opiniões daqueles que pediam o retorno da ditadura militar através de uma nova intervenção. Muitas vezes, pessoas comentam na mídia a informação de que no período ditatorial indivíduos “de bem” não eram perseguidos, assim como só bandidos e comunistas eram torturados. Ainda que se entenda que essas narrativas partem de um senso comum, percebe-se o quanto elas constituem determinados pensamentos e direcionam a vida social de inúmeras pessoas. Conforme já mencionado, esta pesquisa se posiciona contra esses discursos, evidenciando que não só professores com um posicionamento político e ideológico contrários à ditadura foram perseguidos e torturados, mas, também, aqueles que expressavam sua opinião. Além disso, de acordo com os relatos dos professores entrevistados, ainda que proferissem comentários que em nada envolvessem o regime em vigor, caso fossem mal interpretados ou se alguém não concordasse ou se agradasse, eles eram denunciados e levados a interrogatório.

Sabe-se, conforme expõe o jornalista Elio Gaspari (2014), que os conflitos entre grupos radicais, com ideias político-ideológicas extremistas, como os que ocorreram no Araguaia⁷, nas décadas de sessenta e setenta, contribuem para a forma de justificativa para os atos citados acima. Percebe-se que, nos tempos atuais, os pensamentos radicais e dualistas vêm tomando conta da mente de muitas pessoas. Nesse sentido, essa pesquisa opõe-se, também, a essa forma de pensar e de posicionar-se, porque a vertente indisciplinar da LA considera o pensamento dualista e radical como um vestígio do pensamento iluminista e da modernidade, que visava o mito do progresso. Nota-se que esses pensamentos extremistas e opostos, geralmente, excluem pessoas e circunstâncias sociais de suas narrativas e as deixam às margens da sociedade. E são, nessas margens da sociedade, que os professores entrevistados se situam, conforme argumentado na seção 2.2. Além disso, muitas batalhas ao longo da história da humanidade surgiram pelos

⁷ Nas décadas de sessenta e setenta, nas proximidades do rio Araguaia, houve muitos conflitos entre guerrilheiros do grupo Guerrilha do Araguaia e soldados do exército brasileiro. O grupo de extrema esquerda, que visava uma revolução socialista, foi quase dizimado pelos militares.

extremismos em geral. Ainda acerca do episódio histórico mencionado, relacionado às considerações apresentadas, Gaspari (2014) relembra que

O que se deu no Araguaia foi o paroxismo do choque dos radicalismos ideológicos que, com seus medos e fantasia, influenciaram a vida política brasileira por quase uma década. A esquerda armada supusera que estava a caminho da revolução socialista, e a ditadura militar acreditara que havia uma revolução socialista a caminho. Até o início do surto terrorista esse conflito ficara no campo dos receios e dos planos (GASPARI, 2014, p. 414).

Nesse sentido, entende-se que é por meio de entrevistas narrativas que se pode problematizar questões da vida social e investigar o que envolve as construções desses posicionamentos radicalistas. Campos (2013) explica que essa grande exposição de opiniões por meio de mídias, que são formas de narrar, se torna fundamental na produção de sentidos na vida das pessoas. Além disso, conforme Gubrium e Holstein (2003), a entrevista possibilita dois fatos importantes para a pesquisa qualitativa, que são a possibilidade de se obter conhecimentos de aspectos da vida em sociedade no sentido tanto individual quanto coletivo, bem como a contribuição em dar voz a sujeitos que não têm a possibilidade de serem ouvidos no mundo contemporâneo. Tal compreensão dialoga com um dos aspectos indispensáveis à LA indisciplinar, que se refere a explosão entre a teoria e a prática, já que seria “inadequado construir teorias sem considerar as vozes daqueles que vivem as práticas” (MOITA LOPES, 2006, p. 31). E ainda que se entenda que professores possuem voz, argumentou-se, na seção correspondente à profissão docente, que esses parecem estar perdendo-a cada vez mais.

Moita Lopes (2006) sublinha a importância de conceder voz a sujeitos que eram excluídos na abordagem tradicional do fazer pesquisa qualitativa, pois dentro dos moldes da modernidade, desconsiderava-se dos indivíduos suas histórias de vida e a maneira como essas eram narradas e constituídas. Embora compreenda-se que os professores são um grupo heterogêneo, diversificado e que possui certa voz, conforme a reflexão realizada na seção 2.2, considera-se importante ouvir professores aposentados sobre suas práticas em período conturbado da história do país, que se assemelha com a atualidade. Assim sendo, a entrevista narrativa torna-se um importante instrumento metodológico para a LA indisciplinar, porque permite alcançar o objetivo teórico metodológico de produzir inteligibilidades sobre problemas da sociedade, em que a linguagem tem o papel central e determinante.

Mishler (1986) ressalta essa ideia, expondo que não basta dar voz aos indivíduos, mas se faz necessário saber ouvi-los também. Situada nessas considerações expostas acima, esta pesquisa analisa três narrativas de três docentes aposentados, sendo uma professora e dois professores. As narrativas foram geradas por meio de duas situações de entrevista narrativa, nos anos 2015 e 2016. Como os encontros com os sujeitos foram individuais e gravados, ao aceitarem colaborar com a pesquisa, os envolvidos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [ver anexo A].

A entrevista em pesquisas qualitativas é, há muito tempo, utilizada como forma de obtenção de dados espontâneos. No entanto, nesta pesquisa, a metodologia utilizada parte de entrevistas narrativas, que ocorre com a interação do indivíduo entrevistado tanto com o pesquisador quanto com aqueles personagens construídos em suas histórias. Assim, compreende-se que uma entrevista tradicional de perguntas pré-estabelecidas poderia direcionar o indivíduo a chegar a uma determinada resposta, muitas vezes, esperada pelo pesquisador, de acordo com alguma hipótese teórica investigada (SANTOS, 2013). Por compreender a entrevista narrativa como uma interação social, o entrevistador é considerado um colaborador da narrativa ou um ouvinte ativo, conforme nomeia Campos (2013). A presença do pesquisador, ainda que em silêncio, influencia no modo como o entrevistado se expressa e a forma como se posiciona e posiciona os personagens de sua narrativa.

Nesse sentido, Gubrium e Holstein (2003) expõem que, à medida que a vida social está permeada pela entrevista e pela mídia, cada vez mais a vida se torna narrativamente construída. Rollemberg (2013) expõe, também, que a entrevista narrativa é uma construção das realidades e dos significados entre os seus participantes. Com isso, a autora ainda ressalta que a entrevista narrativa é um lugar de construção dos sentidos, em que os sujeitos não apenas geram dados para uma pesquisa, mas interagem e produzem realidades. Nesse sentido, de acordo com todas colocações feitas, no início das entrevistas narrativas realizadas, foi feita apenas exposição da temática da pesquisa. Então, solicitou-se aos professores que contassem suas histórias de vida profissional durante o período ditatorial no Brasil, todavia, eles ficariam livres para contar sobre suas formações, por exemplo, e sobre o que mais desejassem. Permitiu-se, também, que eles decidissem o quanto gostariam de narrar e o que não gostariam de expor.

3.2 O Contexto Social e o Ambiente das Entrevistas

Ademais, sublinha-se a relação do contexto social, que se refere à situação atual que envolve a sociedade ou grupo específico e suas relações com os indivíduos participantes da entrevista, bem como o ambiente em que ocorre a interação, pois esses podem influenciar e até restringir a fala dos participantes, ainda que a abordagem do contexto seja realizada pelo conceito de contextualização. Conforme argumenta Bosi (1994), o ambiente influencia no processo rememoração e qualquer alteração em um local de vivência de um sujeito ou da entrevista contribui para a forma como as memórias são explicitadas. Nesse sentido, Gubrium e Holstein (2003) complementam, expondo que

[...] o ambiente social onde a entrevista acontece modifica não só o que a pessoa ousa dizer, mas até mesmo o que ela pensa e o que ela escolhe dizer. Essas variações não podem ser vistas como desvios da verdadeira opinião do falante, pois não há nenhuma situação neutra, não social e que não é passível de influência (GUBRIUM E HOLSTEIN, 2003, p. 32).

Como os acontecimentos dos últimos anos no Brasil, citados nesta dissertação, viabilizaram esta pesquisa, cabe expor alguns aspectos relacionados à ditadura militar no momento contemporâneo. Diferentemente da seção que trouxe reportagens e contextualizou a profissão docente na atualidade, apresenta-se duas imagens, abaixo, retiradas de jornais, que correspondem a um movimento que solicitava uma nova intervenção militar, que ocorreu em diversos locais do país. Essas manifestações pró-ditadura tentam ressignificar as memórias desse período. A partir desses movimentos, discursos, como os já mencionados, são reproduzidos, de acordo com os interesses sociais e econômicos dessas pessoas, ainda que não tenham, de fato, consciência da ideologia por trás daquilo que defendem.

A imagem a seguir compõe uma notícia do jornal Extra online a respeito de uma manifestação ocorrida na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul:



Figura 6: Foto da edição online do Jornal Extra.

Fonte: ILHA, 2015.

Como pode-se ler na faixa dos manifestantes, o pedido do grupo era de uma intervenção militar constitucional. Há, conforme consta na notícia desse site, outros aspectos que chamam atenção. Segundo as informações, o movimento, que era, inicialmente, para ser contra a ex-presidenta da república, Dilma Rousseff, trazia cartazes chamando-a de anticristo. Ademais, segundo o jornal, uma das manifestantes disse querer uma “limpeza no país”. Nesse sentido, outra imagem, exposta abaixo, se destaca nesse contexto, pois retrata um pedido semelhante, porém, ocorrido na Marcha da Família, um ano antes da manifestação retratada acima. Ainda que o conteúdo da reportagem seja de 2015, a foto é de 2014, segundo informações contidas na página.



Figura 7: Foto da Revista Vice online.

Fonte: LOPES, 2015.

Ainda que os rostos dos manifestantes tenham sido desfocados é possível observar, no canto direito da imagem, o cartaz contendo as palavras Jesus, pátria e família. Observa-se que a semelhança que se estabelece nos anos atuais com a ditadura militar se dá pela linguagem. Em relação aos discursos proferidos atualmente, ainda que sejam equivalentes e até repetições de discursos do passado, chama-se atenção para as associações de significados que são feitas com esses discursos, que se dá de forma idêntica ao que ocorria durante a ditadura militar. Conforme já desenvolvido, a ideia de algo ruim, de maléfico, doentio aparece ligada a alguém, geralmente, com posicionamento considerado de esquerda. Por outro lado, os discursos pró-intervenção são relacionados à família, à religião e à ordem. As narrativas provenientes desses discursos seguem uma linha das chamadas narrativas hegemônicas.

As narrativas hegemônicas que surgem com esses discursos e essas associações, geralmente, são proferidas em relação aos considerados inimigos do Estado, da moral e de uma certa tradição. Teixeira (2017), nesse sentido, argumenta que a ditadura militar naturalizou, por exemplo, a violência – de um modo geral, de tal forma que a sociedade não se identifica ou mesmo reconhece aqueles que sofreram diretamente a violência do Estado. Assim, expulsão de estudantes e exoneração de professores, bem como desaparecimentos seriam considerados normais, pois essas pessoas teriam um comportamento inadequado. Recordar-se

que, como mencionado, professor Horácio expõe a situação social em que se encontrava após a prisão, sendo que não foi narrado que tenha recebido qualquer tipo de compadecimento por seu sofrimento. Ainda sobre isso, o autor expõe que esse processo de naturalização da violência, ocasionado pelas narrativas hegemônicas, “seria, de diversas formas, alimentado pelas narrativas difundidas pelos órgãos de imprensa, que compunham o arco de sustentação ideológica da ditadura militar” (TEIXEIRENSE, 2017, p. 212).

Ademais, ainda nesse âmbito social da ditadura em relação aos locais de trabalho dos sujeitos entrevistados, expõe-se que os três docentes lecionavam em universidades públicas e privadas do estado do Rio Grande do Sul (RS). E, por isso, cabe colocar que esse Estado apoiou a ditadura militar. Segundo Ferreira (2017), a posição de apoio do RS ficou evidente quando o governo da época participou de uma reunião em apoio a Castelo Branco, nome que havia sido recém indicado a assumir a presidência, em 1964, após o golpe. Ainda como evidencia a autora, a cidade de Pelotas, onde se escreve esta pesquisa e que é uma das maiores do RS, teria apoiado o golpe militar, a partir de ofícios das associações voltadas ao comércio, que exaltaram as forças armadas e creditavam aos militares a ordem na cidade. Assim, pode-se perceber a legitimidade social que era facultada para atos de violência, por exemplo, dentre outros, por entidades formais e pelo próprio Estado.

Já em relação aos ambientes em que as três entrevistas narrativas foram geradas, atendeu-se o pedido individual de cada um dos sujeitos. Portanto, as entrevistas ocorreram, na casa da professora Olga, na casa do professor Chico e, com Horácio, em uma cafeteria próxima à universidade em que ele trabalhava. Ainda que se acredite que por se tratar de um ambiente familiar, onde esses professores vivem e passam a maior parte do tempo, os deixa muito à vontade para contar suas histórias e experiências de vida, isso não muda pelo fato de Horácio narrar sua história de vida em seu antigo local de trabalho. De qualquer forma, esse ambiente propiciou que sua narrativa fosse contextualizada em um sentido mais profissional e social do que pessoal, como ocorre com os demais sujeitos. Além disso, ainda cabe colocar que havia uma certa ligação entre entrevistador e entrevistados pela profissão docente, o que também influencia na forma de exposição das narrativas. Conforme explicam Freitas e Moita Lopes (2017), as

performances narrativas são eventos situados que dependem dos aspectos contextuais que são mobilizados nesses momentos de entrevistas.

3.3 Os Participantes das Entrevistas Narrativas

Tendo apresentado os pressupostos teórico-metodológicos que fundamenta esta pesquisa, cabe ainda expor algumas características pontuais em relação aos sujeitos participantes das entrevistas narrativas e ao que envolveu a relação desses encontros. Assim, no início de cada entrevista, antes de ligar o gravador, os participantes, o que significa entrevistado (a), pesquisador e orientadora, ainda que esta não estivesse presente, assinaram um Termo de Consentimento. Explicou-se que, conforme constava no documento assinado, suas vozes, seus nomes próprios e as informações que pudessem identificá-los seriam ocultadas. Por decisão do pesquisador, não se questionou à professora ou aos professores a respeito de codinomes para utilização na pesquisa. No entanto, atribuíram-se os nomes Olga, Chico e Horácio para designarem, os três docentes, respectivamente. Além disso, faz-se interessante colocar que a ordem disposta das narrativas analisadas, que é a mesma utilizada quando se menciona os três indivíduos, não se dá pela ordem de ocorrência das entrevistas.

Professora Olga concedeu entrevista no ano de 2016 e a duração foi de 1h20m15s. Ainda que a fala da professora seja extensa, ela contou inúmeras situações que não correspondem aos objetivos da pesquisa. Por isso, algumas partes da narrativa não foram analisadas, embora tenham sido consideradas para as análises. A docente, por vontade própria, divulgou sua idade, que era, naquele dia, de 69 anos. Ainda que os outros entrevistados não tenham divulgados suas idades e não se tenha questionado tal informação, acredita-se que todos tenham idades semelhantes ou inferiores à da professora. Ademais, o nome de Olga é uma referência à Olga Benário, pois a entrevistada comentou sobre essa personalidade em uma conversa com o pesquisador, antes da entrevista.

Sendo os três docentes aposentados, cabe colocar as áreas em que eles lecionavam antigamente, ainda que isso não seja um fator considerado para a pesquisa. Olga foi professora de história, de geografia e de educação moral e cívica, durante a ditadura. Professor Chico, por sua vez, concedeu entrevista no ano de 2016 e não falou sua idade. O nome fictício atribuído a esse professor é uma referência ao apelido do pai pesquisador, que faleceu durante essa fase de coletas de narrativas. O professor ministrava aulas na área de biologia, embora tivesse outras formações, como Olga. Já o professor Horácio, cujo nome fictício faz referência ao poeta clássico romano, cedeu entrevista no ano de 2016 e, também, não comentou sua idade. O professor pertencia à área de ciências sociais, ministrando aulas de sociologia e política. A duração das duas entrevistas foi de 1h25m30s com o professor Chico e de 51m15s com o professor Horácio.

Nesse sentido, faz-se importante mencionar a respeito do pesquisador também. Maurício era graduando do curso de Licenciatura em Letras – Português e Literatura no momento de coleta dos dados utilizados. Ainda que várias entrevistas narrativas tenham sido realizadas na época em que ele era pesquisador iniciante, algumas dessas narrativas, como as três analisadas nesta dissertação, não haviam sido utilizadas anteriormente, ou seja, são exclusivas para este estudo. Além disso, outras informações sobre o autor e o trabalho etnográfico desta dissertação são desenvolvidas no capítulo 5, intitulado Memórias da Pesquisa.

3.4 Ferramentas Analíticas e Pistas Indexicais

Para as análises, faz-se o uso, além de todas considerações teóricas e teórico-metodológicas dissertadas, das cinco ferramentas analíticas propostas por Wortham (2001), que são a referência e predicação; os descritores metapragmáticos; a citação; os indexicais avaliativos e a modalização epistêmica. Essas ferramentas são uma forma de destacar elementos e características que são construídas na interação narrativa, como palavras, expressões e modo de dizer as coisas de acordo com as escolhas do narrador. Essas ferramentas estão

profundamente relacionadas ao construto teórico da indexicalidade, como desenvolvido em 2.6, e com o entendimento de posicionamento.

Assim, um sujeito, ao narrar, posiciona a si mesmo e aos personagens de sua narrativa. Para isso, esse narrador usa pistas linguísticas que fazem referências (referência) diversas e que, também, predicam (predicação) a si e aos outros da sua história. DeFina e Georgakopoulou (2012) comentam que a “caracterização” dos personagens é uma das formas mais frequentes utilizadas em análises de posicionamento. Toma-se um pequeno excerto da narrativa de Olga para exemplificar a primeira ferramenta analítica, em que ela diz: “a vida inteira falei me chamo Olga porque meu pai era comunista/ porque meu pai quando eu nasci/ tu vê/ em 47/ eles fichavam na polícia quem era comunista/ meu pai era fichado/ e o irmão dele que era caminhoneiro/ não era nada/ um ignorante/ pobre do meu tio/ também ficharam porque era irmão”.

Como nota-se nessa sequência, a entrevistada justifica seu próprio nome em relação à predicação comunista para seu pai. Ao observar a sua narrativa como um todo, Olga constrói a ideia de ser comunista relacionada a ideia de estudar e ser culta. Diferente disso, ela faz referência a seu tio caminhoneiro como sendo nada e ignorante, mas no sentido erudito, já que suas performances identitárias se dão pela diferença. Então, os personagens, as ações destes e os eventos que fazem parte da narrativa, são avaliados pelo narrador por meio de suas descrições. Logo, entende-se que, para isso, o narrador utiliza os descritores metapragmáticos, que são os verbos discendi ou declarativos, isto é, verbos declaram fatos sobre os participantes da história e os predicam também.

Para exemplificar a segunda ferramenta, toma-se um outro excerto da narrativa de Olga que, ao comentar sobre “o peso” social de seu nome, narra que “eu carreguei o resto da vida que em [cidade] nunca me deixaram entrar na escola das freiras”. Nessa sequência, a professora utiliza o verbo metapragmático “carregar” para predicar seu nome em relação à sua história, como sendo algo pesado e constitui situações enfrentadas enquanto estudante pelo fato de ter determinado nome e uma ligação paterna associados ao comunismo. Ademais, averigua-se, pelo valor indexical de ser considerado comunista, que ela foi proibida de estudar em uma instituição religiosa naquele período de sua vida. Conforme já

explicado, o significado de comunista, no período que antecede a ditadura, já denotava algo maléfico.

Além disso, um indivíduo pode dar voz aos seus personagens de forma direta, assim, esse representa a fala de outro através da citação, que acaba por incluir as duas outras ferramentas citadas também. São muitos os teóricos da narrativa que expõem a citação ou o uso do discurso direto como uma forma estratégica do narrador em conferir à audiência, o que seria o diálogo “real” daquele evento, deixando ainda o entrevistador mais “próximo” de sua história, ele reivindica acesso direto a essa suposta verdade. Nesse sentido, a própria forma de fala, como a entonação utilizada pelo narrador, é um modo de posicionar o personagem, cuja voz é atribuída. Por meio desses entendimentos, pode-se analisar o modo como professor Chico utiliza a citação para posicionar dois personagens.

Observa-se um pequeno excerto de um diálogo citado pelo entrevistado, quando estava próximo do fim da entrevista. O diálogo, que está abaixo, teria ocorrido entre seu pai ex-militar e um militar que o denunciou. Cabe colocar que, de acordo com a história contada por Chico, essa conversa teria ocorrido sem a sua presença.

<p>704 ↓ah o teu filho tá lá/ >não/ não< já mandei libera ele/ ↓não sabia que era teu filho/</p> <p>705 [...] ↑é/ o meu pai/ se fosse filho de outro vocês iam matar/</p>

Para caracterizar a fala dos sujeitos, quando necessário e significativo, faz-se o uso de algumas convenções de transcrição, que são explicadas no término dessa seção. Como indicado pelas flechas ↑↓ o tom de voz do professor se altera, deixando a voz mais suave para o militar e mais forte para seu pai, quando esses personagens são colocados frente a frente. Diferente do que ele faz, anteriormente, ao dar voz somente ao militar. Dessa forma, o narrador está, também, construindo o seu posicionamento em relação ao outro. Além disso, a forma como a citação é pronunciada pelo narrador pode conter indexicais avaliativos, como de desprestígio, por exemplo, o que posiciona o personagem citado a determinada posição ou grupo

social, já que a fala pode conter expressões ou um certo sotaque que remeteria à uma respectiva comunidade.

Em relação à quarta ferramenta, um indexical avaliativo muito recorrente nas narrativas dos três professores entrevistados é o de “comuna” ou comunista. Entendendo que a indexicalidade aponta para um valor social amplo e além do significado propriamente dito da palavra, as análises evidenciam que o fato de ser considerado comuna acarretava diversos problemas para os indivíduos, como o da exclusão social, profissional, perseguição, entre outros. Por último, a quinta ferramenta analítica, a modalização epistêmica, se refere à relação que se estabelece entre narrador e os eventos narrados, dito de outra forma, essa ferramenta possibilita averiguar que tipo de acesso epistêmico tem o narrador sobre o que está contando e o modo como constituem o evento narrado. Por exemplo, quando um sujeito diz que algo é verdadeiro porque ele lembra daquela forma, afirmando suas colocações, esse indica a verdade sobre sua história, sugerindo que a sua audiência acredite no que é contado.

Um exemplo específico sobre a modalização epistêmica ocorre quando professor Chico, ao contar sobre os antigos colegas de trabalho, expondo que não sabe ao certo qual posição política eles possuem atualmente, diz que: “hoje se misturaram/ hoje tu não sabe né/ eu sei porque eu vivia na época”. Como fica claro na frase sublinhada, o entrevistado justifica o que está contando ao expor que viveu no período a que se refere, o que sugere que apenas ele poderia conhecer aqueles personagens. Diferentemente do que ocorre com o estudante e o entrevistador, que é colocado na primeira frase dessa sequência, como não tendo conhecimento daquelas informações. Ademais, nas transcrições das narrativas, são colocadas algumas convenções que caracterizam aspectos da fala dos entrevistados por meio de símbolos, conforme sinalizado anteriormente.

Essas convenções foram, inicialmente, propostas por Gail Jefferson⁸ e, posteriormente, adaptados por Bastos e Santos (2013). Dentre as convenções expostas pelos autores, destaca-se, a seguir, apenas aquelas que foram utilizadas em algumas partes das narrativas. Faz-se importante ressaltar que as convenções não foram utilizadas em todas as linhas das transcrições, mas somente naqueles

⁸ Cf. Jefferson (1983).

momentos que as alterações no modo de fala dos indivíduos foram mais significativas para análise.

Para pausas usa-se ... reticências; Para micropausas (.); Para prolongamento vogal de uma palavra :: ou :::; Flechas ↑ e ↓ para indicar a elevação ou diminuição, respectivamente, da tonalidade da voz. Sublinhar-se uma palavra para destacar ênfase de volume; Letras em MAIÚSCULO, para ênfase mais acentuada; O uso dos sinais para >acelerações< na velocidade de fala; Entre sinais de grau para pronúncias mais °baixas°; E as letras hh para risos. Enfim, devido as informações contidas nos termos de consentimento assinados pelos participantes das entrevistas narrativas, algumas informações são ocultadas, tais como nomes de pessoas, nomes de instituições, nomes de cidades, para, assim, preservar a identidade e a integridade da entrevistada e dos entrevistados. Apenas o nome do pesquisador, obviamente, foi mantido nas narrativas.

4. Análises das Narrativas

Tendo desenvolvido a fundamentação teórica que subsidia esta pesquisa e apresentado os procedimentos metodológicos que envolvem a geração das entrevistas, o trabalho de transcrição dos dados e as ferramentas utilizadas para as análises, este capítulo dedica-se às análises das três narrativas de vida dos docentes Olga, Chico e Horácio. Conforme já mencionado, as análises realizadas partem das ferramentas teóricas explicitadas no capítulo anterior, bem como de todas as teorizações desenvolvidas ao longo da dissertação. Dessa forma, as narrativas analisadas e interpretadas encontram-se divididas em três seções, sendo uma para cada indivíduo entrevistado. Ademais, na quarta seção do presente capítulo, intitulada “Problematizações sobre as análises”, destacam-se alguns aspectos confluentes e até divergentes das três narrativas analisadas e, a partir disso, traça-se paralelos entre elas.

4.1 Olga

A entrevista com a professora Olga inicia com uma introdução do pesquisador sobre o propósito daquele encontro (linhas 1 a 6). Um diálogo sobre a entrevista havia ocorrido antes do gravador ser ligado, conforme nota-se pela frase proferida, nas linhas iniciais: “eu gostaria de ouvir um pouco da sua história de vida daquele período”. Por esse motivo, os termos “período” e “sistema” referem-se à ditadura militar e à estrutura social do regime imposto no país, os quais não foram reintroduzidos pelo pesquisador naquele momento. O excerto transcrito abaixo ilustra o começo da gravação da entrevista:

Maurício	1 Então professora e então eu gostaria de ouvir um pouco da sua história de vida
	2 daquele período e a senhora fica à vontade para me contar o que

	<p>quiser para me contar</p> <p>3 sobre como que era o convívio com os colegas como era a instituição como era o convívio</p> <p>4 com o sistema como os próprios militares dentro da universidade onde a senhora</p> <p>5 trabalhava com os alunos tudo que a senhora quiser me contar sobre a sua história se a</p> <p>6 senhora quiser começar com a sua entrada como se tornou professora fica à vontade</p>
--	--

Neste princípio da entrevista, o entrevistador expõe alguns aspectos que sugerem uma orientação para a produção narrativa de Olga, que são o convívio com os colegas, com o sistema da época e com os próprios militares dentro da universidade. Ainda que se trate de uma entrevista narrativa e a entrevistada tenha ficado livre para contar o que quiser, nas linhas 5 e 6, Maurício finaliza a introdução da entrevista e, novamente, sugere que Olga poderia começar narrando sobre sua formação, conforme objetivos da pesquisa. No entanto, ainda que o entrevistador tenha situado sua fala no contexto de formação universitária, Olga inicia sua narrativa falando de sua infância e sobre sua formação escolar, como pode-se ler abaixo:

Olga	<p>7 Deixa eu te dizer então/ eu me chamo Olga [trecho ocultado] então como</p> <p>8 eu meu pai era comunista/ quando eu nasci em 47 meu pai tava preso porque meu pai</p> <p>9 tinha uma leitaria e dava leite para os pobres [trecho ocultado] tanto isso que eu carreguei</p> <p>10 o resto da vida que em [cidade] nunca me deixaram entrar na escola das freiras eu nunca</p>
------	--

	11 eu nunca pude fazer magistério/ tive que fazer contabilidade
--	---

Nessa sequência, Olga começa a narrar sua história de vida a partir de seu nascimento até sua formação inicial. Olga conta que, ao nascer, o pai estava “preso”, pois “como” ele era comunista, ele “tinha” uma leitaria e “dava” leite para os pobres. Ao caracterizar o pai como “comunista” e “preso”, devido suas práticas sociais, a professora indexa uma identidade histórica-social estigmatizada: a do proletário-comunista, que vive de sua produção, mas que compartilha suas produções. Ao trazer o referente “pobres”, ela, também, indexa uma posição mais privilegiada do pai e, assim, constitui o contexto em que nasceu. Em sua narrativa, Olga repete o referente “pai”, algumas vezes, enfatizando esse personagem no início de sua história.

Ainda nesse princípio, professora Olga apresenta-se e expõe informações sobre seu nome. Como omite-se a identidade da entrevistada, alguns trechos são ocultados na transcrição. Todavia, essas informações são consideradas relevantes para as análises. No trecho ocultado, a docente comenta sobre seu nome próprio, que teria sido escolhido pelo fato de seu pai ser comunista. Em seguida, ela fala sobre as consequências que o seu nome e o fato de seu pai ter sido preso, por ser “comunista”, acarretaram na sua juventude.

A docente conta que foi proibida de “entrar” em uma escola de religiosas e de “fazer” magistério (linha 11), posicionando-se de forma desprivilegiada enquanto narradora, já que esses fatos estariam relacionados à posição política do pai. Ela enfatiza esses fatos pelos modalizadores “tanto” e “nunca”, bem como utiliza o descritor metapragmático “carregou” por toda a vida (linhas 9 e 10), predicando seu nome e história como algo pesado, forte e inseparável. Percebe-se que, na narrativa de Olga, esse verbo atribui significado relevante à sua performance.

Assim, nota-se que, a partir da colocação “nunca pude entrar na escola das freiras” (linha 10), a performance de Olga envolve uma ordem de indexicalidade de discriminação e intolerância contra o comunismo, que orienta sua narrativa nesse momento. Cabe lembrar que havia, nas décadas de 50 e de 60, fortes boatos de um possível golpe comunista (GASPARI, 2014). Logo, comunista, no contexto construído por Olga, ao rememorar sua infância, indexa a ideia de terrorista, bandido

e de ser do mal. Então, percebe-se que a professora estrutura sua história em torno dos significados sociais estratificados em relação a comunistas, conforme já exemplificado.

Na sequência abaixo, a entrevistada segue sua performance narrativa, contando sobre sua formação:

Olga	<p>13 para [cidade] eu vim em 68 (.) e como eu sempre fui uma pessoa bem politizada/ <u>sempre</u></p> <p>14 meu pai leu muito e eu também li muito e sempre escutava desde que me criei escutando</p> <p>15 a BBC de Londres aí eu vim para cá e comecei a fazer estudos sociais que era história e</p> <p>16 geografia e foi aí que comecei a fazer direito junto de noite aí depois eu terminei história</p> <p>17 e geografia que era estudos sociais aí eu fiz e história a licenciatura plena e depois a</p> <p>18 licenciatura plena em geografia e fui trabalhar no estado e na [universidade]</p>
------	--

Nesse excerto, a professora conta sobre a formação que teve em casa, a partir de leituras e por ouvir a BBC de Londres. O fato de ouvir essa rádio internacional, que aborda questões políticas, junto da predicação "politizada", para predicar-se em relação às leituras que fazia em casa, Olga dá ênfase na palavra "sempre", constituindo-se como uma mulher culta e com conhecimento sobre política (linhas 13 e 14). A professora ainda relaciona as suas práticas de leitura com as de seu pai, na linha 14, logo, posicionando ambos de modo simétrico. Em seguida, ela passa a narrar a sua formação em nível superior (linhas 15 a 18), contando os diversos cursos que fez: Estudos Sociais, História, Geografia e Direito, assumindo uma posição privilegiada, devido aos vários cursos que estudou. A partir da colocação que faz em "como eu sempre fui uma pessoa bem politizada/ sempre"

(linha 13), ela justifica a possibilidade de ter tido vários estudos. Dessa forma, ela atribui valores à sua performance narrativa, de formação intelectual e profissional, para o pesquisador. Nota-se ainda que os cursos citados pela docente se relacionam com a ideia trazida pela predicação “politizada”, por comporem, o que se chama hoje em dia, a área das humanidades. Ao citar os cursos, ela demonstra ter conhecimentos das leis e da justiça; dos aprendizados de espaços político-geográficos e de fatos históricos.

Assim, observa-se que, a partir da mudança de cidade na narrativa, a professora passou a ter mais liberdade. Conforme analisado no excerto anterior, na cidade em que nasceu havia uma repressão que a impediu de estudar magistério. Ela, em seguida, passa a contar sobre o início de sua vida profissional, em que atuou em escolas e em universidades, como pode-se ler abaixo:

Olga	<p>19 [...] já trabalhava na [universidade] em [cidade] que era uma</p> <p>20 extensão e lá em [cidade] tinha um reduto do quartel né e eles</p> <p>ouviam °as nossas aulas°</p> <p>21 inclusive tu vê eu era bem jovem recém formada eu e o professor</p> <p>(nome ocultado) que é outra pessoa que tu deves entrevistar</p> <p>22 nós trabalhamos juntos na universidade... e eu</p> <p>23 trabalhava aqui no [colégio] mas de acordo como com a minha</p> <p>pratica</p> <p>24 de ensino como eu apresentava as aulas como ↑naquela época já</p> <p>em 71 72 eu já fazia</p> <p>25 os alunos pensarem não dava as coisas prontas eu dava eu</p> <p>trabalhava com textos já</p> <p>26 aula expositiva mas sempre dialogada porque é uma coisa uma</p> <p>paixão dar aula não tem</p> <p>27 outra coisa outra profissão mais bonita/ não existe/ é formar</p> <p>pessoas/ é:: não é informar é</p>
------	--

	28 dar a sua formação/ dar subsídios para que a pessoa tenha realmente o seu próprio
	29 pensamento e coloque-o em prática

Chama-se atenção, primeiramente, para a forma como Olga introduz suas memórias sobre suas práticas docentes, nas linhas iniciais da sequência acima. Nas colocações de Bauman (1986) e Bauman e Briggs (2006), essa intervenção na narrativa, como a que a entrevistada faz, transpassa o hiato existente entre os eventos narrado e narrativo, pois faz um movimento fático, diretamente, ao entrevistador. Há uma interação explícita com Maurício, posicionando-o como observador participante. Logo após, Olga faz um comentário autorreferencial “eu era bem jovem/ recém formada” para, então, expressar suas práticas docentes daquela época. Com isso, considerando a função metanarrativa, a professora constitui um vínculo entre seu conhecimento e suas memórias com o seu interlocutor, o jovem e professor em formação, Maurício.

Além disso, a professora, ao mencionar um colega professor, diz ao pesquisador que “é outra pessoa que tu deves entrevistar” (linha 21). Essa fala, direcionada ao interlocutor, considerando a modalização epistêmica, alinha o personagem inserido na história como uma testemunha que participou do evento narrado e pode confirmar aquelas informações. Nesse sentido, o verbo “vê”, a autorreferênciação e a tomada de outro personagem na história, evocam acesso epistêmico aos fatos que ela narra sobre ser professora, demonstrando credibilidade à sua história e ao seu posicionamento como protagonista do evento narrado e do narrativo. Ademais, ela predica o colega de trabalho como professor universitário também, na linha 22, por meio do verbo “trabalhar” no plural, em “nós trabalhávamos juntos na universidade”.

Além disso, ao narrar que trabalhou em escola e em universidade, Olga mobiliza uma ordem de indexicalidade acerca da intelectualidade de trabalho no ensino superior. Por isso, a forma como conta suas memórias e constrói sua performance, enquanto professora e “politizada” e sua posição de privilégio por ter estudado muito, estariam em torno dessa ordenação. Em seguida, ela continua narrando sobre suas práticas de ensino na época: “não dava as coisas prontas/ eu

dava/ eu trabalhava com textos já/ aula expositiva/ mas ↑sempre dialogada” (linha 26).

Nota-se que há, ainda nesse excerto, alguns pontos importantes a serem ressaltados. Primeiramente, Olga faz uso dos descritores metapragmáticos “dava” para expor aquilo que ela não fazia e, depois, corrige-se ao proferir “dava” e altera o verbo para “trabalhava”, contrapondo a ação anterior. Assim, a entrevistada posiciona-se como docente não tradicional, que fazia um trabalho educacional com os alunos. Com isso, ela entextualiza discursos comuns à profissão docente no sentido das aulas não serem tradicionais, com conteúdo escrito em quadro (linha 26). A partir disso, ela utiliza os indexicais avaliativos “aula expositiva” e “sempre dialogada”, dita com ênfase, conforme indicado pela flecha. Assim, ela completa seu posicionamento, aqui, construído pela diferença entre a sua forma de trabalho e outra, menos interativa, pelo descritor metapragmático “dava”.

Depois de expor sobre suas práticas docentes, de caracterizar suas aulas na época, contrapondo-se a diferentes formas de ensino, a docente fala de sua paixão em ser professora. Conforme lê-se nas linhas 26 a 29, “[...] é formar pessoas/ não é informar”, ela constrói seu posicionamento sobre sua paixão pela profissão através da diferença. Novamente, ela coloca ações que não significam a sua forma de ser professora, constituindo sua identidade pela diferença (SILVA, 2000). No final da sequência, ao fazer uma entextualização na performance narrativa, nas linhas 28 e 29, sobre o que é ser professora, Olga enuncia que ser docente é “dar subsídios para que a pessoa tenha realmente o seu próprio pensamento/ e coloque-o em prática”.

Ter o próprio pensamento, conforme dito pela entrevistada, remete à ideia de pensamento livre e não alienado. Já o posicionamento de dar subsídios e de possibilitar o pensamento, remete ao trabalho educacional diferenciado ao invés de um ensino tradicional. Assim, Olga mobiliza uma ordem de indexicalidade sobre pedagogia crítica que, explicitamente, orienta sua performance como docente nesse momento da entrevista. Pode-se acrescentar que o excerto destacado no parágrafo anterior, como sendo uma entextualização é facilmente encontrado de forma semelhante nas obras de Paulo Freire, como, por exemplo, *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*.

Então, tomando as ideias de Bauman e Briggs (2006), compreende-se que, ao narrar, um indivíduo está sempre entextualizando textos disponíveis a ele. Olga utiliza as ideias mobilizadas com essa entextualização como uma referência para sua performance sobre ser professora durante um regime ditatorial. Ainda assim, conforme ressaltam autores como Guimarães e Moita Lopes (2017) e Pennycook (2007), a entextualização traz algo do contexto anterior. Neste caso, além das ideias sobre as práticas de ensino, a referida entextualização traz, também, seu posicionamento de resistência diante do sistema educacional que lhe foi imposto, já que tais ideias eram proibidas na época. Conforme explica Blommaert (2005), essas trajetórias textuais, que envolvem mudanças contextuais, possuem relevantes aspectos de poder em relação à estrutura social, bem como parece ser uma “empreitada crítica crucial” (BLOMMAERT, 2005, p. 110).

Paulo Freire era um autor proibido durante a ditadura. Suas ideias revolucionavam a forma tradicional de ensinar e, por isso, era considerado subversivo. Essa entextualização indexa características importantes sobre o significado da profissão docente para ela. Olga constrói suas práticas de ensino contrapondo-se ao modo de ensinar sugerido pelo sistema educacional daquela época. Conforme ela narra: “é formar, é::: informar [...] dar subsídios para que a pessoa tenha realmente o seu próprio pensamento” (linhas 27 a 29). Essas ideias são retomadas pela entrevistada em outros momentos da entrevista, como evidencia-se adiante. Ainda conforme os autores mencionados no parágrafo anterior, as entextualizações não podem ser vistas como lineares. Nesse caso, Olga usa o conhecimento de leituras para se constituir como professora na narrativa.

Nas linhas abaixo, Olga conta um evento específico ocorrido com ela e com uma amiga, que era professora na mesma escola:

Olga	<p>29 então eu trabalhava aqui no [colégio] fui</p> <p>30 transferida para [cidade] como eu tava na universidade em [nessa cidade] (.) naquela época</p> <p>31 era a delegada de ensino/ a delegada de ensino quando eu cheguei para dar aula (.) no</p>
------	--

	<p>32 [colégio] não tinha mais nada (.) do meu material tinha sido transferida assim a reveria e</p> <p>33 eu e a outra amiga minha que trabalhava comigo a [nome ocultado] que já faleceu/</p> <p>34 desmantelavam os grupos que trabalhávamos já naquela época</p> <p>35 com interdisciplinaridade os meus alunos como sempre eu fui muito amada pelos alunos</p> <p>36 eu sou amiga deles os meus grandes amigos de hoje foram meus alunos ontem os meus</p> <p>37 alunos foram para a porta da delegacia de ensino que hoje é a 5ªCREA pedir para mim</p> <p>38 voltar e não adiantou não teve retorno aí eu fiquei em [cidade] trabalhando na escola</p> <p>[...]</p> <p>40 então nós tínhamos ↑moral e cívica então elas obrigavam dar moral e cívica (.) só que eu</p> <p>41 estudo dos problemas brasileiros eu nunca me ative ao livro didático porque o livro</p> <p>42 didático é uma coisa que te prende que te bitola ele é escrito de acordo com o momento</p> <p>43 histórico da época que está sendo escrito é o governo que financia e de acordo com o</p> <p>44 que o governo quer tu vais passar</p>
--	---

Os eventos narrados evidenciam o poder de imposição sobre a profissão docente por parte da delegacia de ensino na época, que transferiu as professoras sem aviso prévio ou questionamentos. A docente justifica esse acontecimento, dizendo que “então desmantelavam os grupos que trabalhávamos já naquela época

com interdisciplinaridade” (linhas 34 e 35). Por meio do descritor “desmantelar”, a narradora constitui a ação da delegacia de ensino de desmanchar grupos que trabalhassem com “interdisciplinaridade”. O trabalho interdisciplinar pressupõe atividades conjuntas com mais de uma disciplina, logo, mais de um professor. Assim sendo, “desmantelar” indexa a imposição do regime militar em coibir grupos que trabalhassem juntos, o que poderia significar formação de subgrupos, como de resistências, por exemplo. Ainda nesse excerto, a partir das ideias de Mishler (2002), cabe explicar que, como um narrador conhece toda a sua história e, logo, o final dela, pode-se fazer algumas inferências como essa.

Nas linhas 35 a 37, Olga se predica como “muito amada” pelos seus alunos, que ela então os predica como “grandes amigos”. Ela conta que teve apoio deles contra sua transferência, mas que nada adiantou. Olga constitui um posicionamento que transpassa a identidade estritamente profissional, já que ela manteria contato com eles devido à relação criada em sala de aula. De fato, no final da entrevista, ela reafirma seu posicionamento, que sobressai o profissional, conforme pode ser lido na linha 650: “sabes no [teatro] cheio de gente eu sou paraninfa ãe ãe ãe Olga é nossa mãe/ assim”. Pode dizer, também, que essa memória estaria relacionada ao que ela narra, nas linhas 26, 27 e subsequentes, sobre ser “uma paixão dar aula”. Em sua performance narrativa, Olga então reafirma seus sentimentos relacionados às suas práticas docentes e ao envolvimento com os alunos. Esse posicionamento da docente, que articula ser mãe a ser professora, evoca uma ordem de indexicalidade relacionada à professora que cumpre papel de mãe, trazendo valores normalizados e estigmatizados que envolvem sua construção de docência.

Nas últimas linhas da sequência, Olga conta que não usava o livro didático (linha 42). Para isso, ela utiliza o indexical avaliativo “bitola”, que remete a algo que aliena e não possibilita olhar para o que está fora dos limites, neste caso, do livro didático. Ela utiliza, também, o descritor “prende”, o que complementa a ideia do indexical. Depois, a entrevistada diz que o livro didático expressa a vontade do governo (linhas 43 e 44). Segundo ela, o “que está sendo escrito é o governo que financia e de acordo com o que o governo quer tu vais passar.” Para ela, isso seria transmitir o que o regime militar queria, por isso, coloca-se contrária ao uso do livro didático, em sua performance. A disciplina de Moral e Cívica, a qual a professora se refere, foi retomada pelo regime militar e tinha o objetivo de contribuir com o

comportamento dos alunos. De acordo com Motta (2014), isso ocorreu após as revoltas dos estudantes contra a ditadura.

Olga	<p>47 [...] nós tínhamos uma</p> <p>48 coordenação pedagógica como nós temos hoje e uma orientação educacional e eles</p> <p>49 estavam sempre te cobrando inclusive sabe o que eu fazia eu tinha um planejamento que</p> <p>50 eles queriam e dentro da sala de aula eu fazia outra coisa registrava o que eles queriam</p> <p>51 e dizia o que queriam e eles ficavam sempre de olho inclusive na universidade eu e o</p> <p>52 [nome ocultado] °tínhamos as aulas inspecionadas° o comandante do quartel vinha na</p> <p>53 biblioteca um dia e quando eu vi ele tava na biblioteca eu abri a porta da sala de aula/ Sim?</p> <p>54 boa noite/ o que o senhor deseja? / não eu vim na biblioteca/ ah mas se o senhor quiser</p> <p>55 passar aqui na sala para assistir pode/ eu nunca tive medo sabes? nunca porque/ porque</p> <p>56 eu acho que tu tens uma ideologia na vida/ que agora tá quebrada/ com os roubos/</p> <p>57 agora infelizmente não tem mais °nada° na nossa época era uma coisa que existia</p> <p>58 realmente políticos bons existiam pessoas interessadas</p>
------	---

Seguindo sua narrativa, a professora conta sobre as inspeções que ocorreriam durante as aulas dela e de outro professor, que é reinserido na história. A expressão “tínhamos as aulas inspecionadas” (linha 52), dita com a voz baixa, é repetida pela entrevistada, pois ela já havia exposto sobre esses eventos no início da entrevista com diminuição da tonalidade da voz e com a participação do referido colega. Essa colocação reafirma um cuidado em relação àqueles que ouviam as suas aulas. Olga exemplifica uma dessas inspeções através da citação, em que ela expõe que: “quando eu vi ele tava na biblioteca eu abri a porta da sala de aula – *Sim? boa noite/ o que o senhor deseja? Não/ eu vim na biblioteca/ Ah mas se o senhor quiser passar aqui na sala para assistir pode/ Eu nunca tive medo sabes? nunca*” (linhas 53, 54 e 55).

Algumas instituições, principalmente particulares, possuíam janelas de vidro nas portas, o que permitia uma observação externa. A partir da citação narrada, exposta acima, na qual a entrevistada interage com um militar, seguida da afirmação de que nunca teve medo, Olga se posiciona como uma professora corajosa e militante. Nessa interação, o comandante foi posicionado sem nenhuma autoridade que, pela limitação dessa citação, parece apenas ter ouvido as palavras de Olga. Além disso, com a citação, Olga demonstra um privilegiado status epistêmico como narradora e como personagem da história, já que essa citação tem aparência de uma reconstrução verídica do evento narrado. Nessa interação, há, novamente, um movimento fático, em que Olga questiona retoricamente o entrevistador ao se posicionar (linha 56).

Retomando as colocações sobre a função metanarrativa desses direcionamentos da narradora ao entrevistado, nota-se que há um enunciado metanarrativo que liga o evento narrado ao entrevistador. Além disso, há novamente, após uma declaração metanarrativa, uma entextualização. Quando Olga narra “acho que tu tens uma ideologia na vida” (linha 56), referindo-se às pessoas em geral, ainda que usando o pronome tu, sua narrativa entextualiza ideias da pedagogia crítica novamente. Essas ideias giram torno da ordem de indexicalidade da pedagogia crítica, reiterando seu posicionamento como professora politizada e ideal, conforme constituído por ela anteriormente.

Na continuação dessa expressão, ainda na linha 56, a entrevistada predica a ideologia como “quebrada” devido aos roubos. Observa-se que Olga recontextualiza a ideia de excludente, a partir da ordem de indexicalidade mobilizada, por meio da ideia de roubo, para posicionar-se em relação à situação atual do Brasil. Dentro da contextualização educacional que é construída, ela indexa os problemas relacionados à economia do país naquele momento. Assim, Olga recontextualiza sua narrativa, comparando os eventos narrados com a atualidade do evento narrativo. Tais colocações podem ser lidas abaixo:

Olga	<p>61 na [universidade] tu via as pessoas serem</p> <p>62 retiradas como os professores na sala de aula serem presos</p> <p>torturados a tortura foi uma</p> <p>63 coisa... eu também tive uma fé que Deus me protegeu muito porque</p> <p>com a ↑língua que</p> <p>64 eu tenho/ que minha língua é um CHICOTE (.) <eu botava sempre</p> <p>pra quebrar e eu nunca tive</p> <p>65 medo> e eu como tinha um nome que já era visto entre aspas pelos</p> <p>demaís eles me</p> <p>66 cuidavam muito/ eles tinham acesso dentro das minhas aulas</p>
------	---

Em sua performance narrativa, Olga segue contando sobre problemas e situações difíceis que eram comuns nas universidades. Como lê-se em: “na universidade tu via as pessoas serem retiradas/ como os professores na sala de aula serem presos/ torturados/ a tortura foi uma coisa...” (linhas 61 a 63). Com isso, novamente ela explica como se livrou de problemas maiores, como uma prisão. Nota-se pelo descritor “retiradas”, quando a docente afirma ter visto professores sendo levados de dentro da instituição, que Olga não conta detalhes sobre esses eventos. Assim como quando ela coloca que “a tortura foi uma coisa...”, pode-se dizer que há um silenciamento em relação à perseguição aos professores dentro da

universidade. Essa posição reforça a forma como a docente contou sua história no início da entrevista, tendo cuidado ao falar sobre os militares ouvirem suas aulas.

Outro excerto que se destaca é o referente “língua”, nas linhas 64 e 65: “tive uma fé que Deus me protegeu muito/ porque com a ↑língua que eu tenho/ que minha língua é um CHICOTE/ >eu botava sempre para quebrar e eu nunca tive medo<”. Ainda que a narradora expresse algumas partes de sua narrativa em voz baixa, ao narrar situações do passado, ela performa seu posicionamento naquela interação como destemida. A professora, ao fazer uma autorreferência, predica sua prática de comunicação, aumenta o tom de sua voz e dá uma ênfase à palavra chicote. Por meio do descritor “chicote”, Olga se posiciona como alguém destemida, pois sua língua seria um tipo de arma que, em sua interação narrativa, ela consegue usar contra os militares que “tinham acesso” às suas aulas.

Com isso, relacionado à postura de não ter medo, Olga reafirma seu posicionamento de militante também, como se nota em “botava para quebrar”. A partir dos descritores “botava” e “quebrar”, Olga constrói um posicionamento de afrontamento, complementando o significado indexicado por “chicote” em relação à sua língua. A docente segue então contando sobre sua relação com regime ditatorial e, como lê-se no excerto a seguir, conta sobre as denúncias que recebeu:

Olga	<p>71 os meus alunos eram pessoas maravilhosas que tinham uma cabeça bem formada</p> <p>72 graças a deus mas em [cidade] eu tive denúncias de um na polícia federal que era meu</p> <p>73 aluno/ aí outro/ que eram 2 colegas me disse/ o (nome ocultado) que até morreu...</p> <p>[...]</p> <p>75 ai ele me disse °Olga tu não fale</p> <p>76 demasiadamente porque a polícia federal ta te cuidando° e (som de mãos batendo como</p>
------	--

	77 sinal de desdém)
--	---------------------

Olga fala sobre seus alunos, na linha 71, e os caracteriza como pessoas “com a cabeça bem formada”. Com o uso da predicação “formada” para falar dos alunos, a entrevistada os posiciona como tendo um pensamento e um posicionamento político semelhante ao dela, já que o evento narrado nas linhas 73, 74 e 75 contrapõe a ideia de que todos seriam assim. Ela então narra que chegou a receber avisos de um aluno, que era policial, sobre denúncias realizadas contra ela por parte de outro aluno, que também era policial. Ao rememorar o aviso recebido, por meio da citação, a entrevistada bate as mãos como sinal de despreocupação e desinteresse. Na fala reconstituída do aluno, ele pedia para ela para não falar muito. Nota-se que esse evento é narrado após a entrevistada se predicar como tendo uma língua feito um “chicote”. Assim, Olga reitera seu posicionamento de formadora, militante e destemida, como vem performando ao longo de sua narrativa.

Pode-se perceber que Olga tenta construir uma imagem de si, em sua performance, sobre ser uma professora “formadora”, já que os seus alunos teriam “cabeça bem formada”, bem como de alguém destemido, pois ela demonstra não se importar com as denúncias que recebeu (linhas 76 e 77). Nesse sentido, na sequência destacada abaixo, a entrevistada conta sobre um conflito corporal que passou nos anos finais da ditadura militar:

Olga	<p>103 [...] então isso que a gente passou foram coisas que tem que ter muita coragem</p> <p>104 para enfrentar muita coragem mesmo e quando nós fazíamos greve a polícia batia botava</p> <p>105 os cachorros em cima levava os guris pequenos tu vê que o meu filho tem 30 anos o</p> <p>106 menor o (nome ocultado) que é advogado e era bebê tinha 1 ano e eu levava o (nome</p> <p>107 ocultado) que eu te apresentei ali/ olha os soldadinhos tão me</p>
------	--

	<p>batendo olha os</p> <p>108 soldadinhos me puxando/ eu levava os meus filhos/ era in consequência mas eu fazia</p> <p>109 porque tinha sabe aquela da JUVENTUDE aquela GANA que ainda hoje tenho 69 mas</p> <p>110 tenho essa gana/ em sala de aula falamos tanto que é verdade que as pessoas dizem que</p> <p>111 lá no no no [colégio] a gente é um reduto de lavagem de cérebros não é tu não PREGA nada</p> <p>112 tu dá as opções tu faz o aluno pensar porque tem muitos que >são contrários à reforma</p> <p>113 agrária/ tem muitos que são contrários/ são capitalistas< que querem realmente o capital</p> <p>114 né/ tu vais dizer a Olga fala tudo isso e mora numa casa aqui esse ano que eu vim para</p> <p>115 cá não é minha é dos guris porque o meu pai tem uma chácara se vendeu a chácara eu</p> <p>116 passei para os guris e eles fizeram/ eles construíram</p>
--	--

Um outro ponto importante da narrativa de Olga a ser ressaltado trata de greves de professores nos últimos anos do regime militar. Ela conta, ainda que brevemente, sobre a repressão violenta da polícia contra os professores, episódio que vivenciou com os filhos (linhas 104 a 108). Olga utiliza os termos “juventude” e “gana” como predicativos para expressar, com ênfase, o seu posicionamento em relação à sua atitude naquela época. Assim, ela, faz outro comparativo do passado com o presente, quando narra que: “ainda hoje/ tenho 69 mas/ tenho essa gana” (linhas 109 e 110). Além disso, nas linhas anteriores, a entrevistada expõe que, para viver o que narrou, “tem que ter muita coragem”, retomando seu posicionamento de

militante e de corajosa, o qual é reiterado, algumas vezes, durante a sua performance.

Ainda nas primeiras linhas dessa sequência, para contar que levou os filhos para uma manifestação – embora ela predique sua ação como inconsequente, pois sabia da repressão policial – Olga volta-se ao entrevistador para falar sobre seu filho, que ela havia apresentado a ele no dia da entrevista. Ela então utiliza novamente o descritor “tu vê” para estender sua história ao pesquisador e para apontar para um elemento da sua narrativa que foi conhecido pelo pesquisador, ou seja, seu filho. Ela retoma o evento narrado por meio da citação, que dá voz ao menino naquela situação.

Ainda em relação ao conflito com os militares, toma-se a citação proferida por ela nas linhas 107 e 108: “olha os soldadinhos tão me batendo olha os soldadinhos me puxando”. Imitando uma voz infantil, Olga utiliza os descritores “batendo” e “puxando” para contextualizar, em sua performance narrativa, as agressões sofridas pelo seu filho por parte de da polícia militar. Sobre esse ponto, cabe colocar que Olga posiciona esses militares como repressores e muito violentos, pois agrediram seu filho cuja idade era de um ano na época. Ela ainda utiliza o diminutivo “soldadinhos” para atribuir características infantis à sua citação. Assim, Olga reivindica a verdade dos fatos narrados, conferindo credibilidade às memórias que conta para o entrevistador, pois liga os eventos narrado e narrativo de modo que insere o personagem filho nos dois eventos e o posiciona como participante e testemunha da sua história.

A professora conta a respeito de um colégio, onde ela havia trabalhado, recentemente, após a ditadura, que dizem que “lá é um reduto de lavagem de cérebros”. Ela contrapõe essa colocação, dizendo “tu não PREGA nada”. Com ênfase no descritor metapragmático pregar, ela indexa discursos que dizem que professores doutrina alunos ideologicamente. Então, ela novamente recontextualiza o discurso sobre suas práticas como professora, na linha 112, ao dizer “tu dá as opções/ tu faz o aluno pensar”. Olga, que foi professora de História e de Geografia, expõe que, nas aulas sobre a reforma agrária, expondo em fala mais rápida, houve alunos que eram contrários à reforma.

Dessa forma, reitera seu posicionamento de professora “formadora”, contrapondo-se à ideia de “pregar” algo ideológico na escola. Por meio do descritor metapragmático “pregar”, ela se refere a um viés de ensino, como ocorreria em uma igreja, em que os ensinamentos partem de um livro e os “aprendizes” devem segui-los. Percebe-se ainda que essa colocação gira em torno de uma ordem de indexicalidade sobre professores serem doutrinadores. Desse modo, Olga está indexando essas ideias em sua performance para constituir-se como uma professora e não uma “pregadora”. Isso ocorre, como vê-se na linha 112, quando ela mobiliza novamente a ordem de indexicalidade sobre a pedagogia crítica, que se relaciona a uma ordem de indexicalidade do ser professora formadora.

Nos trechos finais, observa-se que a professora retoma o referente do início de sua narrativa, seu pai falecido, de um modo diferente. Ela, através dos descritores metapragmáticos “tem” e “é”, constituiu o personagem pai como alguém que possui algo material, ou seja, em sua performance, ela o trata como um indivíduo vivo. Ao comparar-se com a linha 1, a professora diz “meu pai tinha uma chácara”. Nesse sentido de construção, a professora cria uma nova versão da realidade ao narrar. Por isso, na narrativa, se faz possível a constituição de alguém já falecido como sendo vivo, principalmente, por se tratar de uma pessoa que significa muito para ela (BRUNER, 2004). Nota-se que a retomada do personagem pai ocorreu com a recontextualização do evento narrado, que se volta para a sua família.

Ressaltando os argumentos de Bosi (1994), Olga narra no presente o seu passado, de acordo com os elementos disponíveis a ela, ou seja, que se tornam disponíveis a ela de acordo com as contextualizações vão sendo construídas na narrativa. Nesse sentido, cabe ressaltar alguns pontos narrados pela docente em relação aos seus posicionamentos, como a justificativa da propriedade onde mora e o fato de defender a reforma agrária. Como lê-se nas linhas 113 e 114: “tem muitos que são contrários/ são capitalistas< que querem realmente o capital né/ tu vais dizer a Olga fala tudo isso e mora numa casa aqui”. Cabe colocar, de modo etnográfico, que Olga vive uma casa grande, moderna e arquitetônica. Devido a isso e à aparente preocupação com o status epistêmico de seu posicionamento, a docente justifica sua propriedade em relação à chácara que seu pai tinha e ainda atribui a propriedade a seus dois filhos.

Assim, devido ao seu explícito posicionamento contrário ao capitalismo, Olga coloca essas informações direcionando-se ao pesquisador, como coloca na linha 114. Tal posição parece ter muita importância para a entrevistada, que segue comentando sobre suas outras moradias:

Olga	<p>119 deles não é meu eu morei a vida inteira em casa alugada... toda vida trouxe gente para</p> <p>120 minha casa ↑arrematei gente até agora tenho uma aqui botaram para rua/ que era minha</p> <p>121 vizinha na [rua]/ isso é contra o meus filhos mas/ mas eu ↑trago isso aí é meu (.) e vou</p> <p>122 morrer assim/ nunca vou me arrumar/ porque toda vida eu fui almoçar nos meus alunos</p> <p>123 toda vida fui ver a realidade fui mostrar</p> <p>[...]</p> <p>127 através da educação fazer com que as diferenças têm que serem menores tu tem que dar oportunidade para</p> <p>128 as pessoas estudarem que a nossa arma não é não é o revólver não é a espingarda é o</p> <p>129 lápis a caneta e o livro no dia que se derem conta disso aí as coisas vão ser bem melhores</p> <p>130 Darcy Ribeiro dizia isso/ Paulo Freire dizia isso</p>
------	--

Nesse excerto, Olga narra sobre sua moradia e sobre suas atitudes em relação às outras pessoas. Vê-se que, o descritor “arrematei”, na linha (120), pronunciado com ênfase, traz a ideia de adquirir, mas também de finalizar e de concluir uma ação. Considerando o que a professora narra, em seguida, que ajudar uma vizinha era contra seus filhos, compreende-se que o descritor “arrematei” remete, aqui, a uma certa disputa em relação a trazer uma ex vizinha para dentro de sua casa, já que foi contra seus filhos. Logo depois, a entrevistada conta que essas atitudes são suas e que ela não pretende mudar, pois sempre foi de tal forma. Assim, Olga relaciona novamente o evento narrado ao narrativo, caracterizando uma

ideia, como ela mesma narra, de continuidade, em uma tentativa de uniformidade em sua performance.

Como nota-se nas linhas 121 a 123: “vou morrer assim/ nunca vou me arrumar”. Olga utiliza o termo “assim” para indicar a forma como estava se constituindo então proferir que não pretende se “arrumar”. Por meio desse descritor, ela, que estava contando que ajudou uma vizinha mesmo contra seus filhos, se posiciona no sentido de não mudar, não se sujeitar a mudar em relação à vontade dos filhos, como justifica ao longo desse excerto. Ademais, sobre essa sequência, pode-se dizer que a docente recontextualiza a ideia de que o pai ajudava os pobres, no início da narrativa, performando tais ideias sob uma nova contextualização. Conforme evidenciados, na linha 9, a entrevistada atribui ações, como a leitura, para seu pai e para si de modo simétrico.

Logo em seguida, a entrevistada profere algumas considerações, posicionando-se em relação à educação, como pode-se ler nas linhas 127 a 129: “[...] tu tem que dar oportunidade para as pessoas estudarem que a nossa arma não é não é o revólver não é a espingarda é o lápis a caneta e o livro”. Olga, ao proferir que se deve “dar oportunidade” para outros, dá continuidade à contextualização em relação ao seu posicionamento de ajudar os outros, como no caso de sua vizinha. Depois disso, ela toma a referência “arma” para predicar objetos como caderno, caneta e livro. Esses objetos, que são comuns aos professores e aos alunos, são colocados no mesmo plano semântico de arma. Assim, Olga constitui-se como professora e militante de uma forma conjunta. Ela, em posição privilegiada, de narradora que tem determinado poder.

Ainda nessa sequência, a professora conta que frequentava as casas de seus alunos, numa espécie de trabalho etnográfico, pois ela queria conhecer as realidades. Assim, Olga faz uma referência às ideias que permeiam sua narrativa. Logo após essas colocações, ela cita autores como o antropólogo Darcy Ribeiro e o pedagogo Paulo Freire, cujas ideias parecem orientar sua performance narrativa. Conforme analisado, averiguou-se que a entrevistada mobiliza a ordem de indexicalidade sobre a pedagogia crítica para performar-se como professora formadora novamente. De acordo com Pennycook (2007), ela está dando força à sua performance narrativa, devido à repetição. Em suma, a entrevistada deixa claro, com os teóricos citados, quais são suas referências para o trabalho docente.

Por se tratar de uma entrevista narrativa livre, professora Olga foge um pouco do tema analisado nesta dissertação. Logo, algumas partes de sua narrativa não foram analisadas, mas, de qualquer forma, são consideradas para compreensão de sua história. Após algum tempo, o entrevistador questiona a professora sobre alguns pontos específicos da história de vida durante a ditadura, para saber se ela teria algo ainda a colocar. Conforme pode-se ler no excerto abaixo, Olga faz duras críticas à intervenção militar dentro da instituição particular em que trabalhava:

Maurício	336 [...] E a questão dos alunos? Por que assim no tempo da
	337 [universidade] teve os... eles estavam dentro da do pátio né os
	militares né tinha uma tenda
	338 deles né?
Olga	339 Tinha claro claro sim sim e aí né se tu não pagava/ as as as
	promissórias dos
	340 alunos eram coladas nas paredes/ e chegava na sala de aula e te
	diziam fulano fulano se
	341 retirem para fazer não pagou/ tu quer coisa pior do que isso na
	frente de todo mundo!?
	342 nunca tiveram/ assim sabes/ nunca tiveram o respeito pelo ser
	humano e continuou não
	343 tendo eu trabalhei 20 anos lá 24 anos lá e não tiveram o respeito
	por mim

No excerto acima, após um questionamento do entrevistador, Olga expõe que, em uma instituição particular, na qual ela trabalhou, havia uma interferência administrativa por parte dos militares. Nesse sentido, cabe destacar a forma como a professora constitui os administradores da universidade, conforme ela os caracteriza não tendo “respeito” com os alunos, nem com ela, que trabalhou cerca de vinte anos na instituição. Nota-se que ela utiliza o descritor “retirem” (linhas 340 e 341) para contar como eles diziam para os alunos que haviam pago a mensalidade. Esse descritor é o mesmo utilizado quando ela conta que via os professores sendo

“retirados” de dentro da sala nessa instituição. Ademais, Olga confirma a presença dos militares dentro da instituição privada, como dissertado no capítulo introdutório.

Segundo ela, eles tanto interrompiam provas daqueles que não estavam com as mensalidades em dia, como expunham, nas paredes da instituição, as promissórias com pagamentos atrasados. Além disso, a professora ainda conta que a administração nunca teve respeito com os alunos ou com ela, pois a demitiram depois de cerca de vinte anos trabalhando no local. Como função social, esta dissertação mantém a fala da professora como forma de denúncia e divulgação de atitudes irregulares realizadas pelos militares no período da ditadura militar brasileira. Então, nota-se que a instituição privada pode ter apoiado a ditadura e permitido tais interferências.

Em seguida, destaca-se mais uma sequência da narrativa da professora, que conta um pouco mais sobre suas práticas docentes. Contudo, acaba por retomar algumas informações colocadas no início da entrevista, em relação ao seu pai, como lê-se a seguir:

Olga	<p>394 [...] continuava falando e dizia falava tudo da segunda guerra na cara deles todo mundo me</p> <p>395 olhando assim eles estavam te olhando te digo eu tive uma participação muito grande</p> <p>396 muito grande/ a vida inteira falei me chamo Olga porque meu pai era comunista/ porque</p> <p>397 meu pai quando eu nasci tu vê em 47/ eles fichavam na polícia quem era comunista/ meu</p> <p>398 pai era fichado/ e o irmão dele que era caminhoneiro/ não era nada/ um ignorante/ pobre</p> <p>399 do meu tio/ também ficharam/ porque era irmão</p>
------	--

Após contar sobre passeios que fazia com seus alunos, Olga, em sua performance narrativa, retoma o que contou no início da entrevista sobre seu nome possuir uma relação com o pai e o comunismo. Ela afirma que “a vida inteira falei me chamo [Olga] porque meu pai era comunista” (linha 396). Olga retoma suas

memórias de infância, conforme fez no início da narrativa, associando sua identidade com a predicação “comunista” dada por ela a seu pai. Ela o predica como comunista e, assim, constrói-se de forma correspondente a ele. Ela ainda conta que o tio também era fichado na polícia devido ao parentesco com seu pai. Ela então predica seu tio como “aquele não era nada” e “um ignorante”, conferindo a ele um posicionamento de menor importância, o que prioriza a seu pai e a si.

Nessa sequência, percebe-se ainda que a entrevistada mobiliza a ordem de indexicalidade de comunismo, conforme já explicado. Embora o pai seja constituído assim na performance da professora, o fato de ser comunista indexa significados hierarquizados, como de inferioridade por parte das autoridades, nesse caso ou pelas freiras, como ela conta no início de sua história. Ser comunista é uma maneira de recuperar a memória de seu pai e de posicionar-se contra as instituições e alguns personagens de sua performance. A partir disso, ela se posiciona de tal maneira, como analisado no parágrafo anterior. Assim sendo, no último excerto destacado, Olga responde a uma pergunta do pesquisador, em que sugere uma reflexão sobre a educação, ponto já levantado pela professora, em relação ao período ditatorial e ao atual:

Maurício	427 Sobre a questão educacional que a senhora se lembra
	428 que/ que antes/ por exemplo/ modificaram muito educação e
	depois foi modificada
	429 de novo/ e hoje está dessa forma.
Olga	430 Ah (.) um caos
Maurício	431 um caos/ como a senhora falaria sobre essa questão desse
	processo
	432 histórico que acontece com a educação?
Olga	433 Porque o que que é interessa para os governos? quando tu seja/
	quando tu
	434 fores mais desconhecido/ desconheças as causas/ tu é
	manipulado/

Pouco antes de encerrar a entrevista, professora Olga questiona o pesquisador sobre outras perguntas que ele quisesse fazer. Maurício então pergunta sobre a educação na época da ditadura e as mudanças que ocorreram durante e depois do regime militar. A professora faz um comentário predicando o cenário da educação daquele momento da entrevista como sendo caótico. Assim, por meio dessa predicação, Olga constitui a educação como algo sem ordem. Tal referência é repetida pelo entrevistador, concordando com ela, em uma cooperformance. Depois disso, Maurício reitera o questionamento sobre a educação e Olga então narra que o importante para os governos não é o povo ter conhecimento e, assim, ser manipulado. Olga reitera seu posicionamento contrário aos governos, sem nomear esse referente, o qual inicialmente era relacionado à ditadura, mas esse é estendido para o evento narrativo também.

Finalizada a análise da narrativa de Olga, pode-se dizer que a professora reitera alguns posicionamentos construídos na narrativa, dando força a sua performance e fazendo transparecer como algo uniforme e homogêneo, como uma identidade única. Todavia, como evidenciado, os posicionamentos dela se alternam constantemente, tanto sobre si quanto em relação à audiência e aos personagens. Nota-se a inserção de personagens como testemunhas dos eventos narrados por ela, conferindo mais credibilidade ao que narra para o pesquisador. Foram constadas algumas entextualizações de ideias de autores que fizeram parte de sua vida. Nesse sentido, em sua performance narrativa, ela mobilizou algumas ordens de indexicalidade em relação a ser professora formadora e ao comunismo, que orientam alguns de seus posicionamentos. Aliás, alguns movimentos fáticos, que transpassam o evento narrativo e o evento narrado e que colocam o entrevistado como parte da narrativa, ocorreram diversas vezes na performance narrativa de Olga.

4.2 Chico

A gravação da entrevista narrativa com professor Chico iniciou após a introdução do tema da pesquisa, diferentemente do que ocorreu com a entrevista com Olga. De qualquer forma, as informações ditas aos professores, conforme exposto no capítulo metodológico, são equivalentes. Chico inicia sua narrativa expondo que, no início da ditadura militar, ele estava finalizando seus estudos e que, logo em seguida, entre 1966 e 1967, começou a dar aulas em uma escola municipal. O excerto abaixo ilustra o início de sua narrativa:

Chico	<p>2 Muito bem/ começamos por onde? hh do início/ bem na verdade o início já é</p> <p>3 parte da minha vida que é/ esse período ditatorial</p> <p>7 [...] como estudante a gente tem maior envolvimento com</p> <p>8 as coisas/ política/ até porque você tem mais liberdade para agir e falar/ menos</p> <p>9 represamento/ vamos dizer assim né/ bom então eu tive já de imediato um problema/</p> <p>10 eu fui impedido de seguir na minha atividade política né/ fui denunciado por</p> <p>11 professores como subversivo/ nem isso eu era na verdade/ mas eles entendiam assim/</p> <p>12 então eu já comecei com o pé esquerdo/ é uma metáfora que pode não ser metáfora</p>
-------	--

No início da sequência acima, professor Chico direciona-se faticamente ao pesquisador, ao questionar por onde começar a narrar. Ele ri, logo em seguida, demonstrando familiaridade com a história a ser contada. Nas linhas 2 e 3, o professor constitui o início de sua história, como já sendo parte de sua vida, evidenciando o caráter construtivo e performático da narrativa. O docente, ao narrar sobre ser estudante, predica esse período como tendo mais “liberdade” para “agir e falar”, pois teria menos “represamento”. Essa predicação pressupõe a ideia de não

ser estudante, o que nesse contexto é ser professor de determinada instituição, onde há regras e não se pode quebrá-las. Conforme ele conta, foi “impedido de seguir” o trabalho político, porque foi denunciado por outros professores, pois era considerado “subversivo”. Assim, Chico posiciona-se, inicialmente, de forma desprivilegiada.

Na linha 11, o entrevistado diz que “nem isso eu era na verdade/ mas eles entendiam assim”. Chico coloca a predicação “subversivo” como uma forma de compreensão social sobre ele. Tal ideia pressupõe um julgamento e pela discordância do entrevistado, evidencia-se um conflito de ideias entre ele e os personagens da interação “eles”. Esse é um aspecto importante da narrativa de Chico, pois a predicação “subversivo” passa a ter características de um índice avaliativo, por ser construído como uma expressão usada por um grupo para identificar algumas pessoas. Nesse sentido, quando ele narra “fui denunciado por professores como subversivo”, há a mobilização de uma ordem de indexicalidade de preconceito com o comunismo. Assim, em sua performance, essa ordenação aponta para julgamento sofrido e até exclusão, como vê-se mais adiante.

Sendo essa sequência as primeiras linhas da entrevista de Chico, considerando suas colocações em relação às que são narradas posteriormente (como o fato de ser denunciado, os conflitos de ideias com outros professores e o entendimento dele como “subversivo”), ressalta-se as ideias de Mishler (2002) sobre o narrador possuir um conhecimento sobre o final da história que está sendo contada. Ainda em relação a essas considerações, no final do excerto, o professor narra que começou com o “pé esquerdo”, e que isso seria “metáfora que pode não ser metáfora” (linha 12). Nota-se que Chico relaciona a história a ser contada com a ideia de algo desfavorável e desventurado dando, assim, indícios de como será o restante do evento narrativo. Observa-se ainda que a “ideia de esquerdo”, como ele coloca, não significa, necessariamente, uma metáfora, pois está vinculada à ideia de subversivo, como ele contou na linha 11. Dessa forma, o entrevistado está construindo uma coerência para a sua performance narrativa (LINDE, 1993). Então, ainda segundo Mishler (2002), Chico reconstrói os eventos narrados e os performa em uma ordem hierarquicamente significativa.

O entrevistado continua contando sua história e explica que, no início da carreira, trabalhava sob contrato municipal, pois ainda era estudante e não poderia prestar concurso. Logo em seguida, ele conta sobre outro problema enfrentado quando passou em um concurso docente para o Estado. Segundo ele, o problema foi fruto de sua relação “desarmônica” com o regime ditatorial, assim, ele posiciona-se de modo contrário ao regime. Nota-se, na linha 12, que a colocação “então eu já comecei com o pé esquerdo/ é uma metáfora que pode não ser metáfora” serve como um gancho para contar os eventos seguintes. O excerto que ilustra esse evento está abaixo:

Chico	<p>20 começaram alguns problemas vamos dizer assim consequências né dessa relação</p> <p>21 desarmônica que eu tinha com o sistema então imposto no país o sistema ditatorial</p> <p>[...]</p> <p>26 eu fui impedido de ser professor do Estado</p> <p>27 tendo sido o primeiro colocado numa seleção feita na época/ primeiro colocado/ mas a</p> <p>28 delegada de educação da época me disse que eu era assim como eu era o primeiro</p> <p>29 colocado da seleção eu também era o primeiro de uma lista de/ abre aspas "subversivos" fechar aspas/ do</p> <p>30 presidente da Arena em [cidade] ela disse que eu não podia ter contrato com o estado</p> <p>31 era proibido e mesmo no [colégio] eu já estava dando aula que é um colégio público</p> <p>32 eu tinha uma série de restrições por exemplo não podia participar de coordenações</p>
-------	---

Na primeira linha do excerto, Chico conta que foi proibido de assumir o cargo de docente, mesmo tendo sido o primeiro colocado no concurso. Ele enfatiza essa predicação com a repetição de “primeiro lugar” (linha 27), atribuindo importância ao

fato narrado. Por meio dos verbos metapragmáticos “impedido” e “tive”, em relação às restrições recebidas no trabalho, ele indexa a repressão por parte dos outros personagens, já que ele é reprimido pela delgada de ensino, devido a um documento do presidente da Arena, partido que representava os militares. Ele reitera esse evento, contando que, na escola municipal, teve “restrições”, repetindo seu posicionamento desprivilegiado.

Considerando os fatos narrados, compreende-se que, na performance narrativa de Chico, seu mérito e seus conhecimentos não foram considerados, naquele momento, devido à identidade subversiva atribuída a ele. Desse modo, ele reitera o posicionamento que contrapõe a liberdade que teria como estudante e se coloca, novamente, de forma desprivilegiada, conforme narrado no início da entrevista. Nesse sentido, pela contextualização do início da sua entrevista narrativa, ressalta-se que suas colocações seguem em torno da ordem de indexicalidade de discriminação e intolerância contra o comunismo, conforme evidenciado.

O professor segue narrando sobre suas práticas de ensino durante o período do regime militar. O entrevistado conta então sobre um projeto com filmes de *super 8* criado por ele, o qual envolvia outros professores e vários alunos de uma escola. Ele expõe que, ao promoverem um evento para exibição dos filmes produzidos pelos alunos, o secretário de educação proibiu o acontecimento. Conforme lê-se no excerto abaixo, o docente reconstrói algumas de suas memórias, que evidenciam sua relação como docente com o sistema na época:

Chico	<p>49 [...] uma série de pessoas que estavam fazendo</p> <p>50 avaliação dos filmes/ que eram quase todos considerados pelo</p> <p>secretário de educação</p> <p>51 da época como subversivos/ ele cancelou a apresentação e isso</p> <p>criou uma enorme confusão na cidade</p> <p>52 porque/ pra azar desse secretario/ um dos alunos que fazia parte da</p> <p>equipe</p> <p>53 que avaliava o filme/ filha do prefeito/ tinha a filha do comandante</p> <p>54 da Brigada e do Comandante do então na época nono regimento de</p> <p>infantaria</p>
-------	--

	<p>55 e eram alunos meus/ trabalhavam juntos e sabia que não tinha nada de subversivo</p> <p>56 nós fomos fazer um trabalho educacional/ mas que na época da ditadura a educação tinha que ser</p> <p>57 uma coisa/ assim como um adestramento/ não existe educação no sentido de</p> <p>58 construção de competências isso não existia e se existisse essa ideia/ essa aí não é</p> <p>59 tão nova assim/ mas era considerada como uma atitude subversiva principalmente de</p> <p>60 esquerda/ que matava pessoas comia criancinhas todos aqueles cartórios criados no</p> <p>61 tempo da ditadura/ Mas aí nós conseguimos então através da interferência dessas</p> <p>62 pessoas curiosamente e paradoxalmente o comandante da Brigada Exército e o</p> <p>63 prefeito todos ligados ao sistema vigente da época e isso foi no início da década de</p> <p>64 '70 e conseguimos levar adiante</p>
--	--

Nessa sequência, professor Chico conta que havia um grupo de professores participando do trabalho com os filmes e “a maioria dessas pessoas” foi predicada como sendo consideradas “subversivas”. Conforme evidenciou-se nas análises da narrativa de Olga, o trabalho em grupo e interdisciplinar, como esse, não eram bem vistos pelo regime militar, pois indicava a formação de subgrupos. De acordo com Teles (1979), em um livro de educação moral e cívica, os subgrupos eram “prolixos” e deveriam ser denunciados. O docente conta que só foi possível continuar com as atividades devido ao apoio de militares e políticos, o que ele predicou como “curioso” e “paradoxal”, já que seriam atitudes muito incomuns.

De fato, ele explica que isso ocorreu pela influência da presença das filhas desses personagens, que eram suas alunas, atribuindo a elas um posicionamento positivo e não aos militares (linhas 52 e 53). Ele predica essas alunas como filhas de prefeito e de dois comandantes, o que atribui poder a ele contra o delegado de

ensino. Como ele diz, na linha 52, o delegado teve “azar”, o que indexa um posicionamento de sobreposição ao personagem. De certa forma, parece um reconfronto, depois de ter recebido proibições por parte da delegada de ensino anterior. Ademais, o entrevistado posiciona o prefeito e os demais personagens desse evento como sendo “ligados ao sistema vigente”, marcando oposição ao seu posicionamento.

Outro aspecto relevante a ser destacado é a educação que, nessa sequência, é tomada de duas formas. Chico constitui a educação para o regime militar como “um adestramento”, conferindo a ideia de obediência e de subordinação para professores e alunos (linha 57). Com essa ideia radical de ensino e o de poder de repressão inicialmente narrados, o entrevistado contextualiza a relação entre a docência, a educação e o regime militar. Esse aspecto da educação, como constituído por Chico, foi abordada no capítulo inicial, que disserta acerca da profissão docente na ditadura. Então, a partir da experiência narrada, entende-se que, no sistema educacional ditatorial, havia um controle sobre o que seria aprendido e a forma como esse aprendizado se dava.

Essa colocação envolve uma ordem de indexicalidade sobre a educação e o sistema vigente. Ao expressar que “a educação tinha que ser [...] um adestramento” (linhas 55 e 56), Chico evoca a ideia à questão de controle sobre a profissão e, principalmente, sobre os alunos. Pode-se dizer ainda que o indexical avaliativo “adestramento” indexa significados como o de doutrinação, de domesticação e de subjugação, pois esse é, comumente, utilizado em relação a animais e não a estudantes. O docente ainda narra a respeito da educação, de modo contrário ao que colocou sobre a ditadura, entextualizando a expressão “construção de competências”, a qual foi constituída como não sendo aceita na ditadura. Conforme ele conta, essa não seria uma ideia recente, mas que, para a contextualização ditatorial, era considerada subversiva (linhas 58 e 59). Dessa forma, o professor constitui, em sua performance, o modo como deveria ser a educação para o regime ditatorial.

Observa-se que essa colocação faz um movimento entre o evento narrado e o narrativo, estendendo a ideia de educação predicada pelo narrador ao entrevistador, professor em formação. Compreende-se que tal atitude considera os entendimentos do entrevistador dando, assim, credibilidade à história contada, o que posiciona o

interlocutor de forma participativa da construção narrativa. Ainda nessa sequência de linhas, o professor alinha a ideia de ser considerado subversivo, em relação à prática docente, com a de ter um posicionamento de esquerda “que matava pessoas comia criancinhas todos aqueles cartórios criados no tempo da ditadura” (linhas 60 e 61).

Essa entextualização, que remete a discursos da época, coloca as ideias de “comer criancinhas” e “matava gente” ligadas a ser de esquerda, isso no mesmo plano semântico. Assim, a performance narrativa constitui sentidos, a partir da ordem de indexicalidade de discriminação e intolerância em relação ao comunismo, sobre a sua vida docente. Pode-se dizer ainda que essa colocação indexa uma dicotomia radical em relação à ditadura, que é o fato de que todos aqueles considerados contrários ao regime vigente eram chamados de subversivos e, conseqüentemente, de esquerda, de comunista, de terrorista e etc.

Na sequência a seguir, o professor reitera as ideias narradas anteriormente, mas muda o referente e passa a direcionar a narrativa para as suas experiências de trabalho na universidade. Assim como no excerto anterior, Chico passa a utilizar o referente nós, referindo-se ao grupo de professores que trabalhava com ele e que também era considerado subversivo. No entanto, nesse excerto, o professor posiciona esse grupo como “ficaram sendo quase fundadores da [universidade]” (linha 72). Nota-se o uso do modalizador epistêmico “quase” que insere esse momento da narrativa em um contexto de possibilidades, pois a ideia de fundadores não deve ser levada ao sentido literal de fundar ou construir, mas de possibilitar criações de cursos, como ele narra em seguida.

Ainda assim, a predicação “fundadores da [universidade]” indexa um grau de importância e de grande capacidade intelectual sobre o grupo a que ele pertencia. Nesse sentido, com base na modalização epistêmica, o narrador reivindica um valor de verdade sobre seu posicionamento de oposição expresso pelo indexical avaliativo “subversivos”, como eram considerados pelo governo militar. Dessa forma, o narrador performa um posicionamento para ele e para os outros professores como sendo contrários à ideia de subversivos, entretanto, mantendo-os em posição contrária ao sistema educacional do regime militar também, como pode-se ler a seguir:

Chico	<p>66 enfim uma série de pessoas comuns como pessoas avançadas na época em termos</p> <p>67 de pensamento né mas avançadas em mais em termos de subversão o que é</p> <p>68 comprometida imagina só o desequilíbrio do sistema bom em razão disso a gente</p> <p>69 teve então uma série de ações bloqueadas/ quer dizer o trabalho educacional feito</p> <p>70 naquela época por mim e por uma série de outras pessoas/ professores que ficaram</p> <p>71 sendo quase fundadores da [Universidade] esse pessoal todo era</p> <p>72 considerado subversivo</p>
-------	--

Ainda sobre o grupo de professores, na sequência acima, Chico os predica como pessoas “avançadas” para aquele período. Nota-se que tal comentário faz parte do evento narrativo, pois é um comentário dele em relação ao passado. Essa predicação posiciona não apenas os professores mencionados, mas o sistema educacional da época, que seria ultrapassado. Ele ainda faz uma piada, dizendo que as pessoas seriam avançadas até mesmo “em termos de subversão” (linhas 66 e 67). Nesse ponto, ele ressignifica a ideia de subversão, o que reitera seu posicionamento, tanto contrário à ditadura como quanto às ideias relacionadas a ser subversivo destacadas anteriormente. Ao pregar os professores dessa maneira, o professor mobiliza uma ordem de indexicalidade sobre a docência no ensino superior constituída por pessoas “muito avançadas”. Os significados de “avançadas” e “fundadores” são, nesse momento da performance narrativa, a maneira como o docente constitui o grupo de professores, de certa forma, em oposição a serem considerados “subversivos”. Os termos destacados ainda apontam para questões de pertencimento, já que ele seria parte desse grupo, como lê-se nas linhas 71 e 72: “por mim e por uma série de outras pessoas/ professores que ficaram sendo quase fundadores”.

A partir desse momento da entrevista narrativa, o entrevistado passa a contar sobre suas experiências como professor em uma universidade, dando continuidade a nova contextualização sobre o trabalho docente iniciada nas linhas anteriores. Ele

inicia essa parte da sua história contando sobre seu papel na criação de um curso de graduação, para o qual lhe foi prometido uma vaga. Segundo o professor, essa vaga nunca lhe foi dada e ele se tornou professor universitário em outro curso, depois desse evento. Conforme lê-se na sequência a seguir:

Chico	<p>80 [...] E eu nem era professor da universidade na época e o meu currículo foi</p> <p>81 utilizado para criação do curso e eles inclusive me disseram: <i>não assim que criar o</i></p> <p>82 <i>curso aqui/ vai ser professor do curso/</i> muito bem o curso foi criado e eu nunca fui</p> <p>83 professor do curso/ quando me convidaram para dar aula na universidade aí eu tive</p> <p>84 um outro problema e aí tinha que ter uma tal de certidão negativa da DOPS ao</p> <p>85 departamento de operações políticas e sociais da ditadura e controlava as pessoas</p> <p>86 se elas eram a favor ou contra a ditadura quem era a favor ou neutro tinha chance de</p> <p>87 almejar cargos dessa natureza/ se não/ nem pensar/ e o reitor da universidade da época</p> <p>88 [professor]/ que até tinha um grau de parentesco comigo me disse <i>olha tudo bem</i></p> <p>89 <i>a situação está boa para ti/ perfeita/ mas sem este documento tu não consegue</i></p>
-------	---

Na sequência transcrita acima, professor Chico utiliza duas citações, para contar dois eventos distintos que ocorreram com ele. Nas linhas 80 e 81, o entrevistado enuncia que, antes de ser professor universitário, o seu currículo possibilitou a abertura de um curso. E, antes da citação, ele utiliza o termo “inclusive”, que enfatiza a informação que traz a citação. Citações são, geralmente, utilizadas para reconstruir um evento passado, o que pode demonstrar ser uma

“verdade”, pois seria uma repetição da fala daquele evento, o que transmite credibilidade ao interlocutor.

No entanto, ainda que a citação seja fiel ao fato ocorrido, ela está inserida em uma nova interação, cuja contextualização não trata da preparação de documentos para abertura de um curso superior como relatado, mas de uma entrevista narrativa, em que um professor universitário aposentado narra sua história de vida pessoal e profissional a um estudante em formação. Nessa interação, a citação, que não teve a fonte indicada, traz um posicionamento de irrelevância e exalta a importância que o professor atribui à sua trajetória como docente. Considerando os posicionamentos anteriores, Chico fortalece sua performance como docente, contando suas experiências educacionais, sendo contrário à ditadura e, principalmente, a ser considerado subversivo. Nota-se ainda que esse posicionamento está interligado, contextualmente, com a ordem de indexicalidade anterior sobre a docência no ensino superior constituída por pessoas “muito avançadas”.

Antes da segunda citação, o professor narra sobre a necessidade de um documento que indicasse sua posição política, para poder assumir o cargo de docente (linhas 83 a 87). Conforme já exposto, na ditadura militar, as universidades possuíam assessorias de segurança que vigiavam e controlavam a vida acadêmica de professores, de alunos e de funcionários. A segunda citação, nessa sequência, tem como fonte um ex-reitor da universidade, o qual é predicado, também, como tendo certo grau de parentesco com o narrador. A citação feita por Chico recontextualiza a narrativa, já que ele, que estava tendo trabalhos bloqueados, passa ter uma situação “boa [...] perfeita” (linha 89). Considerando a predicação atribuída ao personagem reitor, o acesso epistêmico de verdade à sua história se dá tanto pela referência desse personagem quanto pela contextualização da narrativa, legitimando o evento de entrada na universidade.

O professor entrevistado segue sua narrativa contando que conseguiu o documento necessário para nomeação e conseguiu trabalhar na universidade, onde atuou até a aposentadoria. Depois disso, ele retoma um evento que aconteceu enquanto ele era aluno, conforme lê-se a seguir:

Chico	<p>105 [...] eu me lembro</p> <p>106 quando teve um episódio lá bem no início do golpe/ logo que deram o golpe em</p> <p>107 abril/ maio por aí/ as pessoas foram lá na Belas Artes para me levar no mural e um</p> <p>108 professor me avisou e me avisou em nome da maçonaria/ a maçonaria</p> <p>109 estava monitorando isso e a visão das pessoas e disse olha tu dá um jeito de sair porque</p> <p>110 vai um caminhão do exército/ um caminhão eu ia ficar sobrando num caminhão né/ não</p> <p>111 sei se tinha mais gente né hh e eu com certeza não estive lá/ depois terminei indo</p> <p>112 mas essa coisa toda e proibido de uma série de ações lá no início em 64 coisa que</p> <p>113 aconteceu lá e tive essas consequências todas né que eu tô colocando as maiores/</p>
-------	---

Professor Chico narra que, assim como os militares vigiavam os professores na universidade, a maçonaria também o fazia. Ele conta que foi avisado por um professor, em nome dessa organização, que os militares estavam indo buscá-lo. Ainda que esse aspecto curioso da narrativa não seja um dos objetivos de análise, cabe ressaltar tanto o trabalho realizado por essa organização, que ajudou a salvar muitas vidas, quanto a função epistêmica que essa informação tem na narrativa do entrevistado. O professor afirma pouco depois, na linha 781 [vide anexo C], que anos mais tarde desses eventos narrados durante a entrevista, ele tornara-se maçom: “eu sei porque eu era da administração da loja”, o que reivindica diretamente a verdade sobre os eventos narrados.

Ainda sobre essa sequência, observa-se que Chico faz uma piada sobre o fato de terem dito a ele que iram prendê-lo em um caminhão, seguido de um riso expresso por “hh”. Após isso, ele enuncia que “não estive lá”, o que evidencia o fato de não ter ficado lá para ser preso e de ter acreditado no professor. No entanto, ele conta que acabou sendo levado posteriormente, mas, rapidamente, retoma a ideia

de problemas que teve durante o regime: “depois terminei indo/ mas essa coisa toda” (linhas 111 e 112). A ironia feita sobre o evento narrado é direcionada ao interlocutor, jovem pesquisador, talvez no sentido de deixar a história de lado, mais do que apenas uma brincadeira sobre o espaço do caminhar.

Dessa forma, reafirma a ideia de problemas enfrentados, assim como ele reafirmou, anteriormente, o fato de ser considerado subversivo. De acordo com Pennycook (2007), essa é uma característica das performances, pois ganham força com a repetição. No final desse excerto, o entrevistado explica que, por um problema “lá no início” da narrativa, isto é, o ano de 1964, limite especificado para o tempo narrado, tiveram todas consequências que ele narra. O professor, então, expõe a forma como constrói a sua narrativa, a qual se relaciona diretamente ao evento da prisão, não contado por ele até ser questionado no final da entrevista. Além disso, na última linha, o professor estende os eventos narrados até o entrevistador: “eu tô te colocando os maiores” (linha 113). Tal expressão sublinha as ideias de autores, como Bastos e Santos (2013), que conceituam a narrativa como uma coconstrução que surge da interação do narrador entrevistado e pesquisador entrevistador.

Professor Chico, além de deixar claro que a construção da sua narrativa é direcionada a Maurício, caracteriza os eventos contados como “os maiores”, constituindo um posicionamento de considerar aqueles acontecimentos como mais importantes, no sentido de atender à solicitação inicial do pesquisador, de ouvir sua história de vida e tudo que ele considerasse mais relevante. No excerto destacado abaixo, o docente retoma informações sobre o trabalho docente e a relação com a ditadura militar, como lê-se a seguir:

Chico	<p>128 essas coisas acontecerem</p> <p>129 mostram que eu assim como dezenas ou centenas de outras pessoas na área de</p> <p>130 educação só sem falar não é deixaram de prestar serviços ou tiveram a sua atividade</p> <p>131 de certa forma prejudicada limitada por sermos eu e mais essas centenas de</p>
-------	--

	<p>132 pessoas aí contra o golpe de estado/ contra um sistema ditatorial que não tava</p> <p>133 ajudando em nada tava botando para baixo do tapete tudo isso que agora nós</p> <p>134 estamos vendo aqui né aconteceu na ditadura/ só que lá o tapete era grosso era</p> <p>135 verde-oliva né e bem calçado na volta/ então não havia como a gente saber disso e</p> <p>136 sabendo o importante era ficar quieto/ Sabe?/ sabe/ então fica quieto porque se tu tiver</p> <p>137 alguma coisa diferente isso pode complicar sua vida/ a tua existência a existência no</p> <p>138 sentido literal né complicar a existência mesmo.</p>
--	---

Entendendo-se que a narrativa é, também, uma forma de constituir pertencimento, nota-se que professor Chico comenta que ele, assim como muitos professores, lutou contra a ditadura. Ele reitera esse posicionamento, repetindo que professores, que assim como ele tiveram o trabalho educacional prejudicado, lutaram contra o golpe militar (linhas 129 e 132). Na primeira metade do excerto acima, Chico assume um posicionamento militante, criticando problemas que foram causados naquela época, mas que apenas depois daquele período foram descobertos. Ao utilizar os descritores “prejudicada” e “limitada”, o sujeito predica as ações educacionais feitas por “ele [...] mais centenas de pessoas” contrárias à ditadura.

Logo em seguida, o docente profere, nas linhas 133 a 135, o discurso “botando para baixo do tapete tudo isso que agora nós estamos vendo aqui né aconteceu na ditadura/ só que lá o tapete era grosso era verde-oliva né e bem calçado na volta”. Constata-se o status epistêmico privilegiado do professor sobre as informações narradas, quando ele faz referência à sua própria narrativa em “tudo que vemos aqui”, atribuindo importância às informações narradas. Ele ainda toma a ideia de colocar coisas para “debaixo do tapete”, no sentido de que a ditadura escondia os problemas ou erros que cometia. Ele predica o tapete como sendo

“verde-oliva” para, dessa forma, referir-se às roupas militares e então posicioná-los como os agentes que faziam a ação de pôr as coisas embaixo do tapete.

Embora o entrevistado não cite esses problemas, nota-se um movimento temporal, em que o sujeito estende o evento narrado ao evento narrativo, fazendo uma ligação entre a contextualização do passado com o momento da entrevista. Nesse sentido, o entrevistado utiliza o pronome “nós” quando fala dos problemas do passado que são vistos anos depois, inserindo o entrevistador como participante da ação. O professor ainda explica que, ao ter conhecimento de problemas da ditadura, durante aquele período, se devia ficar em silêncio, pois comentar sobre isso traria implicações que poderiam resultar em morte (linhas 136 a 138).

Assim, averiguou-se que o entrevistado mobiliza uma ordem de indexicalidade de repressão e violência por parte da ditadura militar. A partir disso, pode-se perceber que ele indexa a ideia de silenciamento como parte do sistema imposto, como lê-se em: “o importante era ficar quieto”. Nota-se que, contextualmente, o professor performa esse silenciamento ao entrar em detalhes sobre o que era colocado de baixo de tapete. Nas linhas finais, ele enfatiza essa ideia, repetindo “a existência no sentido literal mesmo”, apontando, assim, para os crimes cometidos pelos militares. Como destaca-se a seguir, a mobilização dessa ordem de indexicalidade de repressão e violência possibilitou um questionamento do pesquisador sobre a ideia de controle:

Maurício	239 Eles tentavam controlar totalmente?
Chico	<p>240 Totalmente/ sob controle e curiosamente o que se percebe hoje é que há</p> <p>241 uma mistura né a gente chama de complexo disso né uma rede transpassada entre</p> <p>242 que muitas pessoas daquela época que eram coniventes com outras que foram</p> <p>243 prejudicadas/ porque aos poucos as pessoas foram abandonando tanto um lado</p> <p>244 contra o outro e hoje se misturaram hoje tu não sabe né eu sei</p>

	<p>porque eu vivia na</p> <p>245 época porque eu vejo então as pessoas até se aproximando de mim meus amigos e</p> <p>246 conversar comigo e tal e fico pensando pô mas naquela época esses caras</p> <p>247 castigaram né não de forma direta né mas eu sabia porque assim como tinha</p> <p>248 informações de um lado tinham informações do outro é terminar vai sabendo então a</p> <p>249 gente ficava sabendo fulano de tal olha ele tentou te dedurar e hoje essa pessoa tá lá</p> <p>250 trabalhando convivendo com a gente e foi anistiado eu anistiei essas pessoas porque</p> <p>251 na verdade a grande maioria delas tava sobrevivendo/</p>
--	--

Na sequência acima, o pesquisador pergunta se, de fato, os militares tentavam controlar tudo. A resposta do professor é positiva, no entanto, chama-se atenção para a colocação dele sobre as pessoas que trabalhavam com ele naquela época. Professor Chico expõe que, no momento da entrevista, as pessoas, tanto as que eram a favor da ditadura e que colaboraram com o regime totalitário quanto aquelas contrárias, se misturaram. Então, inicialmente, o entrevistado diz que é difícil saber quem são essas pessoas atualmente, já que elas mudaram de posição política (linhas 243 e 244).

Em seguida, ele faz um movimento fático, direcionando uma afirmação para Maurício, na linha 244 e 245: “hoje se misturaram/ hoje tu não sabe né/ eu sei porque eu vivia na época”. Trata-se de uma passagem duplamente metanarracional, em que Chico, além de fazer uma autorreferenciação, estende o evento narrado ao evento narrativo e ao entrevistado, constituindo um posicionamento assimétrico de desvantagem sobre Maurício, pois esse não saberia quem são aqueles que apoiaram a ditadura naquele momento. Logo após, nas linhas seguintes, professor Chico utiliza o descritor “castigara”, posicionando aqueles que o fizeram mal, no passado, como dissimulados, já que se aproximam dele sem saber que ele sabia que elas o prejudicaram “não de forma direta” (linha 247).

Além disso, nessa passagem, ele reivindica acesso de verdade sobre o evento, conferindo credibilidade à história, já que o sujeito lembra “porque vivia na época”. Outro a ser destacado ocorre, na linha 249, quando Chico utiliza o descritor “dedurar”, reiterando o posicionamento de oposição dessas pessoas a ele. Além disso, esse descritor pressupõe as suas ações, ou seja, as práticas educacionais narradas por ele, que eram bloqueadas.

No final da sequência acima, o professor muda o posicionamento em relação às pessoas que ele havia introduzido na narrativa, por meio do descritor metapragmático “anistiei”. Assim, ele indexa um posicionamento de perdão e de esquecimento, em relação aos seus colegas, pois ele compreende que “na verdade a grande maioria delas tava sobrevivendo” (linha 251). Nesse sentido, o docente atribui o significado de sobrevivência, de forma homogênea, para todas essas pessoas, expondo que compreendia ações delas. O que, como pode-se observar no excerto abaixo, muda novamente:

Chico	<p>252 Né teve aqueles que se locupletaram/ nem aí esses não têm perdão mas esses eu</p> <p>253 não anistiei/ não assinei a anistia/ posso anistiar ou não/ mas a grande maioria eu</p> <p>254 terminei anistiando porque eram pessoas pobres de espírito que começaram a estudar</p> <p>255 tarde estudar quando eu digo não é fazer curso é estudar e ler se instruir de fato</p> <p>256 construir suas competências de verdade né então mudaram entenderam que estavam</p> <p>257 errados</p>
-------	--

Na sequência acima, professor Chico rememora as pessoas com quem conviveu na universidade durante o período ditatorial. Conforme exposto, naquele período, denúncias contra professores, perseguição e espionagem eram comuns. Nesse sentido, o docente narra, em excerto anterior, que quando se sabia de alguma informação “o importante era ficar quieto” (linha 136). Depois, reitera seu

posicionamento sobre essas pessoas, expondo que não sabia quem era quem, mas rapidamente afirma que sabe. Então, acaba posicionando-se diante dessas pessoas como tendo as anistiado. Nesse excerto, Chico refuta sua colocação e diz, através do descritor “locupletaram”, que alguns ele não anistia (linha 252).

Chico, que se coloca de forma julgadora, afirmando que “não assinei a anistia/ posso anistiar ou não”, na linha 253, parece oscilar entre aqueles que perdoa e aqueles que não perdoa. O entrevistado parece passar por momentos de desequilíbrios na performance narrativa (FREITAS e MOITA LOPES, 2017). Eram pessoas que faziam o mal, mas ele as anistia, por estarem sobrevivendo; depois não anistia alguns, então acaba por anistiar a maioria, pois eram pobres de espírito. Chico reivindica um acesso a essa possível verdade, dizendo diretamente ao entrevistador que ele sabe, já que viveu no período ditatorial. Embora demonstre isso de modo diferente, há uma tentativa de convencer o entrevistador.

Em suma, ainda se ressalta a ideia de anistia na narrativa. Anistiar é uma forma de perdoar e de esquecer, um significado mais profundo do que simplesmente desculpar, pois pressupõe a feitura de um crime. Nesse sentido, observando isso como uma forma de esquecimento construída na narrativa, nota-se que esse esquecimento, que emerge pela expressão de anistia, funciona como uma lembrança para o professor Chico. Retomando a ideia de Signorini e Freitas (2015), esse esquecimento performado na narrativa de Chico possui um significado, neste caso, o de perdoar, o que causou até um desequilíbrio narrativo, faz parte da coerência da construção narrativa.

Outro excerto a ser destacado para análise, apresenta outra pergunta feita pelo pesquisador em relação aos alunos, como pode-se ler abaixo:

Maurício	<p>456 Maurício: o senhor falou que alguns professores foram torturados também na</p> <p>457 época né/ e os alunos eles chegavam a questionar/ querer conversar sobre o</p> <p>458 assunto/ perguntar ou argumentar sobre ou reclamar ou até contar sobre o que</p>
----------	---

	459 também passaram por exemplo.
Chico	460 Sabe o que acontece/ tinha uma piada na época que dizia assim para uma 461 pessoa o que que tu acha disso de um barbarismo desse e a pessoa dizia assim eu 462 não acho nada porque um amigo meu achou e até hoje não acham mais ele hhh 463 então o pessoal tinha muito medo

Ao ser questionado sobre a relação com os alunos e a repressão do regime militar, o professor entextualiza uma piada utilizada na época, em um contexto de interação narrativa, mas que mantém o aspecto de silenciamento que remete para aquele momento, já que se trata de uma explicação ao silêncio de alunos sobre seus professores. A piada é utilizada pelo docente como resposta ao entrevistado, porém, o professor, ao conta-la, acaba por desvencilhar-se da pergunta. Chama-se atenção ainda para a linha 463, em que o professor justifica sua entextualização, expondo que “o pessoal tinha muito medo”. Desse modo, ele responde à pergunta inicial de Maurício sobre os alunos contarem situações vivenciadas por eles aos professores.

Em seguida, o entrevistador retoma a ideia de subversivo, fazendo um comentário:

Maurício	476 Ser tachado como subversivo era bastante marcado pelos outros 477 também
Chico	478 Marcado/ marcado/ marcado
Maurício Chico	479 Era uma identidade também 480 Era/ eu parei de estudar na escola de belas artes naquele ano por conta disso

Na linha 476, há uma afirmação sobre o indexical avaliativo “subversivo”, que é tomado por Maurício como sendo “bastante marcado” em relação a quem recebia tal predicação. O entrevistador retoma o termo supra performado por Chico em sua performance. Nota-se que o entrevistado toma a predicação “marcado” e a reitera três vezes, concordando com Maurício. Isso ocorre, novamente, quando o pesquisador enuncia que ser tachado assim “era uma identidade” para os sujeitos, constituída por outros. Professor Chico, então, repete o descritor “era”, assentindo com seu interlocutor. Nesse excerto, ocorre o que se chama aqui de alinhamento das performances dos participantes, ou seja, há uma performance conjunta entre o entrevistado com o entrevistador.

Esse exemplo sublinha a ideia de uma narrativa ser uma situação de interação entre os participantes e o que Bauman e Briggs (2006) chamaram de coperformance. O avaliativo “subversivo” indexa um significado profundo para o professor, que retoma um evento do início da entrevista, expondo que “parou de estudar” por ser considerado subversivo. Um pouco depois, Maurício questiona o professor Chico sobre o já mencionado interrogatório que ele passou. O entrevistado conta que discutiu com uma professora, ainda no início da ditadura. O que ele não sabia era que ela era comprometida com um militar. Eles o denunciaram e ele acabou sendo levado para interrogatório, conforme lê-se abaixo:

Chico	<p>694 [...] quando ele me questionou bastante e tal/ e tu vê como são as coisas né/ essa pessoa</p> <p>695 que me denunciou tinha sido tinha servido com meu pai e meu pai tava lá esperando</p> <p>696 foi me levar foi junto né e o cara viu o meu pai e perguntou/ quem é:: porque que fulano</p> <p>697 está aqui? o filho dele foi interrogado lá embaixo quem é o filho dele? Aí o cara foi lá/ aí o cara</p> <p>698 mandou uma mensagem/ que eu tava sentado assim eu me liguei vi quando chegou um cara/ um</p> <p>699 soldado ali e disse uma coisa para o cara/ a partir de agora é o seguinte eu vou te</p>
-------	---

	<p>700 liberar aqui mas tu não vai mais fazer isso isso isso me deu uma receita do que eu</p> <p>701 não podia fazer não podia fazer nada voltei com calma vou ficar em casa sentado</p> <p>702 então sem estudar/ não estudar pode/ então tá/ saí debochando do cara e o cara era o</p> <p>703 capitão tava bravo comigo né me liberou assim/ aí o cara esse que ficou ali/ foi falar</p> <p>704 com meu pai/ ah o teu filho está lá não/ não eu já mandei liberar ele não sabia que era teu filho e</p> <p>705 tal/ é/ o meu pai/ mas se fosse os filhos dos outros vocês iam matar lá embaixo/ iam torturar/ não/ não é assim</p> <p>706 é assim não justifica a tua atitude eu não vou te agradecer por isso porque é tua</p> <p>707 obrigação liberar uma pessoa/ tem que liberar os outros todos e saiu/ eu lembro que</p> <p>708 esse cara depois andava/ andava na volta do meu pai mandava os outros amigos dele</p> <p>709 conversar com o pai e o pai não quero assunto contigo tu não existe para mim cortou</p> <p>710 as relações com o cara mas cortou mesmo e a minha mãe até hoje tem raiva deles</p> <p>711 assim/ agora tem um filho de um deles e o cara é meu amigo eu não vou nem falar</p> <p>712 com o cara né nada a ver com a história né e é meu amigo mesmo e tal/ e eu não</p> <p>713 digo nada/ e ele/ pois é °tivesse uns problemas° pois é/ eu sei/ meu pai te ajudou</p> <p>714 naquela época/ a pessoa não sabe o que disse/ coitado</p> <p>715 do cara não tem nada que ficar com a culpa do pai não tem nada até porque não tem</p> <p>716 cara uma pessoa normal assim</p>
--	---

No excerto acima, professor Chico conta sobre o evento do interrogatório. Logo nas primeiras linhas, ele direciona a narrativa a Maurício, ao contar que o militar, que era comprometido com a professora, havia servido com o seu pai. O entrevistado faz uso de citações para expor os diálogos que ocorreram tanto entre esse militar e seu pai quanto entre ele e um amigo da atualidade, filho daquele militar. Nota-se que o professor cita o diálogo entre seu pai e o militar que, segundo a narrativa, ocorreu enquanto ele estava sendo interrogado. De qualquer forma, ao contar esse evento da narrativa por meio da citação, o professor reivindica veracidade à história. Na narrativa, há, ainda, uma enorme mudança no tom de voz, quando o seu pai, ex-militar, entra em cena. Segundo narra Chico, ao ver seu pai, o coronel que o denunciou procurou saber o que ele fazia ali. Conforme relata o professor, na linha 704: ah o teu filho tá lá/ não/ não já mandei libera ele/ não sabia que era teu filho”.

Assim, pela mudança no tom da voz, ele constitui um poder hierárquico ao pai sobre aquele militar, pois utiliza uma fala desacelerada. Em seguida, o professor Chico dá voz ao seu pai: “é/ o meu pai/ se fosse filho de outro vocês ia matar”. Nesse momento, a voz do pai é a que passa a ser mais alta e forte. Em sua performance narrativa, o professor começa a construir o referente militar com uma voz mais forte, o qual é reconstruído por mudança de voz, a partir da entrada de seu pai na história. Assim, o militar passa a ser posicionado de modo inferior ao ex-militar em sua frente.

Seguindo na narrativa de Chico, o professor continua dando voz a um outro personagem de sua história, um amigo, que é filho do militar que o denunciou. Isso é relatado nas linhas 712 e 713: “[...] e eu não digo nada/ e ele/ ↓pois é °tivesse uns problemas° / pois é↓/ eu sei/ >meu pai te ajudou naquela época< é teu pai foi legal comigo.” Como evidenciado pelas convenções, o professor fala de forma mais baixa e com a voz mais fina, para dar voz ao amigo, na citação que ele performa em sua narrativa. Nesse sentido, compreende-se que o professor menospreza o conhecimento do amigo. Conforme sua narrativa, seu amigo pensa que o pai dele ajudou Chico. O professor acaba por concordar com o sujeito, porque, segundo ele, o “coitado do cara não tem que ficar com a culpa do pai/ até porque não tem/ é uma pessoa normal” (linhas 20 e 21). O entrevistado predica o amigo como “coitado” e “normal”, constituindo um posicionamento de alguém de menor importância.

Além disso, observa-se que o professor recria uma memória em relação à imagem do seu pai e, assim, a utiliza tanto para seu posicionamento, quanto para posicionar os demais personagens de sua narrativa, seu amigo e o pai dele, o militar. Dessa forma, nota-se que os posicionamentos do amigo de Chico e de seu pai, militar que denunciou o professor no passado, são performados a partir da referência dessa memória paterna. Dessa forma, ressalta-se o argumento de Candau (2014), o qual exprime que os posicionamentos identitários são interligadas às memórias sociais, bem como às próprias identidades, que são construídas na rememoração, isto é, performadas em uma interação com o outro, nesse caso, pela diferença (SILVA, 2000).

Finalizada a análise da narrativa do professor Chico, nota-se que ele construiu sua narrativa em torno de determinados eventos, os quais foram sinalizados no início da entrevista. Ainda que o professor construa uma ordem de acontecimentos dos eventos com aparência cronológica, ele finaliza sua narrativa contando sobre o interrogatório que passou anteriormente aos eventos narrados durante a entrevista. Na narrativa desse entrevistado, constatou-se pela modalização epistêmica e pelo uso das citações, que o professor procurou reivindicar valor de verdade sobre os acontecimentos. Além disso, percebe-se que Chico procurou responder ao questionamento inicial da entrevista realizado por Maurício.

4.3 Horácio

A entrevista narrativa com o professor Horácio teve início, assim como as outras entrevistas, com uma apresentação do pesquisador e uma breve introdução de como ocorreria aquela atividade. O pesquisador deixou claro que não interromperia o sujeito com perguntas e que o deixaria à vontade. Horácio inicia então sua narrativa contando sobre sua formação escolar e universitária e sobre ter sido seminarista, um período de sua vida em que estudou Filosofia. O excerto abaixo ilustra o começo de sua história:

Horácio	<p>10 Ta bem/ bem/ eu talvez tenha que começar dizendo que eu tirei na época</p> <p>11 o curso de serviço social/ faculdade de serviço social na [universidade]</p> <p>12 [cidade] e também vou dizer/ não que seja aproveitado/ nem que sim nem que não/</p> <p>13 que eu sou egresso do seminário/ na verdade eu/ eu fiz/ tava fazendo seminário/ fiz todo</p> <p>14 meu ginásio, científico e fiz meio ano de filosofia/ pelo seminário/ eu saí por/</p> <p>15 aquelas relações de seminário/ de colega/ e também profissões ligadas a/ acho que na</p> <p>16 época um pouco mais ligadas a quem tava no seminário/ era o serviço social/ escolhi por</p> <p>17 essa e também por razões de não ter como fazer um outro curso na época/ não tinha</p> <p>18 curso noturno hhh mas curso diurno era pra quem não precisava trabalhar/ eu precisava</p> <p>19 sobreviver</p>
---------	---

O entrevistado, logo no início de sua narrativa, conta que “talvez” deva iniciar sua história expondo que cursou serviço social (linhas 10 e 11). Ao considerar o restante da transcrição, nota-se que essa informação permeia quase toda a entrevista e é um ponto importante na história de vida de professor Horácio, já que ele se tornou professor universitário nessa área do conhecimento. Portanto, parafraseando Linde (1993), pode-se dizer que Horácio está iniciando a construção da coerência de sua história de vida, colocando um ponto que se articula com os eventos seguintes que foram expostos.

Logo após, ao contar que era egresso do seminário, o professor, como se vê na linha 12, diz que “não que seja aproveitado/ nem que sim nem que não”. Pelo descritor “aproveitado”, o professor deixa um questionamento implícito ao entrevistador, pois não saberia se tal informação seria útil. Dessa forma, o entrevistado coloca-se indiferente em relação a essa parte de sua história. Então, ao

expor que escolheu fazer o curso de serviço social, ele narra a seguinte colocação: “profissões ligadas a/ acho que na época um pouco mais ligadas a quem tava no seminário” (linhas 15 e 16). Percebe-se que essa colocação mobiliza uma ordem de indexicalidade em relação à formação em cursos humanísticos como sendo ideais para seminaristas, constituindo um posicionamento culturalmente estigmatizado em relação a esse evento. Como ele se tornaria padre, logo, pensou em uma profissão com atividades “compatíveis” com as de um sacerdote.

Ele ainda expõe que saiu do curso de Filosofia devido “aquelas relações de seminário/ de colega” (linha 14). Ainda que não fique claro quais são essas relações, pode-se pensar nas divergências de ideias entre a Filosofia e a Teologia, como também nas regras e proibições que o seminário impõe sobre seus membros e os tipos de relações que eles podem ter. Ainda nesse início, o professor faz uma colocação sobre a falta de cursos no período da noite, já que ele precisava trabalhar durante o dia (linhas 17 e 18). Tal fato era comum na época em que ele estava no ensino superior, pois o número de cursos acadêmicos era menor ao se comparar com os anos atuais.

No final desse excerto, o entrevistado ainda se posiciona como alguém que “precisava sobreviver” em oposição a quem não precisava trabalhar (linhas 18 e 19). Tal colocação indexa a situação econômica em que se encontrava Horácio, atrelada a ideia de ter de estudar à noite. Além disso, faz-se interessante colocar que, em nenhum momento da entrevista, o professor comenta sobre familiares, exceto sobre sua esposa e filha, anos mais tarde dos eventos narrados nesse princípio. Então, Horácio segue sua história, direcionando-a para eventos do período em que era estudante, conforme lê-se na sequência abaixo:

Horácio	<p>20 [...] 62/ 63 foi um período que a gente que era das lutas pelas reformas de base no Brasil</p> <p>21 as famosas reformas de base entre elas a reforma universitária/ reforma da educação ne</p> <p>22 e eu/ o meu período de aluno do curso foi um período até 64 até fim de 64/ metade de 64</p> <p>23 foi um período de participação da união nacional dos estudantes de</p>
---------	--

	[cidade]/ ne e 24 de participação no movimento estudantil/ mas não muito ne era a época da Juc era 25 época da Juc juventude universitária católica/
--	---

Na sequência exposta acima, o professor inicia uma contextualização sobre seu engajamento em questões sociais, no período anterior ao da ditadura e, a partir disso, expõe sua participação em discussões e em organizações estudantis. Sua participação fica mais evidente na sequência que prossegue. Assim, ao expor esse envolvimento pelas reformas citadas, Horácio assume um posicionamento de estudante participativo, militante e contrário ao governo vigente (linhas 23 e 24). Nesse sentido, o docente adota uma postura cuidadosa em relação ao que narra, parecendo querer contornar algo que já contou, proferindo a expressão “mas não muito né” (linha 24) ao falar sobre seu envolvimento com essas organizações. Tal colocação é repetida em outros momentos da entrevista.

Ainda que esse excerto não possua muitos elementos a serem destacados pelas ferramentas analíticas, considera-se essas informações importantes tanto para a compreensão da trajetória de vida narrada por Horácio quanto para observar a construção da contextualização de sua história, assim justifica-se sua exposição. Isso também vale para a sequência exibida a seguir, em que o professor conta sobre a rotina de aulas na universidade, enquanto ainda era aluno:

Horácio	35 [...] um dia da semana não tinha aula era dedicada ao diretório 36 acadêmico para debate toda a manhã a gente fazia debate/ era quartas-feiras de manhã 37 não tinha aula mas tinha esse compromisso pra mostra assim como ainda tava muito 38 presente aquela raiz ainda de todas lutas pelas reformas de base que foram 39 movimentadas nas décadas/no início de 60/ ne queda do Jânio/ Jango assumindo ne/ e 40 propondo as reformas de base/ reforma agrária/ reforma universitária/
---------	--

	reforma política/ 41 reforma administrativas/ reforma bancária/ e a gente fazia um debate no dia/ de certa 42 forma coordenado pela união nacional dos estudantes/ eu tive essa participação/ mas 43 não muito além de grupos de na época até tidos de esquerda/ mas não/ normal pertenci 44 ao diretório acadêmico/ fui do conselho da união da da da eu digo do diretório central 45 dos estudantes da [universidade]/ do diretório dos estudantes da [universidade] mas não muito mais 46 que além/ ta/ aí me formei aí nesse panorama/
--	---

O entrevistado segue contando sobre o período de estudante, coincidindo o período de sua formação com o início da ditadura militar, como indicado por ele na linha 22. Na sequência acima, observa-se que Horácio faz um comentário sobre os debates que ocorriam na escola, que, segundo ele, “ainda tava muito presente aquela raiz ainda de todas lutas” (linhas 37 e 38). Isso se dá pelo fato de que todos esses movimentos foram coibidos no regime militar, como ele conta no decorrer de sua narrativa. Assim, nota-se que Horácio tem uma certa noção do que pretende contar, pois já está contrapondo as ideias de um período que ainda não foi narrado.

Logo depois, o professor, ao falar de sua participação em grupos de estudantes, predica suas práticas como “normal”, depois de colocar ao pesquisador que aqueles grupos eram tidos como de esquerda (linha 43). Ele ainda justifica sua colocação, na mesma linha, dizendo que “eu tive essa participação/ mas não muito além” (linha 45). Nota-se que Horácio justifica sua colocação novamente, de certa forma, em uma tentativa de diminuir um possível efeito do que ele disse ao pesquisador. O entrevistado parece estar tomando cuidado com o que diz, possivelmente, por insegurança em relação ao entrevistador, afinal, ambos os participantes se conheceram naquele dia.

Nesse sentido, cabe dizer ainda que as colocações proferidas pelo professor, como nas linhas 42 a 46, giram em torno de uma ordem de indexicalidade de discriminação e intolerância tanto em relação ao seu pertencimento a essas organizações quanto ao fato destas serem consideradas como de esquerda. A partir dessa constatação, compreende-se as justificativas que o professor faz ao narrar sobre elas. Ele segue sua história, passando a contar sobre o início de seu trabalho como professor, como vê-se a seguir:

Horácio	<p>52 [...] em 67/ em seguida eu recebi um convite</p> <p>53 pra dar aula no curso/ mas eu tinha um certo compromisso/ um certo não/ meu</p> <p>54 compromisso profissional não me permitia a disponibilidade de horário pra dar aula</p> <p>55 porque o horário do curso era diurno era de manhã/ eu seguia também com meu trabalho</p> <p>56 então eu fui muito limitado com poucas aulas/ eu comecei o processo de/ de magistério/</p> <p>57 aí ne disciplina levinha mas paralelamente a isso via um [palavra inaudível] terminei</p> <p>58 conhecendo pessoas que labutavam nos movimentos de esquerda em [cidade]/ e já</p> <p>59 me engrenei nesse processo e comecei a participar/ também/ mas no início foi isso/ ne</p> <p>60 com o tempo em 67/ 68/ 69 eu terminei ingressando com mais duas ou três pessoas</p> <p>61 daqui/ na AP/ era dos grupos/ das organizações de esquerda da época/ eram suas raízes</p> <p>62 eram na JUC/ muita gente/ que veio da igreja foi pra AP que era chamada de ação popular/</p>
---------	--

No excerto anterior, ao contar sobre quando começou a dar aulas na universidade, o professor expõe que seguiu com seu outro trabalho, no objetivo de finalizar um contrato, construindo, assim, um posicionamento de responsabilidade (linha 54). Somente mais tarde ele assumiria completamente a universidade (linha 56). Seguindo a sua narrativa, o professor qualifica a primeira disciplina que ministrou como “levinha” (linha 57), constituindo um posicionamento crítico por qualificar a disciplina assim, pois essa teria sido mais tranquila em relação ao seu conteúdo e trabalho. Considerando a ordem de indexicalidade mobilizada, de discriminação e intolerância, anteriormente, nota-se que os eventos narrados sobre sua participação na JUC (linha 25) serviram como um gancho para ele contar sua participação em outros movimentos de esquerda.

A partir disso, ele conta que conheceu algumas pessoas e acabou se inserindo na ação popular (ou AP), uma organização contrária à ditadura. Com o uso do descritor metapragmático “labutavam”, o professor remete à ideia de trabalho e de prática de atividades, pois essa organização, como ele conta posteriormente, tinha atividades sérias, como, por exemplo, ajudar pessoas na travessia da fronteira do Brasil com o Uruguai. Ainda sobre isso, ele utiliza o descritor metapragmático “engrenei”, em relação aos trabalhos na AP, indexa um posicionamento de alguém que era membro ativo nas relações da organização, já que utiliza um verbo que sugere que ele era uma parte interligada às demais, em um trabalho conjunto para que algo funcionasse.

Nesse sentido, ainda há dois pontos a serem destacados nessa sequência. O primeiro refere-se a tomada de pessoas, momento em que o entrevistado diz que elas eram “daqui”. Como a entrevista ocorreu em uma cafeteria próxima ao local onde trabalhava Horácio, tal fato influenciou o professor na reconstrução de suas memórias. Assim, nota-se a construção da contextualização dos eventos narrados relacionando-se ao local da entrevista. Portanto, cabe dizer ainda que o evento narrado está, explicitamente, sendo relacionado ao evento narrativo, pois o local inserido em “daqui” é atemporal na narrativa e os dois participantes dessa interação encontravam-se nele. Em outras palavras, Bauman e Briggs (2006) explicam que a contextualização da narrativa é construída na interação entre os participantes da interação. Ainda que se compreenda que o ambiente influencia nesse processo, sua caracterização na narrativa é uma construção da performance do narrador.

Cabe ressaltar que a escolha do local da entrevista se deu por vontade de Horácio. Portanto, pode-se dizer ainda que essa colocação evidencia, também, que a escolha do local não foi neutra, mas essa possibilita ao entrevistado certa relação epistêmica aos fatos contados. Um segundo ponto de destaque é a ideia de origem dos participantes da AP, Ação Popular, dos quais, segundo o professor, muitos seriam da JUC, Juventude Universitária Católica, assim como ele (linha 62). Embora não mencione quem seriam essas pessoas, ele faz uma ligação entre a origem delas com a sua, já que ele pertenceu a JUC, como narrado no início da entrevista. Horácio segue contando sobre a relação das atividades dessa organização com a ditadura militar. Assim, ele compara o desenvolvimento das atividades da AP com a evolução da ditadura militar no país, conforme ilustra o excerto abaixo:

Horácio	<p>63 [...] foi também se modificando no tempo/ era uma esquerda/vamos dizer assim/ mais</p> <p>64 levinha/ e passou em função até do recrudescimento das comissões políticas no Brasil/</p> <p>65 e da ditadura/ terminou ela indo defender também a luta armada/ no fim ne/ aí teve que</p> <p>66 servir à violência porque se não/ não vai dar/ mas a raiz dela/ o próprio nome dizia/ ação</p> <p>67 popular/ tinha que servir a população/ eu terminei/ nós terminamos formando um grupo</p> <p>68 aqui que se chamava as células/ da AP/ 4/ 5 pessoas/ e essa célula era formada/ vamos</p> <p>69 dizer assim/ por pessoas de [cidade] que vinham a cada quinze dias</p>
---------	--

No excerto da entrevista exposto acima, o professor faz, novamente, referência aos movimentos dos quais fez parte como sendo de esquerda, todavia sem dizer diretamente que ele seria de esquerda, embora tal posicionamento esteja subentendido. Nesse sentido, Horácio qualifica a esquerda como sendo “levinha” (linha 64), em um primeiro momento, mas que teve de “defender a luta armada [...] teve de servir à violência” (linhas 65 e 66). Assim, o entrevistado constitui um

posicionamento, inicialmente, pacífico em relação à predicação “levinha”. No entanto, ao narrar sobre a luta armada, o professor utiliza os descritores metapragmáticos “defender” e “teve de servir”, posicionando-se em conformidade e com compreensão em relação a essa prática. Ele ainda justifica a prática de luta armada pela intensidade de problemas políticos e ideológicos da época e que, por isso, precisavam “servir” a população. Ele faz referência a alguns colegas na narrativa: “nós terminamos formando um grupo” (linha 67). Dessa forma, ele reitera a ideia de pertencimento a um grupo, como vem fazendo desde o início, pois ele pertenceu ao seminário, à JUC, ao movimento estudantil, aos movimentos de esquerda, à AP e, então, à célula da AP.

Ainda nessa sequência, cabe destacar a expressão “vamos dizer assim” (linha 63), que é dita como uma forma de convite ao pesquisador para compreender o que o entrevistado quer dizer de uma determinada forma. Esse ponto ainda é repetido outras vezes pelo sujeito, como se vê adiante. Ainda nessa parte, o professor associa-se a um grupo, para expressar a formação de uma célula da AP. Até esse momento da narrativa, o professor não se coloca explicitamente de determinada forma, tratando a esquerda armada pela terceira pessoa “ela”. No entanto, o entrevistado, ao declarar-se como parte dessa célula AP e de outros grupos, constitui uma posição contrária à ditadura militar. Cabe lembrar, como já explicado na análise da narrativa de Olga, que a formação de grupos era completamente proibida. O professor segue narrando sua história, contando sobre as aulas na instituição em que lecionava, como lê-se a seguir:

Horácio	<p>81 [...] houve nesse período que foi 71 72 a famosa reforma</p> <p>82 universitária/ que a ditadura/ o governo militar/ impôs uma reforma</p> <p>que transformou os</p> <p>83 cursos/ em vez de serem é:: anuais em semestrais/ passou a compor</p> <p>o semestre como</p> <p>84 período letivo/ não mais o ano como era/ começou a ser introduzido</p> <p>várias operações/</p> <p>85 mas uma delas foi o sistema de créditos/ os alunos se matriculavam</p> <p>em disciplina e não</p>
---------	---

	<p>86 mais na série/ podia entrar no primeiro ano/ no segundo ano/ no terceiro ano/ e com isso</p> <p>87 meio que contribuiu pra esvaziar um pouco o movimento estudantil/ porque o aluno</p> <p>88 começou a não ter mais turma permanentes/ isso é/ não tinha mais a turma do primeiro</p> <p>89 ano/ tinha a turma da disciplina/ mas já naquela</p> <p>90 outra disciplina/ podia ta na outra/ não ta na mesma disciplina em turmas diferentes/ tanto</p> <p>91 é que nós tínhamos aqui nessa área que mais me interessava/ que é a minha área/ a</p> <p>92 área de ciências políticas/ sociologias/ tu tinha 10/ 12 turmas de sociologia/ os cursos</p> <p>93 que precisavam de sociologia/ o aluno ia buscar no horário que mais facilitasse/ / isso</p> <p>94 também pulverizou o processo estudantil/ a luta estudantil/ o movimento estudantil/ as</p> <p>95 reivindicações/ na verdade complicando um pouco/ ne/ bom/ esse sistema de aula</p> <p>96 evidentemente que tu tinha um super controle/</p>
--	--

No excerto acima, o entrevistado narra sobre as ações do governo ditatorial sobre cursos de graduação. De acordo com o professor, as alterações ocorridas na estrutura das disciplinas acadêmicas, realizadas durante aquele período, foram feitas com objetivo de dissolver o movimento estudantil. Dessa forma, ele constitui seu posicionamento de militante, criticando as ações do regime ditatorial. A partir dessas alterações, as disciplinas passaram a se dividir por créditos e o período letivo tornou-se semestral e não mais por série. Dessa forma, os alunos não se mantinham nos mesmos grupos, o que diminuiria a possibilidade de organizações contrárias ao governo. Isso também ocorreu, conforme a narrativa de Horácio, com o aumento do número de disciplinas comuns a mais de um curso, como o caso da Sociologia. Ele predica essas ações como tendo objetivo de “super controle” (linha 96). Tais

colocações do professor são destacadas nessa análise, pois a ideia de reformas foi exposta pelo indivíduo no início da entrevista.

Além disso, observa-se que o docente cita somente cursos da área de humanidades, como Ciências Políticas e Sociologia (linha 92), em relação à pulverização do movimento estudantil. Ademais, nesse sentido, o professor, faz referência ao movimento estudantil como “processo/ lutar/ movimento (94), demonstrando seu status epistêmico privilegiado pela participação em diversas organizações. Nota-se então que a construção da performance narrativa de Horácio, assim como ocorreu com a de Chico, está relacionada ao que é contado no início da entrevista. O professor segue sua reflexão contando sobre a relação da área em que atuava com a ditadura militar:

Horácio	<p>108 [...] no setor que é o setor/ vamos dizer assim</p> <p>109 de (.) formação da opinião pública e de formação da pessoa que é a área da Educação e</p> <p>110 tu mexe ne com todo uma forma de visão de sociedade e de prospecção da sociedade/ onde tu</p> <p>111 pode discutir sonhos e/ utopias e/ caminho para chegar nela de buscar modelos teóricos</p> <p>112 diferente estudar modelos teóricos propostas de sociedades diferentes bem nesse</p> <p>113 campo que é o campo da Sociologia/ da Ciência Política da economia da ciências sociais</p> <p>114 esse campo foi um dos mais visados/ mais cuidado/ mas vamos dizer assim</p> <p>115 acompanhados/ tutelados pela ditadura</p>
---------	---

Nessa sequência, o entrevistado predica a Educação como sendo de formação de pessoas e de opinião pública, explicando que essa área envolve visões de sociedade e a necessidade de discussões (linhas 110 a 112). Ele faz essas colocações para dizer, em seguida, que esses campos, como Educação e Sociologia, eram “acompanhados/ tutelados” (linha 115). Com o uso desses dois

descritores metapragmáticos, Horácio constitui um posicionamento de perseguição, no sentido de ser muito observado e cuidado, já que a ditadura militar teria mais preocupação, segundo ele, com determinados campos do conhecimento.

Assim, o professor mobiliza uma ordem de indexicalidade em relação às áreas das humanidades, que seriam mais propensas a serem contrárias à ditadura, por isso o motivo da perseguição constante. Essa colocação de Horácio tem um significado, pode-se dizer, culturalmente difundido na sociedade, embora essa não seja regra ou uma posição geral. Além disso, por meio do avaliativo “prospecção” (linha 110), ele atribui valor superior à Sociologia, demonstrando status epistêmico privilegiado enquanto narrador que conta sobre a área a que pertence.

Seguindo a narrativa do professor, ele passa a contar sobre quando assumiu a direção do curso e sobre algumas mudanças que ele administrou na faculdade:

Horácio	<p>116 em 72 eu assumi a direção da faculdade e meio que quis ousar vamos dizer assim é</p> <p>117 propus fazer e a gente fez uma rápida mudança no currículo do curso eu consegui</p> <p>118 aumentar as disciplinas de política social de ciência política e introduziu abertamente</p> <p>119 uma disciplina que se chamou hh realidade latino-americana e não foi só introduzir essa</p> <p>120 disciplina mas introduziu com o conteúdo esse convidou alguém para dar aula claro do</p> <p>121 grupo de esquerda vamos dizer assim hoje que nem era da universidade bem início do</p> <p>122 né 72 e:: claro essa questão desencadeou também um processo meio complicado porque</p> <p>123 foi em Janeiro e em maio eu fui preso hh (de nervoso) foi se deu a prisão deu a prisão</p> <p>124 do grupo da AP na realidade grupo da AP que nós pertencíamos a AP nacional essas</p> <p>125 coisas também na época pegava um lá na ponta e vinha vindo né</p>
---------	---

	então pegou lá pegou 126 aqui né eu até pensei bem se ficava aqui ou se pulava para o Uruguai mas se resolveu 127 ficar
--	---

A partir do descritor “ousar” (linha 116), no início desse excerto, o professor expressa seu posicionamento de risco, pois ele, como conta adiante, teve problemas por causa disso. Tratando-se do período ditatorial, essa atitude poderia causar muitos problemas, principalmente devido ao tema estabelecido através da disciplina intitulada “realidade latino-americana”, dita após breve riso do professor. Logo em seguida, ele recontextualiza esse discurso, a partir de palavras mais formais, como pode-se ver em “propus fazer e a gente fez uma rápida mudança no currículo” (linha 117). Além disso, como ele conta, logo depois, que convidou alguém, que era de esquerda e de fora da instituição para ministrar essas aulas, constituído como do “grupo de esquerda” (linha 120), após acentuar essa colocação com “claro”, demonstrando status epistêmico privilegiado sobre o evento narrado, já que ele possuía poder para esse feito.

Ele afirma que isso, de fato, causou-lhe problemas, pois meses depois acabou sendo preso (linha 123). Nota-se que, novamente, o professor ri sobre a sua história. Considerando a situação de interação, devido ao cuidado que ele estava tendo com o que contava, no início da entrevista, pode-se pensar que esse riso é, de certa forma, vergonha ou nervosismo, no sentido de não saber o que o entrevistador poderia pensar sobre tal evento. Como lê-se no excerto abaixo, o professor começa a recontextualizar a sua história de vida, contando sobre os alunos, sobre a prisão e sobre as relações com o sistema vigente:

Horácio	128 realmente chegaria na gente né mas ouvi essas prisões agora até chegar aí tu já tinha 129 um/ um uma limitação muito grande em sala de aula porque tu não sabia com que alunos 130 tu tava contando quantos ali eram dedo-duro hhh quantos ali não eram o certo é que não
---------	---

	<p>131 podia fazer atualizá-las eram::: Vamos dizer assim/ limitadas no que tu podia falar e</p> <p>132 discutir e discordar e propor por debate/ não dava muito/ era uma docência extremamente</p> <p>133 castrada né/ essa era a realidade não era para quem concordasse não era para quem</p> <p>134 resolveu entender</p>
--	---

No excerto acima, professor Horácio caracteriza as aulas na universidade como tendo uma limitação grande devido aos alunos, como se lê em “porque tu não sabia com que alunos tu tava contando/ quantos ali eram dedo-duro” (linhas 129 e 130). Nesse sentido, o professor se refere a alunos espiões, que frequentavam as aulas apenas para saber o que era dito pelos docentes e reportarem aos órgãos responsáveis da ditadura. Com a possibilidade de troca de disciplinas a cada semestre, os professores costumam contar que era comum certas pessoas fazerem uma disciplina de cada curso por semestre. Por causa disso, o professor conta que devia tomar cuidado com o que podia ser dito nas aulas e até o que podia ser discordado em um debate, por exemplo, que é uma atividade comum em sala de aula.

Ainda nesse excerto, o entrevistado toma a profissão docente na narrativa e a predica como “castrada” (132 e 133), constituindo um posicionamento de incapacidade e de infertilidade, que não pode produzir frutos, isto é, que não possibilita ensinar coisas importantes, pois poderiam não ser aceitas pelo sistema vigente. Tal posição sobre a profissão é enfatizada pela palavra “extremamente”. Em seguida, o professor afirma que essa era a realidade da época e que isso “não era para quem concordasse não/ era para quem resolveu entender” (linhas 133 e 134), fazendo referência ao poder da ditadura militar sobre a docência.

Na sequência destacada baixo, o entrevistado conta eventos relacionados ao período após sua prisão, embora ele não tenha narrado sobre esse evento ainda:

Horácio	<p>137 dê a liberdade para que eu também possa ter a minha/ só isso hoje eu penso de um jeito o</p> <p>138 outro pensa de outro/ mas todos podem pensar e expor suas ideias e isso acho que é</p> <p>139 importante que na época não era isso tu não podia então isso foi muito duro é claro que</p> <p>140 após essa minha pausa/ as aulas/ a sua bibliografia já era limitada até já antes da minha</p> <p>141 prisão e aí nem se fala porque eu depois da prisão/ fiquei três anos sem poder entrar em</p> <p>142 sala de aula é não foi assim tá proibido ↑ mas o reitor recebeu vamos dizer assim recebeu</p> <p>143 uma recomendação/ primeiro recebeu uma recomendação para me demitir entendeu que</p> <p>144 não deveria fazer isso isso</p> <p>145 fosse um cara que não pensasse como eu pensava né mas admitia que eu ao menos</p> <p>146 dentro da Universidade não tinha passado dos limites que ele achava que que era eu</p> <p>147 não estava aqui dentro fazendo curso elitismo até porque eu sabia que não podia as</p> <p>148 pessoas sabiam que eu era que eu não concordava/ mas/ mas eu não usava a sala de</p> <p>149 aula para fazer discurso</p>
---------	--

Nessa sequência, professor Horácio reivindica a liberdade, que não havia durante a ditadura. Ele expressa a necessidade de se permitir pensar de diferentes formas. Nesse sentido, ele qualifica essa informação como sendo “muito duro” para ele (linha 139). Nota-se que o entrevistado não deu detalhes de sua prisão, ele

apenas contou o fato e passou, rapidamente, a contar sobre o período de trabalho após ser preso. Bauman e Briggs (2006) expõem que a contextualização é dinâmica, assim, esse sujeito contextualiza, descontextualiza e até recontextualiza o episódio de sua prisão durante a entrevista, conforme sua vontade. Tais informações são então retomadas no decorrer da entrevista, por parte de Maurício, através de uma pergunta. Ainda nesse excerto, Horácio conta as dificuldades encontradas nesse período após a prisão, narrando que “porque eu depois da prisão/ fiquei três anos sem poder entrar em sala de aula (linhas 141 e 142).

Nesse sentido, destacam-se duas colocações do entrevistado. A primeira se refere à limitação da bibliografia, que, segundo ele, já era limitada antes da prisão (linha 140), o que remete novamente às imposições do governo ditatorial. Assim, o docente coloca que a “bibliografia já era limitada até já antes da minha prisão e aí nem se fala” (linhas 140 e 141), mobilizando uma ordem de indexicalidade em relação às imposições do regime ditatorial, que proibiu muitas obras no país, e sobre a relação de intervenção dos militares com a gestão da universidade. Essa indexicalização é confirmada pela situação narrada, algumas linhas em seguida, sobre a relação com o reitor da universidade com o regime vigente. O reitor da época permitiu que o professor seguisse trabalhando na instituição. De acordo com o docente, esse personagem “recebeu uma recomendação para me demitir” (linha 140), o que deixa evidente a interferência da ditadura nas admissões das universidades. Cabe colocar que essa instituição privada a que se refere Horácio é a mesma em que Olga lecionava e em cuja narrativa também é evidente a interferência da ditadura na administração da instituição.

Segundo professor Horácio, o reitor não acata as sugestões recebidas por entender que “ao menos dentro da Universidade não tinha passado dos limites” (linha 146), sendo que ele mesmo explica que os dois possuíam pensamentos diferentes. Assim, Horácio, ao narrar que não utilizava a sala de aula para fazer discursos, indexa a ideia de doutrinação, já que esses discursos se referem ao fazer discurso político. Havia naquela época – e há atualmente – um discurso de que professores usavam a sala de aula para doutrinar os alunos com suas ideologias políticas. Tal discurso contribuía para associação de identidades como de esquerdistas e subversivos aos professores, conforme já discutido anteriormente. Então, Horácio, ao proferir esse discurso, negando-o, está constituindo esse

significado como existente na sociedade da época para performar suas práticas docentes na narrativa.

Outro ponto interessante, que se destaca nessa sequência, ocorre na linha 147, quando Horácio profere que “não estava aqui dentro fazendo curso elitismo até porque eu sabia que não podia”. Ele predica suas ações no curso em que trabalhava como não sendo “elitismo”. Como se trata de uma instituição privada, naquele período, a ideia elitismo, nessa contextualização, se trata dar maior importância ao que o professor acreditava politicamente. Conforme mencionado no parágrafo anterior, ele se remete às regras da instituição, como vê-se em “sabia que não podia”. Logo, o entrevistado constrói um posicionamento responsável, que cumpria as regras quando necessárias. Ele deixa claro ser contrário à ditadura, mas não à instituição.

Por conseguinte, ele continua contando sobre suas práticas e retoma o dia em que foi preso, como lê-se abaixo:

Horácio	<p>186 [...] daí eu saí meio-dia da</p> <p>187 faculdade cheguei em casa eu tinha na época era casado aliás</p> <p>188 ainda sou com a minha</p> <p>189 mulher ainda era casado e a nossa filha eu tenho uma filha mais</p> <p>190 velha hoje é professora</p> <p>191 da federal aliás da [universidade] né a nossa filha estava prestes a</p> <p>192 fazer um ano né eu saí</p> <p>193 daqui cheguei em casa minha mulher era professora do estado</p> <p>194 cheguei em casa a filha</p> <p>195 estava sentada na cadeirinha a empregada tava dando comida</p> <p>196 minha mulher não estava</p> <p>197 em casa cheguei entrei no que eu entrei cheguei na cozinha tava</p> <p>198 com ela no colo quando</p> <p>199 tocou a campainha eu fui com ela atender era polícia/ me buscaram</p> <p>200 em casa aí entraram</p> <p>201 vasculharam deixaram um deixou a criança ver/ eu desci botaram</p> <p>202 numa caminhonete né</p>
---------	---

	<p>195 fui primeiro me botaram no quartel na [rua] isso era meio-dia e me deixaram ali no</p> <p>196 quartel umas 2 horas e depois ali por umas 3/ 4 horas da tarde me algemaram e me</p> <p>197 botaram numa caminhonete umas grandes assim tinha um pneu atrás né eu fiquei</p> <p>198 sentado algemado no pneu fomos até porto alegre eles pararam para jantar eu não me</p> <p>199 deram janta em [cidade] fui direto [palavra inaudível] só para mostrar como é que a</p> <p>200 era como é que a coisa era</p>
--	--

Nesse excerto, professor conta sobre o dia em que foi preso, relatando detalhes das cenas que lembra, por exemplo, sobre sua filha. Nota-se então duas explícitas atualizações do passado, quando o professor conta que “aliás ainda sou” (linha 187) e “tenho uma filha mais velha/ hoje é professora da federal aliás da [universidade]” (linhas 188 e 189). Além disso, pode-se colocar que o fato de associar a filha com o evento narrado e narrativo, que é predicada como professora de uma universidade, reivindica valor de verdade sobre o evento contado, pois embora ela fosse criança na época, foi testemunha desse acontecimento. Ademais, a filha, que é professora universitária, tendo determinado status social, poderia confirmar essas informações. Pode-se acrescentar que essa passagem na narrativa tem, também, uma função metanarracional, já que se direciona a algo fora do tempo narrado, dirigindo-se ao entrevistador.

Em seguida, o professor conta sobre o evento da sua prisão. Nessa sequência, percebe-se que, novamente, o professor insere o local da entrevista na sua performance narrativa como ponto de referência ao pesquisador: eu saí daqui (linhas 189 e 190). Demonstrando status epistêmico de privilégio em relação aos conhecimentos dos eventos narrados, ele liga esse evento ao interlocutor. Depois, na linha 194, quando conta que os militares foram prendê-lo em casa, Horácio conta pelo descritor “vasculharam”, expondo o que fizeram em sua casa, que deixaram sua filha pequena assistir à sua prisão. Tal fato relaciona-se com a relação

epistêmica mencionada anteriormente. Dessa forma, pode-se confirmar a hipótese de que a filha seria uma “testemunha” do evento narrado.

Destaca-se, também, sobre a performance acerca da prisão, em que o professor conta, em parte, a trajetória percorrida até o local onde ficou preso. Como lê-se nas linhas 195 a 199, Horácio percorreu algumas horas dentro de um veículo, algemado. Ele utiliza o descritor “botaram” (linha 197), posicionando-se de maneira passiva, pois foi colocado em um veículo. O significado atribuído ao verbo pode fazer referência ao modo como ele foi tratado, pois, como ele mesmo narra, o deixaram sem comer. Depois disso, deixando clara a ideia de que uma narrativa envolve escolhas e que se conta algo tendo em mente a audiência, o professor afirma que contou esse evento “só para mostrar como é que a era como é que a coisa era” (linhas 199 e 200).

Nesse momento de interação, o entrevistador questiona Horácio sobre a prisão e o professor então narra sobre acontecimentos que envolvem esse evento. Destaca-se um grande excerto sobre essa parte de sua performance narrativa, devido à importância das informações trazidas e pelas análises que essas possibilitaram. Conforme lê-se abaixo:

Maurício	201 tu ficou muito tempo preso?
Horácio	202 Minha prisão deu trinta e poucos dias 32 dias mais ou menos na época da prisão
	203 foi uma época muito dura época de pauleira de choque para tu abrir para um
	204 companheiro fundamentalmente para isso [fala confusa] eles tinham que prender todo
	205 mundo então mas foi
Maurício	206 Era a forma deles
Horácio	207 Era forma deles tentarem tirar né de tu assistir o companheiro sendo torturado
	208 [fala confusa] a toda hora tu não conseguia dormir quase e tu porque toda hora
	209 chamavam às 3 horas da manhã pegavam para te levar para uma

	<p>sala com uma porta</p> <p>210 que era chamada a chamada sala do interrogatório mesmo então tu ia para lá e ali daqui</p> <p>211 a pouco tu tinha tu tinha alguém lá sendo entrevistado para saber se tu conhecia ou não</p> <p>212 conhecia então aquelas coisas foi um período meio brabo uns 30 uns 32 dias eu acho aí</p> <p>213 depois eu saí bom aí depois vem a questão do magistério bom eu lá eu imaginei porque</p> <p>214 essa é uma questão que hoje em dia o pessoal qual era a nossa vantagem nenhuma</p> <p>215 pessoalmente só/ só risco porque eu imaginei lá se foi o meu emprego/ vai me</p> <p>216 demitir/ vai fazer o que é porque claro fui preso porque agora ele identificou que ele</p> <p>217 pertence a AP não/ não negamos que inicialmente e tal bom somos da AP somos contra</p> <p>218 eu sou contra está bem e digo vamos perder o emprego então tu vem já isso eu acho</p> <p>219 que era pior tortura aliás acha tem duas coisas que são complicadas assim ó que foram</p> <p>220 complicadas uma é essa ou depois tu saber que todo mundo te olhava todo mundo não</p> <p>221 mas a grande maioria/ olha lá o comuna olha lá o comuna isso é até hoje tem</p> <p>222 eu tenho um cara aqui que até hoje eu me dou com o cara advogado da época né aí eu</p> <p>223 te achava um comuna não sei o que eu digo olha tá bem tchê de tu ser rejeitado né</p> <p>224 porque era uma sociedade que te rejeitava e qual é as alternativas que tu tinha ou tu ia</p> <p>225 advogar independente mas com teus limites</p>
--	---

Nessa sequência, inicialmente, observa-se o uso da informalidade no questionamento do entrevistador, quando pergunta sobre a duração da prisão de Horácio, o entrevistador acaba utilizando o pronome pessoal “tu”. Considerando o restante da entrevista narrativa, percebe-se que foi algo espontâneo e não proposital. Então, o professor, ao narrar sobre esse período de sua história, predica a prisão como sendo “uma época muito dura época de pauleira/ de choque” (linha 203). Fazendo uma referência a tortura física sofrida, ele conta sobre os cerca de trinta dias de prisão como sendo uma “época”, constituindo esse período como algo maior, pode-se acrescentar que para ele isso pode remeter à tortura constante e, por isso, a demora no passar do tempo.

Ele retoma essa colocação, como se lê nas linhas seguintes, expondo que era impedido de dormir, tendo que assistir outras torturas e sendo interrogado várias vezes. Em seguida, ele conta que, embora algumas palavras fiquem implícitas, que o objetivo da tortura era o de “para tu abrir para um companheiro fundamentalmente para isso [fala confusa]” (linha 204). Ele expõe essas informações pelo descritor “abrir”, no sentido de passar informações sobre colegas de organização e, então, na continuidade da narrativa, altera o descritor para “tirar”. Proferido antes de uma fala confusa, que foi impossível de ser transcrita, esse descritor, aqui, é ligado à tortura sofrida e constitui a ideia de obter informação por meio dela. Essa constatação fica clara, na linha 207, quando o entrevistado menciona que uma das maneiras era “tu assistir o companheiro sendo torturado”. Nota-se que o professor utiliza o referente “companheiro” todo o momento em que precisa falar de algum colega das organizações.

Chama-se atenção para as linhas 213 a 215, quando Horácio conta que “eu lá eu imaginei porque essa é uma questão que hoje em dia o pessoal qual era a nossa vantagem nenhuma pessoalmente só/ só risco porque eu imaginei lá se foi o meu emprego/ vai me demitir”. Nota-se que Horácio recontextualiza a história, relacionando a tortura com o pensamento de que poderia ter perdido o emprego, quando narra que “lá” ele imaginava isso. Logo após, Horácio faz uma reflexão em relação ao tempo do evento narrativo e entextualiza um discurso que, como pode-se ler, seria da sociedade contemporânea: “hoje em dia o pessoal qual era a nossa vantagem nenhuma pessoalmente só/ só risco”. Essa colocação mobiliza, novamente, uma ordem de indexicalidade de preconceito e intolerância em relação à

determinada posição política que, no caso, seria de esquerda. O professor menciona uma pergunta que o fizeram e, dentro da contextualização sobre a tortura sofrida, sua resposta se limitou, nesse momento, ao risco que passou. Assim, ele se posiciona como alguém em desvantagens devido às incapacidades que a prisão lhe causou.

Ainda nesse excerto, o professor expõe que “não negamos que inicialmente e tal bom somos da AP somos contra eu sou contra está bem e digo vamos perder o emprego” (linhas 117 e 118). Nota-se que o narrador utiliza os verbos conjugados no plural “somos da AP”, “somos contra” e “vamos perder”. Demonstrando status epistêmico privilegiado enquanto narrador, ele faz referência ao colega que estava preso, provavelmente, referenciado antes como “companheiro”. Fica claro, pelos descritores “vamos perder”, que o entrevistado se refere a um colega também professor da universidade.

Em seguida, ele conta um problema social – e que ocorreu pela linguagem – enfrentado após a prisão. O entrevistado expõe que “todo mundo te olhava/ todo mundo não/ mas a grande maioria/ olha lá o comuna/ olha lá o comuna/ isso é até hoje tem” (linhas 219 e 220). Observa-se que há uma ligação entre o evento narrado e narrativo, quando ele expõe acerca da associação de sua identidade como “comuna”, dito como entonação de nojo, ao expor que “isso até hoje tem”. Nesse sentido, Horácio ainda coloca que “era uma sociedade que te rejeitava” (linha 224). A partir do indexical avaliativo “comuna”, o professor constitui um posicionamento de rejeição. Isso ocorre porque, ao ser considerado comuna, era, conseqüentemente, associado a coisas ruins como o terrorismo.

Pelas ordens de indexicalidade de comunismo e de preconceito contra o comunismo mobilizadas na narrativa, pode-se perceber que socialmente havia uma ligação entre quem era, de alguma forma, considerado de esquerda a identidades depreciativas como a de comuna. Pela performance narrativa de Horácio, percebe-se que isso afetou suas relações com outras pessoas, que se afastavam dele por receio, para não ter sua imagem associada a um “comuna”, ou por próprio posicionamento contrário. A força dessa relação, que é uma ação da linguagem, é notada na performance quando ele diz que até hoje há quem o trate de tal maneira. Pode-se perceber que a associação de identidades a professores contribuía para o

projeto da ditadura militar em coibir e prender professores com pensamentos ou atitudes contrárias ou diferentes, conforme explicado na seção 2.2.

Seguindo a narrativa de Horácio, o entrevistador retoma a ideia de espionagem nas aulas. Ele concorda com o entrevistador, que o questiona novamente, porém sobre como foi dar aulas depois de ser preso, como lê-se abaixo:

Maurício	237 E a sala de aula assim porque tinha muito aluno que era espião estava ali só 238 para cuidar
Horácio	239 é/ pois é
Maurício	240 Como é que era dar aula antes e depois de ser preso?
Horácio	241 Ah:: bom/ depois de de ser preso/ é que eu depois de ser preso só fui dar aula lá em 75 242 já ainda no rolo né claro/ mas eu tinha um um um apreço muito grande no meio dos alunos/ 243 muito né então isso também me ajudou um pouco também nessa questão de ser 244 rejeitado né tu não tinha muitos alunos que assumiam ser de esquerda não/ não era assim/ o 245 aluno de esquerda não era um aluno assim muito ativante muito ativo muito 246 participativo/ entende? agora tu tinha que ter assim extremamente extremo cuidado ao expor as 247 suas ideias que traduzissem punição/ vamos assim chamar de/ de esquerda vamos dizer/ 248 que era difícil de dizer o que era/ qualquer coisa/ o que/ que se discutia muito que 249 tentaram impor a lei de segurança nacional/ tudo que era questão era meio complicada a 250 direita reclamava/ uma questão da segurança nacional/ né era uma questão de segurança 251 nacional então tu tinha inclusive os militares falavam alto estavam

	presentes nas coisas 252 então qualquer similar de coisa e tal estavam eles lá normalmente presentes para fazer 253 a palestra para traduzir para ver quais eram as/ as metas do governo então era 254 complicado né
--	---

Horácio narra ter ficado fora da sala de aula por um tempo, mas retornou “ainda no rolo” (linha 242). Por meio da predicação “rolo”, referenciando a situação crítica da ditadura militar. Depois, ao contar sobre a relação com as aulas, o professor diz ter tido um “apreço” pelos alunos, o que o ajudou muito na rejeição social que sofreu, na universidade onde trabalhou. Em sua performance narrativa, ele coloca os alunos, em geral, como uma forma de driblar as lembranças da tortura e manter a coerência da sua rememoração. Retomando as ideias de Fabrício (2004) e de Bauer (2011), de como as instituições afetam a ideia de construção de identidades e o fato de ser considerado comuna nas relações sociais, que também afetam nesse sentido, o professor, em sua performance, encontra nos alunos a possibilidade de construir uma identidade docente de um professor pelo qual os estudantes tinham afeto.

Nesse sentido, cabe expor que há uma controvérsia na colocação do professor sobre seus alunos, o que sustenta a ideia exposta no parágrafo anterior sobre a construção de sua performance narrativa. Ao narrar sobre os estudantes, o professor profere que “[...] tu não tinha muitos alunos que assumiam ser de esquerda não/ não era assim/ o aluno de esquerda não era um aluno assim muito ativante muito ativo muito participativo/ entende?” (linhas 244, 245 e 246). Embora Horácio narre que os alunos não se assumiam de esquerda e que esses não eram participativos, contrapõe a sua posição enquanto aluno no início da entrevista narrativa. Como ele narra, ele participava do movimento estudantil e de debates. Ressalta-se ainda que ele, no princípio, justificava suas ações, numa forma de cuidado com o que contava. Essa colocação fica evidente quando ele disse “[...] ao mesmo tempo que eu era professor aqui eu era aluno lá/ então eu tinha que ter a minha vida era um pouco delicada às vezes né se tu és só o aluno tu és o aluno.” (linhas 234, 235 e 236), fazendo então uma diferenciação entre sua própria posição

enquanto aluno e enquanto professor, mas ainda assim, como um aluno participativo.

Outros dois pontos a serem destacados, nesse excerto, são as metanarrativas. Tomando as considerações de Bauman (1986), há duas metanarrativas identificadas. A primeira delas, trata-se de um movimento fático em que o professor estende sua colocação até o entrevistador, em uma pergunta afirmativa: “entende?” (linha 246). Dessa forma, ele parece considerar que Maurício compreende e refuta sua exposição da forma que ele a expõe. A segunda colocação com função metanarrativa ocorreu em “vamos assim chamar de/ de esquerda/ vamos dizer/ que era difícil dizer o que era” (linhas 247 e 248). Averigua-se que a expressão “vamos [dizer ou chamar] assim” é proferida por Horácio vinte e uma vezes durante a narrativa e, em todas elas, sugerindo um significado para alguma colocação sua. Nota-se, como já explicado, que o professor direciona tal colocação diretamente ao entrevistador, convidando-o a compreender o significado que ele deseja transmitir levando, assim, o pesquisador a fazer parte de sua performance.

Ainda nessa sequência, o indivíduo narra que “tu tinha que ter assim extremamente extremo cuidado ao expor as suas ideias que traduzissem punição” (linhas 246 e 247). A partir do descritor “traduzissem” e da predicação “punição”, ele contrasta a ideia de que os alunos de esquerda não eram participativos, mas os que eram a favor da ditadura sim. Construindo um posicionamento de preocupação e desvantagens sobre ser professor naquele período, em relação aos alunos espiões, que são recontextualizados a partir do questionamento de Maurício. Nesse sentido, pode-se observar que o professor constrói sua narrativa direcionada ao pesquisador, isto é, a constrói considerando suas perguntas e respondendo as expectativas do pesquisador. Ademais, observa-se que, novamente, o professor faz referência ao “aqui” como o lugar dos eventos narrados, que era o local da entrevista.

Horácio segue sua história de vida, contando sobre a perseguição que passou por parte dos militares após sua prisão:

Maurício	263 Mas tinha comentários assim entre professores de alunos que trocavam muito
	264 de curso
Horácio	[...] tu tentava pegar alguns elementos para identificar né
	268 porque tu tinha assim também não isso não bastava tu tinha com frequência muitos
	269 militares fazendo curso né gente que tava no quartel tenente essas coisas que vinham
	270 fazer curso mas não era assim muitos porque era estavam ali que eram necessariamente
	271 eles tinham que ser tu que ficava às vezes meio antenado para isso que não sabia se o
	272 cara vinha porque queria tirar o curso ou se vinha como encaminhado e acho que pior
	273 que isso pior que isso eu acho que ainda era a polícia civil né porque a DOPs era quem
	274 a polícia civil nós tínhamos um delegado aqui que era um horror né porque depois que
	275 eu vim eu tinha um compromisso eu tinha até que me apresentar aqui na delegacia
	276 devido à prisão
	277 É depois da prisão eu tinha que comparecer ali os caras me faziam perguntas
	278 os caras me sondavam até davam que às vezes eu perguntava mas você sabe mas que
	279 eu do que eu do que que eu faço eles sabiam tudo das minhas caminhadas me
Maurício	
Horácio	280 acompanhavam tudo o que/ que eu ia onde é que eu fazia se fosse a tal lugar fosse até
	281 tal reunião fosse a tal fosse a tal entende sabiam tudo era um

	processo meio de 282 acompanhamento
--	--

No excerto acima, o professor reitera a ideia de perseguição que teve por parte dos militares. Nesse sentido, o docente utiliza o descritor “acompanhamento”, constituindo um posicionamento de incapacidade, devido à banalidade da perseguição, já que o questionavam sobre coisas até mesmo pessoais (linha 275). Tal processo de acompanhamento é descrito em “eu ia onde é que eu fazia se fosse a tal lugar fosse até tal reunião fosse a tal fosse a tal entende sabiam tudo” (linhas 280 e 281). Nota-se novamente o uso da metanarrativa, em que o professor direciona uma pergunta fática ao pesquisador. Como a colocação sobre a perseguição que sofreu é reiterada algumas vezes na narrativa, essa performance, como explica Pennycook (2017), ganha força com a repetição, atribuindo veracidade sobre eventos narrados.

Ainda nesse excerto, o professor conta sobre os alunos espiões e que devia “pegar alguns elementos para identificar né porque tu tinha assim também não isso não bastava (linhas 265 e 166). Observa-se que ele utiliza o descritor “pegar” com a referência “elementos”, para construir a forma como reconheceria os alunos. No entanto, ao recordar isso, ele acaba por recordar, como um gancho relacionado a essas lembranças, que os militares faziam o curso no qual ele lecionava, contradizendo-se (linha 269). Ademais ainda sobre esse excerto, o professor conta que “eu tinha um compromisso eu tinha até que me apresentar aqui na delegacia devido à prisão” (linhas 275 e 276). Por meio do referente compromisso, Horácio retoma o posicionamento inicialmente constituído como alguém responsável, pois, mesmo sendo “acompanhado”, ele comparecia à delegacia. Sobre isso, na linha 274, o entrevistado faz referência ao delegado da polícia e o predica como “um horror”, demonstrando seu posicionamento de medo e de descontentamento em relação ao “compromisso”.

O entrevistado continua contando sobre alguns discursos que ouvia dos militares durante aqueles interrogatórios após a prisão:

Horácio	<p>318 [...] a repressão além de ser</p> <p>319 uma repressão dura era uma repressão com pessoas eu não diria desqualificada em</p> <p>320 termos de em termos de saber torturar assim isso eles sabiam porque eles tinham bons</p> <p>321 professores que eram os caras americanos inclusive/ mas eram os caras meio/ meio rudes</p> <p>322 assim um pouco desinformados meio rudes vamos dizer assim inclusive no</p> <p>323 conhecimento das coisas tanto é que uma das questões eles tinham até uma certa</p> <p>324 descarregavam uma certa uma certa raiva um certo ódio contra quem era professor ou</p> <p>325 quem tinha curso o superior o doutorzinho entende coisas assim então isso foi um pouco</p> <p>326 dolorido/ que mais?</p>
---------	--

Nesse excerto, Horácio toma a repressão e a predica como “desqualificada”, mas não no sentido de não saber como torturar, mas no sentido de educação e de formação em geral (linha 319). A partir disso, ele constitui um posicionamento de professor intelectual, com uma postura crítica e descontente, ao se contrapor aos discursos que ouvia daquelas pessoas. Segundo o professor, havia discursos que ironizavam o fato de alguém ter conhecimento ou diploma, como por ser professor. Pelo indexical avaliativo “doutorzinho”, Horácio referencia o sarcasmo e o desrespeito dos militares. Nota-se que professor conta sobre o ódio e a raiva que “descarregavam” contra professores. Esse descritor metapragmático indexa o sofrimento que passou em relação aos militares, que aliviavam seu “ódio” sobre ele, como fica claro quando ele expõe “isso foi um pouco dolorido”.

Ademais, pode-se dizer que essa tortura psicológica, na performance narrativa de Horácio, é relacionada à impotência causada pela opressão sofrida, pois ele, enquanto professor e intelectual, não teria autoridade alguma sobre um militar sem conhecimentos. Em suma, como explica Bauer (2011), esse era o objetivo da tortura. Nesse sentido, pode-se compreender que a tortura psicológica se estendeu após a prisão, com a obrigação de ir ao DOPs e pelo “acompanhamento” que passou. O entrevistado direciona a sua história de vida para algumas considerações finais, refletindo sobre as ações narradas até esse momento, como lê-se a seguir:

Horácio	<p>390 [...] então era muito limitado as coisas/ mas eu repito eu faria tudo de novo</p> <p>391 não faria com essa cabeça da mesma forma porque acho que a gente cometeu alguns</p> <p>392 erros né/ entende/ cometeu alguns erros não adianta querer fazer revolução assim do</p> <p>393 nada né/ nós/ podia assim/ entende/ mas a luta contra a ditadura a luta contra a o</p> <p>394 cerceamento da liberdade né impor um sistema eu acho que tem que vale a pena lutar</p> <p>395 então é isso</p>
Maurício	396 Então/ eu acho que/ acredito que era isso

Nessa sequência, Horácio, refletindo sobre suas memórias, expõe que, embora fizesse tudo de novo, faria de outras formas. Assim, ele utiliza o referente “a gente”, para contar que acha que cometeram erros (linhas 390 e 391). Ele demonstra status privilegiado, pois, ao narrar que cometeu erros, ele atribui isso ao grupo. Como constituído no início da entrevista, Horácio seria “engrenagem”, parte de um todo, que funciona com o trabalho em conjunto. Essa declaração inicial vai ao encontro das ideias de autores como Bosi (1994) e Candau (2014), que consideram que a rememoração é uma reconstrução do passado, que se atualiza no momento em que é contada. Tal atualização ocorre nas narrativas analisadas, como já

evidenciado, de forma explicativa ou reflexiva. Ainda sobre essa declaração do entrevistado, nota-se que essa reivindica valor de verdade sobre toda a narrativa. Desse modo, o professor, ao afirmar que faria tudo novamente, ainda que com mudanças, indexa uma relação de veracidade sobre os fatos contados, já que poderiam ser repetidos.

O professor, então, finaliza a entrevista narrativa. O excerto abaixo ilustra o encerramento do encontro:

Horácio	<p>397 Qualquer coisa que tu acha que vê aí alguma coisa que tu acha alguma coisa</p> <p>398 eu estou disponível não tem problema ah eu gostaria de um pouco aqui na nessa questão</p> <p>399 aqui depois que eu vi aqui tá não tem problema isso aí o quanto mais a gente a gente</p> <p>400 possa esclarecer essa realidade que passou é melhor porque não dá para enfiar para</p> <p>401 debaixo do tapete e achar e achar que é revanchismo não não é revanchismo eu acho</p> <p>402 que a história tem que ser bem conhecida e tem que ser contada para que não se repita</p> <p>403 que a gente possa evitar repetição de coisas são desastrosas de coisas não tem como</p> <p>404 tu porquê vai relembra as coisas horrorosas como o nazismo ou fascismo que foi</p> <p>405 queimou botou no forno ah não isso não vale a pena saber como foi e o que que os caras</p> <p>406 queriam e o que faziam e ver que tipo de atrocidades contra a humanidade cometeram</p> <p>407 contra o ser humano e por que razões tudo isso a gente tem que saber é importante que</p> <p>408 os nossos filhos até para não achar que essas coisas um dia não aconteceram e não</p>
---------	---

	<p>409 voltem a defender de novo essa questão sempre vai ter alguém de interesse a</p> <p>410 humanidade não se imuniza contra esses fatos/</p>
--	---

No final da entrevista, o professor deixa claro ao pesquisador que está disponível para mais questionamentos futuros sobre sua história. Contudo, antes de encerrar sua fala, ele ainda acrescenta informações que sustentam sua reflexão anterior. Ele se posiciona em relação à entrevista, atribuindo importância ao trabalho do pesquisador em contar a história da ditadura pela visão dos professores. De qualquer forma, esse fato ainda reivindica veracidade sobre sua história, já que ele estaria disponível para acrescentar informações sobre alguns pontos narrados. Nesse sentido, ele utiliza o descritor metapragmático “imuniza”, para narrar sobre o período ditatorial, constituindo um posicionamento de resistência, pois seria necessário trabalho para que um problema desses, isto é, uma outra ditadura, não ocorresse. Ele ainda associa a ditadura a um significado amplo, no sentido das atrocidades que a humanidade já cometeu.

Tendo encerrado a análise da entrevista narrativa de professor Horácio, nota-se que ele construiu sua performance narrativa em relação às suas práticas de resistência, tendo sinalizado alguns tópicos, no início da entrevista, que se relacionam com os demais narrados ao longo de sua história. Percebe-se o cuidado que o professor teve ao narrar determinados acontecimentos, tendo em vista a presença do pesquisador. Foi constatado o uso de diversas expressões com sentido metanarrativo, provavelmente, pelo fato de se tratar de uma narrativa bastante sensível, considerando que o professor foi extremamente torturado e perseguido. Ademais, pode-se averiguar que a ideia de associação de identidades de professores a algo negativo, que se torna mais clara quando tratada pelo conceito de indexicalidade e de ordens de indexicalidade, tiveram consequências bastante graves e se atualizaram com o passar do tempo.

4.4 Problematizações sobre as análises

Tendo analisado as três narrativas selecionadas para esta pesquisa, esta seção retoma alguns pontos das análises com o intuito de destacar e problematizar esses resultados. Dessa forma, mapeia-se aspectos confluentes e divergentes nas performances dos professores entrevistados, trançando paralelos entre elas. A partir disso, faz-se ainda um diálogo com aspectos semelhantes dessas narrativas com os encontrados em outras pesquisas de mestrado, que tenham entrevistado professores sobre suas práticas também durante a ditadura militar. Cabe dizer que essas pesquisas foram encontradas em uma busca pelo Banco de Dados da Capes⁹, através de palavras-chaves que indicassem o tema relacionado.

Assim sendo, o primeiro aspecto que se destaca nas narrativas ocorreu nas entrevistas de Olga e de Chico, que é a construção do pai desses docentes. Nessas duas entrevistas narrativas, os professores constroem o personagem pai de formas particulares, mas ainda assim com semelhanças. Olga utiliza as lembranças do seu pai e de ações narradas por ela como sendo dele para justificar as suas próprias ações tanto durante sua infância quanto depois de adulta. Além disso, Olga constitui, identitariamente, o pai como sendo comunista e muito humanitário, que ajuda os desfavorecidos. Ela até explica a escolha de seu nome devido à posição política do pai. A partir disso, Olga constitui-se como comunista, professora e mãe que também ajuda os outros. Assim, ela se constrói de forma associada às construções que fez sobre o pai. Ademais, a docente conta situações que passou ainda na infância, segundo ela, devido ao pai ser considerado comunista, como não poder entrar em uma escola de freiras.

Para Chico, o pai é o personagem que o salva da tortura, quando ele foi levado a interrogatório depois de ser denunciado. Como apresentado na seção 4.2, o professor utiliza, de modo semelhante ao de Olga, a construção identitária de seu pai como sendo uma grande referência para sua performance narrativa, bem como quando constitui outros personagens de sua história. Isso ocorreu, no final da entrevista, quando ele usa a memória de seu pai para constituir o pai de um amigo seu, do período atual, que foi um dos militares que o prendeu durante a ditadura.

⁹ Foram consideradas as áreas de Estudos da Linguagem, História, Educação e Ciências Sociais, todavia, os trabalhos utilizados são todos da área de Educação.

Percebe-se a importância idiossincrática que têm esses personagens para as performances dos professores. Ainda que Horácio, por sua vez, não tenha narrado sobre sua família, conta que, além de ser egresso do seminário e que teve de trabalhar para sobreviver, já tinha uma filha quando foi preso.

Nesse sentido, há outra característica sobre as performances narrativas dos três professores que é semelhante e também ocorre de maneiras distintas em cada uma das entrevistas: a de organização temporal dos eventos narrados. Olga inicia sua narrativa contando sobre sua infância, passando, rapidamente, por sua formação escolar. Direciona-se, então, à formação universitária e continua contando, na maior parte do tempo, sobre suas práticas docentes. Um pouco semelhante, Chico conta sua história a partir de sua formação escolar e, logo em seguida, narra sobre suas práticas docentes em escola. Esses dois professores atuaram tanto em escolas quanto no ensino superior. De modo um pouco diferente, Horácio inicia sua narrativa a partir de sua formação escolar e no ensino superior, passando para suas práticas docentes, aliado às suas práticas de resistência. Contudo, Chico e Horácio sinalizam, no início de suas entrevistas, pontos pelos quais suas histórias se desenvolvem, como a prisão do primeiro e o trabalho no curso de serviço social do segundo.

Ademais, nas três narrativas, há ainda a resistência em relação à ditadura. Cada um dos docentes, à sua maneira, teve uma forma de resistência em relação ao regime ditatorial. Olga conta dois episódios que exemplificam, em parte, suas práticas de resistência. O primeiro deles se trata de quando ela conta que preenchia os documentos da escola de acordo com o que era esperado pela direção, porém, em sala de aula, fazia diferente do que constava no documento. O segundo evento ocorreu quando um militar passou cuidando sua aula e ela abriu a porta e o convidou para entrar, em uma forma de não demonstrar intimidação. Chico demonstrou resistência à ditadura, inicialmente, contrariando diretamente um militar próximo a uma de suas professoras, bem como nas suas práticas em sala de aula, que se distanciavam da maneira como era almejada pelo sistema da ditadura.

Nesse segmento, embora Horácio construa sua performance narrativa em torno de sua participação em organizações contrárias à ditadura, em sala de aula, o professor narra o medo que tinha de debater determinados assuntos, devido à espionagem. Todavia, ainda assim, ele faz alterações curriculares no curso de

graduação e introduziu uma nova disciplina que lhe causou problemas. Nesse contexto de resistência em relação às práticas em sala de aula, Olga e Chico contam sobre o trabalho em grupo ou interdisciplinar. Ocorreu que, a partir dessas práticas, consideradas hoje em dia comuns, os docentes foram perseguidos e tiveram coibições, pois isso era compreendido como uma atitude subversiva. Nesse contexto, os professores entrevistados na pesquisa de Pinheiro (2017), que lecionavam no estado do Ceará, contam que criavam brechas no currículo como forma de resistência ao que lhes era imposto. Com isso, percebe-se que essa prática de resistência não foi apenas local, mas compartilhada por outros docentes.

Tomando outro exemplo, a pesquisa de Hebling (2013) constatou, também, em entrevista com professores de São Paulo e de outros estados brasileiros, que a maneira inovadora como eles lecionavam foi motivo para surgirem desconfiças nas instituições onde trabalhavam. De tal forma, os professores do estado de Minas Gerais, entrevistados na pesquisa de Barbosa (2017), contam sobre a dificuldade de serem espontâneos em sala de aula, devido ao cuidado que precisavam ter ao falar. Cabe recordar que trabalho docente de Chico, que utilizava filmes de super oito, já naquele período, foi considerado subversivo também. Isso ocorreu pelo fato de envolver outros professores, em um trabalho de amostragem de filmes produzidos por alunos. Então, faz-se relevante considerar as formas como os três sujeitos entrevistados constituem as práticas docentes tanto pelo modo como narram que era esperado pela ditadura militar como quanto às suas práticas de resistências através do ensino.

Professor Chico conta que a educação, para o sistema do regime vigente, deveria ser uma forma de “adestramento”, sendo a ideia de construção de habilidades que, segundo ele, não é algo recente, era impossibilitada. Não muito diferente, professor Horácio diz que a profissão docente era “castrada”, devido à impossibilidade de um trabalho educacional com liberdade de pensamento e de produção de conhecimentos. Com essas práticas de resistência, os professores também constituíam seus posicionamentos identitários, muitas vezes, como de militantes ou de resistência. O estudo de Dalpiaz (2008), a exemplo de comparação, que entrevistou professores de Campo Grande, em Minas Gerais, evidencia que os professores constituíram suas identidades também pelas práticas de resistência.

Seguindo com as problematizações, constatou-se que, em todas as narrativas analisadas, os professores fazem atualizações do passado, seja expondo uma alteração no nome de algum órgão ou secretaria de governo, atualizando-o, como nos casos de Olga e Horácio, ou contando uma informação relacionada a algum personagem da narrativa, como no caso da filha de Horácio ou da colega falecida de Olga. Essas atualizações formam uma ligação entre os eventos narrados e o evento narrativo, conforme já explicado, aproximando o pesquisador/audiência da história e, também, permitindo uma relação epistêmica convincente. Nesse sentido, destaca-se a ocorrência de metanarrativas, quando os entrevistados se direcionam ao pesquisador, colocando-o como parte das suas histórias. Observou-se essa característica nas três narrativas utilizadas, mas cada uma com suas particularidades, conforme evidenciado nas respectivas seções de análise.

Um último ponto a ser levantado, aqui, se refere à vigilância constante que contam os professores. Pode-se afirmar que todas as pesquisas relacionadas à ditadura militar, como, por exemplo, todas dissertações citadas nesta seção, quanto nas anteriores, apresentaram, de alguma forma, essa característica. Fosse pelo acompanhamento na rua e na vida particular de Horácio; na observação das aulas de Olga; pela prestação de contas na AESI da instituição; pela presença de alunos espiões nas disciplinas acadêmicas ou na própria sala de aula de ensino fundamental, como trouxe a pesquisa de Lourenço (2010), que entrevistou professores de São Paulo. Em suma, a vigilância sobre professores era uma prática difundida durante o regime militar.

5. As Memórias da Pesquisa

Tendo finalizado o capítulo de análises, ainda se apresenta um capítulo etnográfico referente ao trabalho do pesquisador tanto nos processos iniciais de procura pelos sujeitos da pesquisa quanto à realização das entrevistas narrativas e às análises. Este capítulo, então, visa complementar a dissertação, no sentido de conhecer a participação do narrador deste trabalho e perceber de que forma ter ouvido as histórias de vidas dos professores entrevistados se relaciona com as suas próprias performances identitárias. Ademais, este capítulo divide-se em duas seções, sendo a primeira direcionada a como surgiu o projeto, quem foram os colaboradores iniciais e como se deu a busca e a abordagem dos professores. Já a segunda, refere-se ao trabalho de coleta e análise das narrativas, bem como a relação que Maurício estabelece com esses dados, apresentada sob a forma de uma reflexão.

5.1 Eu, ela, eles, nós

A minha jornada pela pesquisa teve início no ano de 2013, quando eu ainda estava no primeiro semestre de graduação. Ao entrar o curso de Letras, deparei-me com algumas oportunidades que eram oferecidas, tais como cursos de extensão gratuitos, eventos acadêmicos e palestras diversas. Tentava aproveitar, ao máximo, tudo que me era permitido e até o que não era. Foi ainda no primeiro semestre que, a partir do meu interesse e dedicação, a professora Letícia Fonseca Richthofen de Freitas convidou-me a compor o seu grupo de pesquisas. De modo voluntário, iniciei meus primeiros passos no aprendizado do que era fazer pesquisa acadêmica. Lembro-me bem de que havia um discurso predominante, por parte de diversos professores naquela época, de que alunos de primeiro semestre não ganhavam bolsas de iniciação científica. No entanto, como nunca acreditei completamente naquilo que me diziam, inscrevi-me para a seleção de bolsas que a minha orientadora ofereceria. Dentre as duas bolsas ofertadas, acabei conquistando uma e, assim, recebi um primeiro voto de confiança da professora Letícia.

A partir de então, muitas leituras começaram. Passei a aprender sobre linguagem, identidades e narrativas. Em seguida, fiz leituras introdutórias sobre a LA e sobre metodologia de pesquisa. No trabalho como bolsista, digitalizei inúmeros memoriais de alunos do curso de Letras, os quais foram coletados pela orientadora, em disciplinas ofertadas na graduação. Assim, um banco de dados foi formado e, com base nesses textos, meus primeiros trabalhos acadêmicos surgiram. Com o passar do tempo, por causa de minha dedicação, minha bolsa foi renovada por mais um ano. Então, com o avanço dos meus estudos, precisava decidir um tema de pesquisa para investigar. Foi quando algo inesperado ocorreu em um evento científico.

Em 2014, em uma palestra sobre a ditadura militar e a educação, que ocorreu na Universidade Católica de Pelotas, tive a curiosidade imediata em saber se os professores que atuaram naquele período tinham histórias para contar sobre suas experiências de vida social e profissional. Minha primeira atitude após o evento foi a de contar à professora orientadora sobre o ocorrido. Neste período de iniciação científica, já era de meu interesse trabalhar com memórias, mas um tema ainda era necessário para o início da pesquisa. De fato, a área a qual pertenço permite trabalhar com aquilo que chamava a minha atenção ao pensar em linguagem – a memória; não a memória biológica, mas aquela que é construída ao narrar.

Após uma reunião com minha orientadora, decidi entrar em contato com a palestrante do evento, a professora de história Caroline Silveira Bauer, que na época ainda era docente da Universidade Federal de Pelotas. Por coincidência, ao procurá-la, soube que ela estava oferecendo um curso de extensão sobre a ditadura militar, naquele semestre, do qual tive a oportunidade de participar. Durante a realização do curso, pude conversar com a professora Caroline e contar a ela sobre a ideia que havia tido durante a sua fala. Aproveitei e questionei se ela pensava que os professores que lecionavam durante a ditadura teriam alguma história para contar. Naquela época, no princípio dos estudos, eu ainda desconhecia muitos fatos que envolviam tanto a profissão docente como a própria ditadura militar e sua relação com os professores.

A professora então, gentilmente, contribuiu muito para a pesquisa, indicando textos sobre história e, também, direcionando-me ao Instituto Mário Alves¹⁰, pois haveria a possibilidade de que alguém dessa entidade conhecesse professores que pudessem me ceder entrevistas. Ao entrar em contato com o instituto, passaram-me o número de telefone de seu presidente, o professor da Universidade Católica de Pelotas e cientista político Renato Della Vechia. Liguei para o professor Renato e ele marcou uma reunião comigo, na mesma semana, em sua sala na universidade. Ao nos encontrarmos, ele, atenciosamente, ditou-me diversos nomes de professores que poderiam, se quisessem e aceitassem, ceder entrevistas. As contribuições do professor Renato e da professora Caroline foram fundamentais para a realização da minha pesquisa.

Selecionei, aleatoriamente, dez nomes dentre todos que me foram dados e os procurei pela internet tanto em e-mails que constavam em suas publicações de artigos científicos quanto pela rede social Facebook. Dos dez professores com que entrei em contato, apenas sete aceitaram contribuir para a pesquisa. Desses contatos, três são mulheres e quatro são homens. Dos três remanescentes, um dos contatos retornou explicando que, por motivos de saúde, não poderia participar de uma entrevista, outro negou e um nunca respondeu a mensagem. A partir disso, foram marcadas entrevistas em locais escolhidos pelos próprios indivíduos. Após a realização da primeira entrevista, tive certeza de que estava no caminho certo e de que gostaria de analisar aquelas narrativas.

O aporte teórico, assim como a metodologia de pesquisa, foram os quais, dentro da grandiosidade dos Estudos da Linguagem, sempre atraíram minha atenção. A paixão pela linguística aplicada iniciou desde cedo, no princípio da graduação. Há uma inquietação dentro de mim sobre metodologias usadas para o ensino de língua portuguesa em sala de aula e um interesse em criar atividades e exercícios úteis e menos tradicionais. Se minha empatia pela LA, que se preocupa com o ensino de línguas era crescente, ao conhecer a vertente indisciplinar, o sentimento multiplicou-se.

¹⁰ O Instituto Mário Alves (IMA) é uma organização sem fins lucrativos que desenvolve estudos sobre política. O IMA está localizado na cidade de Pelotas (RS).

Algum tempo depois, em 2015, ainda no processo de coleta de dados, estava pesquisando artigos científicos pela internet, quando me deparei com uma notícia que me despertou interesse, pois algumas palavras na manchete pareciam muito familiares. A notícia falava de um professor que havia sido preso em frente aos alunos dentro da sala de aula, após denunciar irregularidades na escola. A história da notícia, que ocorreu no interior da Bahia, em 2015, era extremamente semelhante à história de um dos primeiros professores entrevistados. Nesse outro caso, o professor foi preso em frente aos alunos dentro da sala de aula, no ano de 1979, na cidade de Porto Alegre/RS. Lembro-me de refletir sobre os eventos serem tão semelhantes ao passo que estavam tão distantes cronologicamente. Conforme relatam alguns professores entrevistados, a profissão docente no período ditatorial foi, em muitas localidades, alvo de profunda perseguição, de espionagens constantes e de manipulação. Ainda assim, nos últimos anos, essa parece ter sido deixada a própria sorte no Brasil.

Ainda durante o curso de graduação em Letras, estudando, constantemente, as teorizações em que situo minha pesquisa, pude compreender a importância daquilo que pesquiso para os estudos da linguagem, para a LA indisciplinar e para a profissão docente. Escolhi dar continuidade aos estudos e ao trabalho de pesquisa no curso de pós-graduação, seguindo as orientações da professora Letícia. Em suma, considero as três narrativas desses professores muito especiais, cujas histórias de vida tornaram-se parte da minha trajetória também.

5.2 O narrador pesquisador

Tendo narrado algumas memórias sobre o surgimento desta pesquisa e contado sobre a trajetória que percorri, para que este trabalho fosse realizado, nesta seção, conto as minhas percepções sobre como foi ouvir as histórias dos professores entrevistados, assim como faço uma breve reflexão sobre questões relacionadas a algumas características das análises e ao momento social em que vivemos atualmente. Acredito que talvez eu seja chamado de comunista,

esquerdista, louco, mas somente os professores, que vivem no período contemporâneo, poderão dar a última palavra algum dia.

No ano de 2015, iniciei as entrevistas com os professores. A primeira entrevista realizada foi com o professor Chico. Ainda que eu estive um pouco ansioso, tentei não demonstrar ao professor como me sentia. Quando ele começou a contar sua história, minha preocupação com o gravador era grande, não queria perder nenhuma palavra do que ele dizia. Como pesquisador iniciante, eu considerava cada uma daquelas palavras importantes. Lembro-me bem que, no momento em que ouvia a história do professor Chico, identifiquei-me com várias de suas lembranças. Isso refere-se tanto ao trabalho escolar, que me fez lembrar meu tempo de escola, quanto a sua formação. Sua personalidade forte em discutir uma professora e não se calar diante de um militar foi outro ponto com que tive afinidade com Chico.

Ainda que ele não tenha demonstrado, em sua fala, e, por isso, não seja possível ler na transcrição de sua narrativa, lembro-me de seus olhos cheios de lágrimas olhando diretamente a mim, quando contava sobre ter escapado da tortura. Esse momento ocorreu quando seu pai, que foi militar, chegou no local em que ele estava sendo interrogado. Ao iniciar a análise da sua narrativa, percebi que contar uma história de vida como a dele não era uma tarefa fácil, sobretudo a quem passou momentos difíceis. Por isso, senti-me na obrigação de analisar profundamente esses dados. Era preciso valorizá-los, e muito. Ademais, devido a essa identificação com a história de vida do professor, decidi nomeá-lo com o apelido que foi do meu próprio pai, que faleceu pouco depois dessa entrevista.

Seguindo a ordem de coleta das três narrativas, a segunda entrevista realizada foi com o professor Horácio. Lembro-me que uma das coisas que me chamou atenção, ao combinar o encontro com o professor, foi o fato de ele escolher uma cafeteria próxima ao local em que trabalhava. Somente com a sua análise, tempos mais tarde, pude perceber que a sua escolha possuía um significado para ele. Além disso, acredito que ter ficado frente a frente desse professor e ouvir sua história de vida não foi algo fácil. Ainda que seja parte da educação que recebi em casa, respeitar os mais velhos, sempre tive afinidade com pessoas mais maduras intelectualmente. Então, o fato de ouvir de um professor aposentado detalhes da tortura física que ele recebeu, me deixou, momentaneamente, incrédulo.

Eu não tive reação no momento em que ele contou sobre o período em que ficou preso. Tentei manter uma expressão estática, porque não queria interferir em sua fala ou até causar-lhe algum incômodo. Ademais, sobre a análise de sua narrativa, um ponto me causava desconforto: o fato de ele ter contado que foi rejeitado pela sociedade devido às identidades que essa sociedade atribuiu a ele. Foi somente com estudos mais profundos sobre linguagem que percebi como isso poderia ser abordado. Acredito que, nesse sentido, o trabalho de Lawn (2001) contribuiu para pensar a profissão docente e a relação que se estabelece atualmente com o regime ditatorial. Horácio, assumidamente, pertencia a organizações de esquerda, mas Chico não. Ainda assim, ele foi considerado subversivo também.

Outro ponto que me deixou estupefato foi o ódio e a ironia de militares sobre Horácio, isso porque ele era doutor e professor universitário. Nos dias que antecederam as eleições presidenciais de 2018, no Brasil, eu estava em um ônibus e ouvi um diálogo corriqueiro de duas passageiras. Uma delas disse que um conhecido votaria em determinado partido considerado como esquerda. Então, a mulher acrescenta que essa pessoa tinha um diploma na mão e um de burro na outra. Além disso, reitero as reportagens, que estão na seção 2.2, sobre professores agredidos ou maltratados por policiais. Parece inacreditável que o desrespeito com alguém, cujo pensamento é diferente, ou com os professores, seja tão comum no Brasil.

Em suma, o olhar do professor Horácio era tranquilo e passava a impressão de que queria muito estar ali, contando sua história. O nome atribuído a esse professor tem uma ligação profunda com a minha formação e minha paixão pelo Latim. O antigo poeta latino *Quintus Horatius Flaccus* ou apenas Horácio perdeu seu pai quando voltou a morar em Roma e teve seus bens e pertences confiscados. Ainda assim, tendo ficado sem nada, ele conseguiu seguir em frente, trabalhando como escrivão. A partir disso, escreveu suas famosas poesias. A obra desse poeta é uma das minhas favoritas da literatura latina. Então, como meu pai havia falecido recentemente e por perceber uma lacuna na narrativa do professor entrevistado, que não conta sobre sua família, mas que tem uma história de vida admirável, decidi tratá-lo como Horácio.

Das três narrativas analisadas, a última coletada foi a de Olga. Nunca esqueceria da entrevista com essa professora. A história de Olga mudou muito minha perspectiva sobre a ditadura militar. Uma mulher de coragem que serve de exemplo. O que mais me motivou, a partir da entrevista com Olga, foi perceber a possibilidade de ser algo e de ter um posicionamento específico sem se calar. Eu me identifiquei com a história da professora por vários motivos. O fato de ela, ainda criança, ser proibida de entrar em uma escola religiosa por causa das identidades sociais colocadas sobre seu pai, me causaram certo espanto à primeira vista. Foi estudando, também, que pude compreender melhor as relações sociais que envolviam a ideia de comunismo em determinados locais já na década de cinquenta.

Há um ponto na história de Olga, que é semelhante ao que é narrado por Chico, que se trata da interdisciplinaridade. Na minha formação, durante a graduação em Letras, ouvia e estudava sobre a interdisciplinaridade como algo positivo e muito produtivo para o ensino. Saber que isso foi condenado pela ditadura militar foi algo surpreendente. No entanto, tendo em mente que a entrevista com Olga ocorreu em 2016 e que as discussões que ganharam a mídia a partir daquele ano, como o fato de professores serem chamados de doutrinadores de “sexo” e de “gênero”, não pude me surpreender com a ignorância que afeta muitas pessoas no país. Todavia, esse fato era alarmante, já que muitas pessoas acreditavam nisso. Enfim, resolvi chamar a professora por Olga, porque, em uma conversa informal, quando o gravador estava desligado, falamos sobre a história de Olga Benário Prestes. Como não esqueci desse detalhe, esse nome foi atribuído a ela.

Para encerrar, gostaria de narrar, reiterando as últimas palavras de Horácio, que a humanidade não deixa de repetir seus atos mais cruéis, como uma ditadura militar, isso porque as pessoas podem mudar o significado de tudo. Por várias vezes, durante a escrita desta dissertação, tive momentos de medo, momentos que me fizeram repensar muito a minha existência, o meu trabalho e tudo o que estava a minha volta. E, por isso, depois de muito refletir, posso afirmar que foi uma responsabilidade imensa escrever este trabalho e analisar esses dados, mas é gratificante e não deixaria de fazê-lo novamente. Pela profissão que escolhi, não quero esquecer jamais as lutas enfrentadas por aqueles que antecederam o local que irei ocupar um dia.

6. Considerações Finais

Esta dissertação dedicou-se a analisar as narrativas de vida de três professores aposentados – Olga, Chico e Horácio – que contam suas memórias sobre as suas práticas docentes no período da ditadura militar. Assim, situando-se no campo indisciplinar da LA, esse trabalho adotou, como embasamento teórico, os estudos de narrativa e de memória social, a partir da compreensão do caráter performativo da linguagem. Ademais, utilizou-se algumas concepções teóricas que contribuíram para as análises e abordagem das narrativas, como a performatividade, a indexicalidade, a iterabilidade, as ordens de indexicalidade e os processos de entextualização e de contextualização. Nesse sentido, fez-se o uso, também, das cinco ferramentas analíticas propostas por Wortham (2001).

Por meio das análises das narrativas, pode-se tecer algumas considerações sobre as performances dos professores entrevistados, bem como destacar os resultados que sobressaltam os objetivos apresentados no capítulo 1. Então, acerca da análise da narrativa de Olga, constatou-se que a professora alterna seu posicionamento identitário constantemente, assumindo as posições de filha, de professora, de mãe, de amiga dos alunos, de militante, de comunista e de revolucionária. Na sua performance narrativa, ela reitera essas posições várias vezes, contudo, ao final, declara sempre ter sido de uma única forma e que não irá mudar. Além disso, nota-se que Olga constrói o personagem de seu pai e utiliza dessas memórias narradas como referências e justificativas para as suas constituições identitárias.

Outras características relevantes sobre a performance narrativa de Olga são, por exemplo, a colocação de personagens como testemunhas de suas ações, como quando sugere que o pesquisador entreviste certo colega de trabalho. Dessa forma, Olga reivindica credibilidade à sua história de vida, já que os personagens citados poderiam confirmar suas colocações. Constatou-se algumas expressões com função de metanarrativas, como movimentos fáticos, que ligam os eventos narrados ao investigador, colocando-o como parte de sua história, bem como quando Olga se posiciona de modo reflexivo e autorreferencial, predicando a si mesma: “tu vê eu era bem jovem recém formada”. Ademais, verificou-se a ocorrência de entextualizações na narrativa, momentos em que a professora entextualiza textos e ideias que fizeram

parte de sua formação docente. No momento que antecede essas entextualizações, notou-se ainda o uso das expressões metanarrativas, conforme mencionado.

A respeito da análise da narrativa de Chico, constatou-se que o professor utiliza a variação da tonalidade de voz nas citações que faz, como meio de posicionar os personagens de sua história. Essas citações diretas, que são as vozes atribuídas aos personagens, foram ainda usadas de modo a favorecer a si e ao seu pai na narrativa, opondo-se a um amigo seu do período da entrevista, que é filho de um militar que o prendeu no passado. Ademais, no processo de rememoração, nota-se que Chico teve um desequilíbrio narrativo, no sentido de não saber mais que posicionamento político pessoas que trabalharam com ele têm atualmente e, por isso, altera seu posicionamento, por vezes, no momento de “anistiar” ou não essas pessoas. Conforme explicado, a partir da concepção de desequilíbrios narrativos de Freitas e Moita Lopes (2017), um possível motivo para isso se dá pelo fato das mudanças sociais que afetam a sociedade nas últimas décadas, como o grande fluxo de pessoas e a mobilidade urbana.

Averiguou-se que Chico, em sua performance, faz movimentos fáticos dirigindo-se, diretamente, ao pesquisador, como no sentido de posicioná-lo em relação aos eventos narrados. Nesse sentido, o sujeito posiciona o pesquisador de forma assimétrica, já que esse não saberia as informações que ele, tendo vivido durante a ditadura, sabia. Esse fato, assim como o uso das citações, reivindica acesso à verdade na relação epistêmica de Chico com sua narrativa. Dessa forma, o professor atribui credibilidade à sua história, pois as citações, por exemplo, constituem a ideia de que ele estaria reportando tal acontecimento da forma como, de fato, ocorreu. Embora todas as narrativas tenham semelhanças, como evidenciado na seção 4.4, cada performance narrativa é única e tem suas particularidades.

Sobre a análise da narrativa de Horácio constatou-se que o professor foi muito cuidadoso ao contar sua história, pois ele utilizou expressões, por diversas vezes, com sentido de amenizar algumas informações que narrava. De fato, a narrativa desse professor possui um teor sensível, pois ele conta com detalhes a tortura física que sofreu na prisão. Nesse sentido, o docente ainda narra tipos de tortura que sofreu, além da física, a psicológica tanto durante a prisão, vendo torturas e sem dormir, quanto pelo pensamento de perder o emprego e a

perseguição constante que passou. Sobre isso, o entrevistado ainda define a perseguição como acompanhamento, atribuindo significado de algo banal e rotineiro.

Na performance narrativa de Horácio, averiguou-se a repetição de uma expressão com sentido metanarrativo, a “vamos dizer assim”, que direciona o pesquisador a conceber um determinado significado atribuído pelo professor. Assim, considerando o cuidado que o entrevistado estava tendo ao narrar, ele poderia responder as perguntas iniciais do investigador de maneira mais tranquila. Ademais, percebeu-se que o professor utiliza a memória de seus alunos, na sua performance, como meio de afastar-se dos eventos intensos e difíceis que contou. Por fim, um ponto de suma importância contado por Horácio refere-se às identidades colocadas sobre ele por parte de pessoas que trabalhavam na mesma instituição.

Após a prisão, o professor Horácio era visto como “comuna”. Por isso, ele constituiu-se como “rejeitado” pela sociedade, fazendo inclusive uma comparação, expondo que até o momento atual ele era considerado dessa forma por algumas pessoas. O fato da rejeição foi analisado não apenas no seu sentido literal de oposição à sua postura política, mas também pelo receio que algumas pessoas poderiam ter ao se aproximar de alguém com essa identidade. Pode-se dizer que uma aproximação poderia causar problemas para quem fosse associado a ele. Essa compreensão deu-se pela própria postura cuidadosa do docente ao narrar.

Em relação à produção de inteligibilidades sobre a profissão docente e a relação que se estabelece atualmente com a ditadura militar, inicialmente, pode-se dizer que, como não se objetiva fazer generalizações, as reflexões realizadas ao longo de toda a dissertação promovem possíveis compreensões ao que ocorre na sociedade brasileira. Acredita-se, a partir das ideias desenvolvidas por Lawn (2001), que a produção de identidades sobre professores, como sendo de esquerda, comunistas, subversivos e etc. e, por isso, associadas à ditadura militar, tem sido uma maneira de persuasão realizada através da linguagem. Ademais, em relação às ordens de indexicalidade, observa-se que umas das ordens constatadas foi mobilizada nas três narrativas, que é a de discriminação e intolerância ao comunismo ou à posição política. Cabe ressaltar que essa ordem, por exemplo, foi mobilizada quando os indivíduos narraram situações que vivenciaram em sociedade como em relação aos colegas de trabalho.

Portanto, esta dissertação chama atenção para a importância da perspectiva performativa da linguagem, que compreende que todas as coisas do mundo são construções realizadas na e pela linguagem. Assim, a partir de investigações, como essa, torna-se possível questionar, refletir e compreender problemas da sociedade contemporânea e suas relações sócio-históricas. Desse modo, atribui-se grande importância ao fenômeno da indexicalidade, que possibilita investigar questões sociais emergentes. A partir desses entendimentos, foi possível então compreender a reconstrução das práticas docentes de três professores durante a ditadura militar, os problemas enfrentados, suas práticas de resistências através da profissão e as questões identitárias evidenciadas pela linguagem, bem como sobre as relações pessoais e profissionais desses sujeitos e suas consequências.

No que tange ao papel das narrativas de vida, ressalta-se a importância dos estudos de memória social, por permitirem uma maior compreensão dos significados que são constituídos nas performances pelos sujeitos, como a respeito das metanarrativas, das atualizações do passado que fazem os professores entrevistados. Enfim, retoma-se as epígrafes mencionadas no capítulo inicial desta dissertação, com intuito de promover uma reflexão final acerca das ideias desenvolvidas nessas páginas. Para isso, retoma-se, também, a posição assumida por este trabalho, no sentido de reescrever as narrativas que têm envolvido a profissão docente.

Conforme evidenciado, um esquecimento social pode ser apenas uma construção da linguagem em uma performance narrativa, bem como possuir diversos significados. A possibilidade de reescrita da vida social está ligada à ideia de contar histórias, muitas vezes ainda desconhecidas. Conforme Arendt (2013), há sempre alguém pronto para contar a história que viveu como um ator principal, como Olga, Chico e Horácio. Embora o questionamento de Bohn (2013) seja retórico, pode-se confirmar que nenhum professor se constitui sem história. No entanto, pelas investigações realizadas, cabe destacar a importância dos professores, que foram e, muitas vezes, ainda são subalternos e sem direito à voz, logo, sem poder construir uma história. Ao reconhecer voz dos docentes, a reescrita da vida social e da profissão se faz possível.

A título de conclusão, espera-se que esta dissertação de mestrado contribua para as pesquisas que se debruçam sobre narrativas de vida, estudos de linguagem, memórias sociais, profissão docente ou LA indisciplinar, como, também, contribuir para todos os docentes que queiram refletir acerca da importante posição que ocupam e das histórias de vida que fazem parte da história dessa profissão, no Brasil.

Referências

AMORIM, Marcel Álvaro. A linguística aplicada e os estudos brasileiros: (inter-)relações teóricometodológicas. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 17, n.1, p. 1-30, 2017.

ARFUCH, Leonor. **El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2012.

ARAÚJO, Marcos. Mensagem nas redes incentiva alunos a denunciarem professores. **Tribuna de Minas**, 31 outubro. 2018. Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/31-10-2018/mensagem-nas-redes-incentiva-alunos-a-denunciarem-professores.html>>

ARENDT, Hannah; Eichmman em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ASSAD, Germano. PM reprime protesto de professores em Curitiba e mais de 200 se ferem. **El País**, Curitiba, 29 abril. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/29/politica/1430337175_476628.html>

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer. Palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAMBERG, M. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção de identidade aos 15 anos. In: MOITA LOPES, L. P.;

BAMBERG, M.; ANDREWS, M. (Org.). **Considering conter-narratives. Narrating, resisting, making sense**. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

BARBOSA, M. F. S. **Ser professor na ditadura militar brasileira (1964-1985): histórias, experiências e narrativas de docentes de Mariana-MG.** 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/10120>>

BASTOS, L. C. (Org.). **Identidades. Recortes multi e interdisciplinares.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 149-185.

BASTOS, Lílíana Cabral. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio.** Vol. 3. 2: 74-87, 2005.

BASTOS, Lílíana Cabral; SANTOS, William S. Orgs. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2013.

BASTOS, Lílíana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativas e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A.**, 31-especial, 97-126, 2015.

BAUER, Caroline S. **Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileiras e a elaboração de políticas de memória em ambos os países.** 2011. 446 f. Tese - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/29576>>

BAUMAN, R. **Story, performance and event: contextual studies of oral narrative.** Cambridge, CUP, 1986.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. **Voices of modernity: Language Ideologies and the Politics of Inequality.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Ilha **Revista de Antropologia**: v. 8, 2006, p. 185-119.

BLOMMAERT, J.; RAMPTON. Language and superdiversity: a position paper. In: **Working papers in Urban Language & Literacies**. Paper 70. Londres, Tilburg University and King's College, 2011.

BLOMMAERT, J. **Sociolinguistic scales**. **Working Papers in Urban Language & Literacies**. Paper 37, p. 1-15. 2006.

BOHN, H. I.. Ensino e aprendizagem de línguas: uma reflexão sobre os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas. In: Luiz Paulo da Moita Lopes. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente. Festchrift para Antonieta Celani**. 1ed. São Paulo: Parábola, 2013, v. 1, p. 79-98.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Eliz. Docentes da UFPE são ameaçados em carta: "doutrinadores serão banidos". **Vermelho**, 7 novembro. 2018. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/316807-1>>

BRUNER, Jerome. 2004. Life as narrative. *Social research*, n.54, p. 11-34, 2004.

BUTLER, J. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CAMPOS, Sonia Isabel Fabris. A entrevista de pesquisa: um empreendimento coletivo. In: BASTOS, Liliana Cabral. SANTOS, William S. Orgs. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013, p.101-134.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo. Contexto, 2014.

CASTILHO, Denis. Os sentidos da modernização. **Portal de Periódicos UFG** – Goiânia, v. 30, n. 2, p. 125-140, 2010.

CAVALCANTI, Marilda C. A Propósito de Linguística Aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n7, p 5-12, 1986.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. do C. **Linguística aplicada e transdisciplinariedade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 129-142.

COLLINS, J. Indexicalities of language contact in an era of globalization: engaging with John Gumperz's legacy. **Text & talk, Germany**, n.31, p.407-428, 2011.

CORREIO DO POVO. Porto Alegre: **Jornal Correio do Povo**, 2018. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/noticias/policia/nove-professores-sao-agredidos-em-porto-alegre-em-14-dias-1.281029>.

DALPIAZ, Altemir L. **A construção da identidade cultural do professor durante o regime militar no Brasil 1964 a 1985**. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, 2008. Disponível em: <<https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8047-a-construcao-da-identidade-cultural-do-professor-durante-o-regime-militar-no-brasil-1964-a-1985.pdf>>

DAVIES, B.; HARRÉ, R. **Positioning: the discursive production of selves.** *Journal for the Theory of Social Behaviour*, v. 20, n.1, p. 43- 63, 1990.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. 2012. **Analyzing narrative. Discourse and sociolinguistic perspectives.** Cambridge, Cambridge University Press, 220 p.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **Margens da Filosofia.** Campinas: Papirus, 1991.

FABRÍCIO, B. F.; MOITA LOPES, Luís Paulo. Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. **Veredas:** v. 11, n. 2, p. 11-30, 2002.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.45-65.

_____. Mulheres emocionalmente descontroladas: identidades generificadas na mídia contemporânea. **D.E.L.T.A.:** nº 20/2, 2004, pp. 235-263.

_____. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma INdisciplinaridade radical. **RBLA:** Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 599-617, 2017.

FERREIRA, Vânia Farias. **Universidade Federal de Pelotas à época da ditadura civil-militar: memórias divergentes de uma trajetória.** 2017. 125 f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4187>>

FLECK, Giovana. Para educadoras, 'Escola Sem Partido' e vigilância de professores criam ambiente de medo no ensino. **Sul 21**, 1 novembro. 2018. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/11/para-educadoras-escola-sem-partido-e-vigilancia-de-professores-criam-ambiente-de-medo-no-ensino/>>

FREITAS, L.F.R.; MOITA LOPES, L. P. "Sobre Feminismo, Sobre Racismo, Sobre Xenofobia, Sobre Tudo" – Desequilíbrios Narrativos em Performances Heterossexuais de Um Aluno Migrante Branco. **Calidoscópio**: v. 15, n. 2, p. 305-316, 2017.

_____. Vivenciando a outridade: escalas, indexicalidade e performances narrativas de universitários migrantes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**: p. 1-26, 2018.

FURLANETTO, Ecilde Cunico. Indivuação, Histórias de Vida e Formação. In: BARBOSA, Raquel; PINAZZA, Mônica. **Modos de narrar a vida: cinema, fotografia, literatura e educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GUBRIUM, J.F.; HOLSTEIN, J.A. From the individual interview to the interview society. In: GUBRIUM, J.F.; HOLSTEIN, J.A. (Org.). **Postmodern Interviewing. California**. London, New Delhi: Sage, 2003. p. 21- 49.

GUIMARAES, T. F. **Embates entre performances corpóreo-discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multissituada**. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/linguisticaaplicada/site/teses/2014-thayseguimaraes.pdf>>

GUIMARAES, T. F; MOITA LOPES, L. P. Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia. **Alfa Revista de Linguísticas**: v. 61, n. 1, 2017.

HALL, S. A **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

HEBLING, Milene Cristina. **Memória e resistência: os professores no contexto da ditadura civil-militar (1964-1985)**. 2013. 231 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2681>

ILHA, Flávio. Em Porto Alegre, pedido por intervenção militar racha manifestação. **Extra - O Globo**, 12 abril. 2015. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/em-porto-alegre-pedido-por-intervencao-militar-racha-manifestacao-15851969.html>

KIM, J-H. **Understanding narrative inquiry**. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC, Boston: Sage, 2016

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo. Parábola Editorial, 2006. p.129-147.

LAWN, M. Os professores e a fabricação de identidades. **Currículo sem Fronteiras**: v.1, n. 2, p.117-130 jul./dez. 2001.

LINDE, Charlotte. **Life Stories: the creation of coherence**. Oxford, Oxford University Press, 1993

LOPES, Débora. O que as crianças da ditadura acham dos pedidos de intervenção militar. **Vice**, 15 abril. 2015. Disponível em:
<https://www.vice.com/pt_br/article/pgev8y/intervencao-militar-criancas-ditadura>

LOURENÇO, Elaine. O ensino de História encontra seu passado: memórias da atuação docente durante a ditadura civil-militar. **Revista Brasileira de História**: São Paulo, v. 30, nº 60, p.97-120 – 2010.

MELO, G. C. V.; MOITA LOPES, L. P. A performance narrativa de uma blogueira: 'tornando-se preta em um segundo nascimento'. **Alfa Revista de Linguística (UNESP. Online)**: v. 58, p. 541- 569, 2014.

MISHLER, Elliot. **Research Interviewing: context and narrative**. Massachusetts: Harvard University Press, 1986.

_____. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Org.). **Identities. Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 97-119.

MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: _____. **Discursos de identidades**. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 13-38.

_____. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo. Parábola Editorial, 2006. p.85- 107.

_____. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística**: nº 27, vol. 2. 2009a, pp. 128-57

_____. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. e ROCA, P. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009b. p. 11-24.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As Universidades e o Regime Militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NASCIMENTO, André M. Geopolíticas de Escrita Acadêmica em Zonas de Contato: Problematizando Representações e Práticas de Estudantes Indígenas. **Trab. linguíst. Apl.**: Dez 2014, vol.53, no.2, p.267-297. ISSN 0103-1813.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e formação docente. In: **Os professores e a sua formação, do mesmo autor**. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992

OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a Visão Performativa da Linguagem. **DELTA [online]**: 2002, vol.18, n.1, pp.117-143.

_____. **Visão Performativa da Linguagem**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. Coleção Viagens da Voz, 1998.

PASSEGGI, M. C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: Passeggi, Maria da Conceição; Silva, Vivian Batista da (Org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PASSEGGI, M. C.; Gilcilene Lélia Souza do Nascimento; OLIVEIRA, R. C. A. M. ; SILVA, V. C. O. . As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusofona de Educação**: v. 33, p. 111-125, 2016.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: I. SIGNORINI; M.C. CAVALCANTI (Orgs.) **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, Mercado de Letras, 1998, p. 23-49.

_____. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo. Parábola Editorial, 2006. p.67-84.

_____. **Global Englishes and transcultural flows**. Nova Iorque: Routledge, 2007.

PETERSON, E. E.; LANGELLIER, K. M. The performance turn in narrative studies. **Narrative Inquiry**, Thousand Oaks, v. 16, n. 1, p. 173-180, 2006.

PINHEIRO, F.F.A. **O ensino de história no Ceará durante a ditadura militar: entre o prescrito e as memórias de práticas docentes**. 2017. 171 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.
Disponível em:
<http://www.uece.br/ppge/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final_Felipe%20Fatima.pdf>

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 109-128.

ROLLEMBERG, Ana Tereza Vieira Machado. Histórias de vida de duas professoras: narrativas como instrumento de construção da identidade profissional. In: Moita Lopes, Luiz Paulo da. (Org.) **Discursos de Identidades**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

_____. Entrevista de pesquisa: oportunidades de construção de significados. In: L.C. BASTOS; W.S. SANTOS (orgs.) **A entrevista na pesquisa qualitativa. Perspectivas em análise narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2013, p. 37-46.

SANDRINI, Míriam Saraiva. **ALUNO, PROFESSOR E PIBIDIANO: identidades docentes construídas a partir de posicionamentos interacionais em performances narrativas**. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2016. Disponível em:
<<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3113>>

SANTOS, W.S. 2013. Análise de narrativa e entrevista na pesquisa qualitativa. In: L.C. BASTOS; W.S. SANTOS (orgs.) **A entrevista na pesquisa qualitativa. Perspectivas em análise narrativa e da interação**. Rio de Janeiro, Quartet/Faperj, p. 21-35.

SHALOM, David. Professor é detido em sala de aula após denunciar irregularidades em escola. **IG**, São Paulo, 7 janeiro. 2015. Disponível em:
<<https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2015-07-01/professor-e-detido-em-sala-de-aula-apos-denunciar-irregularidades-em-escola.html>>

SIGNORINI, Maurício; FREITAS, L.R.F. Diálogos entre lembrar e esquecer – A performance da memória de um professor da ditadura militar no Brasil. 4, 2015, Pelotas. **Anais...** Pelotas: Universidade Federal de Pelotas/UFPel, 2015.

SILVA, Thiago Pellim. **Performances narrativas de e sobre um professor homoerótico “fora do armário”**. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar de Linguística Aplicada) – Departamento de Letras Anglo-Germânicas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/linguisticaaplicada/site/dissert/tiagopellim.pdf>>

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

SILVA, C.A.P. **Modernidades em Confronto**. Blog do Fábio Sena, 24 jul. 2013.

SILVERMAN, David. **“Beginning Research”. Interpreting Qualitative Data. Methods for Analysing Talk, Text and Interaction**. Londres: Sage Publications, 1993.

SOARES, Magda. **Português na escola: história de uma disciplina curricular. Material de divulgação da obra Português através de textos**. São Paulo: Moderna, 1996.

Teixeirense, Pedro Ivo. **Reinventando o inimigo: História, política e memória na montagem dos dossiês e contra-dossiês da ditadura militar brasileira (1964-2001)**. 2017. 296 f. Tese (doutorado) – UFRJ/ IH/ Programa de Pósgraduação em História Social, 2017. Disponível em: <<https://www.ppghis.historia.ufrj.br/novidades/pedro-ivo-teixeirense-tese-de-doutorado/>>

TELES, A. X. **Educação Moral e Cívica: Introdução à Cidadania**. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

TENENTE, Luiza; FAJARDO, Vanessa. Brasil é #1 no ranking da violência contra professores: entenda os dados e o que se sabe sobre o tema. **G1**, São Paulo, 22 agosto. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-e-1-no-ranking-da-violencia-contraprofessores-entenda-os-dados-e-o-que-se-sabe-sobre-o-tema.ghtml>>

THORNBORROW, J.; COATES, J. The sociolinguistics of narrative. Identity, performance, culture. In: J. THORNBORROW; J. COATES (Org.) **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam, John Benjamins, p. 1-16, 2005.

THREADGOLD, T. Performing theories of narrative. Theorizing narrative performance. In: J. THORNBORROW; J. COATES (Org.) **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam, John Benjamins, p. 261-278, 2005.

WORTHAM, S. **Narratives in action**. New York: Teacher's College Press, 2001.

Anexos

Anexo A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal de Pelotas

Nome do Pesquisador: Maurício Signorini Dias

Nome da Pesquisadora Orientadora: Dra. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Pesquisa Científica

1) Envolvimento com a pesquisa: Ao participar desta pesquisa o (a) Sr. (Sra.) permite que o pesquisador grave toda a entrevista. A coleta de dados se dará de forma oral. Portanto, o (a) Sr. (Sra.) tem a liberdade de desistir a qualquer momento ou interromper a entrevista que será marcada previamente em horário e local desejado. A participação nessa pesquisa é completamente voluntária e, não trará complicações legais.

2) Confidencialidade: Toda e qualquer informação coletada nessa pesquisa será de uso restrito ao pesquisador responsável e a pesquisadora orientadora. Nomes próprios serão preservados e manter-se-ão em anonimato.

Dessa forma, eu, _____, declaro que estou de acordo em fornecer informações a Maurício Signorini Dias, para o desenvolvimento desta pesquisa. Declaro que tenho conhecimento de que minha participação, totalmente voluntária, consiste em ceder entrevistas que serão gravadas em áudio. Estou ciente de que todas as informações cedidas serão utilizadas de maneira sigilosa, sem referência à minha identificação pessoal, local de trabalho, endereço ou qualquer referência que ponha em risco minha integridade.

Assinatura

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura da Pesquisadora Orientadora

Maurício Signorini Dias

Contato: mauricio.ufpel@gmail.com _____, _____ de _____ de 2016

Anexo B – Transcrição da Narrativa de Olga

1 Maurício: Então professora e então eu gostaria de ouvir um pouco da sua história de vida
2 daquele período e a senhora fica à vontade para me contar o que quiser para me contar
3 sobre como que era o convívio com os colegas como era a instituição como era o convívio
4 com o sistema como os próprios militares dentro da universidade onde a senhora
5 trabalhava com os alunos tudo que a senhora quiser me contar sobre a sua história se a
6 senhora quiser começar com a sua entrada como se tornou professora fica à vontade
7 Professora: deixa eu te dizer então eu me chamo Olga [trecho ocultado] então como
8 eu meu pai era comunista quando eu nasci em 47 meu pai tava preso porque meu pai
9 tinha uma leitaria e dava leite para os pobres [trecho ocultado] tanto isso que eu carreguei
10 o resto da vida que em [cidade] nunca me deixaram entrar na escola das freiras eu nunca
11 eu nunca pude fazer magistério tive que fazer contabilidade naquela época não tinha
12 ensino médio científico que naquela época científico e::: clássico bom aí quando eu vim
13 para pelotas eu vim em 68 (.) e como eu sempre fui uma pessoa bem politizada sempre
14 meu pai leu muito e eu também li muito e sempre escutava desde que me criei escutando
15 a BBC de Londres aí eu vim para cá e comecei a fazer estudos sociais que era história e
16 geografia e foi aí que comecei a fazer direito junto de noite aí depois eu terminei história
17 e geografia que era estudos sociais aí eu fiz e história a licenciatura plena e depois a
18 licenciatura plena em geografia e fui trabalhar no estado e na católica porque me formei
19 em dezembro e em março eu já trabalhava na [universidade] em [cidade] que era uma
20 extensão e lá em [cidade] tinha um reduto do quartel né e eles ouviam °as nossas aulas°
21 inclusive tu vê eu era bem jovem recém formada eu e o professor (nome ocultado) que é
22 outra pessoa que tu deves entrevistar nós trabalhamos juntos na universidade... e eu
23 trabalhava aqui no [colégio] mas de acordo como com com com a minha pratica
24 de ensino como eu apresentava as aulas como ↑naquela época já em 71 72 eu já fazia
25 os alunos pensarem não dava as coisas prontas eu dava eu trabalhava com textos já
26 aula expositiva mas sempre dialogada porque é uma coisa uma paixão dar aula não tem
27 outra coisa outra profissão mais bonita não existe é formar pessoas é não é informar é
28 dar a sua formação dar subsídios para que a pessoa tenha realmente o seu próprio
29 pensamento e coloque o em prática então eu trabalhava aqui no [colégio] fui
30 transferida para [cidade] como eu tava na universidade em [cidade] (.) naquela época
31 era a delegada de ensino a delegada de ensino quando eu cheguei para dar aula (.) no

32 [colégio] não tinha mais nada (.) do meu material tinha sido transferida assim a reveria e
33 eu e a outra amiga minha que trabalhava comigo a [nome ocultado] que já faleceu foi
34 para santa vitória então desmantelavam os grupos que trabalhávamos já naquela época
35 com interdisciplinaridade os meus alunos como sempre eu fui muito amada pelos alunos
36 eu sou amiga deles os meu grandes amigos de hoje foram meus alunos ontem os meus
37 alunos foram para a porta da delegacia de ensino que hoje é a 5ªCREA pedir para mim
38 voltar e não adiantou não teve retorno aí eu fiquei em Jaguarão trabalhando na escola
39 [nome] lá na escola [nome] se cantava o hino a diretora era a professora [nome ocultado]
40 então nós tínhamos ↑moral e cívica então elas obrigavam dar moral e cívica (.) só que eu
41 estudo dos problemas brasileiros eu nunca me ative ao livro didático porque o livro
42 didático é uma coisa que te prende que te bitola ele é escrito de acordo com o momento
43 histórico da época que está sendo escrito é o governo que financia e de acordo com o
44 que o governo quer tu vais passar claro existem autores muito bons que para mim um
45 dos melhores foi ele Mário da Veiga Cabral de História e Geografia foi William Vissantini
46 entre tantos outros como [nome ocultado] Pelotense que era uma escola que eu trabalhei
47 e trazia pessoas que tinham posicionamento próprios mas nós tínhamos uma
48 coordenação pedagógica como nós temos hoje e uma orientação educacional e eles
49 estavam sempre te cobrando inclusive sabe o que eu fazia eu tinha um planejamento que
50 eles queriam e dentro da sala de aula eu fazia outra coisa registrava o que eles queriam
51 e dizia o que queriam e eles ficavam sempre de olho inclusive na universidade eu e o
52 [nome ocultado] °tínhamos as aulas inspecionadas° o comandante do quartel vinha na
53 biblioteca um dia e quando eu vi ele tava na biblioteca eu abri a porta da sala de aula Sim
54 boa noite o que o senhor deseja/ não eu vim na biblioteca/ ah mas se o senhor quiser
55 passar aqui na sala para assistir pode eu nunca tive medo sabes nunca porque por que
56 eu acho que tu tens uma ideologia na vida que agora tá quebrada com os roubos que
57 agora infelizmente não tem mais °nada° na nossa época era uma coisa que existia
58 realmente políticos bons existiam pessoas interessadas tinham seus defeitos Leonel
59 Brizola, João Goulart tinham seus defeitos mas eram pessoas que ao invés de roubarem
60 perderam suas fortunas né tínhamos pessoas dentro da [universidade] como [nome
61 ocultado] que era maravilhoso e na [universidade] tu via as pessoas serem
62 retiradas como os professores na sala de aula serem presos torturados a tortura foi uma
63 coisa... eu também tive uma fé que Deus me protegeu muito porque com a ↑língua que
64 eu tenho que minha língua é um chicote eu botava sempre para quebrar e eu nunca tive
65 medo e eu como tinha um nome que já era visto entre aspas pelos demais eles me

66 cuidavam muito eles tinham acesso dentro das minhas aulas e aí eu quero te dizer que
67 dentro dessa sistemática de trabalho tu vai sofrer ↓ sempre pela orientação pedagógica
68 pela direção te chamam em sala de aula no [colégio] a freira/ eu também dei aula no
69 [colégio] em 71 a freira me chamava para me dizer que tipo era minha aula eu dizia
70 outra coisa porque naquela época não tinha gravador não tinha nada dentro da sala de
71 aula e os meus alunos eram pessoas maravilhosas que tinham uma cabeça bem
formada
72 graças a deus mas em [cidade] eu tive denúncias de um na polícia federal que era meu
73 aluno aí outro que eram 2 colegas me disse o (nome ocultado) que até morreu trabalhava
74 depois ele veio da polícia te se aposentou da polícia saiu não sei trabalhava no comercial
75 aqui tinha um resort no comercial um piano bar ai ele me disse °Olga tu não fale
76 demasiadamente porque a polícia federal ta te cuidando° e (som de mãos batendo como
77 sinal de desdém) eu no ônibus eles revistavam a gente no ônibus te revistavam
78 mandavam todo mundo descer e revistavam/ então era uma coisa muito ruim na verdade
79 na católica eles entravam na sala e retiravam [trecho ocultado]
80 Então hoje eu vinha no ônibus agora e me encontrei com um senhor que a esposa dele
81 deu aula a vida inteira na escolinha de artes na [nome]
82 eu encontrei com ele e de tanta tortura que teve
83 ele ficou totalmente fora da casinha... então isso não foi só no Brasil (.) no Uruguai o meu
84 marido viu amigos deles ser mortos ser torturados eles contrataram Damitrioni dos
85 Estados Unidos para vir ensinar técnicas de tortura/ eles faziam/ eles amarravam as
86 mulheres ↓ eles curavam amarravam e largavam baratas pela vagina... pau de arara...
87 isso era fichinha choques elétricos no anus na vagina no pênis enfiavam um cano pela
88 uretra e botavam na luz a nossa presidente foi torturada foi... currada por um pelotão
89 ficou no pau de arara quanto tempo!? todos eles porque dizem o Zé Dirceu roubou o
90 próprio Lula disse me candidatei 3 vezes a última foi com um caçador de marajás que
91 roubou mais que ninguém sabes o nome o Collor de Mello que o avô dele foi uma pessoa
92 idônea e ele (.) fez aquilo então o lula disse eu não vou mais me candidatar se vocês não
93 conseguirem o dinheiro então o dinheiro que eles conseguiam claro depois roubaram
94 para eles mas tiveram esse grande defeito que ninguém vai tá tapando o sol com a
95 peneira mas eles fizeram pelo povo nunca tivemos uma educação como temos agora
96 nunca os alunos de classe média e classe pequena de base
97 estudaram em universidades privadas nunca foram para o exterior essas
98 próprias pessoas que foram são contra hoje então eu não consigo entender eu tenho

99 meus alunos do IF que fazem medicina na [universidade] tem meus alunos do IF que vão pela

100 Europa então lá eu toda hora converso com eles tem outro que ele e era um menino bem

101 carente ele era estagiário no IF fez engenharia foi embora para fazer mestrado sanduíche

102 na Inglaterra hoje ele é professor do IF de [estado] e é contra eu mando dizer para

103 ele pelo face então isso que a gente passou foram coisas que tem que ter muita coragem

104 para enfrentar muita coragem mesmo e quando nós fazíamos greve a polícia batia botava

105 os cachorros em cima levava os guris pequenos tu vê que o meu filho tem 30 anos o

106 menor o (nome ocultado) que é advogado e era bebê tinha 1 ano e eu levava o (nome

107 ocultado) (palavra) que eu apresentei ali olha o soldadinhos tão me batendo olha os

108 soldadinhos me puxando eu levava os meus filhos eram inconsequência mas eu fazia

109 porque tinha sabe aquela da JUVENTUDE aquela GANA que ainda hoje tenho 69 mas

110 tenho essa gana em sala de aula falamos tanto que é verdade que as pessoas dizem que

111 lá no no no IF a gente é um reduto de lavagem de cérebros não é tu não PREGA nada

112 tu dá as opções tu faz o aluno pensar porque tem muitos que >são contrários à reforma

113 agrária tem muitos que são contrários são capitalistas< que querem realmente o capital

114 né/ tu vais dizer a Olga fala tudo isso e mora numa casa aqui esse ano que eu vim para

115 cá não é minha é dos guris porque o meu pai tem uma chácara se vendeu a chácara eu

116 passei para os guris e eles fizeram eles construíram meu filho construiu sozinho com um

117 aluno meu lá do Sesi que eu dava aula tava no Sesi também até o ano retrasado

118 construíram sozinhos eles o meu aluno e o meu filho e os empregados como dinheiro é

119 deles não é meu eu morei a vida inteira em casa alugada... toda vida trouxe gente para

120 minha casa ↑arrematei gente até agora tenho uma aqui botaram para rua que era minha

121 vizinha na [rua] isso é contra o meus filhos mas/ mas eu trago isso aí é meu (.) e vou

122 morrer assim nunca vou me arrumar porque toda vida eu fui almoçar nos meus alunos

123 toda vida fui ver a realidade fui mostrar é isso que vocês querem vocês não querem

124 através da educação fazer com que as diferenças sejam menores porque tu nunca vai

125 deixar de ter a base pobre pobre pobre nunca é utópico é utópico é o capitalismo vai

126 sempre tá por cima infelizmente eu tenho que te dizer isso com 69 anos mas pelo menos

127 as diferenças as diferenças têm que serem menores tu tem que dar oportunidade para

128 as pessoas estudarem que a nossa arma não é não é o revólver não é a espingarda é o
129 lápis a caneta e o livro no dia que se derem conta disso aí as coisas vão ser bem
melhores

130 Tarcísio Ribeiro dizia isso/ Paulo Freire dizia isso não é verdade tu tem que dar
condições

131 para as pessoas pensarem lerem analisarem e concluírem em não posso gritar que

132 ninguém vai querer que exista um ser do teu lado morrendo de fome então sempre
passei

133 o que é a África fizeram da África o que fizeram da África então eu sempre até hoje nós

134 passamos vídeos para os alunos sabes o que é um nióbio?

135 Maurício: como?

136 Professora: O nióbio sabes o que que é um nióbio?

137 Maurício: não?

138 Professora: Então tu tens que pesquisar nós somos nós temos 80% de produtividade do

139 nióbio o Canadá tem 20% porque o nióbio é utilizado em todas as tecnologias mais

140 avançadas nos satélites nos aviões nos computadores e nós colocamos o nióbio dentro

141 das reservas indígenas e vendemos o nióbio a troco de banana para os estados unidos

142 e principalmente para a Inglaterra então isso é uma coisa que não consigo entender os

143 meus alunos fazem pesquisa acho que depois que eu sair ninguém mais falou sobre o

144 nióbio porque se o Canadá com 20% tem escolas têm estradas de rodagem tem
hospitais

145 com 20% imagina nós com 80% mas está nas mãos de uma família em minas gerais no

146 espírito santo e lá no Pará com os indígenas é mais valioso do que o petróleo porque
que

147 ninguém fala?

148 Maurício: Não é vantajoso que saibam né?

149 Professora: não é vantajoso que saibam

150 Maurício: esse camada é o país que diminuiu e quase não tem pobres tem mas é uma

151 pobreza

152 Professora: com o nióbio porque que nós não podemos então essas coisas que tu tem

153 que mostrar para o teu aluno que tu tem em sala de aula é isso que tu tens que tu tem

154 que dizer para ele que nós fomos feitos da mesma maneira ninguém/ ninguém foi

155 abduzido é um óvulo e um espermatozoide seja lá natural introduzido e todos somos paridos

156 ninguém foi defecado não é verdade o que nos torna diferentes é a sociedade podre
suja

157 que em cima do capital em pisar menosprezar e criar diferenças econômicas sociais

158 políticas raciais sexuais é algo que é adorável é do ser humano o lobo do próprio ser
 159 humano o animal mata para comer por dinheiro nós matamos de vingança por dinheiro
 160 por prazer porque que você faz isso porque me diz me explica porque não tem o que é
 é

161 uma cultura porque tu não tem uma educação voltada para isso eu vou te dizer uma
 coisa

162 e depois tu corta isso mas os professores não querem nada com nada

163 Maurício: não mas isso é uma realidade que eu encontro

164 Professora: eu tenho vergonha às vezes dos colegas dos colegas que nunca deram
 aula

165 se sentam e que ficam lendo jornal e olhando os alunos fazerem um trabalho de grupo

166 dá vontade de chorar olha [trecho ocultado] eu orientava eu dizia assim como dava a

167 geografia física eu dava a econômica e a social e a política tu não pode só tu não pode

168 só se guiar por uma coisa tu tem que dizer o porquê que tem aquilo e tu tem que partir

169 da premissa que as pessoas tem que conhecer primeiro o seu espaço e depois
 conhecer

170 o resto tinha uma professora de história maravilhosa que a gente o pelotense sempre

171 fazia SJPV nunca leu nada dela então tu tem que ler/ a [nome] morreu bem moça de

172 câncer [nome] eu dizia a professora eu não consigo chegar na África porque tu não

173 conseguia chegar na África ela dizia vou te dar um conselho lá no pelotense lá traziam

174 ela o IF também trazia vou te dar um conselho vocês comecem pela África então nós

175 começávamos pela África para poder conseguir aos conteúdos agora eu vou te dizer eu

176 sempre questioneei o [colégio] aquele que foi prefeito de pelotas aquele que dizia povo
 de

177 pelotas que depois o [nome] ficou no lugar dele ai como é o nome dele?

178 Maurício: sei o nome dele mas não lembro o nome

179 Professora: ai::: como que é o nome dele? agora agora eu não me lembro ele foi

180 secretário foi secretário da educação e ele veio a pelotas porque ele é de [cidade] aqui
 ai

181 como é o nome dele? esqueci aí ele veio e eu não deixava eu perguntava para ele as

182 pessoas elas elas são por exemplo sofrem e e passam de uma classe para outra vão

183 passando de uma classe para outra por merecimento e nós tínhamos uma colega que

184 estava há 2 anos em casa com derrame foi promovida perguntei mas como é que o

185 senhor me explica? Que a [nome] que era da biblioteca uma pessoa que nem produzia

186 nada foi na época do calendário rotativo que tirava um de um lugar colocavam no outro

187 era muito horror parecia que tudo todas as fases que tu pode imaginar aí ele ele disse

188 assim ah eu vou lhe dizer uma coisa professora nem eu sei direito você pede não queria
189 que eu perguntasse cala a boca Olga cala a boca Olga porque tu fazia uma coisa e
depois

190 eles ficavam te dizendo que não porque por exemplo tiraram a nossa diretora no
[colégio]

191 e nós combinamos todos de ir de preto de preto no dia seguinte só eu podem filmar

192 podem filmar quem tirar essa diretora daqui que não é nossa que veio de outro lugar
não

193 sabe da nossa realidade eu sempre disse porque eu sempre foi muito peituda desde

194 pequena então isso também está um pouco na tua personalidade a gente tem um
pouco

195 e outro pouco a gente tem que moldar tens que lapidar né depende muito da tua família

196 muito né do do meio que tu vive daquilo que tu pensa e principalmente das pessoas que
197 te orientam/

198 Maurício: [nome]

199 Professora: [nome] esse bem sentadinho furiosos comigo porque eu porque tu já sabe

200 por que por exemplo quando o [nome] quando foi vice dele eu tava doente sabiam que

201 eu/ claro vai voltar vai voltar no [nome] para o [nome] ser perfeito é isso que tu tem que

202 saber e tu não pode esquecer das coisas coisas que as pessoas fazem negativamente
e

203 às vezes o livro didático tu não sabe nem que linha tem o professora eu gosto muito
como

204 eu te disse de geografia do [nome] ele veio aqui duas vezes mas aí eu não consegui

205 entender como é que era então eu fui pesquisei pesquisei tanto e no intervalo que ele

206 estava dando a palestra eu pesquisei pesquisava levei o marido que entende de história

207 e geografia assim porque ele teve educação no Uruguai que é diferente aí começamos
a

208 pensar a falar a discutir com ele assim lá no [colégio] e ele começou a me dizer
confessou

209 e disse que ele era anarquista então tu tem que ir passar/ Não sei se tu vistes a aquele

210 filme Germinal

211 Maurício: e eu gosto do livro

212 Professora: então eu passei para os alunos eu faço eles lerem não sei se tu já leste
Veias

213 Abertas da América Latina?

214 Maurício: esse ainda não mas conheço

215 Professora: tens que ler os meus alunos e tem pais que ficam furiosos olha porque eu

216 faço eles fazerem um fichamento do livro no ensino médio tem outro que eu faço fazer
217 que é maravilhoso a reforma agrária com os pés no chão que nem me lembro agora a
218 autora é de uma menina que fez mestrado e que o mestrado dela foi isso aí a a a
reforma
219 agrária com os pés no chão então faço eles lerem e fazerem ah tem outro que eu
passava
220 muito para eles terra para rose quando no início eles tomaram conta do palácio tudo os
221 sem-terra esse essa posição como eu estava te falando lá do início que eu fui para
222 [cidade] que a diretora cantava o hino e tinha as aulas de moral e cívica e tínhamos que
223 dizer para os alunos esse momento é de lavagem cerebral que nós estamos
vivenciando
224 uma situação que não tem liberdade e a liberdade é fundamental na nossa vida eu sou
225 contra a ditadura (fala entrevistador) qualquer ditadura eu sou contra a ditadura eu acho
226 que tu tem que ter a liberdade de expressão porque senão tu tem uma lavagem cerebral
227 eu sou contra aquartelamentos sou contra sabe o que confinamentos de alunos porque
ali
228 tem uma pessoa que vai manipular e faz e fazem verdadeiras lavagens cerebrais é
229 religião não se pode nem falar assim o medo e uma vergonha que tu não pode podes
230 imaginar Maurício eu tenho alunas que as avós dão até botijão de gás para os pastores
231 ... eu tirava do meu dinheiro e dava a religião tá em nome de deus tão fazendo horrores
232 já se fazia porque eu sou católica mas não pensa que eu não sei o que que foi a santa
233 inquisição entre aspas a guerra santa que agora eu fui numa missa e o padre falou isso
234 eu me levantei e fui embora então sempre existiu pedofilia e que o papa está pedindo
235 perdão para os pedófilos aqui foi preso um aqui no interior de [cidade] ouviste?
236 Maurício: não não não eu não vi
237 Professora: foi preso menino agora depois de adultos eles eles contaram os os internos
238 que eles que vieram todos todos curados pelo padre aqui foi preso agora pouco não sei
239 se foi no início do ano agora em março ou fevereiro então isso tudo esse confinamento
a
240 gente sabe que sempre existiu desde a época de esparta e atenas quando as crianças
241 eram retiradas das mães com 7 anos né e tu convivias só com homens tu sabe que os
242 órgãos estão em cima fluindo não é e ninguém vive só de masturbação então existia o
243 quê relação de prazer entre homem e homem mulher só para procriar e agora querem
244 me dizer é que agora não é verdade e olha cuidado aquele que é cuidado com os
245 Bolsonaro da vida não é verdade esses preconceitos essas coisas da vida que tu não
246 respeitas o ser humano como ele é isso é muito triste tem muito professor que é assim

247 olha tu conhecia o [nome]?

248 Maurício: não não

249 Professora: não conheceste? este foi meu aluno lá no [colégio] eu que contei/ a dona

250 chininha a mãe dele foi eu que eu contei pra ela porque ele era gay e ele sofria

251 preconceito incrível incrível lá no [colégio] o [nome] que se candidatou até como [nome]

252 ele se formava

253 Maurício: ah sim agora eu lembrei

254 Professora: ele se formava/ menino/ no sábado e mataram na quinta ele dava aula na

255 católica ele era assistente da professora dele meu amigo meu amigo meu amigo desde

256 guri então as pessoas as pessoas são como eu te digo perversas e não adianta e não

257 adianta tu só tu só colocar na escola tu tem que ter isso no cidadão uma estrutura dentro

258 da família

259 Maurício: a família né?

260 Professora: a família está se deteriorando as pessoas trabalham demais demais demais

261 demais não tem tempo para os filhos vou te dizer uma coisa 47 anos eu estive em sala

262 de aula manhã tarde e noite não tinha sapato para vestir a roupa de sempre jeans mas

263 tinha duas empregadas duas pessoas maravilhosas sempre e mais o meu marido que

264 era advogado que cuidava dos gurus sempre tive duas e sempre buscava mais na rua

265 como eu te digo mais e trazer para dentro de casa meus filhos iam todos os dias na

266 praça todos os dias levava no cinema levava levava pegava os amigos para a rua eu

267 sempre pegava a pessoa na rua e levava junto tenho fotografia das pessoas da rua

268 sempre negro branco gay seja lá o que for sempre criei assim porque eu fui criada assim

269 tu então tu passa aquilo né mas é muito difícil hoje as pessoas só querem trabalhar

270 trabalhar trabalhar eu trabalhava para se sustentar não era para ter dinheiro eu nunca

271 tive uma casa nunca comprei nunca tive nem carro tudo umas [inaudível] tudo então

272 mas eu sou uma pessoa feliz feliz agora eu estou aposentada não consegui aposentar

273 da católica porque a [nome] me botou para rua por causa da greve junto com o

274 professor lá do [lugar] que era meu coordenador né então mas não me arrependo

275 de nada mais não sei se alguma coisa que te disse valeu a pena

276 Maurício: sim com certeza

277 Professora: Pode ser depois pontuar e pode me perguntar o que tu quiseres

278 Maurício: então vamos voltar um pouquinho nessa questão do tempo da [universidade] como

279 era essa relação também com os colegas com os

280 Professora: ah difícil com os colegas difícil eu não tínhamos aula (interrupção) era padre

281 farina nosso professor de filosofia o padre farina até depois deixou de ser professor
padre

282 e se casou e tudo mas nós tínhamos todos juntos tínhamos os cursos letras juntos a
dona

283 [nome] e [nome] que suas filhas são professoras do IF era minha colega já era velha
tinha

284 filhas moça então tinha as minhas colegas elas todas ficavam furiosas porquê antes da

285 prova eu (voz baixa) repressão vem vamos embora que esperar não é saber quem sabe

286 faz a hora não espera acontecer que era do Geraldo Vandré que depois torturaram com

287 lobotomia e ficou o bobo da corte mas eu cantava e as colegas me viam com outros
olhos

288 te chamavam de louco te chamavam se chamavam de esclerosado de tudo que tu
podia

289 imaginar por que tu tinhas ideias e eu provocava tu sabe desde aluna e dentro da

290 universidade os colegas que eram bem posicionados não consigo me lembrar do nome

291 desse professor que eu te digo que era do serviço social tô vendo o rosto dele tem um

292 nome tem um nome árabe dele não consigo me lembrar

293 Maurício: deixa eu ver eu acho que eu conheci

294 Professora: ele foi preso acho nessa época ele era ele era depois dele ficou uma

295 professora que depois se candidatou a vereadora do PT naquela época [nome] que

296 também curso de serviço social era extremamente visado era o filosofia também então

297 sociologia ciências sociais eles visavam isso aí e eles os colegas que tinham uma ideia

298 diferente da deles pro-governo não queriam saber de quem falasse a linguagem do
povo

299 né então tu vê que a polícia que a polícia federal sempre de terno e sempre a gente
sabia

300 te lembras o nome dele?

301 Maurício: eu não anotei aqui mas

302 Professora: aí até quando eu morei ali perto da [universidade] um colega dele teve para

303 perguntar se ele tinha morrido e não não não morreu até me encontrei com ele ele viaja

304 muito não consigo me lembrar o nome dele agora sei que quem substituiu ele agora

305 Maurício: não eu acho que não tenho anotado nessa agenda aqui

306 Professora: daqui a pouco eu me lembro e te digo ele foi preso junto na mesma época

307 que na faculdade de direito faculdade de direito sofreu muito porque a faculdade de
direito

308 também né o [nome] foi uma pessoa que foi bem perseguida desde [cidade] foi muito
309 perseguido o [nome] extremamente e os professores do serviço social então nem se
fale
310 e o direito também foram perseguidos também e tinha por exemplo também na
medicina
311 também que te digo aquele que foi [nome] deu também foi extremamente perseguido
312 Professora: a minha vizinha na época são coisas que tu ver era deram queixa na polícia
313 e eles foram embora então é assim é é tu tens o mesmo pensamento ou tu e sempre
e
314 tu não pensa que hoje não é assim se tu não caminhas de acordo com o sistema tu é
315 colocado para rua dos empregos eu tava vindo do sesi agora século 21 e se tu não ler a
316 cartilha do [colégio] tu vai para fora tu vai para rua fui para a rua por isso e no [colégio]
317 que eu dei aula sabes o que me dizia o diretor isso é uma empresa Olga se tu não
318 queres tu podes ir embora então tá tô indo tchau os alunos não têm respeito na sala de
319 aula não te pedem para ir lá fora te dizem eu vou mijar e ainda tu chamas as mães e
320 perguntam o que que a senhora dá história ah mas também nem as mães médicas
321 chamei porque o guri se pintou todo na sala de aula picou o giz eles fazem o que
quiserem
322 enfiar o dedo no rabo dos outros então isso aí não tá eu não estou conseguindo tu sabe
323 ver isso porque eu sempre fui muito amiga dos meus alunos mas muito respeito
324 Maurício: não era o professor Horácio?
325 Professora: Horácio/ isto Horácio
326 Maurício: professor Horácio eu já entrevistei
327 Professora: já entrevistou!? maravilhoso mas tu vieste que ele ficou meio (silêncio) que
328 quando chegou das torturas então ele foi torturado que nem o [nome] ah tu já
329 entrevistasse fantástico né e tu é sócio do Mário Alves?
330 Maurício: não não eu conheci.
331 Professora: eu sou é maravilhoso eu pagava naquela época agora eu deixei de
trabalhar
332 mas quando a gente trabalhava mas é toda a vida fui tu pagava 5 pila para tirar você
333 tirava os cds levava os dvds do livros e eu faço propaganda do Mário Alves na sala de
334 aula porque eu acho fantástico e o [nome] é uma pessoa maravilhosa foi teu professor o
335 [nome]?
336 Maurício: não eu só conheci ele/ E a questão dos alunos? porque assim no tempo da
337 [universidade] teve os eles estavam dentro da do pátio né os militares né tinha uma
tenda

338 deles né

339 Professora: tinha claro claro sim sim e aí né se tu não pagava as as as promissórias dos
340 alunos eram coladas nas paredes e chegava na sala de aula e te diziam fulano fulano
se

341 retirem para fazer não pagou tu quer coisa pior do que isso na frente de todo mundo?

342 nunca tiveram assim sabes a nunca tiveram o respeito pelo ser humano e continuou
não

343 tendo eu trabalhei 20 anos lá 24 anos lá e não tiveram ou respeito por mim 20 anos em

344 [cidade] indo e voltando duas vezes por semana e voltando e 15 anos em [cidade] fiz o

345 projeto para [cidade] e que tudo que tudo que faz passava pelo crivo mas tu sabe que

346 até hoje tu é obrigado a ter no teu currículo trabalhar com a questão do negro e a
questão

347 do índio o poder público vem aonde tu estás ministério público vem para ver se tu tens o

348 teu planejamento negro e índio e quando eu vou e quando eu vou para avenida para o

349 calçadão então os índios e iam tocando porque que vocês não vão tocar em frente ao

350 ministério público porque vocês estão aqui pedindo dinheiro? e eles nos obrigam a

351 estudar a história de vocês que não existe mais que mataram todos os passarinhos que

352 roubaram as terras vão lá no ministério público e quando eles vêm cobrarem eu digo
isso

353 não existe racismo é claro como posso dizer que não existe e tem professor ainda que é

354 obrigado a trabalhar com isso e é racista é isso que eu te digo quando tem professor a

355 nossa categoria tá muito a não dá para nada a vida de professor até os outros dizem
isso

356 ah não dá para nada vai ser professor dá para ser médico veterinário com se meu filho
é

357 músico todo mundo dizia Olga música não vai ter dinheiro nenhum faz outra profissão

358 não professora ele quer as pessoas têm que serem felizes não é verdade?

359 Maurício: pois é a profissão docente está bem complicada

360 Professora: muito complicada

361 Maurício: eu estou no sétimo semestre e e e eu sou o monitor de latim verdade na

362 graduação eu adoro latim

363 Professora: eu estudei mas o professor não sabia nada e dizem que a gente era era

364 terrível nós éramos teria terríveis colocavam no rabo do professor (fala confusa). Viu

365 como é que é as coisas?

366 Maurício: eu tenho colegas que estão formando e que não sabem absolutamente nada

367 de português nada o básico do básico estão se formando

368 Professora: os professores de português que tem 30 anos no [colégio] roubavam lá chave

369 de correção e ela não sabia corrigir chamavam [nome] que deus a tenha porque morreu

370 não sabia eu sempre tive os meus filhos com professor particular de português até porque

371 a gente fala uma língua misturada com espanhol então tu tem que ter um cuidado

372 especial eu teus colegas não sabem nada depois aonde vão para sala de aula porque eu

373 já fui coordenadora do curso lá em [cidade] pela [universidade] então eu assistia os

374 estágios maravilha dos meus alunos de [cidade] de arroio grande tu não pode imaginar

375 de 72 a 92 eram fantásticas as aulas maravilhosas tu sabes que naquela época nós já

376 usávamos epidiascópio que é um elefante desse tamanho médio é um aparelho que tu

377 botas o livro de baixo e caças com uma alavanca e ele projeta como se fosse um

378 retroprojektor já naquela época trabalhava com filme já naquela época já/ e aí naquela

379 época já se trabalhava com interdisciplinaridade mesmo nós temos que cantar no

380 [colégio] vinha o quartel cantar nós tínhamos os alunos que levavam a bandeira e fazia

381 fazia o hasteamento de bandeira nós convidar vamos a brigada o quartel tinha que ir mas

382 mesmo assim eu botava neles uma outra visão então nós tínhamos um rapaz que foi

383 vereador e depois foi deputado ali do fragata que bonito de olho azul não já velho como

384 eu o pai dele tinha uma casa de umbanda

385 Maurício: nao conheço talvez nao lembro o nome

386 Professora: conheces o ou talvez não lembra o nome ele nos dava dinheiro e eu fazia na

387 hora do recreio com os alunos não se pode fazer eu fazia bingo levava bolo levava isso

388 que aquilo e fazia ele nos dava dinheiro [nome] nós íamos na câmara pedir para o [nome]

389 e nos pedia para arrumar o fragata arrumar as ruas lâmpada e ele dava dinheiro e levava

390 eles no museu oceanográfico em rio grande eu levava eles para ver a saída do navio que

391 ia para comandante [nome] foi quando meus alunos foram juntos eu ia sozinha com 60

392 70 alunos almoçávamos fazíamos lanche piquenique na praça levava eles do museu

393 levava eles tinha um museu e os milicos eu levava

394 continuava falando e dizia falava tudo da segunda guerra na cara deles todo mundo me

395 olhando assim eles estavam te olhando te digo eu tive uma participação muito grande

396 muito grande/ a vida inteira falei me chamo Olga porque meu pai era comunista/ porque

397 meu pai quando eu nasci tu vê em 47/ eles ficavam na polícia quem era comunista/ meu
398 pai era fichado/ e o irmão dele que era caminhoneiro/ não era nada/ um ignorante/
pobre
399 do meu tio/ também ficharam porque era irmão/ e no uruguai que comprava livros
porque
400 no [cidade] ali era era [cidade] tu comprava livros eles iam na livraria e vinha os livros
401 que tu comprava tu tava com o nenenzinho amamentando tu tava com capuz e levavam
402 meu marido viu batalha de noite então chegavam nas casas e reviravam os jardins
403 Maurício: para achar coisas enterradas
404 Professora: para achar coisas enterradas então foi foi isso de de amedrontar eu tinha
um
405 professor que foi meu professor que foi que foi meu colega que foi que era o professor
406 [nome] de [cidade] e ele fez um cartaz quando será o batizado com uma interrogação
que
407 era o que se chamava na época da derrama de Tiradentes e aí a polícia federal
denunciou
408 e aí vieram e levaram ele preso só por isso botaram na minha eu morava lá em [cidade]
409 eu dava aula em [cidade] na minha na faculdade botaram na caixa dos alunos que o
410 [nome] tinha sido preso que era que era meu colega tô te dizendo só que o presidente
da
411 sociedade da cultural e isso também foi uma sorte nossa [nome] era mantenedora
depois
412 eu fiz todo o processo e ele foi reconhecido o curso esse esse presidente da sociedade
413 era major do exército então chamaram ele e disseram que o [nome] e eu tínhamos que
ir
414 no quartel para depor que tinham escutado as aulas e não sei o quê ele disse não não
415 precisam eu assino embaixo Olga e [nome] são professores excelentes não são
416 revolucionários ele nos salvou duas vezes
417 Maurício: vou vou vou falar procurar
418 Professora: ele é maravilhoso muito inteligente maravilhoso e mete (palavra) em todo
419 mundo e sempre meteu as (palavra) porque foi professor no pelotense estudar junto
420 comigo alguma coisa maurício?
421 Maurício: não fico pela senhora a senhora quiser encerrar ou contar mais alguma coisa
422 Professora: podes me perguntar as coisas que que tu acha porque isso esse isso do
traz
423 que tu traz não é só da época da revolução naquela época que prendiam hoje fazem
um
424 processo e te botam para a rua

425 Maurício: te descartam

426 Professora: te descartam

427 Maurício: como se não fosse nada. Sobre a questão educacional que a senhora se lembra

428 que que antes do por exemplo do modificaram muito educação e depois foi modificada

429 de novo e hoje está dessa forma

430 Professora: um caos

431 Maurício: um caos como a senhoraalaria a sobre essa questão desse processo

432 histórico que acontece com educação?

433 Professora: porque o que que é interessa para os governos quando tu seja quando tu

434 fores mais desconhecido mais ignorante mais desconhecido daquele setor tudo e se

435 conheça as causas o quê que acontece tu é manipulado tu não sabe nada e eu fico

436 horrorizada que as pessoas não têm uma cultura ontem mesmo meu filho veio para casa

437 para mim que sabe se tem um patamar econômico alto não sabia quem era [nome] quem

438 é essa pessoa essa menina formada em serviço social foi fazer pós-graduação caiu essa

439 questão um paralelo entre a conferência de (palavra) em porto alegre não sabia o que

440 era as pessoas não leem tu tem que ler veias abertas da américa latina tu tem ler Eduardo

441 Galeano então esses essas esses escritores a música que diz muito então trabalhar com

442 música com os alunos porque o que tu diz que te digo com essa com essa desqualificação

443 que existe não só no aluno no professor é que as pessoas não estão querendo mais

444 formar ninguém eles estão eles estão passar e que se formem mostrar estatísticas que

445 estão que formaram tantos não é assim

446 Maurício: tem a questão também dinheiro que a profissão é desvalorizada e mal dá para

447 pagar para viver e aí o ensino superior paga um pouco mais e começa a complicar

448 complicar fazer um currículo para poder chegar lá e e ganhar bem daí e não serve para

449 ensinar (fala baixa)

450 Professora: As pessoas não têm didática por que tudo tudo vai através da didática tu tem

451 que chegar no teu aluno tu tem que saber qual é o meio que ele vive a partir do meio que

452 ele vive tu tem que fazer com que aquela célula se multiplique para o resto da sociedade

453 da comunidade do bairro né da escola para depois tu ir tu tem que ir por partes e fazer
454 ele ler e pensar e mostrar para eles coisas por exemplo como eu te disse recém do
nióbio
455 tu tem que estudar porque eu trabalhei com eu te digo 60 horas a vida inteira mas eu li
456 muito eu dormi muito pouco as minhas pós-graduações eu fui fazer agora velha fiz
457 educação a distância porque eu também trabalhava à distância que é uma coisa boa
458 dizem ahhh é uma coisa maravilhosa quando tu cobras quando tu diz quando tu nem
olha
459 tu corrige sem olhar nada agora quando tu dizes fizeste quanto ctrl c ctrl v faz de novo
460 desculpa faz de novo querida tu não pode agredir tanto com carinho bom dia
461 cumprimentar como vai seu dia tá bom que maravilha que eu faço isso com meus
alunos
462 até hoje e com meus amigos tu tem que ser gente em primeiro lugar tu tem que
trabalhar
463 em interdisciplinaridade no [colégio] nos trabalhávamos o português a professora
[nome]
464 outra maravilhosa história a celeste e o filho dela hoje é delegado lá no fragata o [nome]
465 geografia eu a [nome] biologia ciências matemática o [nome] que é outra pessoa
466 maravilhosa se tu pudesse entrevistar também [nome]
467 Maurício: eu já tenho anotado
468 Professora: vai que ele é maravilhoso o [nome] a professora de artes era muito sábia
nós
469 provocava ela para fazer os bonecos de jornal e fazia os alunos ler jornal eu sempre
quis
470 chegava em sala de aula em história os 10 primeiros minutos a gente lia as notícias
cada
471 um trazia uma notícia fazia um painel naquele painel eles já sabiam o que estava se
472 passando senão eles não olham até futebol se eles querem fazem
473 Maurício: uma coisa que eu entrei em conflito quando eu entrei na graduação era isso a
474 ideia da extensão extensão comunitária para comunidade não ia para a comunidade
475 nenhuma eu me irritei porque às vezes tinha curso de línguas estrangeiras que as letras
476 ofereciam tinha que pagar e era mais caro que um curso bom que era bem mais
477 estruturado que um particular do centro ou de outro lugar aí eu comecei criei uma
478 extensão de debate professores e pesquisadores para palestrar nas escolas no
[colégio]
479 estou tentando agora voltar porque eu tive um problema meu pai doente que eu tive que
480 diminuir essas coisas mas que agora tô tentando fazer isso por que é isso a extensão

481 isso é levar que você vai estender algumas coisas

482 Professora: claro tu tem que fazer isso

483 Maurício: eu acho que é estigmatização social

484 Professora: muita

485 Maurício: porque eu já vi casas com uma família que mora numa região e a outra numa

486 outra região assim mas deteriorada ganharem o mesmo salário com condição de vida

487 com condição de ter uma vida igual e terem uma diferença sim podendo ter uma uma

488 coisa

489 Professora: os meus filhos tu pensa que o meus filhos nunca trabalharam era advogado

490 e fazia tudo de graça para as pessoas então e eu (voz baixa) supermercado não voltavam

491 mais estudar tu vai ser um grande professor

492 Maurício: estou estudando muito

493 Professora: vai ser eu só digo aquilo eu chego e digo e olho [nome] foi minha aluna de

494 geografia eu olhei para ela e disse essa guria vai longe e foi maravilhosa ela trabalha se

495 casou até com professor da universidade que eu fiz terminar com o namorado namorou

496 professor sim não saia de lá era guarda era guarda do edifício não progredia o que que

497 tu quer e ela progredindo dava aula sabes de graça nas comunidades nos projetos que

498 tinha da geografia então eu olho e sei o que vai ser eu tenho certeza nós temos um outro

499 aluno que não ia trabalhar mais/ [nome] maravilhosa então ela é excelente eu tenho outro

500 aluno nosso que dava geografia que eu não ia mais dar aula aí eu dei todos os meus

501 livros de geografia aí depois resolvi dar aí depois comecei a comprar novamente ele é

502 fantástico ele estuda ele por mim fez geografia ele já fez concurso para o IF já passou já

503 tá trabalhando já trabalha até no enem e agora trabalha em [cidade] vão trazer ele para

504 trabalhar com nós ele e o irmão que só quer futebol futebol futebol lá do fragata tu tens

505 que ir para educação física ele agora trabalha numa academia mas então eles tu vê o

506 aluno tu vai ser porque eu te digo assim deus como é que tu conhece eu fui fazer exame

507 de sangue com meu filho e ele disse ah::: a Olga era terrível não prestava atenção em

508 nada não parava quieta mas pediu se casou teve dois filhos tu sabe foi trabalhar não que

509 não seja mas tu quer que a pessoa progrida cada vez mais foi trabalhar na no laboratório

510 é isso que eu te digo tu sabe do interesse tu sabe quem é que tá todo mundo sabe se tu

511 olhar para o teus colegas a gente conhece e as vezes eles vão vir por exemplo falei se
512 nós ia fazer trabalho de grupo ah::: faz Olga que eu assino fazia em casa e eles
513 assinavam eu me formei em dezembro e em março eu fiz concurso para a católica
então
514 tu vê são coisas que que ninguém botou lá dentro eu fiz concurso
515 Maurício: eu acho que por indicação agora não sei se ainda tem concurso
516 Professora: não tem concurso ainda mas tem indicação também tem porque essa
minha
517 vizinha aqui da frente que o pai dela é coronel da brigada e a mulher é bem posicionada
518 e o pai é coronel da brigada e ela a mãe e ela foi convidada se formou em letras fez
519 mestrado e ela foi convidada para dar aula mas tem outro com amigo meu que dava
aula
520 comigo no IF que dava no sesi o [nome] que fez concurso e ficou diarista e dava aula
521 pelo pelas diárias pelas disciplinas mas devia acho que os cursos dava nos cursos
agora
522 já contrataram então eles têm eles têm na minha época era plano de carreira então
523 começaram a botar para a rua quando subia quando chegava lá em cima já te botavam
524 para rua tudo é interesse econômico e por isso que eu te digo não adianta em nome de
525 deus da igreja de católica não é é mentira é mentira e eu digo em qualquer lugar não
tem
526 é mentira evangélica é mentira eu tenho fé eu tenho fé em deus é uma fé
inquebrantável
527 mas a fé deus não é um velho barbudo deus está dentro de ti deus é o teu sentimento
528 como é que o esperma e um óvulo se unem um ser que chora que ri não é um ser
humano
529 só pinta uma obra prima fica né uma obra-prima com uma pintura escreve um livro com
530 best seller e nós que fizemos gente e o pior tu não pode ter discurso e ter prática de
outro
531 eu vejo quantidade de 5000 uma eu digo tá aqui gravado mas pratica ensinam mas
532 prática de vida uma teoria e uma prática diferente então isso aí não eu não consigo
533 entender que as pessoas falam falam algo eu vejo colegas as pessoas meus da escola
534 falando que fazem assim assim assado pergunta para o aluno porque o aluno é o teu
535 quem é o teu que te julga quem é o teu juiz é o aluno eles não da nada riem em e
536 gargalhadas pelo corredor riem tu não ri tu não sabe tenho uma colega uma afilhada
537 minha que está formando em direito agora e ela fez letras ela dizia dinda Olga as
538 professoras dão os livros para tu ler e não e não leram porque ela perguntava as coisas
539 e a professora não tinha lido aquilo

540 Maurício: eu tive um professor em uma disciplina ele é professor substituto na ufpel mas
 541 eu sei acho que a mãe é professora pela furg professora ja adjunta a muito tempo e o
 542 ano passado eu tive meu pai doente eu sou filho único e eu tava cansado e era uma
 aula

543 de noite

544 Professora: teu pai ficou bom?

545 Maurício: não ele faleceu e aí

546 Professora: moço?

547 Maurício:49

548 Professora: de que? câncer?

549 Maurício: não ele teve uma doença crônica no intestino e ele pegou uma alergia e foi
 550 parar no hospital para fazer um tratamento pegou uma doença no hospitalar e daí não
 551 não tens nada para fazer e aí eu me desesperei e perguntei para o professor como eu
 552 iria fazer a aula que dependendo se fosse um texto eu estudava em casa porque eu
 553 estava cansado perguntei e ele eu só vou dar um artigo mas eu só vou encher linguiça
 554 não tem problema eu só vou encher linguiça hoje bem assim eu fiquei

555 Professora: e tu sabes que que um minuto na vida é uma coisa extremamente marca
 pra

556 gente o [nome] na [universidade] tinha um professor de sociologia que não sei quem era
 557 não me lembro agora o nome eram alemãozinho que colocaram de propósito diziam
 558 assim dizia assim a prova é não sei que o assunto eu último recolhe leva lá o [nome] foi
 559 lá escuta aqui eu estou pagando uma fortuna para para uma pessoa deixar uma prova
 560 para a gente recolher o [nome] sempre deu problema [nome] porque tu sempre faz
 assim

561 depois vamos marcar ele tá fazendo ciência política com uma bolsa tiraram a bolsa
 562 porque ele porque ele trocou de orientador não sei quantas vezes porque o professor
 563 chegou em aula e colocou um P grande e um P pequenininho o poder do professor e o
 564 poder do aluno e depois do fim da explanação do semestre não sei o quê o [nome]
 disse

565 naquela sua primeira aula eu vi quem o senhor era como é que o senhor colocou o P
 566 grande P pequenininho no mestrado o que que o professor fez cortaram e o [nome] diz
 567 assim porque o [nome] não é muito não é muito socialista não é ele é meio capitalista
 os

568 outros dois não mas ele [nome] e o [nome] são bem como eu ele já não é mas como o
 569 avô paterno que era delegado mas ele diz eu não sou hipócrita vocês têm os carrão
 570 maravilhoso viajam para Europa todo dia e só ficam dizendo papagaiada aqui dentro tu

571 diz isso pronto que que fazem eu estou cansada de ver o professor que ele não passa
572 mais eu vou te contar que eu gosto mais o [nome] foi meu aluno que é candidato
573 pelo [partido] o [nome] o rebelde daquele tamanho fumava maconha até hoje fumo eu
574 acho problema dele e na sala de aula o dia que ele ele não era nem meu aluno o dia
que
575 eles me disseram assim não tivemos conselho de classe porque porque o [nome]
576 terminou me apaixonei vou lá falar aí ficou meu grande amigo porque ele disse vocês
577 vocês fazem uma coisa na sala de aula e depois vem aqui falar dos alunos são cínicos
578 [trecho inaudível] eu tinha uma aluna minha no IF que a gente fazia concurso pela 5ª
crea
579 tu acreditas que não quiseram dar o emprego para guria sabes porque não era ela que
580 tinha feito ela tinha feito na sala de aula fiquei testemunha levei lá lá não dão para quem
581 querem dão para quem querem eles dão para quem querem então um aluno um aluno
582 de mestrado de ciência política que até hoje pobrezinhos tô ajudando em santa vitória
583 concurso de geografia em ciência política tá morando com o meu marido no
584 Hermenegildo não deixaram mestrado o orientador deixou o guri chegar perto se
585 apresentar e não defendeu perdeu tudo pagaram o 1500 para ele 2 anos quem é o sem
586 vergonha quem é o culpado o orientador que se ele não tinha condições ele tinha que
ter
587 cortado no primeiro dia deixou o guri fazer 2 anos ele não tinha condições ele disse
588 professor orientador mas como é que vai deixar formar uma banca e vai se cortar eles
589 são muito é eles é o que eu te digo tá podre tá corroído o professor da [nome] uma
aluna
590 filha de uma amiga minha eu dei geografia a vida inteira na católica e ele tava dizendo
591 que em geografia ele ficou no lugar do tio dele só trabalha com passarinho só
passarinho
592 os absurdos que ele botou toda apostila tu não podes imaginar eu digo para o meu
marido
593 [nome] tu olha aqui eu vou ler isso aqui eu estou louca ou ou ele está dizendo absurdos
594 que nós tínhamos mas muitos quilômetros de não sei o quê mas uma coisa
595 completamente diferente fora da casinha fui lá dizer fui lá falar só que ele disse que a
596 senhora não me cuspa o senhor seja um pouco mais profissional fomos no bispo fomos
597 em tudo tu acreditas que reprovaram ela não adiantou para ela fazer de novo para ela
598 fazer de novo aí trocaram de disciplina e o conteúdo era o mesmo deram outro nome
599 para a disciplina (risos) é então não adianta o sistema está corroído porque as pessoas
600 se corromperam as pessoas não têm vergonha as pessoas não têm ideologia as
pessoas

601 não tem ética as pessoas estão pelo dinheiro pelo capital seja o que for não consegues
602 emprego eles dizem e eles botam quem eles querem eu sempre fui assistir sempre
603 sempre fui assistir os concursos eu vi as pessoas uma e a outra uma acho que até já
604 morreu a [nome] da história que escreveu o livro sobre sobre as fábricas de [cidade]
605 que se foram deve ser lado e ICH pesou botou peso sobre a revolução industrial nunca
606 falou sobre o social nunca falou sobre nada vontade de dizer/ ela passou porque era
filha
607 de não sei quem e a outra que tinha dado uma aula maravilhosa sobre a segunda
guerra
608 mundial não entrou então eles botam quem eles querem o meu filho teria um currículo
609 desse tamanho tocou no mundo inteiro como ninguém foi dar aula eles deram um um
no
610 currículo dele porque ele faz frente ele faz ele faz frente porque eles não sabem nada
611 nem dá aula e nem tocar violão eu digo muito obrigada tem que ter mais
profissionalismo
612 porque nenhum de vocês toca como meu filho aí eu disse não quero saber eu tive uma
613 estrela muito boa porque porque sempre briguei com todo mundo sempre disse o que
eu
614 quis com eu saía para corrigir as provas do vestibular toda minha vida corrigia provas
de
615 vestibular de geografia tu acredita que a diretora me dispensou a [nome] do [colégio] e
616 depois me chamou por um telegrama mas eu digo o que que era eu estou corrigindo as
617 provas ela dizia para nós que não era grevista que não ia nos cortar o ponto aí nos
618 descontaram porque nós ficamos 93 dias em greve tu sabes eu abri o contracheque
dela
619 não se faz esse crime mas eu abri aí de vocês se contam quem abriu na reunião não tu
620 [nome] não não es grevista essa de vista deixa eu ver o teu salário (fala confusa) prova
621 que fui eu que abri prova que mesmo que eu não esteja as pessoas pensam que eu
estou
622 dando uma surra porque as pessoas de [cidade] tem na outra vida eu queria vir mais
623 mais dócil mais meiga mais educada mas fina por que entre os colegas meu filho foi
para
624 o México tocar junto com universidade com o grupo de industriais aqui de pelotas eu te
625 digo nomes a graça indo [nome] que era minha colega da psicologia casada com um
626 daqueles [nome] casada com um que foi candidato a prefeito com que são dos óculos
627 [nome] aqui muito encantada com o teu filho me levou para tudo que é lugar museu mas
628 não é por causa minha é porque ele tem um tio e que o pai dele são uruguaiois que
pinta

629 que sabe que levou em tudo que foi museu nem parece teu filho eu digo porque graça
630 porque tu é muito irreverente e eu digo mal educada graça e vou te contar contar uma
631 coisa sabe porque ele é assim foi criado pelas empregadas domésticas toma no teu
632 empregada doméstica vai tomar banho dizer que eu sou irreverente te digo é só um
633 diziam [colégio] uma colega minha que não deixou o filho ser músico nunca de artes
634 naquela eu época com três filhos ainda (fala confusa) não estou pintada porque quebrei
635 os exames Olga se arruma mais um pouquinho e tu dava aula pior assim eu sempre fui
636 fiz graduação uma colega minha menos tu acreditas que ela reprovou por por história
637 uma guriuzinha que era excelente acho que a guria respondia para ela e aí a guria tinha
638 um emprego era ensino fundamental a guria tinha um emprego e ela reprovou eu disse
639 não refaz já fiz duas provas vou fazer uma prova para ti para ver se tu vais passar/ eu
640 digo não me calo nós tava no [colégio] o [nome] foi a vida inteira é assistente do [nome]
641 e foi dar a palestra quando chegou os guris (palmas) oooooo todo mundo batendo palma
642 e ele que um grupo de marginal porque papapa o pessoal chamou ele de marginal ele
643 terminou de falar eu lá no fundo doutor um momentinho me escute aqui não tem
nenhum
644 marginal escutem para inquietos nossos alunos são maravilhosos daqui eles saem para
645 universidade e comecei a discursar eu lhe escutei agora o senhor escute a direção e os
646 professores tudo começaram a sair com vergonha de mim porque estou dizendo para
um
647 promotor do que me interessa me chamar marginal não vai chamar tanto que tu vê eu
648 sempre fui substituta no [colégio] entra e saio entra e saio para a universidade dois anos
649 entre saio entre saio e depois tinha me aposentado já me aposentei com 47 anos aí tu
650 sabes no [teatro] cheio de gente eu sou paraninfa ae ae ae Olga é nossa mãe Olga
assim
651 eles gritam eles fazem fila no ensino médio para me beijar pode perguntar para quem tu
652 quiser [trecho inaudível]
653 E: a falta de família né e dos que querem destruir a família que já está destruída já foi
654 destruída
655 Professora: está destruída já foi destruída e a tua mãezinha ficou viúva ou se casou de
656 novo?
657 Maurício: ficou viúva foi recente foi no início do ano que ele faleceu (fala junto) mas ela
658 ta bem ta indo
659 Professora: não se tu quiseres aparecer para conversar só para isso não quer tomar
café

660 um cafezinho uma água?

661 Maurício: não obrigado.

Anexo C – Transcrição da Narrativa de Chico

1 Maurício: Pronto já tá gravando

2 Chico: Muito bem/ começamos por onde? hh do início/ bem na verdade o início já é

3 parte da minha vida que é/ esse período ditatorial/ 25 anos? 20 anos/ esse período

4 na verdade ele me pegou exatamente quando comecei a trabalhar em 64 eu tava

5 terminando parte do ensino médio e estava iniciando já nesse ano o que hoje é o

6 Instituto de letras e artes e o curso de educação artística da Universidade Federal de

7 Pelotas pois bem é claro que como estudante a gente tem maior envolvimento com

8 as coisas política até porque você tem mais liberdade para agir e falar menos

9 represamento vamos dizer assim né/ bom então eu tive já de imediato um problema

10 eu fui impedido de seguir na minha atividade política né fui denunciado por

11 professores como subversivo nem nisso eu era na verdade mas eles entendiam assim

12 então eu já comecei com o pé esquerdo é uma metáfora que pode não ser metáfora

13 né

14 Maurício: Sim

15 Chico: Comecei com o pé esquerdo literalmente/ muito bem em seguida seguindo a

16 universidade e já em outro curso simultaneamente ao curso de Belas Artes hoje

17 educação artística da [universidade] e o curso de História Natural hoje o curso de
biologia

18 ou ciências/ Dependendo da universidade/ Pois bem em seguida que eu fiz serviço

19 militar e eu fiz um período de 66/ 67 eu comecei a dar aulas no [colégio] aí

20 começaram alguns problemas vamos dizer assim consequências né dessa relação

21 desarmônica que eu tinha com o sistema então imposto no país o sistema ditatorial

22 nessa época o colégio pelotense contratava professores o nome Ava professores por

23 concurso eu não podia fazer concurso ainda porque ainda estudava mas podia fazer

24 o exame assim pra contrato/ pra contrato o que fiz foi aprovado/ mas quando eu tentei

25 nesse mesmo período ali então já formado/ portanto habilitado para dar aula de

26 desenho de arte de biologia de ciências etc eu fui impedido de ser professor do Estado

27 tendo sido o primeiro colocado numa seleção feita na época primeiro colocado mas a

28 delegada de educação da época me disse que eu era assim como eu era o primeiro

29 colocado da seleção eu também era o primeiro de uma lista de "subversivos" do

30 presidente da Arena em [cidade] ele disse que eu não podia ter contrato com o estado

31 era proibido e mesmo no [colégio] eu já estava dando aula que é um colégio público

32 eu tinha uma série de restrições por exemplo não podia participar de coordenações
33 nem nada embora eu Desenvolver atividades de coordenação isso eu fazia né
34 desenvolver Essas atividades mas não oficialmente/ Coordenei feira de ciências de
35 Biologia assim uma série de coisas criei dentro do pelotense um/ um/ um clube de
36 cinema né chamado [nome] e aí tive uma das maiores restrições nessa
37 época/ porque quando os meus alunos foram mostraram a comunidade os filmes
38 feitos que não eram só de biologia Mas também de biologia ou secretário de educação
39 do município me impediu
40 (barulho de telefone) Vamos fazer uma pausa aqui?
41 Maurício: Claro/ (barulho de telefone)
42 Retomada a entrevista após uma ligação.
43 A gente tava falando na época da ditadura
44 (comentários inaudíveis) Bom fizemos uma pausa aí eu vou ter que fazer uma
45 retomada né uma retomada e no sentido de fazer um comentário sobre esse período
46 em que se fez a apresentação dos filmes dos alunos que se criou cine [nome]
47 que existe até hoje/ né/ fui eu que criei esse cine com grupo que fez filme de super
48 oito/ e aí apresentar mas como tinha alguns filmes e a presença minha na
49 Coordenação Geral da coisa toda e deu uma série de pessoas que estavam fazendo
50 avaliação dos filmes que eram quase todos considerados pelo secretário de educação
51 da época como subversivos ele cancelou e isso criou uma enorme confusão na cidade
52 porque passar o de secretário uma das pessoas Um dos alunos fazia parte da equipe
53 que avaliava o filme Era o filho do prefeito filha do Prefeito tinha a filha do comandante
54 da Brigada/tinha filha do Comandante do então na época nono regimento de infantaria
55 e eram alunos meus/ trabalhavam juntos e Sabia que não tinha nada desse Versículo
56 aqui no trabalho educacional mas que na época da ditadura a educação tinha que ser
57 uma coisa assim como um adestramento não existe educação no sentido de
58 construção de competências isso não existia e Se existisse essa ideia esse aí não é
59 tão nova assim mas era considerada como uma atitude subversiva principalmente de
60 esquerda que matava pessoas comia criancinhas todos aqueles cartórios criados no
61 tempo da ditadura/ Mas aí nós conseguimos então através da interferência dessas
62 pessoas curiosamente e paradoxalmente o comandante da Brigada Exército e o
63 prefeito todos ligados ao sistema vigente da época e Isso foi no início da década de
64 70 e conseguimos levar adiante mas todas as ações que nós tentássemos fazer
65 sempre que vinha ao meu nome o professor (nome) o professor (nome)/

66 enfim uma série de pessoas comuns como pessoas avançadas na época em termos
67 de pensamento né mas avançadas em mais em termos de subversão o que é
68 comprometida imagina só o desequilíbrio do sistema bom em razão disso a gente
69 teve então uma série de ações bloqueadas quer dizer o trabalho educacional feito
70 naquela época por mim e por uma série de outras pessoas professores que ficaram
71 sendo quase fundadores da [universidade] esse pessoal todo era
72 considerado subversivo para terem uma ideia quando se criou o curso.de isso aí o
73 curso de educação artística Instituto de letras e artes da [universidade] enfim/ pra
74 federalizar e receber uma autorização nesse nível a escola de belas-artes ainda
75 precisava de professores habilitados e procura daqui procura dali não achava o
76 suficiente inclusive os professores até mesmo professores que tinham sido um deles
77 me denunciou lá tem 64 não tinha habilitação para criação do curso e eu tinha então
78 os professores e não dos mesmos grupo dessa que me denunciou mas professores
79 jamais conscientes me convidaram para participar da criação por causa do meu
80 currículo/ E eu nem era professor da universidade na época e o meu currículo foi
81 utilizado para criação do curso e eles inclusive me disseram não assim que criar o
82 curso que vai ser professor/ do curso muito bem o curso foi criado e eu nunca fui
83 professor do curso quando me convidaram para dar aula na universidade aí eu tive
84 um outro problema e aí tinha que ter uma tal de certidão negativa da DOPS ao
85 departamento de operações políticas e sociais da ditadura e controlava as pessoas
86 se elas eram a favor ou contra a ditadura quem era a favor ou neutro tinha chance de
87 almejar cargos dessa natureza e não nem pensar e o reitor da Universidade da época
88 professor [nome]/ que até tinha um grau de parentesco comigo me disse olha tudo bem
89 a situação está boa para perfeita mas tem este documento tu não consegue da
90 nomeação aí são essas coisas do destino a pessoa responsável pela elaboração do
91 documento e eu não vou dizer o nome dele aqui né por um bom motivo Embora tenha
92 passado mais de 30 anos isso 40 anos ela tinha sido colega de um primo irmão meu
93 chamado (nome oculto) que morava comigo né e esse responsável pela DOPS em
94 Pelotas tinha ido colega do (nome oculto) e amigo meu por que como o nome oculto
95 morava comigo ele tinha uma convivência normal a minha casa era quase uma
96 república moravam vários tanques ali e a minha mãe morava tava morando em outra
97 cidade então esse rapaz não é tinha uma convivência com a gente era amigo nosso
98 participava da minha casa nós vamos lá juntos enfim e quando eu chego para pedir
99 o documento ele me vê não deixa eu fazer a solicitação por escrito não deixa/ e me

100 libera o documento /

101 Disse se tu fizer por escrito/ aí eu não posso fazer nada/ parte inaudível) mas não
102 posso ir eu te ligava e ele me liberou o documento no mesmo dia eu consegui então
103 a nomeação e passei então a ser professor da universidade durante 22 anos/ acabei
104 me aposentando como professor da universidade então a gente teve problemas teve
105 pessoas que caíram do céu como diz assim né e outros tantos que eu me lembro
106 quando teve um episódio lá bem no início da do golpe logo que deram o golpe em
107 abril maio por aí as pessoas foram lá na Belas Artes para me levar no mural e um
108 professor me avisou e me avisou em nome da maçonaria a maçonaria pelotense
109 estava monitorando isso e a visão das pessoas e disse olha tu dá um jeito sai porque
110 vai um caminhão do exército um caminhão eu ia ficar sobrando num caminhão né não
111 sei se tinha mais gente né hh e eu com certeza não estive lá depois terminei indo
112 mas essa coisa toda e proibido de uma série de ações lá no início em 64 coisa que
113 aconteceu lá e tive essas consequências todas né que eu tô colocando as maiores/
114 curiosamente já no final desse processo a redemocratização já tinha acontecido
115 quando eu professor da universidade prestei um serviço aqui na Delegacia de
116 educação hoje quinta Coordenadoria né quando eles ficaram sem condições de dar
117 um curso a professores de ciências e me pediram para ir e eu fui dual-cores coisa
118 assim me pediram um sábado de manhã por que a universidade tinha dito que não ia
119 mandar os professores porque eles tinham recusado aí dar o curso para os
120 professores do estado e me ligaram se o curso começava na segunda-feira ne e o
121 três professores cancelaram o curso foram substituídos por um professor que era eu
122 e eu dei o curso a semana inteira e a dando e preparando automaticamente não foi
123 uma preparação de uma ou duas semanas antes seria o razoável para dar o curso
124 para professores né/ ao final a X^aCRE tinha me rejeitado me ofereceu um contrato
125 para coordenar a área de biologia e língua portuguesa na região eu não aceitei até
126 porque ia ficar um pouco complicado legalmente eu poderia porque eu não tinha
127 dedicação exclusiva na universidade então poderia mas ia obviamente ficar apertado
128 porque eu tinha o horário já mais ou menos definido mas aí essas coisas acontecerem
129 mostram que eu assim como dezenas ou centenas de outras pessoas na área de
130 educação só sem falar não é deixaram de prestar serviços ou tiveram a sua atividade
131 de certa forma prejudicada limitada por sermos eu e mais essas centenas de
132 pessoas aí contra o golpe de estado/ Contra um sistema ditatorial que não tava
133 ajudando em nada tava botando para baixo do tapete tudo isso que agora nós

134 estamos vendo aqui né aconteceu na ditadura só que lá o tapete era grosso era
135 verde-oliva né e bem calçado na volta então não havia como a gente saber disso e
136 sabendo o importante era ficar quieto/ sabe sabe então fica quieto porque se tu tiver
137 alguma coisa diferente isso pode complicar sua vida a tua existência a existência no
138 sentido literal né complicar a existência mesmo. Não sei se tem mais alguma coisa?
139 Faz algumas colocações aí de repente a gente lembra?

140 Maurício: Período do pelotense teve outras questões assim particularidades do
141 sistema da imposição de fazer...

142 Professor: Ah sim/ a minha área que certamente era um pouco facilitado porque a
143 área e biologia eu dava eu dava biologia numa então científico hoje ensino médio/ eu
144 dava biologia então não era muito complicado em termos de conteúdos mas como a
145 gente tinha já uma visão como é que eu vou te dizer não Pontual dos conteúdos a
146 ideia era já de interdisciplinaridade mas nós trabalhávamos muito em algumas áreas
147 com outros professores/ bom isso começou a criar alguns entraves e o Curioso é que
148 os enclaves não eram por coisas que diziam na área política mas sim como isso não
149 podia ficar complicado então transportavam para área da ciência eu me recordo que
150 eu grupo de professores trabalhamos a questão de sistema planetário luz e etc/ e eu
151 usei uma expressão que é correto mas um professor lá que não gostava da nossa
152 atuação porque achava que nós interferimos na posição política dos alunos é
153 contestou a minha posição ele era da área de geografia e o tema envolve a área de
154 geografia e ele não estava sem vou vendo porque ele discordava dessa ação
155 interdisciplinar e que poderia causar prejuízo políticos para a gurizada" então o que
156 terminou acontecendo ali eu provei que tava certo e o professor teve desculpar
157 publicamente/ numa reunião de professores eu fiquei marcado Então aquela atividade
158 foi de certa maneira impedido de seguir acontecendo a gente percebia esse tipo de
159 coisa acontecendo mas como a nossa (palavra inaudível) era muito forte nós fazemos
160 todos os anos Semana de biologia feira de ciências compras para discutir de forma
161 indisciplinar uma série de agente então a gente estava uma certa empatia de
162 professores e de alunos que era uma barreira quando nós tivemos uma primeiro
163 movimento para construção dos filmes e era o filmes de biologia é em seguida
164 apareceu no [colégio] um delegado da polícia federal você já era assim já já
165 era esse nome que era de [cidade] porque aqui não tinha/ polícia federal instrutor
166 aqui veio de [cidade] chega na nossa no nosso colégio e me questiona sobre os
167 filmes então ele queria ver então ele teve que ver todos os filmes aprovar ou não os

168 filmes trocar nome porque não podia e como mesmo assim nós vamos apresentar no
169 festival de cinema onde esses filmes foram mostrados a comunidade da escola e
170 nisso estava o [colégio] junto porquê eu dava aula no [colégio]
171 naquela época e aí que secretário de educação e proibiu e nós tivemos movimentar
172 e reverter a decisão dele O outro Episódio interessante eu já ia esquecendo e esse é
173 importante é sempre no início dos anos eu pegava vários assuntos e distribuía para
174 os alunos/ para eles irem pesquisando e ir fazendo relatórios para o final do ano seria
175 quase um TCC assim né o mecanismo era o mesmo terceiro ano do científico não era
176 a universidade e um dos trabalhos que eu fiz foi com alunos que vinham em Santa
177 Vitória que era [cidade] e morava em [cidade] para estudarem e esses alunos
178 como eles eram de lá eu fiz bom o trabalho de vocês é como que os mariscos podem
179 detectar poluição marinha tô trabalhando em cima disso porque eu dava biologia e
180 tinha moluscos e ia mostrar durante o ano como que a água entrava por dentro do
181 marisco por um tipo de sifão que ele tem para oxigenar enfim e até para se alimentar
182 e essa água vem com todos os poluentes então tudo que está na água passa por
183 dentro dele consequentemente se vende ficaria se tinha algum fator nocivo na
184 existência daquele serviço então um bom indicador de poluição muito bem tendo
185 passado isso apresentei para eles estão e os meus relatórios eu não sabia eram
186 encaminhados para o setor né federal curiosamente naquela época e eles
187 examinavam as minhas atividades então eu vi que eu estava sob monitoramento e
188 veio de Brasília a assessora da secretaria especial do meio ambiente hoje Ministério
189 do meio ambiente e o presidente o secretário desta secretaria era como se fosse um
190 ministro na época só que não tinha o nome ministra era secretária e ele mandou essa
191 pessoa para conversar comigo como é que eu tinha identificado essa situação dos
192 mariscos e eu fiquei curioso não tava entendendo também até que nós conversa com
193 essa pessoa eu deduzi que ela estava relacionado a minha proposta de trabalho para
194 os alunos o que tinha acontecido no [lugar] né chamado de maré vermelha
195 que tinha causado um grande estrago ambiental foi um impacto ambiental muito
196 grande né como é que eu sabia disso tudo eu não sabia porque meu trabalho foi
197 anterior né mas eu não sabia que a coisa tinha sido anterior foi divulgado depois e
198 muito menos não sabia e fiquei sabendo depois até por colegas e trabalharam nessa
199 área de biologia de que o problema não era maré vermelha era a existência de uma
200 substância um gás produzido pelo exército americano chamado [nome inaudível]
201 quietinha esse efeito similar e era uma manobra da marinha brasileira em Argentina

202 Uruguai e Brasil e Estados Unidos tinham feito Essa manobra e eventualmente o gás
203 foi liberado e havia uma filmagem que eu não conhecia fiquei sabendo por essa
204 mulher e ela achando que eu sabia de alguma coisa me falava como se eu soubesse
205 eu não sabia e fiquei dando corda aí fiquei sabendo do que ela sabia né que era mais
206 do que eu na verdade é passado esse período (palavra inaudível) sabendo que ela
207 tinha nada que ver com a coisa porque viram os outros projetos todos meus em outras
208 áreas e viram a identidade dele e ela sumiu e morreu há poucos anos atrás eu
209 trabalhando sempre no Ministério do meio ambiente de origem portuguesa até a
210 mulher então o trabalho da gente era monitorado eu não podia fazer nada que não
211 tivesse alguém de olho controlando.

212 Maurício: Até alunos ou só outros?

213 Professor: Não professores e alunos né os alunos nem tanto/ porque os grêmios
214 estudantis tinham sido praticamente fechado ou então colocavam professores Aliados
215 ao governo para ficar de tipo um tutor dentro dos grêmios dos Estudantes/ ne para
216 um aluno ser presidente ele tinha ele passava por uma triagem e não era para
217 qualquer um eles terminaram com aquela liberdade principalmente grêmios
218 estudantis como do [colégio] que tinham uma forte ação política eu do
219 [colégio] também tinha a [escola] então esse pessoal todo que trabalhou
220 nesses nesse durante aquele período do início da década de 60 todos eles aos
221 pouquinhos foram sendo escanteado eu me lembro do do professor não é professora
222 ele tinha outra formação (nome oculto) e depois foi deputado que era do Grêmio dos
223 estudantes da [escola] também foi cassado não podia mais ser nada o (nome
224 oculto) que foi presidente do grêmio estudantil do [colégio] e depois diretor de uma
225 associação que tinha de diretórios acadêmicos aqui Pelotas não tinha descendo a
226 época nem universidades nós tínhamos faculdades/ e ele presidia chamada ação
227 acadêmica de [cidade] a FAP/ e ele era o presidente e eu representava educação
228 artística na época das Belas Artes no conselho né então aqueles professores
229 desculpa aquele tô doente as pessoas que participaram desse segmento ficaram
230 sendo monitoradas e alguns até tiveram a vida complicada porque não tiveram sorte
231 como eu tive de não serem eu não fui torturado nunca nunca fui passei a tortura
232 mental assim de coisas enfim mas exequente não mas eu tive colegas meus que
233 foram torturados e até depois na universidade como professores universitários foram
234 torturados alguns tiveram que ir embora do Brasil e a coisa ficou muito complicado
p235 por que não deixam as pessoas que pensavam livremente agir principalmente quando

236 se tratava de agir dentro de uma universidade de uma escola qualquer nível de
educação

237 básica ou superior né porque isso poderia prejudicar a evolução político-social

238 daquele sistema ditatorial

239 Maurício: Eles tentavam controlar totalmente?

240 Professor: Totalmente/ sob controle e curiosamente o que se percebe hoje é que a

241 alma mistura né a gente chama de complexo disso né uma rede transpassada entre

242 que muitas pessoas daquela época que eram coniventes com outras que foram

243 prejudicadas por que aos poucos as pessoas foram abandonando tanto um lado

244 contra o outro e hoje se misturaram hoje tu não sabe né eu sei porque eu vivia na

245 época porque eu vejo então as pessoas até se aproximando de mim meus amigos e

246 conversar comigo e tal e fico pensando pô mas naquela época esses caras

247 castigaram né não de forma direta né mas eu sabia porque assim como tinha

248 informações de um lado tinham informações do outro é terminar vai sabendo então a

249 gente ficava sabendo fulano de tal olha ele tentou te dedurar e hoje essa pessoa tá lá

250 trabalhando convivendo com a gente e foi anistiado eu anistiei essas pessoas porque

251 na verdade a grande maioria delas tava sobrevivendo/

252 Né teve aqueles que se locupletaram/ nem aí esses não tem perdão mas esses eu

253 não anistiei/ não assinei Anistia/ posso anistiar ou não/ mas a grande maioria eu

254 terminei anexando porque eram pessoas pobres de espírito que começaram a estudar

255 tarde estudar quando eu digo não é fazer curso é estudar e ler se instruir de fato

256 construir suas competências de verdade né então mudaram entenderam que estavam

257 errados bem perfeito perfeito não tiveram muito estrago conseguiram tomar uma

258 posição tão aí e alguns até curiosamente viraram mesmo a casaca quando nós

259 resolvemos na universidade criar a associação de docentes da universidade

260 nós eram os 33 professores fomos ameaçados pelo reitor da época o

261 professor (nome oculto) e pelo grupo que o cercava em que se inclui ao deputado (ele

262 se referia ao cargo político ocupado pelo personagem no momento da entrevista -

263 grifo meu/ nome oculto) na época ele era funcionário da universidade convidado pelo

264 tio dele que era o (nome oculto) reitor da Universidade/ indicado/ e eles proibiram e

265 disseram assim se vocês criarem nós vamos botar vocês para rua e a gente criou não

266 nós vamos criar e criamos a [organização] e não nos colocaram para rua mas também a

267 nossa vida ficou dura dentro da universidade nada que se pudesse fazer sempre que

268 ia tentar o próprio curso de biologia que eu fiz todo o projeto para criação como ele

269 levava o meu nome como criadores disseram que não podia tinha que ser uma outra
270 pessoa um outro grupo/ podia ser o mesmo mas que não levasse o meu nome e veja
271 bem isso já era final da década de 80 portanto janeira mais a ditadura na verdade não
272 era mais mas as coisas ficaram/ os ranços ficarão/ e essa associação de docentes
273 que hoje é forte né/ na época quando criada teve uma resistência tão grande
274 que arriscaria criou uma associação ela da própria reitoria criou uma associação
275 chamada [nome]/ onde pegou toda aquela turma de professores e funcionários
276 estavam alinhados ao governo por algum motivo né o governo ditatorial por algum
277 motivo e criaram Associação o que que nós fizemos mantivemos a [nome] e todos
278 nós nos filiamos a [nome] primeira eleição ganhamos a eleição então ficamos com
279 as duas associações e elas passaram a ser oposição ao sistema que ao pouquinho
280 a voz dos que eram favoráveis iam sendo abafada dela voz da maioria que não era
281 favorável/ então dizer que a gente ficou quieto não é verdade nós seguimos
282 trabalhando e bastante né mas de forma coerente de forma tardia né/ bem enquanto
283 eu atuei era assim que se fazia/ Tanto que quando eu fiz fui eu que fiz o primeiro
284 informativo o jornalzinho da associação de docentes né como nós não tínhamos
285 dinheiro na associação e tinha uma outra atividade um cursinho pré-vestibular né e
286 esse cursinho tinha máquina e tudo mais/ nós fizemos/ agente doou todo material
287 para editar o primeiro jornalzinho né o segundo jornal tinha uma entrevista e o
288 professor que a gente entrevista tinha sido muito perseguido na ditadura muito
289 perseguido esse professor foi muito perseguido não é uma pessoa muito inteligente
290 um escritor enfim e tal perseguido mas que foi contra a criação da associação por
291 esses motivos aí mesmo perseguido ele conseguiu entrar na universidade e
292 provavelmente devia algum favor para alguém né então ele foi contra a criação da
293 associação mas eu convidei ele para uma entrevista né e a diretoria da associação
294 proibiu que saísse da entrevista dele aí eu saí da associação sair do diretório da
295 direção e digo olha não posso ficar num diretório de uma associação que lutou pela
296 Liberdade pela democracia e não aceita ouvir palavras diferentes que não seriam
297 diferentes na verdade né mas a pessoa tava estigmatizada como posição e não era
298 para falar a verdade até hoje não se entendeu bem a posição dele aí eu sair dele não
299 não vou compactar então a gente percebe e vocês estão novos também tá vendo isso
300 que lutavam por democracia e por liberdade de expressão e tal no poder começaram
301 a pressionar as pessoas a não ter liberdade expressão isso não pode ser contra o
302 governo que em seguida muitas pessoas acham que tu é revolucionista/ entendi

303 fazendo alguma coisa contra o estado democrático que não é verdade eu ser contra
304 o governo Lula por exemplo não significa que eu seja contra uma série de princípios
305 (palavras inaudíveis) pela esquerda brasileira não significa que ele é que avançaram
306 o sinal e saíram dos seus próprios princípios/ mas como agente minoria eu ficar sem
307 armas eu sempre lutei dentro do partido trabalhista e eu era do PTB antigo eu sempre
308 digo antigo depois do PDT eu saí do PDT recentemente tinha saído uma vez por meus
309 motivos retornei quando o motivo desapareceu mas quando o motivo surgiu eu sair
310 de novo que apresenta por exemplo do (nome oculto) dentro do diretório sendo ele o
311 presidente da Comissão de Ética do partido eu digo eu não posso não importa se ele
312 era considerado esquerda ou não é que não tem ação de esquerda eu acho que isso
313 é importante os princípios tem que ser mantidos tem que manter os princípios da
314 gente então se alguém avança sai fora as as pessoas que não estão de acordo que
315 se retirem então não vou participar desse grupo pronto/ que caísse fora né desde que
316 tenha prejuízo eu perdi um cargo na prefeitura sair do partido né perdi de ter agora
317 eu seria um delegado coordenador de educação mas como eu não estava no partido/
318 vieram me indicar tinha que voltar ao partido eu disse não não vou voltar para ser
319 indicado ah mas qual é o problema problema é que eu estaria voltando para ser
320 indicado se eu fosse o coordenador que depois resolvesse a entrar no partido era
321 outra história agora entrar no partido para ganhar um cargo/ (trecho inaudível)
322 paciência vou jogar pro ar tantos anos de princípios então agora eu vou renegar como
323 estão fizeram então a gente percebe que aquele problemas todos que traz para mim
324 aqui essa entrevista aqueles problemas todos eles não deixaram de existir até eu
325 mudar de (palavras inaudível) né mas continuamos vivendo no tema onde as pessoas
326 não têm toda essa liberdade de manifestação isso ainda é algo para ser revisto/
327 Maurício: ainda há muita semelhança do que era para hoje
328 Chico: mudou a metodologia né a metodologia mudou mas a gente percebe o
329 seguinte se manifesta contra o sistema quanto ao poder do momento em seguida em
330 seguida tu é atacado as pessoas dizem tu estás querendo a volta da ditadura não eu
331 quero terminar com a ditadura né (risos) de vez enterrá-la de vez né outro dia no
332 programa de rádio ontem né estava falando sobre a nossa presidente né eu falo nossa
333 porque é do país né não minha mas falando né disse o problema dela é que quando
334 ela trabalhava politicamente na clandestinidade até ela tinha ela tinha princípios que
335 não estavam errados né (palavras) né eu não vou nem discutir certo errado é o
336 princípio da pessoa era contra a ditadura eu acho que estava bem só que no poder

337 ela ao em vez de fazer aquilo que ela lutou torturada inclusive isso ela terminou
338 ficando do lado do torturador né tanto é que aquelas pessoas todas que ainda estão
339 aí no comando do país né fazendo leis né o Temer/ o Sarney era um dos
340 filiados e ainda é hoje é hoje né e corrupto então eu posso ser contra assim né vai ter
341 que ver isso agora porque isso por que tem a palavra governabilidade que se ela não
342 fizer isso vai acontecer o que aconteceu com Collor ou ela se alia ao congresso
343 ingresso derruba ela usando a população como aconteceu com o Collor né usaram o
344 povo brasileiro para dizer bom esse cara não serve não tá aliado conosco se está
345 certo ou errado eu nem vou discutir a questão mas até naquela época eu era a favor
346 do impeachment dele né por outros motivos não pelos que ele foi é é é tirado do
347 governo que era por não ter se dobrado a essas pessoas então hoje o lava-jato vai
348 fazer limpeza acho que vai fazer tô com dúvida agora nos últimos acontecimentos.
349 Maurício: havia alguma diferença entre do pelotense pro gonzaga na época por
350 ser escola pública e particular por exemplo?

351 Chico: acontece que o ensino médio o científico do [colégio] que do [colégio] tinha
352 quase os mesmos professores principalmente nos segundos e terceiros anos
353 científico né tanto que a metodologia era a mesma né senão não tinha diferença maior
354 que no trabalho e tinha na época o irmão do [nome] que dava liberdade para gente
355 o [nome] que era professor de física do [colégio] e também da [escola]
356 que dava aula na [escola] esse irmão [nome] e ele liberava a gente
357 para trabalhar bem então nós tínhamos um sistema de avaliação similar com o
358 trabalho assim que chama de avaliação em cascata que na medida que o aluno ia
359 passando dificuldade a gente ajudava quase que individualmente o que funcionava
360 não era a prática da época era assim que faziam em geral então não havia tanta
361 diferença em termos de qualidade inclusive não havia diferença o conflito que existia
362 vamos dizer assim entre o colégio pelotense e o [colégio] de certa maneira alimentava
363 essa essa qualidade até a gente optava por jogar futebol pelo colégio pelotense
364 mesmo que fosse contra o [colégio] tinha pessoas do [colégio] e do pelotense que
365 jogavam pelo [colégio] mesmo que fosse contra o pelotense e tinha uma (palavra inaudível)
366 harmônica sabe era o que ganhava o que perdia aguentava no osso do peito né o
367 jogo então até nas disputas esportivas né a gente se mantinha numa certa harmonia
368 numa época foi em 69 7576 por aí que aconteceu isso no [colégio] claro que hoje o
369 colégio e o [colégio] não são são uma caricatura do que eram né uma

370 caricatura do que eram mas por deficiência de um sistema educacional todo do que
371 está fragilizado na verdade nós temos uma falência no sistema educacional né
372 começou lá na época da ditadura né se ia ser bom se desse continuidade naquela
373 época ao sistema que estava previsto pelo João Goulart né bom né ele teria o Darci
374 Ribeiro coordenando o sistema educacional vai ser como vai ser bom vai ser ruim a
375 gente não sabe né o que poderia acontecer eu acho que seria melhor mas não
376 sabemos né porque não aconteceu então podia ser diferente então havia todo uma
377 alteração o que tinha de bom é que houve uma mudança uma tentativa de mudança
378 através de um sistema que surgiu nos Estados Unidos com Neo Zanette né porquê
379 quando os estados unidos perderam a corrida espacial para os russos e eles
380 lançaram o Sputnik e aquilo deixou os americanos apavorados por que eles se
381 consideravam o os donos do conhecimento né que vinha da base da formação do
382 cientista americano né então os americanos mudaram o sistema educacional deles e
383 criaram um sistema diferente e esse sistema diferente eles aplicam aplicaram lá e nos
384 venderam o sistema antigo toda aquela tralha que eles tinham do sistema eles
385 passaram para o brasil só que um grupo aqui do centro de ciência do rio grande do
386 sul entendeu o que se era bom a mudança para eles ia ser bom para nós também
387 então eles pegaram a literatura que estava sendo usada nos estados unidos BSF né
388 um currículo de biologia e pegaram o BSF trouxeram para o brasil reuniram com os
389 professores eu fiz parte desse grupo representante do [colégio] né para
390 transformar esses termos para o sistema brasileiro no foi o que nós fizemos daí
391 surgiram as feiras de ciências os encontros de biologia e o sistema (inaudível) e uma
392 série de coisas Aí que mudou o modelo né que não pensou que muita gente queria
393 um modelo antigo do americano que estava sendo vendido que tinha que ser então
394 distribuído para tudo né é uma é uma série de fatos tempos diferentes né que
395 terminam tendo uma conotação única a que aconteceu o Sputnik foi lá para o céu foi
396 tá e o que que houve no brasil parece que não houve nada ouvir isso que eu estou te
397 dizendo aí que mudou o modelo que não pensou para muita gente que queria o
398 modelo antigo americano que que ficou vendido para ser distribuído para para tudo
399 né é uma série de de coisas de fatos em tempos diferentes que terminam tendo uma
400 conotação única sei lá aconteceu o Sputnik foi lá para o céu foi tá eu que que houve
401 no brasil parece que não houve nada não é o que eu estou te dizendo então tem muita
402 coisa assim e a gente trabalhava muitas vezes no escuro né eu para seguir na linha
403 de que não que essa democracia não é tão boa e séria e ainda caça às bruxas eu

404 quando tive trabalhando na secretaria da educação do município da no ano passado
405 eu trouxe para trabalhar comigo eu não era o secretário então continuei sendo por um
406 mês e meio só provisório mas eu trabalhava na secretaria aí eu me deram liberdade
407 de aplicar os programas do MEC entre eles a construção das escolas infantis que vai
408 acontecer agora que foi eu que iniciei o processo e eu peguei uma professora que
409 tinha uma capacidade de estruturar isso e eu trouxe para trabalhar comigo só que
410 pessoas influentes do governo não queriam que ela trabalhasse porque ela teria sido
411 do PT nunca foi mas teria sido na verdade ela era mais de esquerda assim e eu digo
412 não ela vai trabalhar trabalhar comigo porque senão eu saio daqui né aí uma pessoa
413 forte do governo disse faz o seguinte não deixa ela muito avisto então ela trabalhava
414 na minha sala quando alguém abria a porta ela ficava atrás da porta e eu segurei essa
415 guria me ameaçaram de tirar do cargo tira essa guria tudo bem não tem problema aí
416 não o prefeito não deixou não não não tinha sido meu aluno foi meu aluno e esse é o
417 respeito que ainda tem aos professores isso às vezes acontece até acontece de
418 alguém respeitar o professor né e eu tive um certo respeito embora tivéssemos em
419 trincheiras diferentes em algumas épocas na maioria das épocas e esse não eu
420 mantenha ela e eu mantive como professora mas havia uma perseguição a ela então
421 quando eu sai tiraram ela de lá mas como é mas o [nome] tinha um respeito por ti por
422 uma série de motivos ele próprio me disse isso depois né então se tu achava que ela
423 era boa tinha então tinha que manter mas eu sai não tinha ninguém para defendê-la
424 e tiraram ela né voltou agora porque eu quando o [nome] teve aqui nessa minha sala
425 e eu montei o plano educacional dele e convidei esses professores para apresentar
426 para eles e não teve como apresentar ele veio aqui apresentamos o plano
427 educacional para o governo dele e havia no plano uma série de coisas essas coisas
428 todas e que essa pessoa importante eu disse essa pessoa é importante ne entende
429 mas mesmo assim por essas coisas todas ela nunca teve oportunidade tu até ouviste
430 a minha conversa por telefone era sobre ela e o marido dela coitados ela não tem
431 culpa ela casou com o cara o cara não tem uma formação não tem nada eu dei uma
432 assessoria para ele algo que ele poderia fazer na área na área de administração por
433 que ele tem formação em administração só que ele não funcionou foi tirando tirando
434 tirando e ele virou telefonista foi o lugar onde ele conseguia fazer alguma coisa
435 razoável então para o [nome] então a gente não pode ajudar as pessoas quando ela
436 não quer ser ajudada ele falou tudo para a gente né só para dar um exemplo que
437 seguem essas coisas né não houve mudança nesse de comportamento as pessoas

438 tem raiva os que passaram trabalho fico com raiva ou ainda ficaram nichos ficaram
439 quietos mas quando podem né para mostrar as garras mostram essas coisas não
440 desaparecem de uma hora para outra leva humanos anos e anos tem que passar
441 umas duas gerações até que tudo a geração de vocês já não esse tipo de problema
442 né não tem só sofre as consequências isso sim né mas não tem esse tipo de problema
443 né porque mudou a sistemática mudou a sistemática na década de 70 um professor
444 não mandava então naquela época eu não iria ser professor já começa por aí né
445 então né pela posição política dele né ele até foi aluno da minha primeira mulher e
446 ela tinha uma grande admiração por ele uma posição firme dele de transferir isso para
447 mim de certa forma né e a isso é uma coisa que ainda está ainda faz parte ainda isso
448 é quem estuda a biologia sabe que nosso nosso nosso dna nós temos todas as coisas
449 boas e ruins do passado ainda no nosso dna do dna da gente vai guardando ele nunca
450 ele nunca perde parte do nosso dna das bactérias ainda vamos dizer assim porquê
451 porquê as coisas não desaparecem de uma hora para outra elas ficam só aliás não
452 desaparecem elas ficam guardadas o importante é fazer um museu do que é ruim e
453 do que é bom inclusive do que é bom só que deixa para o museu para bonito para
454 não esquecer fica aí Hitler existiu enfim né eu não vou dizer outras coisas mas deixa
455 assim né segue existindo

456 Maurício: o senhor falou que alguns professores foram torturados também na
457 época né e os alunos eles chegavam lá questionar querer conversar sobre o
458 assunto perguntar ao argumentar sobre ou reclamar ou até contar sobre o que
459 também passaram por

460 Chico: sabe o que acontece tinha uma piada na época que dizia assim para uma
461 pessoa o que que tu acha disso de um barbarismo desse e a pessoa dizia assim eu
462 não acho nada porque um amigo meu achou e até hoje não acham mais ele (risos)
463 então o pessoal tinha muito medo eu quando fui perseguido por esse secretário de
464 educação da época que me ameaçou botar para a rua eu descobri que ele não me
465 conhecia porque numa numa época eles queriam iriam passar o colégio pelotense
466 para o estado e eu fiz um movimento contra e ele era o secretário então e eu estava
467 numa reunião com os professores onde ele iria explicar como é que eles iriam fazer
468 eu sentado bem na frente assim e ele perguntou para o diretor do colégio na minha
469 frente não sabia que era eu aonde é que anda esse tal super silva fulano de tal que
470 era eu que não tá querendo tá na tua frente o cara se desmanchou assim sem querer
471 ele terminou com a ideia ideia dele ele não conseguiu articular o argumento ele ficou

472 o cara ficou apavorado né sei lá o que ele achou de mim né mas eu era daqueles tipo
473 assim bem típico da época cabeludo barbudo uma barba grande e tal eles tinham
474 medo de tipo de gente assim naquela época né e de certa maneira aquilo interferia
475 bastante né coisa bem curiosa eu diria assim
476 Maurício: ser datado como subversivo era bastante marcado pelos outros
477 também
478 Chico: marcado marcado marcado
479 Maurício: era uma identidade também
480 Chico: era eu parei de estudar na escola de belas artes naquele ano por conta disso
481 estava olhando de estudar e uma das coisas que aconteceu que me fez parar que me
482 fez desistir daquele ano voltei só dois anos depois é que eu estava em aula eu sentava
483 eu sentava na aula e os meus colegas não sentavam perto de mim né até que uma
484 professora que era professora de artes mas estudava direito também professora
485 jandira já falecida me chamou a parte e me disse o que tá acontecendo é isso isso
486 assim o pessoal está com medo os teus professores estão sendo ameaçados por dar
487 aula contigo porque a fulana de tal que era professora né tá colocando medo neles
488 né aí quando eu voltei a diretora chamou a minha mãe já era adulto mas chamou a
489 minha mãe pede para ele o segurar um pouco a questão política porque a fulana é
490 muito má e ela anda na pegada dele e não adiantou porque a gente não não segura
491 não segura e seguiu fazendo campanha para colocar nos outros nos grêmios
492 estudantis gente que pensasse diferente da ditadura as vezes eles conseguiam na
493 maioria das vezes não conseguia porque o pessoal ou não votava se não votava
494 votava a favor pode ser que uma minoria votava e os outros ficavam alienados foi
495 uma alienação muito grande muito grande muito grande
496 Maurício: o regime usou muito do medo então na educação o medo para
497 conseguir se manter
498 Chico: não sabia quem era a pessoa né eu não eu fiz o ensino científico bem antes
499 no ano de 64 e eu que fazia o jornalzinho o tema eu fazia nós fazíamos na casa de
500 um colega que tinha um mimeógrafo e fizemos jornal levamos para o colégio e a
501 diretora me chamou e disse não pode colocar esse jornal não pode fazer isso o
502 grêmio não pode tá proibido não pode largar esse jornal e tinha no jornal uma
503 entrevista com pessoas [nome] era um professor de matemática do time
504 do subversivos também foi bastante perseguido também esse [nome] e ele não
505 ainda mais com o [nome] (fala confusa) não tem problema não tem nada assim a

506 entrevista era mais de cunha só o fato de estar o nome dele ali então tá nós pegamos
507 o material e distribuimos igualmente né então claro foi uma confusão muito grande né
508 mas (fala confusa) a gente fazia isso né corria riscos mas fazia mas essa geração
509 terminou e o tempo de ditadura foi muito grande a geração seguinte em inteira uma
510 geração dura 25 anos em média né então foi uma geração inteira perdida em termos
511 de capacidade de atuação e tal mas ficou muita coisa aí latente e essa miscigenação
512 de gerações e gerações foi pouco e tal às vezes as pessoas ficam perdidas eu vejo
513 manifestações de estudantes às vezes e vejo eles estão perdidos eu percebo e isso
514 né não posso dizer porque é o que sobra né eu vejo né então a gente deixa a coisa
515 funcionar mas a gente percebe que ainda não pegaram o cacoete né ainda o que os
516 caminhoneiros fizeram agora os estudantes poderiam fazer melhor tem mais tem mais
517 cultura vamos dizer assim não é uma coisa pessoal os caminhoneiros a gente não
518 sabe se foi uma empresa ou os caminhoneiros que fizeram a gente não sabe agora
519 quando o estudante é só estudante que não tenho partido político assim é muito bom
520 agora quando entra os partidos políticos para usufruir aí atrapalha a gente não
521 deixava na época que a gente fez os movimentos estudantis porque se deixasse os
522 partidos políticos não deixava não deixava tentavam entrar não deixava
523 Maurício: se fala muito hoje que naquela época era melhor quando sair tinha
524 mais segurança menos problemas sociais estudar era melhor/ mas como era
525 isso existia mesmo mais segurança ou era por causa do medo o que que
526 acontecia?

527 Chico: eu acho a questão da segurança não depende muito disso uma das coisas
528 que trazem segurança é a pobreza as pessoas com fome com todas as deficiências
529 do mundo elas terminam buscando da forma que podem né o sistema educacional
530 também não ajuda e o número de pessoas aumentou muito os bolsões de miséria
531 aumentaram aquilo que era considerado como o rio de janeiro as favelas hoje em dia
532 existe em qualquer [cidade] tem favela quer dizer o êxodo rural falta de
533 políticas para o agrícola faz com que haja o êxodo rural muito grande então o
534 pessoal vem para a cidade eu digo o seguinte as pessoas saíram do campo mas não
535 chegaram na cidade ficaram na periferia olha tudo isso facilita que as pessoas usam
536 os meios possíveis né o pai está com o filho passando fome se tiver que roubar rouba
537 rouba né e se tiver que ele ser pego roubando ele mata né não tem quer dizer a a
538 estimulação a insegurança é maior por que não aconteceram as reformas que
539 estavam previstas que foram colocadas no dia 13 de março de 64 por João Goulart

540 aquelas reformas elas que até hoje a gente quer que é a reforma tributária a reforma
 541 política a reforma agrária que eram coisas que estavam para ser feitas assim
 542 organizadas entende para que a tendência de fato todas as pessoas não há grupos
 543 né com outras contingências elas não aconteceram aquelas reformas não aconteceram
 544 não só porque a direita não quis a esquerda brasileira não quis bastante comunismo
 545 queriam porque o partido queria reformas através de um controle de governo era uma
 546 ditadura em cerco como de cuba como teve a china e a união soviética a Alemanha
 547 oriental a Polônia e tal ou mesmo ou a ditadura como de direita como o franco na Itália
 548 como temos nos aqui franco na Espanha né em Salazar em Portugal quer dizer ou
 549 caía de um lado ou caía de outro então havia aquela coisa da guerra fria estava latente
 550 na cabeça das pessoas ou é americano ou é russo ou é capitalista ou é comunista
 551 como se fosse as duas coisas né não é assim não tem que polarizar né as coisas não
 552 são a ou b elas têm elas têm a b c d e f hhh o mundo não é uma coisa dividida
 553 entre dois polos o mundo é fatiado entre regiões em paralelos e tal isso na verdade
 554 ampliou as diferenças e terminou nessa série de ditaduras aqui na america por
 555 exemplo então então o que estava previsto em 13 de março de 64 que levou à queda
 556 de Jango em primeiro de abril de 64 alguns dizem que foi 31 de março mas foi primeiro
 557 de abril não querem assumir a data isso fez com que essas reformas não
 558 acontecessem então o brasil ficou à deriva e sem saber o que estava acontecendo
 559 mesmo porque não te deixavam quer dizer o ministro Andreza sei lá o general o
 560 coronel Andreza o Andreza era ministro na época da ditadura e ele pegava o
 561 avião deixava a mulher dele aqui no Chuí em santa vitória porto de pelotas para santa
 562 vitória pegava um carro levava a mulher para santa vitória e mulher dele era irmã de
 563 um produtor de arroz de [cidade] aí o pessoal da Fab que fazia isso tudo
 564 perguntava se ela queria ir pegar camarão em [cidade] o que queria
 565 ia até Montevideo Uruguai ou na argentina etc isso acontecia né hoje se uma pessoa
 566 faz isso é cassada imagina trazer mulher para passear com o irmão aqui de avião
 567 aqui um avião da Fab não eram aviões de carreira nem de um ministério era avião da
 568 Fab deixa então essas coisas aconteciam e ficavam por isso mesmo eu sei disso
 569 porque o meu pai morava em santa vitória e e vendia adubo para essa pessoa para
 570 esse produtor mulher para o irmão dele e se dava com eles conhecia lá em santa
 571 vitória ele até chamava de meu cunhado porque é que ele era cunhado do cunhado
 572 do [nome] dizia meu cunhado então tem a questão do meu cunhado o cara fazia
 573 empréstimo no banco do brasil não pagava aí o cara ia lá e ali estava os empréstimos

574 era assim que acontecia ninguém falava nada ficava por isso mesmo os caras roubam
575 nas eleições ninguém falava nada roubava era vergonhoso o que acontecia ninguém
576 falava nada houve um período de amortecimento então daquela época para cá houve
577 mudanças houve porque porque nós não evoluímos político socialmente não evoluiu
578 nós não a retomada é agora só que a retomada não foi feita dentro de princípios éticos
579 eu acho foi dentro da barganha toma lá dá cá para tudo existe isso né dentro da
580 [inaudível] quando diz uma coisa que não Médice aí tu diz o governo de [inaudível]
581 tu podia dizer ele podia dizer assim como Médice podia dizer Geisel podia dizer como
582 figueiredo podia dizer que ele gostava mais de cheiro de cavalo do que de gente
583 imagina se o presidente dissesse isso hoje o facebook detona com ele né matam os
584 cavalos só para ele não cheirar os cavalos hh então acho que agora as coisas
585 evoluíram mal nós realmente estamos pior agora pior em questão de segurança
586 pessoal segurança nós não temos segurança jurídica das políticas eu quando tive na
587 secretaria de plano ambiental eu construí com 45 pessoas todo toda a região aqui do
588 pelotas de todo município as [universidades] ongs e
589 associações juntei todo mundo e eu construiu o plano ambiental de [cidade] não tem
590 não tinha né em nove meses construímos um plano não custou nada para o município
591 mas custou para mim custou o meu cargo por que grupos interessados em que não
592 tivesse esse tipo de plano que tem que construir em qualquer lugar querem fazer
593 qualquer coisa ficaram apavorados e não tinha o que dizer porque eu não gastei nada
594 as pessoas não cobraram nada no [nome] faziam plano de saneamento que não está
595 pronto gastaram dois milhões de reais o nosso plano que tem dentro dele um plano
596 de saneamento portanto uma parte do [nome] tudo que ele tá fazendo é uma parte do
597 nosso plano não custou nada não custou nada né então as coisas não mudaram muito
598 nesse nessa conflito de interesses está mais aberto um pouco né o sistema de
599 comunicação as redes sociais estão liberadas para dizer bobagem ou não bobagem
600 as pessoas que façam um filtro acho que a segurança piora por conta disso tudo a
601 segurança é uma questão social tem que ser tratada como questão social não pode
602 ser tratada como questão militar é uma questão social os caminhoneiros não tem que
603 ser agredidos pelo exército porque é uma questão social por trás disso certo errado
604 e tal [inaudível] mas bem é uma questão social não é uma questão de segurança
605 nacional e tratar como segurança nacional podemos nos colocar o risco de revidar
606 para quem esse país está à deriva vão tomar conta dele nós que somos os donos da
607 órbita segurando temos a força vão tomar conta de nós e pronto e aí nós estamos

608 ferrados mais 30 anos né

609 Maurício: havia também naquela época além dos estudos de moral e cívica o guia de
610 como ser um bom cidadão

611 Chico: se chamava o EPB

612 Maurício: o senhor chegou a receber algum desses dias para poder dar aula como
613 como

614 Chico: eu sempre fui um pouco rebelde então ninguém chegou a me entregar essa
615 coisa mas tinha a disciplina de EPB no ensino superior EPB1 EPB2 nas universidades
616 era ensino obrigatório públicas ou particulares que eram cartilhas né tinha o SPB que
617 era no ensino médio científico na época cartilha do governo e tinha moral e cívica que
618 era para o ensino fundamental na época primário e ginásio então era o que tinha o
619 sistema eram cartilhas 5 6 e eram colocadas assim bom assim é épocas de cartilhas
620 o método que eu não adotava livros isso causava um baita problema nas escolas não
621 adotar livros eu edito os livros então compra o que tu quiser tem que ter um livro mas
622 compra você pega na biblioteca pede emprestado porque o tio pro teu avô não importa
623 científico da tua mãe e te atualiza eu tinha um livro de biologia do [inaudível] que era
624 super antigo aí os alunos já agora dando aula nas últimas aulas que eu dei em 2002
625 numa escola aqui no [nome] no município o senhor disse que pode qualquer
626 livro até do meu pai o meu pai foi seu aluno ele usava esse livro aí eu olhei eu entendi
627 a mensagem se meu pai usava eu posso usar e o senhor era o professor então então
628 vamos atualizar né vamos pegar um livro atualizado então me deu uma trabalhadeira
629 porque eu eu atualizava e dava por escrito isso aqui não é mais assim antes dizia que
630 não existia agora existe não se falava em tal coisa agora se fala na biologia a evolução
631 da biologia a parte de célula então muito mais então se fazia assim isso criava
632 problemas essa irreverência essa irreverência me criava problemas mas eu matava
633 no peito e levava o troço adiante e algumas não usavam isso eu não sofri muito eu
634 [inaudível] das coisas que eu te falei não permitia isso ou aquilo e que não
635 podia fazer aí não podia mas as aquelas coisas que me eram livres aí eu me
636 aproveitava né isso que eu não era professor nem de história nem de sociologia
637 filosofia que eu lamento não ter sido na época não sei se estaria vivo hoje mas que
638 eu ia pagar a minha parte eu ia mas hh

639 Maurício: tinha que cantar o hino todos os dias?

640 Chico: não isso não me lembro disso não não não

641 Maurício: e na universidade chegou alguma cartilha pelo MEC

642 Chico: eu na verdade na universidade eu comecei em 74 né então nós não tinha o
643 E`B não tinha mas já não havia mais porque as coisas já havia um desgaste muito
644 grande para o governo para essas coisas se tinha outras preocupações tanto que em
645 seguida foi indo foi indo até que escoou essas coisas mas a pressão era grande mas
646 não especificamente claro que tinha muitos professores alinhados ao governo porque
647 eram convidados não tinham feito um concurso então eram convidados então até
648 fazer em um concurso eles estavam por conta do reitor manter ou não manter fazer
649 ao fazer o concurso então aí a maioria fazia concurso e continuava do lado

650 Maurício: muitos entravam também pelos militares né

651 Chico: sim entravam rapidinho entravam eram eles que decidiam não passava o meu
652 episódio te coloquei porque fui uma exceção eu hoje eu digo isso eu fui uma exceção
653 daquele que não falou não deve ter sido muitos tem muitos assim que não entravam
654 porquê por causa disso né porque como é que tu entraste eu plantei e colhi é claro e
655 eu na minha cara era amigo do [nome] né que também era considerado
656 subversivo tudo mais tudo isso estava dentro do bojo da daquele bojo né mas na
657 maioria não teve tanta sorte assim né às vezes a gente tem que botar a mão para
658 cima e dizer eu tive sorte a realidade é um dos casos da possibilidade mas eu sei o
659 que acontece agora é uma alternativa do que aconteceria adiante a realidade que é
660 o momento presente causa a possibilidade isso dizia [inaudível]

661 Maurício: então para finalizar so pra questionar assim o senhor senhor foi
662 interrogado uma vez e esse interrogatório tu teve muita ameaça como isso
663 aconteceu

664 Chico: sim eu me lembro bem aconteceu no porão do QG aqui e essa professora
665 levou levou provas de que eu era subversivo então eram coisas escritas em convites
666 nós estávamos fazendo convites dos bixos entrarem eu era da comissão que eu
667 recebia os bixos que eu era vice-presidente do diretório acadêmico da escola de belas
668 artes e virei presidente quando começou a complicar as coisas o cara se mandou
669 antes de acontecer o golpe entende o cara disse não quero mais isso não quero
670 política o cara era o cara era um artista assim simplesmente e eu fiquei de presidente
671 e ela pegou como e eu escrevi assim tudo pela une eu lembro bem que tava escrito
672 tudo pela une e outras coisas escritas né e eles disseram assim isso aqui foi você
673 quem fez isso não pode ser meu porquê porque a pessoa que fez isso não pode estar
674 no nosso quadro de belas artes não deve ter sido a professora né porque isso aqui
675 não é uma letra imagina nós temos letra de imprensa cursiva misturada eu jamais

676 faria isso letras de imprensa cursiva tudo misturado né a maneira que está aqui
677 expressa coisa de primário isso não pode isso não ah mas você discutiu com o coronel
678 numa assembleia você discutiu com o coronel mas eu não sabia que era coronel era
679 marido da professora e eu discuti com um cara ele veio o cara para discussão ele
680 mostrava em uns cartazes que dizia contracapa era vitalício nem tem mais hoje e
681 educação para o povo todos têm que ter educação não é só para tinha uns cartazes
682 (fala confusa) também não eu levantava o cartaz é branco mas por trás tinha o
683 comunismo não é branco não é branco e vermelho isso não é eu nunca fui comunista
684 mesmo eu era trabalhista eu sou até hoje mesmo embora nao tenha partido e
685 mostrava assim e o cara se revoltou aí ela veio atrás a professora essa enfiou o braço
686 nele [inaudível] são todos subversivos aí né na frente ele era debochado
687 assim zuava geral pessoal assim e saiu berrando e os estudantes já diziam naquela
688 época seu mal educado não respeita uma professora blá blá blá e não deu outra
689 mandou um caminhão me buscar só que eu não estava lá e daí a pessoa me ligou
690 porque a maçonaria que monitorava que tinha gente no tempo no prédio e avisava a
691 gente isso aí a maçonaria salvou muita gente
692 Maurício: contribuiu bastante
693 Chico: bah contribuiu muito para evitar que muita gente fosse torturada e etc né e
694 quando ele me questionou bastante e tal e tu ve como são as coisas né essa pessoa
695 que me denunciou tinha sido tinha servido com meu pai e meu pai tava lá esperando
696 foi me levar foi junto né e o cara viu o meu pai e perguntou quem é porque que fulano
697 está aqui o filho dele foi interrogado lá embaixo quem é o filho dele eu fui lá aí o cara
698 mandou uma mensagem que eu tava sentado assim eu me liguei com um cara um
699 soldado ali e disse uma coisa para o cara a partir de agora é o seguinte eu vou te
700 liberar aqui mas tu não vai mais fazer isso isso isso me deu uma receita do que eu
701 não podia fazer não podia fazer nada voltei com calma vou ficar em casa sentado
702 então sem estudar não estudar pode então tá saída debochando do cara e o cara era o
703 capitão tava bravo comigo né me liberou assim aí o cara esse que ficou ali foi falar
704 com meu pai o teu filho está lá eu já mandei liberar ele não sabia que era teu filho e
705 tal é mas se fosse os filhos dos outros vocês iam matar iam torturar não não é assim
706 é assim não justifica a tua atitude eu não vou te agradecer por isso porque é tua
707 obrigação liberar uma pessoa tem que liberar os outros todos e saiu eu lembro que
708 esse cara depois andava andava na volta do meu pai mandava os outros amigos dele
709 conversar com o pai e o pai não quero assunto contigo tu não existe para mim cortou

710 as relações com o cara mas cortou mesmo e a minha mãe até hoje tem raiva deles
711 assim agora tem um filho de um deles e o cara é meu amigo eu não vou nem falar
712 com o cara né nada a ver com a história né e é meu amigo mesmo assim e eu não
713 digo nada né mas pois é né e esses problemas né pois é né o meu pai te ajudou até
714 naquela época é o teu pai foi legal comigo a pessoa sabe sabe o que disse coitado
715 do cara não tem nada que ficar com a culpa do pai não tem nada até porque não tem
716 cara uma pessoa normal assim

717 Maurício: e os interrogatórios eram no porão?

718 Chico: esse que foi né esse foi a situação era de assustar a gente sabe eu tive muita
719 sorte muita sorte assim como como um filme no final no final a pessoa vence sai bem
720 claro que só fazem história de quem a pessoa tá viva ainda a pessoa passou de tudo
721 de ruim que é o meu caso tu não estaria assim interrogando aqui porque tem pessoas
722 que que se o [nome] dissesse interroga que quiser conversar com ele eles não iam
723 aceitar eles não te falam não falam tem um rapaz um senhor já até foi meu aluno
724 depois disso tudo ele é estudante da medicina brilhante da medicina a tortura foi tão
725 violenta com ele que andava pela rua assim como um louco e ele namorava uma
726 colega minha casou com ela teve filhos os filhos dele é professor da universidade um
727 cara super inteligente ele ficou assim mas ele se mantém inteligente escreve (fala
728 confusa) 1:19:19 mas o cara olha o que devem ter feito com ele tu não se imagina
729 não tem não enlouqueceu tem andava pela rua como um louco agora hoje sim ele
730 anda hoje ele não anda sozinho pela rua sempre com a mulher com o filho o filha ele
731 foi meu aluno a mãe foi minha colega e o pai foi meu aluno depois o cara foi tentar na
732 medicina e não conseguiu um dia eu cheguei na sala de aula para dar aula no
733 cursinho e ele entrou sentou e tal e ele iria assistir à aula e tal e eu sabendo toda
734 história fiquei na minha claro tudo isso é trauma para ele tudo isso e o coitado olha
735 não conseguiu voltar a estudar

736 Maurício: ser professor naquela época era uma luta também né?

737 Chico: ah era era uma luta e para dar aula no colégio pelotense municipal pelotense
738 na época de 60 70 era como dar aula em uma universidade o pelotense e o gonzaga
739 era assim tinha que fazer bastante recuperação eu entrei no pelotense para dar aula
740 quando eu tinha 20 anos tinha 20 anos e eu tava na faculdade ainda de biologia né
741 tinha terminado aqui educação artística e eu me lembro que eu passei aquele mês eu
742 não fui à aula na faculdade só preparando aula eu não podia era uma coisa assim
743 uma exigência fantástica né e daí eu saí de lá 13 anos depois sai tu para ir para

744 universidade porque era diferente dar aula para não era a mesma coisa não entrava
745 na aula sem ter um bom conhecimento tinha que ter e não era conhecimento
746 específico não era conhecimento de sala de aula eu tinha que dar a reprodução dos
747 protozoários eu era o mais moço na aula os alunos todos mais velhos que eu era o
748 científico da noite no pelotense eu não me lembro bem de mitose não tu estudaste
749 mitose né estudaste né?

750 Maurício: sim

751 Chico: então eu eu eu não lembro bem de micose não tem problema mostrava como
752 funciona a mitose se tu não souber de mitose tu não vai saber reprodução de
753 protozoários aí tá duas aulas de mitose e dava aula de peso e mitose só que não
754 sabiam o que era a minha especialidade era citologia né era a minha área né melhor
755 do melhor né aí começou aquela coisa a gente foi até quando terminou o mês eu
756 consegui terminar a lógico se chegaram nas provas né eu exigi conhecimento de
757 meiose de mitose e tudo mais só que nessa brincadeira não podia eles tinham que
758 me deixar trabalhar nunca mais sair do terceiro sempre dei aula era certo terceiros
759 anos de manhã noite que era os que tinha era sempre meus era sempre eu eu
760 terminava o ano sabiam meu horário no ano seguinte mas foi um esforço muito grande
761 mas não foi assim brincando de dar aula não é estudar o conteúdo de biologia é
762 estudar metodologia da didática a pedagogia tem que ser estudada e tem que ser não
763 pode ser uma coisa separada do conhecimento de pesquisa mais técnica né
764 Maurício: achei bastante interessante a questão da maçonaria ter contribuído
765 para mim foi uma novidade

766 Chico: a maçonaria ajudou muito foi tinha um prefeito de [cidade] o [nome]
767 que ele era maçom inclusive foi dos grandes da maçonaria do rio grande do sul era a
768 pessoa que comandava essa ele era do ptb do grupo do Brizola inclusive e ele
769 comandava era o único dos que comandava esse grupo que fazia esse
770 monitoramento e eu tenho um amigo meu que é da FAB que comandou a base aérea
771 de Macapá e exigiu que os americanos deixassem entrar a FAB lá porque eles estavam
772 tirando do brasil de manganês e eles não deixaram ele exigiu em seguida veio o golpe
773 e ele foi cassado ele foi torturado ficou um ano dentro de uma peça de 2 por 2 a única
774 abertura era uma porta que tinha uma fresta que ele conseguia ver o mar pela fresta
775 e embaixo da porta assim a festa botavam bandeja com comida para ele não tomava
776 banho não cortava unha nem a barba nada nada ficou um ano ali só tirava ele para
777 questionar e ele não tinha nada para dizer né quem soltou ele foi a maçonaria de são

778 Paulo cara chegou lá e exigiu que tirasse ele que ele foi ele era de Goiás casou com
779 uma pelotense veio a pelotas que foi quando eu conheci ele chegou a ser o venerado
780 mestre da maçonaria essa que tem na [região] fraternidade ele foi
781 venerado ali eu sei porque eu era da administração da loja naquela época e terminei
782 trabalhando com ele ali e aí eu fiquei sabendo das coisas coisas que eu não entendia
783 na época que eu não participava eu comecei a entender vendo a ação ali dentro
784 inclusive uma vez nós recebemos na loja e demos o apoio até financeiro de tudo para
785 família de um maçom do Uruguai que tinha sido cassado e ele ficou um tempo aqui e
786 ele manteve até conseguir um emprego aqui e tudo e ele ficou aqui isso era um
787 exemplo não só aqui isso aconteceu no brasil inteiro.
788 Maurício: muito interessante/ vou finalizar aqui.

Anexo D – Transcrição da Narrativa de Horácio

1 Maurício: Pronto/ bom professor/ eu não costumo fazer muitas perguntas/ eu gosto de
2 fazer uma entrevista um pouco aberta/ livre/ então o senhor fica à vontade pra falar o
3 que quiser/ no tempo que quiser/ as informações que o senhor desejar falar/ contar/ pra
4 mim/

5 Horácio: Tá bem/

6 Maurício: Eu queria saber da sua história/ como que o senhor se tornou professor/ como
7 chegou aqui/ e como que foi ser professor e todas/ todas as histórias que puder me
8 contar de como era a profissão docente e a sua história de vida durante esse período da
9 (.) ditadura/

10 Professor: Ta bem/ Bem eu talvez tenha que começar dizendo que eu tirei na época
11 o curso de serviço social/ faculdade de serviço social na [universidade]
12 [cidade] e também vou dizer/ não que seja aproveitado/ nem que sim nem que não/
13 que eu sou egresso do seminário/ na verdade eu/ eu fiz/ tava fazendo seminário fiz todo
14 meu ginásio, científico e fiz meio ano de filosofia/ pelo seminário/ eu saí por
15 aqueles relações de seminário/ de colega/ e também profissões ligadas a/ acho que na
16 época um pouco mais ligadas a quem tava no seminário/ era o serviço social/ escolhi por
17 essa e também por razões de não ter como fazer um outro curso na época/ não tinha
18 curso noturno hh mas curso diurno era pra quem não precisava trabalhar/ eu precisava
19 sobreviver/ então terminei/ e o curso foi feito bem num período de 63 a 66 um período
20 de 62 63 foi um período que a gente que era das lutas pelas reformas de base no Brasil
21 as famosas reformas de base entre elas a reforma universitária/ reforma da educação ne
22 e eu o meu período de aluno do curso foi um período até 64 até fim de 64 metade de 64
23 foi um período de participação da união nacional dos estudantes de porto alegre/ ne é
24 de participação no movimento estudantil mas não muito ne era a época da junto era
25 época da JUC juventude universitária católica/ da juventude católica que erado segundo
26 grau/ inclusive em porto alegre eu sobrevivi um tempo morando em casas da JUC que
27 tinha na época pra estudante umas chamadas casas que a gente administrava os
28 estudantes administrava e dividiam as despesas e bareteava tinha esse sistema bom
29 mas o período de estudante foi um período de muita luta política de de muito debate pra
30 ter uma ideia o no curso em Porto Alegre na época era de manhã e eu fiz o curso graças
31 a uma bolsa que disputei nos [institutos] então em função disso eu trabalhava de manhã
no

32 [nome] então já ganhava pra sobreviver com certos compromissos ne de media ne de
33 coisas que o [nome] pedia pra fazer o curso mas nós tínhamos pra tu ter uma ideia/ um
34 dia de manhã nos dias de aula que também tinha aula sábado de manhã era de segunda
35 até sábado de manhã/ um dia da semana não tinha aula era dedicada ao diretório
36 acadêmico para debate toda a manhã a gente fazia debate/ era quartas-feiras de manhã
37 não tinha aula mas tinha esse compromisso pra mostra assim como ainda tava muito
38 presente aquela raiz ainda de todas lutas pelas reformas de base que foram
39 movimentadas nas décadas/no início de 60/ ne queda do Jânio/ Jango assumindo ne/ e
40 propondo as reformas de base/ reforma agraria reforma universitária/ reforma política
41 reforma administrativas/ reforma bancária/ e a gente fazia um debate no dia/ de certa
42 forma coordenado pela união nacional dos estudantes/ eu tive essa participação/ mas
43 não muito além de grupos de na época até tidos de esquerda/ mas não/ normal pertenci
44 ao diretório acadêmico/ fui do conselho da união da da da eu digo do diretório central
45 dos estudantes da puc/ do diretório dos estudantes da [universidade] mas não muito mais
46 que além/ ta/ aí me formei aí nesse panorama/ a parit da formação que eu deslocado por
47 um compromisso com o [instituto] que eu teria de trabalhar depois de formado onde o
[instituto]
48 quisesse/ eu deslocado pra [cidade]/ chegando aqui tinha em [cidade] o segundo curso/
49 a segunda faculdade do Estado/ que eram só duas/ a segunda do serviço social estava
50 aqui na [cidade] na época fomentada pelo reitor da época/ o chanceler da universidade/
51 foi ele que entendeu diante das coisas que devia criar o curso de serviço social e criou/
52 e na chegada aqui em segui isso em 67 sessenta e sete em seguida eu recebi um
convite
53 pra dar aula no curso/ mas eu tinha um certo compromisso/ um certo não/ meu
54 compromisso profissional não me permitia a disponibilidade de horário pra dar aula
55 porque o horário do curso era diurno era de manhã/ eu seguia também com meu trabalho
56 então eu fui muito limitado com poucas aulas/ eu comecei o processo de/ de magistério/
57 aí ne disciplina levinha mas paralelamente a isso via um [palavra inaudível] terminei
58 conhecendo pessoas que labutavam nos movimentos de esquerda aqui em Pelotas/ e já
59 me engrenei nesse processo e comecei a participar/ também/ mas no início foi isso/ ne
60 com o tempo em 67/ 68/ 69 eu terminei ingressando com mais duas ou três pessoas
61 daqui/ na AP/ era dos grupos/ das organizações de esquerda da época/ eram suas raízes
62 eram na JUC/ muita gente/ que veio da igreja foi pra AP que era chamada de Ação
Popular/
63 que foi também se modificando no tempo/ era uma esquerda/vamos dizer assim/ mais

64 levinha/ e passou em função até do recrudescimento das comissões políticas no Brasil/
65 e da ditadura/ terminou ela indo defender também a luta armada/ no fim ne/ aí teve que
66 servir a violência porque se não/ não vai dar/ mas a raiz dela/ o próprio nome dizia/ ação
67 popular/ tinha que servir a população/ eu terminei/ nós terminamos formando um grupo
68 aqui que se chamava as células/ da AP/ 4 5 pessoas/ e essa célula era formada/ vamos
69 dizer assim/ por pessoas de porto alegre que vinham a cada quinze dias/ até porque/ eu
70 só tenho certa dificuldade em entender/ porque nós não tínhamos outro veículo de
71 comunicação/ que chegasse à nós material/ até informe por escrito/ tu não tinha internet/
72 ne a reprodução do material também era complicado/ então vinha o pessoal de Porto
73 Alegre e nós fazíamos as notícias a nível nacional/ aquelas que não vinham
abertamente/
74 então eu entrei nesse processo/ e paralelamente fui aumentando minha participação no
75 processo do magistério na universidade/ a própria universidade/ a reitoria da
76 universidade na época/ me convidou pra eu assumir mais tempo dentro da universidade/
77 mas disciplinas/ mais funções/ eu acabei aceitando/ inclusive com a condição que me
78 propuseram que deixasse o [instituto]/ e tudo mais/ eu topei/ pedi demissão então do
[instituto]
79 em 70/ e assumi totalmente a universidade/ com mais tempo/ terminei em 71 / início de
80 72/ assumindo a administração do curso/ a direção da faculdade/ foi início de 72/ mas
81 até chegar lá/ nós passamos/ houve nesse período que foi 71 72 a famosa reforma
82 universitária/ que a ditadura/ o governo militar/ impôs uma reforma que transformou os
83 cursos/ em vez de serem é:: anuais em semestrais/ passou a compor o semestre como
84 período letivo/ não mais o ano como era/ começou a ser introduzido várias operações/
85 mas uma delas foi o sistema de créditos/ os alunos se matriculavam em disciplina e não
86 mais na série/ podia entrar no primeiro ano/ no segundo ano/ no terceiro ano/ e com isso
87 meio que contribuiu pra esvaziar um pouco o movimento estudantil/ porque o aluno
88 começou a não ter mais turma permanentes/ isso é/ não tinha mais a turma do primeiro
89 ano/ tinha a turma da disciplina/ mas já naquela
90 outra disciplina/ podia ta na outra/ não ta na mesma disciplina em turmas diferentes/
tanto
91 é que nós tínhamos aqui nessa área que ais me interessava/ que é a minha área/ a
92 área de ciências políticas/ sociologias/ tu tinha 10/ 12 turmas de sociologia/ os cursos
93 que precisavam de sociologia/ o aluno ia buscar no horário que mais facilitasse/ isso
94 também pulverizou o processo estudantil/ a luta estudantil/ o movimento estudantil/ as
95 reivindicações/ na verdade complicando um pouco/ ne/ bom/ esse sistema de aula

96 evidentemente que tu tinha um super controle até porque se foram introduzidas as
97 disciplinas.

98 Momento de interrupção/ colocar o tempo de interrupção

99 Horácio: Bom/ eu nem onde é que eu tava/

100 Maurício: O senhor falava sobre a dispersão do movimento estudantil

101 Horácio: [palavras inaudíveis] a função da reforma foi um pouco essa/ foi tu introduzir

102 não só a questão de impor um de certa forma um conteúdo pra certas áreas/ como essa

103 área da Ciência Sociais/ da política/ da sociologia/ tá ne/ tanto e que impuseram uma

104 disciplina específica/ EPP Estudo dos Problemas Brasileiros/ e quase que eu
novamente

105 os professores não eram escolhidos livremente pelas universidades eram professores

106 indicados/ ne poderiam ser indicados pela própria universidade/ mas indicado/ então o

107 que se impôs a partir da revolução/ particularmente e até se entende isso/ Se

108 entende não se aceita/ sim entendi porque bem no setor que é o setor vamos dizer
assim

109 de formação da opinião pública e de formação da pessoa que é a área da Educação e

110 tu mexe todo uma forma de visão de sociedade e de prospecção da sociedade aonde tu

111 pode discutir sonhos e o piá e caminho para chegar nela de buscar modelos teóricos

112 diferente estudar modelos teóricos propostas de sociedades diferentes bem nesse

113 Campo que é o campo da sociologia da Ciência Política da economia da ciências
sociais

114 esse campo foi um dos mais visados mas cuidado Mas vamos dizer assim

115 acompanhados tutelados pela ditadura então eu fiquei no meio desse Campo tanto é
que

116 em 72 eu assumi a direção da faculdade e meio que quis ousar vamos dizer assim é

117 propus fazer e a gente feia uma rápida mudança no currículo do curso eu consegui

118 aumentar as disciplinas de política social de ciência política e introduziu abertamente

119 uma disciplina que se chamou hh realidade latino-americana e não foi só introduzir essa

120 disciplina mas introduziu com o conteúdo esse convidou alguém para dar aula claro do

121 grupo de esquerda vamos dizer assim hoje que nem era da universidade bem início do

122 né 72 e claro essa questão desencadeou também um processo meio complicado
porque

123 foi em Janeiro e em maio eu fui preso hh foi se deu a prisão deu a prisão

124 do grupo da AP na realidade grupo da AP que nós pertencíamos a AP nacional essas

125 coisas também na época pegava um lá na ponta e Vinha vindo né então pegou lá pegou

126 aqui né eu até pensei bem se ficava aqui ou se pulava para o Uruguai mas se resolveu

127 ficar bom porque a gente já viu que tinha um prendido um conhecido da gente então
128 realmente chegaria na gente né mas ouvi essas prisões agora até chegar aí tu já tinha
129 um/ um uma limitação muito grande em sala de aula porque tu não sabia com que
alunos
130 tu tava contando quanto ali eram dedo-duro hhh quantos ali não eram o certo é que não
131 podia fazer atualizá-las eram... Vamos dizer assim limitadas no que tu podia falar e
132 discutir e discordar e propor por debate não dava muito era uma docência
extremamente
133 castrada né essa era a realidade não era para quem concordasse não era para quem
134 resolveu entender eu respeito até as opiniões as visões de sociedade há várias bem
135 respeitar não significa concordar eu tinha colegas que eu me dava com eles mas tinham
136 posições completamente diferentes da minha tudo bem né pode ter opinião só que me
137 dê a liberdade para que eu também possa ter amiga só isso hoje eu penso de um jeito o
138 outro pensa de outro mas todos podem pensar e expor suas ideias e isso acho que é
139 importante que na época não era isso tu não podia então isso foi muito duro é claro que
140 após essa minha pausa/ as aulas a sua bibliografia já era limitada até já antes da minha
141 prisão e aí nem se fala porque eu depois da prisão fiquei três anos sem poder entrar em
142 sala de aula é não foi assim tá proibido mas o reitor recebeu vamos dizer assim recebeu
143 uma recomendação primeiro recebeu uma recomendação para me demitir entendeu
que
144 não deveria fazer isso isso é uma questão do [nome] que embora o [nome]
145 fosse um cara que não pensasse como eu pensava né mas admitia que eu ao menos
146 dentro da Universidade não tinha passado dos limites que ele achava que que era eu
147 não estava aqui dentro fazendo curso elitismo até porque eu sabia que não podia as
148 pessoas sabiam que eu era que eu não concordava mas mas eu não usava a sala de
149 aula para fazer discurso também era eu iria atentar contra uma realidade mas ele
150 resolveu não me demitir mas só que olha vamos fazer o seguinte dizer ele tu vai ficar
em
151 áreas administrativas um tempo aí um dois três anos vamos ver como é que vai tudo
152 bem foi isso que aconteceu então eu fiquei claro que a minhas atividades fora daqui
uma
153 grande parte uma grande parte das atividades que a gente fazia na política por exemplo
154 a maior parte eram consideradas atividades clandestinas até porque não podiam ser
155 abertas campanha de votos nulos que a gente fazia por que a gente achava que que
156 votar naquela época não adiantava nada por que o pmdb que na época era mdb que

157 diziam era o mdb e arena na fase de votos que era proibido sabe dava cadeia e tu tentava

158 formar grupos nas vilas nos bairros aí para fazer algum debate mas como com muito

159 cuidado porque se alguém denunciasse porque eles os caras iam de botar eu te prender

160 então foi um período extremo não sei se você quer fazer alguma pergunta

161 Maurício: A questão das reuniões da AP que vocês tinham/ da célula/ elas eram todas

162 escondidas né?

163 Horácio: ah e nunca no mesmo lugar todas escondidas vamos dizer assim sem agenda

164 as prévias sem sem vamos dizer com o mínimo de coisas escritas quando vem o pessoal

165 de porto alegre a gente se reunia em lugares diferentes né nunca perto nunca aberto

166 inclusive quando o prenderam um o primeiro da célula aqui que na época era um

167 advogado foi que aqui funcionou um pouco aqui funcionou no grupo um pouco como um

168 grupo de apoio para a passagem para o Uruguai por um tempo porque o Uruguai tava

169 aberto e aqui tava fechado então a fronteira era a passagem para a gente vamos dizer

170 fazer com que companheiros inclusive não só da AP até de outras organizações desde

171 que de esquerda que estavam sentindo arrancada do país e não tinha como sair do país

172 então ela sair aqui pelo Uruguai período em que o Uruguai né que depois Uruguai

173 também entrou nessa história de ditadura mas até lá né a gente fazia essa passagem

174 então a gente trabalhava com muito e tanto é que tem um episódio que ficou conhecido

175 como assim gravado por força da repressão que um companheiro meu diz olha eu estou

176 com um contato aí hoje mas eu estou desconfiado porque os contatos que vinham que

177 vinham para nós vinham com senha para não ser surpreendido com o cara da polícia né

178 venham com senha né tinha um contato tem um contato aí uma encontro hoje à noite no

179 dia anterior não amanhã à noite tinha um encontro assim lá na avenida porque o cara

180 veio com encontro lá que horas 9 horas da noite 9 horas da noite e ele disse eu estou

181 desconfiado que é falso que é da polícia eu digo então tá vamos dar uma cuidada no

182 horário 5 minutos antes das 9 horas apagaram todas as luzes da avenida eu digo tá feito

183 não tenho mais nada né era exatamente apagado porque no momento o cara chega e

184 surpreender-se e não desce claro é só para mostrar como é que o negócio no outro dia

185 os caras foram no escritório e pegar um cara tinham pegado no escritório eu na minha

186 prisão eu sair daqui ao meio-dia também estava desconfiado daí eu saí meio-dia da

187 faculdade cheguei em casa eu tinha na época era casado aliás ainda sou com a minha
188 mulher ainda era casado e a nossa filha eu tenho uma filha mais velha hoje a
professora
189 da federal aliás da [universidade] na né a nossa filha estava prestes a fazer um ano né
eu sair
190 daqui cheguei em casa minha mulher era professora do estado cheguei em casa a filha
191 estava sentada na cadeirinha a empregada tava dando comida minha mulher não
estava
192 em casa cheguei entrei no que eu entrei cheguei na cozinha tava com ela no colo
quando
193 tocou a campainha eu fui com ela atender era polícia/ me buscaram em casa aí
entraram
194 vasculharam deixaram um deixar a criança ver/ eu desci botaram numa caminhonete né
195 fui primeiro me botaram no quartel na [rua] isso era meio-dia e me deixaram ali no
196 quartel umas 2 horas e depois ali por umas 3 - 4 horas da tarde me algemaram e me
197 botaram numa caminhonete umas grandes assim tinha um pneu atrás né eu fiquei
198 sentado algemado no pneu fomos até porto alegre eles pararam para jantar eu não me
199 deram janta em Porto Alegre fui direto [palavra inaudível] só para mostrar como é que a
200 era como é que a coisa era
201 Maurício: tu ficou muito tempo preso?
202 Horácio: minha prisão deu trinta e poucos dias 32 dias mais ou menos na época da
prisão
203 foi uma época muito dura época de pauleira de choque para tu abrir para um
204 companheiro fundamentalmente para isso [fala confusa] eles tinham que prender todo
205 mundo então mas foi
206 Maurício: era a forma deles
207 Horácio: era forma deles tentarem tirar né de tu assistir o companheiro sendo torturado
208 [fala confusa] a toda hora tu não conseguia dormir quase e tu porque toda hora
209 chamavam às 3 horas da manhã pegavam para te levar para uma sala com uma porta
210 que era chamada a chamada sala do interrogatório mesmo então tu ia para lá e ali
daqui
211 a pouco tu tinha tu tinha alguém lá sendo entrevistado para saber se tu conhecia ou não
212 conhecia então aquelas coisas foi um período meio brabo uns 30 uns 32 dias eu acho aí
213 depois eu saí bom aí depois vem a questão do magistério bom eu lá eu imaginei porque
214 essa é uma questão que hoje em dia o pessoal qual era a nossa vantagem nenhuma
215 pessoalmente só/ só risco porque eu imaginei lá se foi o meu emprego [confuso] vai me
216 demitir vai fazer o que é porque claro fui preso porque agora ele identificou que ele

217 pertence a AP não/ não negamos que inicialmente e tal bom somos da AP somos
218 contra

218 eu sou contra está bem e digo vamos perder o emprego então tu vem já isso eu acho
219 que era pior tortura aliás acha tem duas coisas que são complicadas assim ó que foram
220 complicadas uma é essa ou depois tu saber que todo mundo te olhava todo mundo não
221 mas a grande maioria via que estava lá o comuna olha lá o comuna isso é até hoje tem
222 eu tenho um cara aqui que até hoje eu me dou com o cara advogado da época né aí eu
223 te achava um comuna não sei o que eu digo olha tá bem tchê de tu ser rejeitado né
224 porque era uma sociedade que te rejeitava e qual é as alternativas que tu tinha ou tu ia
225 advogar independente mas com teus limites né eu esqueci de botar a coisa eu mesmo
226 comecei a dar aula aqui e já comecei a faculdade de direito vou tirar direito se me
227 prender eu não era formado ainda tanto é que perdi aí na questão tanto é que na prisão
228 eu perdi dois três semestres do curso né eu tava aqui eu tinha condições vou fazer
229 direito

229 inclusive no direito nós também a gente fez uma movimentação eu e outro cara a gente
230 fez que era da célula um pastor de uma igreja era um reverendo e ele também fazia
231 direito chegou advogado depois tá tá tá e a gente lá no direito também fez uma
232 movimentação fizemos uma assembleia uma vez fizemos uma assembleia e nós
233 saímos

233 da assembleia tá certo faculdade de direito juntos cercado e eu tinha uma questão
234 complicada ao mesmo tempo por quê ao mesmo tempo que eu era professor aqui eu
235 era

235 aluno lá então eu tinha que ter a minha vida era um pouco delicada às vezes né se tu és
236 só o aluno tu és o aluno

237 Maurício: e a sala de aula assim porque tinha muito aluno que era espião estava ali só
238 para cuidar

239 Horácio: é/ pois é

240 Maurício: como é que era dar aula antes e depois de ser preso como é que

241 Horácio: E: depois de ser preso vem aquilo depois de ser preso só fui dar aula lá em 75

242 já ainda no rolo né claro mas eu tinha um uma preço muito grande no meio dos alunos

243 muito né então isso também me ajudou um pouco também nessa questão de ser

244 rejeitado né tinha muitos alunos que assumiam ser de esquerda não não era assim o

245 aluno de esquerda o aluno não era um aluno assim muito ativante muito ativo muito

246 participante entende agora tu tinha que ter assim extremamente cuidado ao expor as

247 suas ideias que traduzissem punição vamos assim chamar de de esquerda vamos dizer

248 que não era difícil de dizer o que era qualquer coisa o que se discutia muito que
249 tentaram impor a lei de segurança nacional tudo que era questão era meio complicada a
250 direita reclamava uma questão da segurança nacional né era uma questão de
segurança
251 nacional então tu tinha inclusive os militares falavam alto estavam presentes nas coisas
252 então qualquer similar de coisa e tal estavam eles lá normalmente presentes para fazer
253 a palestra para traduzir para ver quais eram as metas do governo então era
254 complicado né até olhar até 78 né até 80 foi muito complicado continuou sendo muito
255 complicado estava muito complicado nessas questões de disciplina e temas sociais
256 depois começou um pouco abrir um pouco para contestação né foi um período mais
duro
257 período de Médici que vai até 74 75 que foi de 70 foi um período maior violento maior
258 né entendi e tudo tinha era até difícil a gente entender identificar aquilo que a que
estava
259 nós chamávamos de simpatizantes que o cara que assumisse se de fato brigar pela
260 esquerda mas era simpatizante ao menos que achava que estava errado mas não tava
261 afim de tu não tinha que tu não tinha que vamos dizer assim mecanismos para tu
262 identificar aluno que fosse dedo duro era difícil
263 Maurício: mas tinha comentários assim entre professores de alunos que trocavam muito
264 de curso
265 Horácio: ah tu tinha de vez em quando tinha alunos que fazia um sistema de ter
266 informação eu acho que aquele fulano eu acho que aquele fulano tá tem uma rede um
267 pouco um pouco de rede que tu tentava pegar alguns elementos para identificar né
268 porque tu tinha assim também não isso não bastava tu tinha com frequência muitos
269 militares fazendo curso né gente que tava no quartel tenente essas coisas que vinham
270 fazer curso mas não era assim muitos porque era estavam ali que eram
necessariamente
271 eles tinham que ser tu que ficava às vezes meio antenado para isso que não sabia se o
272 cara vinha porque queria tirar o curso ou se vinha como encaminhado e acho que pior
273 que isso pior que isso eu acho que ainda era a polícia civil né porque a DOPs era quem
274 a polícia civil nós tínhamos um delegado aqui que era um horror né porque depois que
275 eu vim eu tinha um compromisso eu tinha até que me apresentar aqui na delegacia
276 Maurício: devido à prisão
277 Horácio: é depois da prisão eu tinha que comparecer ali os caras me faziam perguntas
278 os caras me sondavam até davam que às vezes eu perguntava mas você sabe mas que

279 eu do que eu do que que eu faço eles sabiam tudo das minhas caminhadas me
280 acompanhavam tudo o que/ que eu ia onde é que eu fazia se fosse a tal lugar fosse até
281 tal reunião fosse a tal fosse a tal entende sabiam tudo era um processo meio de
282 acompanhamento
283 Maurício: e dar aula sabendo que tinha alguém que sempre que estava ao lado
284 Horácio: ah é aula tu eu dizia os meus alunos mesmo diziam depois nós sabemos que
285 tu eu continuo ainda com as minhas posições né entendi mas era complicado dar aula
286 inclusive com quem que tinha assim não só dar aula porque tu não tinha eu não podia
287 nem expor suas ideias expor o Marx tanto é que esses livros eram recolhidos não eram
288 livros como livro de leitura chegar em casa os caras me levaram até um livro até muito
289 conhecido do celso furtado que era um cara um cara da época que conhecido como
cara
290 da/ da economia economista e tal andou pelo regulamento os cara quando foram lá me
291 pegar lá em casa recolheram todos os livros eram considerados os livros convencíveis
292 Paulo Freire nem falar Paulo Freire nós vimos aqui fugido me lembro que nós íamos
nós
293 fomos duas três vezes lá até porque não tinha publicação no brasil não podia ser
editado
294 [palavra inaudível] estava começando com os livros pedagogia do oprimido eu comprei
295 em Montevideo/ vim com ele arriscando nós viemos com ele arriscando no carro eu e
296 mais um cara porque né porque/ porque em montevidéu já estava a pedagogia do
297 oprimido estava aberto mesmo antes da ditadura uruguaia no período tu ia para lá
buscar
298 livros eu tinha um livro que até dei de presente obras escolhidas era uma obra do Marx
299 Engels e não me lembro mais de quem e eu tinha sim obras escolhidas tudo em
espanhol
300 Maurício: e era o jeito
301 Horácio: tu não tinha publicações aqui no brasil também os caras depois que começou
302 devagarinho lá em 76 eu me lembro quem 76 eu fui fazer um pós na [universidade] na
303 arquitetura que era planejamento urbano e regional e ali já começou um processo bom
304 eu diria bom porque eu aqui eu terminei eu acabei ficando meio impedido muito grande
305 aqui de 72 até 74 75 pouca aula nem dando aula 75 peguei mas logo em seguida fui
306 para fazer um mestrado em/ em planejamento urbano mas um mestrado e a
307 [universidade] e a [universidade] estava com uns cara de esquerda muito bons tomando
308 assim os sociólogos aliás uma hoje até professora lá da UNB lá de Brasília ministro
309 Schmidt escreve tem livros sobre resistência política então nós tivemos uns 3

310 professores de sociologia um de economia e outro de ciências políticas se juntaram os
311 três e foi uma experiência fantástica porquê trabalhavam com três disciplinas no mesmo
312 bloco juntos os três professores ciência política o outro de economia e o outro de
313 sociologia pegando o brasil na época mas também tava lá induzido quando deu o
314 movimento lá da arquitetura e da filosofia e das letras porque era ali no rolo arquitetura
315 não sei se ainda está acho ali juntos e eu me lembro que eu passei na época indo para
316 casa ali na [nome de rua] passei por uns caras que eu conheci na [organização] que
317 eram os caras da [organização] assim o melhor assim e ele só fez assim passei reto né
318 assim né mas eles estavam assim bom a [organização] assim a repressão além de ser
319 uma repressão dura era uma repressão com pessoas eu não diria desqualificada em
320 termos de em termos de saber torturar assim isso eles sabiam porque eles tinham bons
321 professores que eram os caras americanos inclusive mas eram os caras meio meio
rudes
322 assim um pouco desinformados meio rudes vamos dizer assim inclusive no
323 conhecimento das coisas tanto é que uma das questões eles tinham até uma certa
324 descarregavam uma certa uma certa raiva um certo ódio contra quem era professor ou
325 quem tinha curso o superior o doutorzinho entende coisas assim então isso foi um
pouco
326 dolorido que mais?
327 Maurício: existiam assim uns agentes assim em grupos que ajudavam pessoas que um
328 ser presas o senhor chegou a ter contato com eles alguma coisa do tipo
329 Horácio: como?
330 Maurício: as vezes assim alguma pessoa de esquerda ia ser presa pela polícia
331 Horácio: era protegido
332 Maurício: aí tinha outro grupo que entrava em contato porque descobriam isso que e
eles
333 tentavam ajudar para
334 Horácio: sim/ sim/ sim/ a gente a gente tinha né a questão era como tu escondia nós
335 tínhamos aqui por exemplo às vezes vinha um cara lados [dos sinos] olha vocês têm
que
336 fazer a passagem do cara para ir para o Uruguai só que você não podia o cara chegava
337 hoje e tu levar para lá às vezes chegava ficar 15 dias aqui escondido né tinha que ficar
338 escondido né nós tivemos um cara aqui por exemplo que teve um cara que não se
339 estávamos com ele aqui baixou um monte de policial atrás do cara e nós temos que tirar
340 ele hoje aqui amanhã ali amanhã lá amanhã aqui né tentando disfarçar conseguimos e

341 precisava uma rede para isso por isso que tu tinha aqui no caso que se chamava de
342 simpatizantes do movimento que eram aqueles que te ajudava com algum dinheiro para
343 tu porque tu precisava tu precisava nós tínhamos um cara por exemplo da que era aqui
344 do [lugar] tipo de um pescador mas que tinha uma função de aglutinar de ver se aquela
345 ideia teórica né para ver se pegava o pessoal do interior e preparava um pouco
346 politicamente um cara bem lutador esse cara nós tivemos que nós tivemos que mandar
347 ele para Porto Alegre até Curitiba uma vez e claro que precisava de dinheiro para essas
348 coisas então nós juntava um dinheirinho para poder ajudar o cara a se manter as vezes
349 ou manter a família do cara para conseguir tirar o cara e tinha na época também
algumas
350 organizações a nossa a nossa era uma que nós fizemos para um colega que se foi e
351 tinha que tinha proposta da chamada integração né eu recebi essa proposta mas era o
352 seguinte tu largava tudo tu largava tua profissão e ia ser operário numa fábrica lá em
São
353 Paulo para trabalhar com os trabalhadores para fazer a base a partir daí eles que
354 pagavam tudo lá mas tu tinha mas tu tinha que largar tu foi para lá foi/ foi/ era/ era/ era/
355 era o que eu te digo um ideal assim e acreditar que daqui a pouco tu pudesse né então
356 tu tinha essa/ essa rede a rede era uma rede que a gente chamava de simpatizantes
que
357 ajudavam financeiramente as vezes que te ajudava até para te dar um alerta às vezes
358 que te ajudava para para abrigar um cara eventualmente né tipo essas pessoas coisas
359 tu entrevistasse a [professora] né ela era do meio não foi AP assim mas/ mas dentro da
360 área dela do magistério estadual né
361 Maurício: bastante ativa
362 Horácio: é bastante ativa né foi bastante ativa muita coisa muita coisa a gente depois
363 abriu porque também se tu fizer uma história hoje daqueles que foram tem aqueles tem
364 colegas que estão lá para o lado pela direita né [risos] tem tudo isso mas valeu né eu
365 dizia sim às vezes os caras perguntam bom é olha se fosse pelos meus interesses eu
366 tinha tudo tinha tudo isso não vale aqui segura aí só para dizer assim alguém me disse
367 tu podia ter filho trabalhando na católica pelo fato de não ter me metido nessas coisas tá
368 também tá bem mas eu sabia que eu não estava me metendo numa coisa para ganhos
369 pessoais eu sabia que se eu fosse fazer pensar na realidade minha pessoal de
vantagens
370 pessoais de profissão e de sucesso na vida eu não iria para esquerda na época quem ia
371 para esquerda não pensava nisso porque não tinha nenhuma vantagem essas coisas

372 até porque era assim as federais não faziam concurso não tinha concurso era convite eu

373 não pude fazer concurso até um período aliás terminou tudo isso eu eu e um dos meus

374 colegas que eram das coisas foi por um caminho lá conseguiu fazer um concurso público

375 do ministério público mas que precisava da negativa dos autos para entrar na federal tu

376 precisa das negativas dos autos para fazer concurso para juiz para promotor para o que

377 tu precisar tu precisa da negativa dos autos eu não tinha então se eu tivesse o que depois

378 os bloqueios depois abriu com a constituição de 88

379 Maurício: muito tempo depois

380 Horácio: é depois que abriu difícil dar aula era difícil eu repito uma coisa que tu tinha já

381 normalmente uma pobre bibliografia no brasil já era normal de ser pobre com o

382 fechamento empobreceu mais ainda essa bibliografia porque tu ficou/ mas limitado né

383 quem ainda por exemplo eu que eu tive origem [similares} então tu que tinha as línguas

384 francesas e eu gostava muito de francês então tu tinha publicações francesas até porque

385 esses países a França teve aquele movimento de 68 que foi o movimento da juventude

386 de 68 lá mas de lá vinham vinha alguma bibliografia com condições o chamados regime

387 de esquerda lá dos sociólogos né mas só entrava no brasil porque clandestinamente

388 porque não podia entrar não deixava e aqui tu tinha dois dos lados ou uruguaio eu

389 argentino que foram depois foi mais curta a deles né que às vezes tu conseguiu as coisas

390 mas depois fechou então era muito limitado as coisas mas eu repito eu faria tudo de novo

391 não faria com essa cabeça da mesma forma porque acho que a gente cometeu alguns

392 erros né entende cometeu alguns erros não adianta querer fazer revolução assim do

393 nada né nós podia assim entende mas a luta contra a ditadura a luta contra a o

394 cerceamento da liberdade né impor um sistema eu acho que tem que vale a pena lutar

395 então é isso

396 Maurício: então eu acho que acredito

397 Horácio: qualquer coisa que tu acha que vê aí alguma coisa que tu acha alguma coisa

398 eu estou disponível não tem problema ah eu gostaria de um pouco aqui na nessa questão

399 aqui depois que eu vi aqui tá não tem problema isso aí o quanto mais a gente a gente

400 possa esclarecer essa realidade que passou é melhor porque não dá para enfiar para

401 debaixo do tapete e achar e achar que é revanchismo não não é revanchismo eu acho

402 que a história tem que ser bem conhecida e tem que ser contada para que não se repita
403 que a gente possa evitar repetição de coisas são desastrosas de coisas não tem como
404 tu porquê vai relembra as coisas horrorosas como o nazismo ou fascismo que foi
405 queimou botou no forno ah não isso não vale a pena saber como foi e o que que os
caras
406 queriam e o que faziam e ver que tipo de atrocidades contra a humanidade cometeram
407 contra o ser humano e por que razões tudo isso a gente tem que saber é importante
que
408 o nossos filhos até para não achar que essas coisas um dia não aconteceram e não
409 voltem a defender de novo essa questão sempre vai ter alguém de interesse a
410 humanidade não se imuniza contra esses fatos
411 Maurício: Obrigado!